

Francisco Norberto Moreira da Silva

A VELHICE DE DOIS GRUPOS IDOSOS EM BRASÍLIA. UM OLHAR SOBRE
ENVELHECIMENTO, CORPO, SEXUALIDADE E TEMPO EM CONTRAPONTO
COM O DISCURSO DA ESCRITORA HILDA HILST.

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2015

Francisco Norberto Moreira da Silva

A VELHICE DE DOIS GRUPOS IDOSOS EM BRASÍLIA. UM OLHAR SOBRE
ENVELHECIMENTO, CORPO, SEXUALIDADE E TEMPO EM CONTRAPONTO
COM O DISCURSO DA ESCRITORA HILDA HILST.

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2015

Francisco Norberto Moreira da Silva

A VELHICE DE DOIS GRUPOS IDOSOS EM BRASÍLIA. UM OLHAR SOBRE ENVELHECIMENTO, CORPO, SEXUALIDADE E TEMPO EM CONTRAPONTO COM O DISCURSO DA ESCRITORA HILDA HILST.

Assinatura

Tese apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de doutor em Ciências Sociais, especialidade de Antropologia.

RESUMO

O presente trabalho procurou investigar a percepção dos idosos em relação às temáticas do envelhecimento, corpo, sexualidade e tempo. A investigação se deu em dois momentos. O primeiro, na busca das conceituações e de referenciais teóricos que pudessem dar subsídios à teorização; o segundo, na realização de uma pesquisa de campo em que foram efetuadas entrevistas com 21 sujeitos. Os temas aqui tratados levaram em consideração as abordagens que a escritora Hilda Hilst fez nas suas obras: “*A obscena senhora D (2001)*”, “*Estar Sendo Ter Sido (2006)*” e “*Contos D’ESCARNIO / Textos Grotescos (2002)*”, sobre significados e subjetividade de temas associados à gerontologia e à sua dimensão antropológica.

A fim de contribuir para a pesquisa de forma metodológica, a pesquisa procurou seguir princípios orientadores dos estudos culturais, com o objetivo de conhecer o significado e o contexto da obra em comento. A pesquisa qualitativa é adequada, portanto, ao estudo proposto, pois enfoca a interpretação e compreensão dos significados e da subjetividade que aparecem na obra de Hilda Hilst ao discutir a respeito do envelhecimento, corpo, sexualidade e tempo. A velhice representada se configurou como uma construção em ruínas na obra da escritora, a velhice vivenciada pelos idosos entrevistados aparece como algo tangível cheio de contratempos e de novas possibilidades do viver.

Conclui-se que alguns fragmentos da prosa ficcional hilstiana demonstram, como por trás do sarcasmo, do deboche, dos termos chulos, da agressividade e, às vezes, do nonsense de suas personagens delirantes, um amor extremado, uma preocupação e uma ternura profunda pela humanidade, bem como uma paixão exacerbada pela vida, apesar de afligida pelo sofrimento dos seres humanos de modo geral. Estes têm tomado caminhos perigosos, que têm sido condenados por uma completa inversão de valores.

Palavras-chave: Envelhecimento, corpo, sexualidade, tempo.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the perception of the elderly about aging, body, sexuality and time. The research took place in two stages. Firstly, searching for concepts and theoretical frameworks that would allow theorizing, and secondly, carrying out a field research in which 21 subjects were interviewed. The covered matters took into account the approach by the writer Hilda Hilst in her literary works: “A Obscena Senhora D” (2001), “Estar Sendo, Ter Sido” (2006), and “Contos d’Escárneo/ Textos Grotescos” (2002), on the subjectivity and meanings associated to gerontology and their anthropological dimension.

In order to contribute to the research methodology, the research sought to follow guiding principles in cultural studies, in order to identify the meaning and context of the work under discussion. Qualitative research therefore was appropriate for the proposed study because it focuses on the interpretation and understanding of the meanings and subjectivity appearing in the work of Hilda Hilst in the scope of the discussion about body, time and aging. According to this writer’s works, age configures a building in ruins. On the other hand, for the elderly interviewed, old age was experienced as something tangible, full of setbacks and paradoxically also new possibilities of living.

We conclude that some fragments of Hilstian fictional prose reveal behind sarcasm, mockery, pimps terms, aggressiveness, and sometimes nonsense of her delusional characters, an extreme love, concern and deep tenderness for humanity, as well as great passion for life. Nevertheless, this is distressed by the suffering of human beings in general. Beings who followed dangerous paths, who were condemned to a complete reversal of values.

Keywords: Aging, body, sexuality, time.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que permitiu cursar este doutoramento, à Universidade Fernando Pessoa, na pessoa de seu Excelentíssimo Reitor Doutor Salvato Trigo e da Doutora. Inês Gomes, por ter oportunizado aos brasileiros adquirir conhecimento em tão nobre instituição de ensino. Também agradeço a todos os idosos que participaram do processo de investigação, às minhas amigas portuguesas Isabel Basto; Ana Cláudia e Adelina Viera por terem-me acolhido neste país que pelo qual tenho muito respeito e amor chamado Portugal. À minha amiga do Brasil Ana Cristina Pires de Melo, com quem compartilhei momentos de angústia e reflexões deste processo de doutorado. Às doutoras Nívia e Cida que trabalham no lar onde entrevistei os idosos. Ao meu chefe de trabalho Uirá Oliveira, que entendeu minha ausência no processo da coleta de dados. Às minhas sobrinhas e amigas (os) que de forma direta ou indireta contribuíram para a elaboração e finalização deste processo.

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese a minha mãezinha, Osmarina Moreira da Silva, pelo seu amor incondicional, com quem convivi até seus oitenta e cinco anos e que me ensinou muito sobre a velhice. Ao meu companheiro de todos os dias e momentos de realização deste trabalho, Luiz Mendes de Sousa, às minhas irmãs Maria Lúcia da Silva Barros e Rosa Leila da Silva, à minha cunhada Raimunda Carvalho por suas incessantes orações por mim, e ao meu grande orientador, que me ensinou como ser um investigador, o professor Doutor Daniel Seabra.

ÍNDICE

RESUMO	iv
AGRADECIMENTOS	vi
LISTA DE ABREVIATURAS.....	5
INTRODUÇÃO.....	7
I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
1.1. Os estudos culturais	15 <u>5</u>
1.2 A compreensão do corpo	21 <u>1</u>
1.3 A manifestação do tempo	22
1.4 Diferenças entre geriatria e gerontologia.....	23
1.5 A invenção da sexualidade	24
1.6 A análise do discurso.....	26
II. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO	288
2. 1. Introdução à Metodologia	288
2. 2. Preparação para a entrevista.....	29
2. 3. Entrevista	31
2. 4. Tratamento de dados da entrevistas	Erro! Indicador não definido. 2
2. 5. Tratamento dos Dados da Entrevista	322
III. AS TEMÁTICAS	38
3. 1. Envelhecimento	38

3.1.1. Conceitos iniciais acerca do envelhecimento	42
3.1.2 Envelhecer no Brasil.....	42
3.1.3 Estrutura Familiar	43
3.1.4 O Envelhecimento relacionado ao gênero	45
3.1.5 Aposentadoria.....	46
3.1.6 O Impacto do envelhecimento populacional no setor saúde	49
3. 2. Corpo	51
3. 3. Sexualidade.....	54
3. 4. Tempo	55
IV. O UNIVERSO DA ESCRITORA HILDA HILST	57
4.1. A escritora Hilda Hilst	57
4.2. O estilo Literário de Hilda Hilst	59
4.3. A Obscena Senhora D.....	61
4.4. Contos D’ESCARNIO/ Textos Grotesco	63
4.5. Estar Sendo. Ter Sido.	66
V. TEORIA DE NORMAN FAIRCLOUGH.....	70
5.1 A análise do discurso como teoria.....	70
5.2. Análise textual no discurso dos textos da escritora Hilda Hilst	71
5.2.1 O envelhecimento segundo a escritora Hilda Hilst	71
5.2.2 O corpo segundo a escritora Hilda Hilst	72

5.2.3	A sexualidade segundo a escritora Hilda Hilst.....	74
5.2.4	O tempo segundo a escritora Hilda Hilst	76
VI	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	78
6.1.	Introdução.....	78
6.2	O envelhecimento.....	78
6.2.1.	Ser Velho.....	79
6.2.2	A família e o envelhecimento.....	10606
6.2.3	O envelhecimento e a religião.....	119
6.3	O corpo.....	127
3.2.1	O corpo jovem.....	128
6.4.	Sexualidade na Velhice.....	146
6.4.1	Amor.....	147
6.4.2	Prazer.....	158
6.4.3	Sexualidade no discurso dos idosos.....	168
6.5	O Tempo.....	193
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	204
	BIBLIOGRAFIA.....	210
	ANEXOS.....	1
	ANEXO 1 - DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO.....	1
	ANEXO 2 - ANÁLISE TEMÁTICA.....	2

A VELHICE DE DOIS GRUPOS IDOSOS EM BRASÍLIA. UM OLHAR SOBRE ENVELHECIMENTO, CORPO, SEXUALIDADE E TEMPO EM CONTRAPONTO COM O DISCURSO DA ESCRITORA HILDA HILST.

ANEXO 3 – GUIA DE ENTREVISTA	2
ANEXO 4 – AUTORIZAÇÃO DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA	4
ANEXO 5 – AUTORIZAÇÃO DO INSTITUTO DE LONGA PERMANÊNCIA PARA OS IDOSOS -ILPI.....	5
ANEXO 6 – AUTORIZAÇÃO DA COMISSÃO DE ÉTICA.....	6
ANEXO 7 – TRANSCRIÇÃO	7

LISTA DE ABREVIATURAS

Acidente Vascular Cerebral (AVC)

Análise do Discurso (AD)

Análise do Discurso Textualmente Orientado (ADTO)

Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA)

Atividades da Vida Diária (AVD).

Caixa de Aposentadorias e Pensões (CAP)

Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS)

Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN)

Diabetes Mellitus (DM)

Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS)

Imposto Predial Territorial Urbano (IPTU)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Instituto de Aposentadoria e Pensão (IAP)

Instituto de Estudos de linguagem (IEL)

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)

Instituto Hilda Hilst (IHH)

Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)

Institutos de Longa Permanência para Idosos (ILPI)

Interações Medicamentosas (IM)

A VELHICE DE DOIS GRUPOS IDOSOS EM BRASÍLIA. UM OLHAR SOBRE ENVELHECIMENTO, CORPO, SEXUALIDADE E TEMPO EM CONTRAPONTO COM O DISCURSO DA ESCRITORA HILDA HILST.

Organização das Nações Unidas (ONU)

Organização Mundial da Saúde (OMS)

Reações Adversas de Medicamentos (RAM)

Serviço Social do Comércio (SESC)

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a percepção dos idosos em relação às temáticas: envelhecimento, corpo, sexualidade e tempo. O estudo tem como objetivo compreender o significado e a subjetividade que os temas enunciados assumem para os idosos. A prossecução deste objetivo será enquadrada na abordagem proposta pelos Estudos Culturais, pois estes tornaram possível um olhar multidisciplinar que aborde aspectos gerontológicos, literários e antropológicos.

Considera-se que a gerontologia é a ciência que analisa o processo do envelhecimento em todos os aspectos, tais como biológicos, psicológicos e sociais, caracterizando como uma área de análise multidisciplinar. As matérias como biomedicina, psicologia social, história, ciências sociais, filosofia, cultura e sociologia são alguns dos campos de pesquisa introduzidos na gerontologia (Py *et al.*, 2004, p. 141).

Já a Antropologia é aqui entendida como o estudo do homem como ser biológico, social e cultural. Sendo cada uma destas dimensões por si só muito ampla, o conhecimento antropológico geralmente é organizado em áreas que indicam uma escolha prévia de certos aspectos a serem privilegiados como a “Antropologia Física ou Biológica” (aspectos genéticos e biológicos do homem), “Antropologia Social” (organização social e política, parentesco, instituições sociais), “Antropologia Cultural” (sistemas simbólicos, religião, comportamento) e “Arqueologia” (condições de existência dos grupos humanos desaparecidos). Além disso, podemos utilizar termos como Antropologia, Etnologia e Etnografia para distinguir diferentes níveis de análise ou tradições acadêmicas (Guedes, 2015, p.170).

A antropologia foi uma área escolhida por possibilitar um arcabouço de conhecimentos referentes à diversidade cultural, que é capaz de unificar e situar as várias fronteiras dos aspetos sociais e culturais. O que alarga o horizonte de possibilidades, ao se investigar sobre um determinado tema que busca entender de maneira singular os seres humanos.

Embora este trabalho seja de cariz marcadamente antropológico, optou-se por enquadrar na visão antropológica uma perspectiva hermenêutica. Hermenêutica, palavra grega

etimologicamente derivada do deus Hermes, senhor da oratória, é *lato senso*, arte ou técnica de interpretar ou explicar um texto ou discurso. Ao longo do trabalho organizou-se a análise Hermenêutica em duas vertentes: a primeira, Epistemológica, quando recorre-se à interpretação pontual do texto da escritora Hilda Hilst. Nesta, o que se pretende é verificar como a autora demonstra sua crença na velhice, por meio do conhecimento dos dogmas que a ela foi imposto, e de suas reflexões metafísicas sobre o transcendente. Assim, a epistemologia pode aqui ser entendida como crença e um ponto de vista subjetivo na busca de explicar e entender o mundo natural da velhice representado pela escritora. A segunda vertente, Ontológica, que pode ser considerada preponderante neste trabalho, almeja compreender a percepção e as manifestações da existência do ser idoso dos idosos sobre o envelhecimento. Em relação aos aspectos literários, levou-se em consideração a escrita da autora Hilda Hilst, que trabalha com as temáticas: envelhecimento, corpo, sexualidade e tempo, em suas obras: *A obscena senhora D* (Hilst, 2001), *Estar Sendo Ter Sido* (Hilst, 2006) e *Contos D'Escarnio/Textos Grotescos* (Hilst, 2002). As obras tiveram uma breve análise, que se orientou a partir da teoria de Norman Fairclough (2008), que trabalha com a análise do discurso social.

A teoria citada acima, no que diz respeito à análise do discurso (AD), se baseia no entendimento da linguagem. A manifestação e a transmissão de conhecimento por meio do discurso estão a favor das instituições sociais e do exercício de poder, e isso é o que interessa à teoria de Norman Fairclough (2008). A teoria de análise do discurso segundo Fairclough está estruturada em três dimensões: análise textual, análise da prática discursiva e análise social. O que interessa a esta investigação é entender aspectos da análise social das obras aqui investigadas da escritora Hilda Hilst, com o foco nas temáticas: envelhecimento, corpo, sexualidade e tempo.

Logo o discurso é aqui entendido como uma reprodução da realidade e da condição social que se apresenta. A fonte discursiva de um determinado grupo é reconhecida na prática social. Por isso a análise possibilitou perceber que a escritora apresenta um olhar subjetivo em relação à velhice o qual, por meio de várias referências socioculturais e

literárias, deixa claro qual a sua visão sobre o envelhecimento, o corpo, a sexualidade e o tempo.

É importante citar que já havia sido realizada no Mestrado em Gerontologia em 2010 uma investigação sobre a autora que incluiu as temáticas: corpo, tempo e envelhecimento. Na época o tema sexualidade não foi abordado de maneira mais detalhada. Na dissertação foi analisada apenas a obra *A obscena senhora D* (2001). Por isso agora se pretendeu aumentar o alcance da mesma, para uma tese no âmbito da Antropologia e enquadrada numa aproximação aos estudos culturais. Para isso foram inclusas outras obras e também foi realizado o trabalho de campo.

A investigação então buscou uma interdisciplinaridade com a área da literatura e das ciências sociais. Esta perspectiva leva esta tese a estabelecer um diálogo entre ciência e arte. Para tanto a metodologia se ancorou no campo dos estudos culturais na busca de uma prática científica de forma sistemática, com o objetivo de integrar as teorias, os métodos e os instrumentos de disciplinas diferentes a partir de uma relação multidimensional dos fenômenos.

O campo dos Estudos Culturais foi apresentado à sociedade por meio do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), sua linha de investigação se dá na perspectiva de verificar como as manifestações na cultura contemporânea estabelecem relação com a sociedade. Sua intenção é entender como acontece a manifestação da cultura, das instituições e as práticas culturais em torno de uma determinada temática. Seu marco aconteceu na década de 50, tendo como principal base os Estudos Culturais de Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957), Raymond Williams com *Culture and Society* (1958) e Edward Palmer Thompson com *The Making of the English Working-class* (1963). Este assunto será retomado no capítulo que trata das temáticas pertinentes a esta investigação.

É importante frisar que ao se aproximar deste campo de estudo, que se denomina Estudos Culturais, busca-se na realidade entender os limites sociais do que existe nos diversos seguimento na área das humanidades, no caso específico desta tese as questões que se relacionam entre antropologia, literatura e gerontologia na procura de entender

como a categoria social de idosos percebem as questões temáticas ligadas envelhecimento, corpo, sexualidade e tempo.

O que motivou o estudo era verificar se a representação negativa da velhice apresentada pela escritora Hilda Hilst, ainda se mantém nos dias atuais; por isso o objetivo do trabalho busca entender como os idosos que participaram da pesquisa percebem as temáticas: envelhecimento, corpo, sexualidade e tempo que foram discutidos na literatura Hilstiana. O estudo foi desenvolvido em dois momentos. O primeiro na busca das conceituações e de referenciais que pudessem dar subsídios à teorização sobre o envelhecimento populacional, em específico o brasileiro, as referências ao corpo, uma perspectiva sobre sexualidade e envelhecimento e as questões que se relacionam com o tempo, e no segundo momento foi realizada a pesquisa de campo em que foram realizadas entrevistas com 21 sujeitos, 5 pertencentes ao Instituto de Longa Permanência para Idosos localizado em Taguatinga e 16 que frequentam o centro de convivência na Ceilândia, todos residentes no Distrito Federal.

Em relação ao número de idosos residente no Distrito Federal, os estudos realizados pela Companhia de Planejamento (CODEPLAN) em 2011, na Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio – PDAD/CODEPLAN; nas Regiões Administrativas (RAs) de Brasília mostravam que a população idosa (pessoas de 60 anos e mais) no Distrito Federal somava pouco mais de 326 mil pessoas, o equivalente a 12,8% da população total¹.

Ainda sobre a pesquisa da CODEPLAN (2011), ela mostra que os maiores contingentes residiam em Brasília (Plano Piloto) e em Ceilândia, com pouco mais de 45 mil em

¹ Todas as informações sobre a pesquisa referente à CODEPLAN ficam disponíveis no site por um tempo para acesso público. Quando é retirada do site é possível solicitar esses dados por meio de documento impresso desde que preenchido a solicitação de requerimento. O endereço do site está disponível na referência bibliográfica deste trabalho.

ambos os casos, com cada uma representando cerca de 14,0% da população idosa do Distrito Federal. Deve-se registrar, entretanto, que o Plano Piloto responde por apenas 8,2% da população do DF, ao passo que Ceilândia responde por 15,8%. O terceiro maior contingente residia em Taguatinga, pouco mais de 36 mil, ou 11,1% do total. Os dados da pesquisa mostravam que as maiores participações de idosos na população total são verificadas nas RAs mais consolidadas, com renda mais elevada, casos do Lago Sul (30,1%), Plano Piloto (21,9%) e Lago Norte (19,8%).

Outro ponto da pesquisa informava que Águas Claras e Sudoeste, muito embora sejam regiões de alta renda, apresentavam baixos percentuais de população idosa, 10,5% e 11,9%, respectivamente, por se tratarem de regiões de criação mais recente e conseqüente população mais jovem. Destaques ainda para os percentuais elevados de idosos observados no Gama (18,5%) e em Taguatinga (18,3%), RAs consideradas de renda média e mais antigas. Já os menores percentuais de idosos na população total ocorriam nas RAs de renda baixa: Estrutural (3,2%), Itapoã (4,4%), Varjão (5,2%), São Sebastião (5,2%) e Recanto das Emas (5,9%).

Por não existirem instituições que cuidam de idosos em todas as RAs, e em função da liberação da própria Instituição para se realizar a pesquisa, optou-se por trabalhar em dois espaços. O primeiro foi o Instituto de Longa Permanência, que fica localizado em Taguatinga, e é chamado de São Vincenti de Paula, que possui uma organização mista de manutenção, pois uma parte do recurso financeiro vem da igreja católica e outra vem do convênio feito com governo, mais especificamente com a Secretaria de Serviço Social.

O segundo espaço utilizado para realização da pesquisa foi o centro de convivência localizado em Ceilândia, chamado Luísa de Marillac, que possui também uma organização semelhante ao ILPI em relação ao recebimento de recurso financeiro. Em relação à autorização para a pesquisa, foi autorizado frequentar as duas instituições no período de 03 a 30 de maio de 2015, o que dificultou um pouco o processo de coleta devido à impossibilidade de retomar com os idosos entrevistados alguns pontos que poderiam ser mais bem esclarecidos em relação aos temas tratados.

Os parâmetros estabelecidos pela Organização Mundial de Saúde deixam claro que a idade cronológica para que o indivíduo seja considerado idoso é a partir 65 anos para os países desenvolvidos e de 60 anos para aqueles menos desenvolvidos ou em desenvolvimento. A velhice não passa apenas por mudanças corporais. São vários fatores de adaptação que ocorrem neste período. Entre eles temos: os fatores sociais, os fatores legais e os fatores psíquicos, que se impõem nessa nova fase da vida. O benefício que pode surgir nesta etapa da vida depende como cada Ser Humano vivenciará sua velhice.

No Brasil existem alguns fatores marcantes para além da idade cronológica que indicam que a pessoa chegou à velhice entre eles: a aposentadoria, o direito a andar no transporte público de forma gratuita, atendimento preferencial no Sistema Único de Saúde (SUS), fila exclusiva para os idosos em bancos e em outras instituições.

Como se poderá constatar, o estudo demonstrou que houve mudança na perspectiva dos idosos em vivenciar esta fase da vida em contraponto com a visão negativa apresentada na obra da escritora Hilda Hilst. Os idosos aqui entrevistados se mostram ativos e possuem sonhos e desejos que são correspondidos de forma parcial ou integral. O reconhecimento do corpo e suas limitações existem, bem como as mudanças de autoimagem e autoestima, mas não como algo limitador da possibilidade de viver plenamente.

Os aspectos subjetivos do envelhecimento apareceram ligados a angústias das relações familiares, do desejo de reconhecimento da sociedade. O tempo surgiu como necessidades reais e palpáveis como alimentar-se, vestir-se, ter um lar, um companheiro, a discussão da sexualidade fluiu com certas limitações de moral, mais que em determinados momentos fluiu com livres descrições no que se refere ao prazer, ao desejo e as possibilidades de uma prática sexual.

Para uma melhor estruturação da tese, ela foi dividida da seguinte maneira: o capítulo I tratará o referencial teórico. No capítulo II será apresentada a metodologia da investigação. O capítulo III apresenta às temáticas: envelhecimento, corpo, sexualidade e tempo. O capítulo IV apresenta uma breve nota biográfica sobre a escritora Hilda Hilst

e um pequeno resumo sobre as obras: *A obscena senhora D* (2001), *Estar Sendo Ter Sido* (2006) e *Contos D'ESCARNIO / Textos Grotescos* (2002). O capítulo V mostra como se organiza a teoria de análise do discurso social segundo Norman Fairclough (2008), e o discurso e mudança social nas obras aqui investigadas da escritora Hilda Hilst. O Capítulo VI, a análise e investigação dos dados. O próximo capítulo discutirá a fundamentação teórica.

I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo pretende apresentar, a partir de alguns conceitos, uma breve reflexão sobre as questões que aparecerão ao longo da tese. Assim, abre-se um leque de possibilidades de atrelar ao referencial teórico a um número sempre crescente de autores que podem confluir com as temáticas tratadas nesta pesquisa. Pensando nestes aspectos, começa-se então a citar alguns autores que darão o norte para uma escrita que pretende não fugir ao foco em relação à temática e objetivos propostos neste trabalho.

A formulação de um texto é sempre um trabalho que se configura como um processo contínuo de escrita, reescrita, revisão e normalização do resultado que se quer alcançar. Por isso a busca constante de leituras configurou a natureza interdisciplinar desta pesquisa, tendo sempre em mente a ancora epistemológica que foi desenhada para esta tese.

A fundamentação teórica contribui para este estudo por permitir entender como as temáticas sobre envelhecimento, corpo, sexualidade e tempo, vem sendo discutida no cenário mundial e também no Brasil, posto que a velhice seja algo que se configura como novo enquanto campo de estudo, em especial no que diz respeito à gerontologia em relação aos aspectos culturais.

Em relação às referências utilizadas nesta pesquisa, elas vão desde Simone de Beauvoir, passando por George Minois (1999) até autores mais contemporâneos como Debert (2012), Touraine (2009), Levefre & Levefre (2005), Endjso (2014), Frankl (2006), Minayo (2010). Também foram utilizados dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística do senso demográfico de 2010. Entre outros autores, aparecem, como já citado anteriormente, as três obras da escritora Hilda Hilst que serão descritas por um breve resumo posteriormente.

Depois de toda esta descrição sobre a tese, ainda se faz necessário dizer que o que cativou esta pesquisa foi a história da humanidade, da qual o homem é o principal ator, e neste processo evolutivo o envelhecimento é um fato do qual permeou e ainda permeia a existência. São inquietações em relação à velhice que se modifica, se atualizam, pois

as mudanças socioculturais fazem surgir um novo velho e uma nova velhice, que começou a ser citada já há algum tempo por Cícero, Platão, Sêneca, Simone de Beauvoir com sua obra “*A velhice*” e por Georges Minois com sua obra “*História da Velhice no Ocidente*”.

Nos próximos tópicos deste capítulo, serão feitas explicações de forma breve sobre os estudos culturais, a compreensão do corpo, a manifestação do tempo, a diferença entre geriatria e gerontologia, a invenção da sexualidade, análise de conteúdo e análise do discurso.

1.1. Os estudos culturais

O campo dos Estudos Culturais tem como eixo primordial a observação centrada nas formas de expressão da cultura no mundo atual e como ela se dá a relação desta com a sociedade. Para isso os estudos realizados com esta vertente em geral envolvem as formas culturais, as instituições e as práticas culturais. Em relação ao seu marco, é importante lembrar que os Estudos Culturais surgiram na década de 50, tendo como precursores os Estudos Culturais realizados por Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Palmer Thompson. *O Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS)*, de Birmingham foi a primeira instituição em que os estudos culturais foram reconhecido como disciplina acadêmica, o que propiciou múltiplos posicionamentos teóricos e vários debates em torno deste novo campo do saber. Discorrendo um pouco sobre seus precursores, começando por Richard Hoggart, traz em sua escrita algo de autobiográfico, que está de certa forma associado à história da cultura que se apresentava no século XX. Seu texto foca principalmente a cultura popular, ao discutir aspectos ligados da classe trabalhadora, sua intenção é tirar dela a submissão e trazer um ponto de confronto, por meio da resistência, seu olhar então se volta para a cultura de massa na tentativa de perceber os aspectos orgânicos desta classe.

Foi nesta perspectiva que Raymond conseguiu estabelecer uma relação e um elo entre a análise literária com a investigação social, ao avaliar e procurar entender como que a cultura do meio de massa é manifesta no presente no mundo.

Thompson (1963) procurou investigar a cultura a partir da tradição Marxista. Fez isto estudando a história da sociedade inglesa. É importante lembrar que para Hoggart e Williams a cultura aparece como uma rede de práticas vivenciadas pelo Ser, e que não se dissocia da vida e das relações do cotidiano. Consideram assim que a representação do humano é que deve ser analisada no primeiro plano. Ao contrário disto, Thompson entende que a cultura não pode se avaliada apenas pela forma como se vive globalmente. Precisa ser entendida como uma possibilidade de manifestação que sirva para enfrentar a diversidade ou os diferentes modos de existir.

Outra contribuição importante foi a de Stuart Hall (2002). Sua investigação procurou entender como aconteciam as práticas associadas à resistência de subculturas. Seu estudo foi enriquecido por agregar as análises dos meios massivos. Outro papel importante desempenhado por Hall foi o de ter assumido a direção do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS). Foi ele que incentivou a realização vários projetos acadêmicos coletivos no campo dos Estudos Culturais.

Não se pode esquecer que os debates na área acadêmica em torno dos Estudos Culturais eram e ainda continuam sendo paradoxais. O fato é que este é um tipo de estudo que envolve múltiplos discursos intelectuais atrelados a várias áreas do conhecimento, sem se esquecer de que sua principal intenção é produzir resultados. Logo pode-se afirmar que os Estudos Culturais buscam agregar vários seguimentos na área das humanidades, e no caso específico desta tese em questão, opta-se por estabelecer uma relação entre antropologia, literatura e gerontologia na procura de entender como a classe social de idosos, percebem as questões temáticas ligadas a envelhecimento, corpo, sexualidade e tempo.

Os Estudos Culturais permitem então uma praxe com olhares múltiplos para os investigadores que dela se utilizam. Assim as investigações de várias áreas do conhecimento se cruzam na busca de um produto final. O Objeto investigado passa por

reflexões do meio acadêmico, que pode refletir interesses políticos ou intelectuais, e que podem gerar polêmica para alguns especialistas em determinada área do conhecimento. Para uma melhor compreensão das características desse tipo de estudo segue abaixo uma breve descrição de sua forma (Cabral, 2003).

A produção dos elementos contextuais e multidimensionais dos Estudos Culturais está no cerne da cultura em relação às vidas dos indivíduos (ou seja, da sociedade em que está inserida), focando-se nas ideias de subjetividade e identidade(s), e tendo como eixo de suas pesquisas as relações entre cultura e sociedade. A noção de cultura aqui adquire certo caráter antropológico, abrangendo em sua reflexão uma rede de sistemas de costumes sociais, valores, crenças, ideologias, vivências, de onde surgem, mesmo como reflexos dessa realidade, os produtos culturais que vêm a se tornar os objetos de estudo (Anderson, 1997, p.28).

O caráter dinâmico dos Estudos Culturais possui certo *ethos*, uma vocação para transitar por variados universos simbólicos e culturais, por vários campos temáticos e teorias, encontrando pontos de ancoragem nos quais se deixam ficar e começam a produzir novas problematizações (Eagleton, 2003, p. 22).

O ponto aqui é perceber que os Estudos Culturais procuram perceber o indivíduo dentro da realidade na qual ele se inseriu, sem deixar de fora todo o emaranhado que faz parte de sua realidade de mundo a ser estudada. Nessa perspectiva a participação do próprio sujeito é de fundamental importância, pois é com ele e a partir dele é que se pode reconhecer e experienciar o mundo que se pretende analisar. A percepção do real, então será entendida como a comprovação de uma problemática que em geral aflige a vida das pessoas, e assim é possível se perceber as manifestações do desejo de uma possível mudança, que só ocorre quando há uma tomada de consciência do grupo ao qual o indivíduo pertence.

Os Estudos Culturais disseminaram-se nas artes, nas humanidades, nas ciências sociais e inclusive nas ciências naturais e na tecnologia. Eles prosseguem ancorados nos mais variados campos para estudar o mundo em questão. O estudo se dá por meio do reconhecimento do núcleo central de como o popular é concebido, e passa a definir toda

a exploração culturalista acerca de suas possibilidades interpretativas, que se constituem tomando por referencial a própria realidade na qual se insere o indivíduo (Said, 1995, p. 69).

Os Estudos Culturais se apropriam de várias teorias para entender as manifestações de culturas centradas em grupos ou classe, levando em consideração e se apropriando de teorias e metodologias da área da antropologia, da área da psicologia, da área da linguística, da teoria da arte, da crítica literária, da filosofia, da ciência política, da musicologia, etc.

As pesquisas utilizam-se da etnografia, da análise textual e do discurso, da psicanálise e de tantos outros caminhos investigativos que são inventados para poder compor seus objetos de estudo e corresponder a seus propósitos. O que o investigador pretende ao trabalhar com várias disciplinas e métodos diferentes que possa se dar conta de suas preocupações, motivações e interesses sejam eles teóricos ou políticos.

A busca do rigor e eficácia, para a construção de um conhecimento leva em consideração toda análise que deve partir do quadro cultural mais amplo que emoldura a proposição culturalista e o comportamento das pessoas. No ato de uma pesquisa, a captação desse quadro geral é o primeiro passo, que em si já expõe a metodologia. O resultado da pesquisa a que se chegou e a constatação sobre a cultura na qual se baseia a exploração por meio dos procedimentos metodológicos será a síntese dos resultados, pois é a consequência de uma especulação (Dalmonte, 2002).

Os Estudos Culturais permitem entender o ponto de vista da comunicação de massa a partir da cultura, em especial na cultura popular, espaço onde as lutas pela dominação hegemônica tomam forma. Logo se torna inevitável compreender o processo de encontro e confronto entre as culturas é este conflito que gera a hibridização cultural, ponto fértil para criação e recriação cultural.

Com isso a cultura se apresenta como plural e mutável e o indivíduo, por sua vez, também segue estes paradigmas que são marcados pela diversidade nele presente. A identificação da cultura com um conjunto de textos e práticas canônicos pode ser

entendido na acepção antropológica como um conjunto de “textos vividos” e artefatos culturais – ou seja, maneiras pelas quais as pessoas dão sentido a suas vidas cotidianas e interpretam (e negociam ou subvertem) sua situação no mundo. Trabalhando no âmbito das práticas pedagógicas (alfabetização e educação de adultos), buscavam formas para a democratização dessas práticas, bem como entender como os discursos das agências do governo e das instituições públicas (a mídia inclusa) articulam hegemonias que, por sua vez, são legitimadas pelas relações assimétricas de poder (Giroux, 1995, p. 101).

Os Estudos Culturais serviram de inspiração para autores como Roland Barthes (1967, 1972), Henri Lefebvre (1966), Fiedler (1955), e Fanon (1967) escreverem sobre esta temática, contribuindo para a criação de corpos teóricos na abordagem de aspectos relacionados à ‘História Intelectual’, ‘Análise do Discurso’ ou ‘Estudos Inter-Disciplinares’.

O local da cultura não pode ser furtado a este processo, pois ele permite analisar as práticas culturais de maneira simultânea em que aparecem formas simbólicas de uma determinada classe ou grupo de pessoas. É preciso entender como se dá localmente a criação cultural, tanto no espaço social como também no espaço econômico. Esse entendimento permite perceber como a atividade criativa está condicionada.

Em relação à produção de conhecimento nos Estudos Culturais no meio acadêmico, pode-se caracterizá-la de diferentes formas, pois os vários métodos utilizados ancoraram modelos sociais que já foram instituídos, ou na contramão deles, fazendo surgir textos que servirão de referência para discutir teoria e prática.

O cruzamento disciplinar pode se caracterizar como um caos organizado, mas a interdisciplinaridade permite que o produto final leve à compreensão dos fatos, na busca de possíveis soluções por meio dos paradigmas: teóricos, metodológicos e estilísticos de origem diversa.

A metodologia que vem sendo utilizada de forma predominante nos Estudos Culturais tem sido de caráter qualitativo. A pesquisa qualitativa não possui um padrão único, porque admite que a realidade seja fluente e contraditória, e a vertente se dá na

perspectiva de conhecer o humano sem catalogar ou reduzir a categorias precisas, o que se quer é conhecer o seu discurso (Chizzotti, 2006, p. 26).

O fato é que os Estudos Culturais (EC) possibilitam enquanto metodologia de análise abordar questões críticas, reflexivas e analíticas em relação à cultura. Para que isso ocorra levam em consideração elementos ligados a vivência e experiência de um determinado grupo ou pessoa, em que aparecem traços de histórias de vida. Não se pode esquecer que é isto que faz a etnografia por meio da observação e entrevistas realizadas com grupos focais, considerando o dia a dia do ser investigado na busca de fundamentar uma abordagem empírica a partir do referencial teórico. Em geral, a colaboração etnográfica aparece nos EC como uma possibilidade de compreender os discursos com seus múltiplos significados, bem como as representações sociais e culturais que aí se apresentam.

Os EC também utilizam como metodologia a abordagem textual, que em geral permite um resultado diferente, dependendo da perspectiva em que o texto é analisado. Então, pode-se ter uma visão semiótica, em que o texto é visto como signo, na busca de se encontrar as ideologias presentes (Barthes, 1967). Se a análise se prender à narrativa, os textos são entendidos como histórias que trazem explicações sobre o mundo em questão, com toda sua sistemática que o representa.

Os Estudos de Recepção em geral são considerados como estudo de comunicação humana, em que o foco artístico ou cultural está centrado no receptor, ou seja, um texto não aceita de forma passiva pela plateia ou pelos leitores. Ele é analisado e interpretado a partir do referencial que cada espectador possui por meio da experiência individual e cultural de cada um. Assim, os estudos de recepção envolvem dois modelos ou metodologia de análise o primeiro de codificação/descodificação e o segundo de modelo hermenêutico. O modelo hermenêutico investiga a função social (Literatura e Sociologia), a sua função psicológica (Literatura e Psicologia) e da sua dependência em relação à antropologia (Literatura e Antropologia), o modelo clássico da busca a compreensão depende sempre do ponto de vista daquele que compreende. Assim, o

leitor também produz sentido não tanto a partir do sentido inicial, mas das oscilações entre o texto e a sua própria imaginação.

É importante deixar claro que a busca de entender o indivíduo para os Estudos Culturais é na verdade a possibilidade de compreender como o individual se insere no grupo ou classe. E para que isso ocorra pode a qualquer tempo se apropriar de teorias e metodologias das áreas da: antropologia, literatura, linguística, gerontologia entre outras. O que se busca com isso é perceber o objeto investigado sobre várias perspectivas. Este caráter multidimensional se configura na diversidade de cruzamento disciplinar, que por vezes parece um caos organizado. O produto final, porém, tende a interdisciplinaridade conjugando paradigmas teóricos, metodológicos e estilísticos de origem diversa.

Os Estudos Culturais nesta tese procuraram unir arte e ciência ao trabalhar as questões do envelhecimento, sexualidade, corpo e tempo, unindo literatura, análise do discurso e pesquisa de campo. A seguir será apresentada uma breve referencial sobre corporeidade segundo David Le Breton (2007).

1.2 A compreensão do Corpo

Na busca da compreensão do corpo como fenômeno social de interação com o outro foi utilizado como apoio os textos de David Le Breton na sua obra “A Sociologia do Corpo” (2007), que se destinam a compreender corporeidade humana enquanto fenômeno social e corporal, bem como motivo simbólico. As lógicas sociais e culturais descritas nas obras envolvem uma extensão relacionada aos movimentos do homem.

As ações da vida humana envolvem a ação da corporeidade. O corpo é um vetor semântico onde ocorrem as atividades perceptivas e as significações, mas também a expressão de sentimentos, ritos, gestos, exercícios, relação com a dor, etc. O uso físico depende dos sistemas simbólicos. O corpo torna-se o eixo da relação com o mundo, lugar e tempo. O homem, através do corpo, apropria-se da vida, a traduz para o outro e

serve-se de sistemas simbólicos que compartilha com a comunidade (Le Breton, 2007, p. 7).

O que se percebe é que o corpo funciona e está atrelado não só as questões anatomofisiológicas, mas também descrito a partir do padrão cultural no qual se inseri carregado de significados que são vivenciados no grupo do qual ele faz parte, todavia também é por meio dele que se constrói sua relação com o mundo. O tema corpo será descrito no capítulo III. A seguir passa-se a descrever a manifestação do tempo

1.3 A manifestação do tempo

Atrelado ao corpo, o tempo se configura no envelhecimento de forma cronológica e subjetiva para cada ser humano. Não é só a idade e ano de nascimento que prevalece para indicar o tempo da velhice, mas também às transformações socioculturais. Por isso cada individuo descobrirá como viver a sua trajetória em relação ao tempo no processo de envelhecimento de uma forma específica.

No nosso tipo de sociedade, a vida do homem se mede com exata pontualidade. Em uma escala social temporal que mede a idade (tenho doze anos, você tem dez), o indivíduo o aprende e a integra, como elemento social, na imagem de si mesmo e dos demais. Esta subordinação de medidas temporais não somente serve como comunicação sobre quantidades distintas, se não que alcança seu pleno sentido como abreviação simbólica comunicável de diferenças e transformações humanas conhecidas no biológico, psicológico e social (Elias, 1984, p.80).

As mudanças do tempo irão se expressar no corpo, que também refletirá à história de vida do idoso. O tempo na velhice se configura para alguns como a aproximação da finitude da vida, para outros a descoberta da longevidade, neste intermeio as relações pessoais e sociais se reconfiguram para que o individue consiga se adaptar a mais está fase da sua existência.

É importante lembrar que o aumento da longevidade trouxe várias discussões sobre o envelhecimento, na busca de uma qualidade de vida que também pudesse ser desempenhada nesta fase. A ciência interessada nesta temática traz dois novos campos de estudos sobre o envelhecimento: a geriatria e a gerontologia. O próximo tópico trará a diferença entre as duas do ponto de vista de conceituação e atuação, lembrando que para a análise proposta desta pesquisa se prenderá aos aspectos gerontológicos.

1.4 Diferenças entre geriatria e gerontologia

A geriatria tem sobre seus domínios os aspectos curativos e preventivos da atenção à saúde e, para realizar este mister, tem uma relação estreita com disciplinas da área médica, como neurologia, cardiologia, psiquiatria, pneumologia, entre outras, que deram origem a criação de subespecialidades, como neurogeriatria, psicogeriatria, cardiogeriatria, neurogeriatria etc. Além disso, mantém íntima conexão com disciplinas não pertencentes ao currículo médico, embora profundamente relacionadas com estes, como nutrição, enfermagem, fisioterapia, terapia ocupacional, psicologia, fonoaudiologia, odontologia e assistência social. Já a Gerontologia se definiu como uma disciplina científica multi e interdisciplinar, cujas finalidades são o estudo das pessoas idosas, as características da velhice enquanto fase final do ciclo de vida, o processo de envelhecimento e seus determinantes biopsicossociais (Netto, 2006, p.7).

No Brasil, pesquisar associações de gerontologia era, até muito recentemente, identificar a oposição entre médicos geriatras e gerontólogos cientistas sociais que, contra o determinismo biológico dos primeiros, empenhavam-se em mostrar que a velhice é uma construção sociocultural. Essa é ainda a tônica do discurso dos gerontólogos especialistas nas áreas de humanidades, quando apresentam as diferenças que os separam dos geriatras. Entretanto, na prática de uns e outros, essa oposição perde sentido. Os geriatras, e também outros especialistas em áreas de medicina voltadas para problemas que têm uma relação especial com o envelhecimento, como a medicina ortomolecular e especialidades afins, radicalizaram a ideia de construção social. A juventude, nas práticas por eles desenvolvidas, não é mais uma etapa da vida, um momento de passagem em um contínuo que caracteriza o desenvolvimento biológico universal, como os cientistas sociais sempre enfatizam. Geriatras e gerontólogos transformaram-

se em agentes ativos na proposta de práticas, crenças e atitudes a indicar que a eterna juventude é um bem que pode ser conquistado por todos (Debert, 2012b, p.33).

A mudança de postura em relação ao estudo sobre o envelhecimento pela geriatria e pela gerontologia permitiu uma nova abordagem em relação ao Ser que envelhece. Estas áreas passaram a avaliar não só os aspectos biológicos começaram a fazer uma ampliação do olhar para a velhice em relação aos fatores ambientais e os fatores socioculturais. O que incluiu nesta perspectiva a sexualidade do idoso.

1.5 A invenção da sexualidade

Para Foucault (1988), a invenção da sexualidade foi parte de alguns processos distintos envolvidos na formação e consolidação das instituições sociais modernas. Os estados modernos e as organizações modernas dependem do controle meticuloso das populações através do tempo e do espaço. Tal controle foi gerado pelo desenvolvimento de uma anatomopolítica do corpo humano-tecnologias de controle corporal que visam ao ajuste, mais também à otimização, das aptidões do corpo. A anatomopolítica é, por sua vez, uma questão central no reino do biopoder mais amplamente estabelecido (Giddens, 1993, p.31).

Segundo Salles & Ceccarelli (2010), a invenção da sexualidade possui algumas características que são:

- A descrição do sexo como qualidade constitutiva do sujeito;
- A passagem do sexo do registro religioso para o médico, acarretando uma transferência da competência sobre estes saberes dos experts religiosos para os da medicina;
- A diferenciação entre a sexualidade “perigosa” e a “sadia”;
- A biologização da diferença dos sexos como base fundadora de toda sexualidade legítima.

Em relação ao que apontam as autoras acima sobre a invenção da sexualidade é importante esclarecer que no tocante ao sexo como qualidade constitutiva do sujeito, passa por vários factores entre eles: o desenvolvimento biopsicossocial, o reconhecimento enquanto gênero, as práticas sexuais, a formação cultural.

A mudança cultural em relação à sexualidade que inicialmente era controlada pela igreja sofreu mudança do registro religioso para o médico. Esta mudança trouxe uma perda de controle da igreja que se utilizava da ideia de pecado para dominar e interditar o corpo, ela perde espaço para o Estado, que teve que criar meios de prevenir doenças ligadas ao sexo e se centrar esforços no controle da natalidade.

Todo este panorama cria uma diferenciação entre sexualidade “perigosa” e sexualidade “sadia”, pois o primeiro termo se refere à liberdade sexual que foi conquistada, inclusive pelas mulheres com suas lutas feministas e o segundo termo, a palavra “sadia”, emete ao sexo dentro dos preceitos religiosos, usado apenas como forma de procriação e não de busca de prazer.

A biologização das diferenças dos sexos remete ao papel que homens e mulheres devem desempenhar durante sua vida. Em relação à sexualidade e os papéis instituídos em torno dela podem sofrer alterações. Estas mudanças são frutos de como cada um irá praticar o sexo conforme a opção escolhida que pode ser heterossexual, homossexual, bi-sexual. A prática sexual pode incluir o que se considera normal ou patológico em relação ao corpo.

Na terceira idade a sexualidade se expressa por padrões de comportamentos, sentimentos e percepções, valores que são aprendidos durante toda uma vida, mas que podem ser mudados. Nesta fase da vida ainda há muito que se discutir inclusive sobre as interdições sobre o corpo do velho, impostas pela família, pela religião, pelos amigos, pelos companheiros, e que funciona como uma forma de regular o prazer. O poder aqui quer manter o que está instituído por regras, normas e leis, para não escandalizar, sublimando ou escamoteando a manifestação do desejo e, conseqüentemente, coibindo uma possível prática sexual.

As questões da sexualidade foram discutidas nas obras da escritora Hilda Hilst, aqui trabalhadas por meio do seu discurso. Cabe então, antes de entrar na análise do discurso da autora, entender o que é a análise discursiva enquanto teoria, questão que será descrita no tópico a seguir.

1.6 A análise do discurso

Outro aspecto importante que contribuirá para entender como essas temáticas aparecem nas obras aqui estudadas de Hilda Hilst é a análise do discurso, que, para Fairclough (2008), é um conceito que mostra várias perspectivas relacionadas a um texto, que em geral é formulado a partir de uma perspectiva teórica ou ligado a alguma disciplina e que busca conceituar ou definir por meio de uma amostragem referencial o discurso na interação entre um falante e um receptor. Por isso há que se levar em consideração o contexto em que esse discurso está inserido (Silva, 2010, p.20).

O que Fairclough quer mostrar é que a análise do discurso enquanto estudo da linguagem não se dissocia da prática social. Lembrando que nesta prática o sujeito ora é enunciador, ora é ouvinte, mais independente da posição que ele ocupa o discurso não é enunciado para o vazio, pois se atrela a um contexto, com a intenção de produzir um determinado resultado. A ele (o discurso) estão intimamente ligadas as relações de dominação, de poder e controle, que podem ser manifestas de forma clara ou não, em prol de um indivíduo ou um grupo de pessoas.

O discurso aparece então como o reflexo da realidade e da estrutura social. Sua palavra de ordem é a dialética, que considera a construção social e o contexto no qual o sujeito está inserido, que será uma fonte para entender as ideias na mente dos indivíduos. É claro que aí o discurso se estabelece para criar as relações de poder, tanto do ponto de vista político como ideológico. Ele então é analisado com a intenção de compreender o que foi dito, de manter uma mensagem, de transformar a realidade por meio de uma crítica, de atualizar o ouvinte e também de interpretar os significados neles expressos que estabelecem uma relação como mundo a sua volta.

O contexto circunscreve o discurso, para isso busca ancorar a fala do sujeito em vários aspectos de natureza antropológica, gerontológica, literária, político e ideológico, entre outras. Fundamentar um discurso, nesses aspectos permite a postulação de um determinado padrão de linguagem que se destina a um determinado grupo.

O discurso então expressa a classe social, o gênero, a visão política, a cultura e as crenças do falante de uma determinada língua. O que está dito se atrela ao contexto, a intertextualidade, a interdiscursividade, por isso o discurso está sempre carregado de outras falas, que não só aquela que é expressa pelo falante.

A análise crítica do discurso, segundo a teoria de Norman Fairclough, contribuiu de forma significativa para o entendimento dos textos da escritora Hilda Hilst aqui analisada. Para a análise das entrevistas será realizada a análise de conteúdo que será descrito na metodologia desta pesquisa.

II. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

2. 1.Introdução à Metodologia

Esta pesquisa se caracterizou como qualitativa e exploratória na busca da compreensão dos fatos no seu ambiente natural, por meio da interpretação dos fenômenos, e levou em consideração os significados que os sujeitos atribuíram aos temas envelhecimento, corpo, sexualidade e tempo. Ao trabalhar com a pesquisa qualitativa ocorreu o processo interactivo, em que não foi possível fugir ao contexto em relação ao objecto pesquisado que incluem: os dois grupos entrevistados aqui caracterizado como idosos; a história pessoal de cada sujeito; uma nota biográfica sobre autora Hilda Hilst e o e resumo dos livros: “*A obscena senhora D*” (2001), “*Estar Sendo Ter Sido*” (2006) e “*Contos D’ESCARNIO/ Textos Grotescos*” (2002).

É importante entender que em qualquer pesquisa social deve existir uma compreensão intersubjectiva da linguagem para que possam ser avaliados dois aspectos fundamentais. O primeiro é o elo entre a própria experiência de vida de alguém e a tradição à qual ele pertence. O segundo acontece na esfera das comunicações entre diferentes indivíduos que aqui foi avaliado a partir da análise do discurso (Silva, 2010, p.19).

Em relação à abordagem exploratória, esta têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. A escolha desta linha de pesquisa se deu pelo fato de proporcionar uma visão geral, sobre as temáticas propostas (Gil, 2008, p.27).

A justificativa da escolha dos temas tratados se deu com a perspectiva de incentivar e fomentar discussões na sociedade atual sobre os temas aqui investigadas, tendo como referência o discurso na obra da escritora Hilda Hilst. Logo se fez necessário investigar

como os idosos compreendem os significados relacionados às temáticas propostas. Por isso a pesquisa de campo serviu como aporte para o levantamento destas informações. Na busca de ter objetivos específicos que trouxessem luz sobre o tema, fez-se uma delimitação a partir do escopo descrito a seguir:

- a) Apontar os diálogos dos idosos como uma chave para entender o processo de envelhecer: A busca foi no sentido de que os idosos relatassem o que é ser velho, como eles olham para sua velhice e, neste contexto, como é a relação familiar.
- b) Entender como o corpo é percebido e moldado no contexto social e cultural dos grupos de idosos aqui investigados: A escuta do investigador se orientou para o reconhecimento do corpo envelhecido em contraponto do corpo quando jovem.
- c) Verificar como os idosos percebem as questões da sexualidade: O desejo, o prazer, o amor e o sexo, permearam os relatos dos grupos de idosos.
- d) Analisar qual é a visão do tempo na velhice.
- e) Identificar as temáticas envelhecimento, corpo, sexualidade e tempo nas obras da escritora Hilda Hilst.

A contribuição desta pesquisa acontece, como já foi aludido, na área da Gerontologia e da Antropologia, por serem eixos fundamentais para entender como se organiza o discurso sobre a velhice nos dias atuais. A pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira se organizou em função da pesquisa bibliográfica, na busca de autores e conceitos que possam ancorar os objetivos deste projeto. A segunda abordagem foi organizada em relação à pesquisa de campo.

2.2.Preparação para a entrevista

No primeiro momento foi feita uma visita ao Instituto de Longa Permanência onde residem os cinco primeiros sujeitos entrevistados, e também ao Centro de Convivência em que os outros dezasseis idosos frequentam. A visita permitiu conhecer o local de coleta de informações, sua rotina, as coordenadoras de cada lugar e ainda serviu para receber o documento de autorização da instituição para realização da pesquisa no local e

agendar o horário para entrevistas. As entrevistas ocorreram em dias e horários diversos conforme agenda proposta pela instituição. Foi realizada a identificação dos idosos que iriam participar da entrevista.

No dia da coleta e da gravação do material para transcrição foi explicado para cada um dos entrevistados o objetivo da pesquisa, bem como qual seria o tratamento dado aos dados. Em seguida houve o preenchimento da Declaração de Consentimento Informado e foi solicitada permissão para gravar as informações prestadas, o que contribuiu para o processo de transcrição das informações prestadas para posterior análise.

Em relação à caracterização dos sujeitos entrevistados, foram incluídos no estudo homens e mulheres idosos com idade a partir de 60 anos e mentalmente capazes para entender o instrumento de coleta de dados (guia de entrevista) e responder às questões deste, concordando ainda em assinar a Declaração de Consentimento Informado.

Foram excluídos do estudo os sujeitos que possuíam idade inferior a 60 anos, que não tinham capacidade mental de responder à entrevista e os que não concordaram em assinar a Declaração de Consentimento Informado.

No total foram realizadas 21 entrevistas. Os 05 primeiros são moradoras de um Instituto de Longa Permanência para Idosos (ILPI), os outros 16 sujeitos são frequentadores das atividades realizadas pelo Centro de Convivência.

Os sujeitos ganharam um pseudônimo para que suas identidades pudessem ser mantidas em sigilo que passo a enumerar: sujeito 1 a Raimunda, sujeito 2 a Rita, sujeito 3 a Rosa, sujeito 4 a Ruth, sujeito 5 a Renata, sujeito 6 a Tricha, sujeito 7 a Tina, sujeito 8 o Tales, sujeito 9 a Tila, sujeito 10 a Tami, sujeito 11 a Toinha, sujeito 12 a Luca, sujeito 13 o Lito, sujeito 14 a Liza, sujeito 15 a Lis, sujeito 16 a Lira, sujeito 17 a Lola, sujeito 18 a Lara, sujeito 19 a Filo, sujeito 20 a Febe e sujeito 21 o Orfeu.

A escolha em relação à idade levou-se em consideração o Estatuto do idoso que define, no seu Artigo 1º da Lei nº 10741 de 1º de outubro de 2003, que será considerado idosa a pessoa com idade igual ou superior a 60 sessenta anos. Em relação a idade, 10

participantes possuíam idade entre 60 e 70 anos, 05 idade entre 70 e 80 e 06 entre 80 e 90 anos. Foram entrevistados 03 sujeitos do sexo masculino e 18 do sexo feminino.

Em relação ao grau de escolaridade 16 informaram terem estudado e 05 não estudaram. As práticas religiosas foram identificadas da seguinte forma: 17 católicos, 01 adventista, 02 evangélicos, 01 espírita. No grupo entrevistado o estado civil se caracterizou da seguinte maneira 07 viúvas; 04 solteiras; 06 casados; 04 divorciados.

Em relação a procedência: 01 sujeito é da região norte; 02 sujeitos são da região sudeste; 10 sujeitos são da região nordeste e 08 sujeitos são da região centro oeste, todos vieram residir em Brasília há ainda quando eram jovens. Em relação ao número de filhos 03 informam não ter nenhum filho e 18 informaram que possuíam filhos.

2.3. Entrevista

Em relação aos procedimentos adotados para a aplicação do instrumento, foi utilizado o guia de entrevista, que está anexado a tese, com perguntas não diretas. As entrevistas foram realizadas de forma individual em local privado. O guia de entrevista contribuiu para que de forma sistemática fosse controlado e organizado os dados coletados, para que depois este material recolhido pudesse ser classificado de maneira temática.

As perguntas feitas no guia foram organizadas em categorias temáticas para que nelas pudessem ser agregados fragmentos da fala dos idosos aqui investigados, o que contribuiu para a análise do conteúdo.

Ao iniciar as perguntas verificou-se se havia algum ponto que não foi entendido pelo entrevistado que ainda necessitasse de esclarecimento. Uma vez esclarecidos os questionamentos, foi lido o guia de entrevista e iniciado a coleta de informações, que tiveram tratamento sigiloso, não sendo divulgado para terceiros que não tenham a ver com o processo acadêmico deste doutoramento.

O material foi gravado em um minigravador e seu conteúdo foi transformado em arquivo de voz, que contribuiu para a transcrição das entrevistas e análise dos dados

coletados, com a perspectiva de avaliar o discurso dos idosos. Esta perspectiva baseou-se na proposição de Flick (2002), que afirma o seguinte

A gravação mais ou menos exaustiva do caso, o registro do contexto de origem e a transcrição organizam o material de uma forma específica. O princípio epistemológico de compreensão pode ser concretizado pela capacidade de analisar as apresentações ou o desenvolvimento das situações, tanto quanto possível a partir do seu interior. Por isso, o registro tem de ser suficiente exacto para revelar as estruturas existentes nesses materiais; e que permitir abordagens de perspectivas diferentes. A organização dos dados tem como objetivo principal documentar o caso, na sua especificidade e na sua estrutura. Isto permite ao investigador reconstituí-lo na sua forma e analisar e dividir a sua estrutura em parcelas – as regras de funcionamento, o significado que lhe será subjacente, as partes que caracterizam. Os textos produzidos desta maneira reconstituem a realidade estudada de forma específica e tornam-na acessível, enquanto material empírico, aos processos de interpretação (Flick, 2002, p.117).

Os registros das falas gravadas foram transcritos de forma fidedigna e levou-se em consideração a realidade social dos sujeitos entrevistados. O texto que resultou do processo de transcrição foi submetido ao processo de análise temática e interpretações possíveis. O próximo passo foi realizar o tratamento dos dados das entrevistas que passa a ser descrito no tópico a seguir.

2. 4. Tratamento de dados das entrevistas

As entrevistas efetuadas foram sujeitas a uma análise temática, sendo esta, obviamente, centrada nos principais temas que nortearam esta investigação e que já foram referidos. Em relação à análise temática Poirier afirma:

O discurso, que se desenrola e se repete diante do entrevistador, comporta unidades de significação. Todas as conversas, com efeito, se articulam em temas e acontecimentos. A história de vida pode ser apresentada levando em conta estas articulações, que constituem como que cabeças de capítulo que guiam o leitor e mantêm o seu interesse. É o procedimento clássico da análise temática de um texto que valoriza as suas partes mais importantes, as afirmações capitais, as intenções mais ou menos explícitas do autor. Este recorte temático, que vai a par, o mais das vezes, com a representação cronológica, retalha a história de vida, mas permite dar melhor conta do seu conteúdo manifesto. É, pois, indispensável evitar o arbitrário, não impondo ao texto

qualquer interpretação, nem utilizando títulos sensacionalistas que deformem a narrativa. É a escuta atenta da entrevista e a leitura minuciosa que trazem à luz as unidades de significação, cujo o valor é confirmado pela importância que tomam na narrativa, pela sua repetição, abundância, ligações e comentário (Poirier et al, 1995, pp66-.67).

Nesta perspectiva criou-se então grelha vertical que traz na primeira coluna o número das entrevistas que foram realizadas. O discurso que contém mensagem das entrevistas realizadas com os idosos e que se correlacionam com as temáticas que aparecem na horizontal, foi colocado nas caixas das grelhas. A tabela é apresentada no anexo II desta pesquisa.

Os fragmentos das falas foram enquadrados em categorias temáticas o que contribuiu para análise e interpretação de dados. As respostas dadas pelos idosos tendo como base as perguntas feitas no questionário e se organizou da seguinte forma:

- a) O primeiro bloco de perguntas feitas foi: O que é ser velho para você? Como olha agora para o seu envelhecimento? Como é a sua relação familiar? Estas respostas foram agregadas em uma categoria temática que se denominou: envelhecimento.
- b) O segundo bloco de perguntas trazia as seguintes questões: Que memória tem do seu corpo jovem? Possui algum problema de saúde? Qual a sua religião? Você pertence a algum grupo religioso? Estas repostas foram agregadas em uma categoria temática denominada: Corpo.
- c) O terceiro bloco de perguntas que trazia as seguintes questões: Você se sente amado (a)? O que você entende por prazer? Na sua atividade diária o que você faz que te dá prazer? O que entende ser a sexualidade? Sente desejo sexual? Você conversar sobre sexo com alguém? Lembra-se das suas práticas sexuais quando era mais jovem? Quais as diferenças para a atualidade? Foram agregados na categoria temática denominada sexualidade.
- d) O quarto bloco foi composto apenas pela seguinte pergunta: Você se sente livre para falar de suas necessidades? Por quê? Que deu origem à categoria temática denominada de tempo.

A proposta foi organizar o material a ser analisado por temáticas. Levou-se em consideração ao transcrever os discursos os fatores cognitivos relacionados à memória e também os fatores emocionais da vida dos idosos aqui entrevistados. A ideia era entender a percepção das temáticas no discurso dos sujeitos entrevistados em sua totalidade. Guerra (2006) afirma que:

Do ponto de vista do sujeito interrogado, as entrevistas em profundidade exigem-lhe um processo de totalização através do qual procurará dar consistência a racionalidades dispersas, a estratégias flutuantes e temporais, enfim à sua vida tal como ele a concebe nesse momento. Frequentemente, a racionalidade de uma vida, ou de uma decisão, não é um fenômeno prévio aos fatos. A racionalidade é encontrada exatamente ex post, no momento da narração; aí, os elementos que na altura pareciam dispersos e as racionalidades que no momento emergiam como espontâneas estruturam-se num todo coerente, que amarra o fio condutor de múltiplas decisões e ações. Essa totalização significativa do sujeito narrador organiza factos cognitivos e factores emocionais da vida do sujeito (Guerra, 2006, p.19).

A decodificação das transcrições se deu no processo interativo em que as histórias de vidas aqui apresentadas foram enquadradas com o objetivo de contribuir para uma análise temática. Os dados obtidos por meio das entrevistas contribuíram para reflexões, argumentações e interpretações dos entrevistados envolvidos em relação às temáticas aqui propostas e que se correlacionavam com suas histórias de vida.

As significações relacionadas com a história de vida se apoiam nos fatos culturais, que podem surgir por meio de textos, mensagens ou sinais. Por isso não se pode fugir nesta análise e a tradição hermenêutica, que originalmente, era a arte de interpretação de textos; interpreta a cultura e implica uma forma de holismo semântico, pois que é preciso aprender o todo para entender as partes (Guerra, 2006, p.27). Sperber (1992) em sua obra: *O Saber Dos Antropólogos* ao falar da tradição hermenêutica faz a seguinte colocação:

Geertz, apoiando-se, ao mesmo tempo, na tradição hermenêutica de Dilthey e na semiótica, sustenta que a boa, até mesmo a única maneira de descrever os factos culturais consiste precisamente em interpretá-los. Porquê? Porque os fenómenos culturais são sinais, mensagens e

textos – “Uma cultura escreve Geertz, é um conjunto de textos” – e porque a interpretação é uma forma particular de descrição, aquela que convém a tais factos de significação. A Antropologia é, portanto, exactamente uma ciência, mas dum tipo particular: uma ciência interpretativa (Sperber, 1992, p.24).

Por isso a Hermenêutica contribuiu para a análise de conteúdo deste trabalho ao procurar interpretar os aspectos culturais ligados a religião, a família, e as formas de vivenciar o prazer e desejo ligados às praticas sexuais que apareceram no discurso dos idosos, e que se correlacionavam com as temáticas propostas.

Esta interpretação foi possível a partir do discurso dos entrevistados, que em geral contribui para o saber antropológico que trabalha com interpretações sintéticas de uma determinada realidade, por meio do conteúdo fornecido pelos seus “informadores”. O Antropólogo tem como papel essencial produzir representações, interpretá-las, relatá-las de forma indireta e de forma fidedigna para transmitir o que aprendeu. Sobre o estudo de análise do discurso Flick, afirma o seguinte:

Os estudos de análise do discurso exploram temas que estão mais próximo das Ciências Sociais que os da análise convencional. Combinam os procedimentos de análise de linguagem com a análise de processos de conhecimento e das construções simbólicas, sem se limitarem aos aspectos formais das apresentações e processos linguísticos. O fundamento teórico da análise do discurso é Construcionismo Social. As questões de investigação focam o modo como a construção da realidade social pode ser estudada nos discursos sobre certos objectos ou processo. O material empírico varia desde artigos da comunicação social a entrevistas. As interpretações são baseadas nas transcrições daquelas entrevistas ou textos a descobrir (Flick, 2002, p.204).

A interpretação dada pelos Antropólogos na busca de compreender a variabilidade do que está manifestado por determinado grupo ou classe se configura nas representações e significações possíveis, que em geral passa por tradução ou resumo do que foi investigado e interpretado. Nesta pesquisa, a análise do conteúdo se deteve ao texto que foi o produto final de fatos descritos na oralidade, resultado das entrevistas realizadas com os sujeitos que foram investigados. Deste interpretam-se todos os aspectos do pensamento e do comportamento humanos. Mesmo as interpretações de factos orais, os

mitos, por exemplo, visam muito mais do que representar a significação textual (Sperber, 1992, p.29). Sperber ainda falando sobre interpretação afirma:

O que é então interpretado é um texto, quer dizer, um objecto para o qual o conceito de significação é relativamente claro (claro, em todo o caso, se compararmos ao conceito de significação aplicado a uma obra de arte ou a um ritual). O conceito de linguístico de significação está estreitamente ligado ao de sinonímia e paráfrase. Concebe-se, então, como um certo texto a interpretação pode, por intermédio da sua própria significação, servir para representar a significação de um outro texto.[...]. Não existem senão textos senão textos que sejam aí interpretados. Deste modo, em Etnografia, interpretam-se todos os aspectos do pensamento e comportamento humanos (Sperber, 1992, p.29).

O fato é que os antropólogos entendem a interpretação realizada a partir da etnografia, como parte do método que pode se configurar relevante para as ciências humanas. O discurso relatado por meio do estilo indireto busca então, não apenas as significações possíveis, mas toda representação que incluem mensagens, enunciados, textos, discursos, classes e instituições.

Cada individuo constroi, todos os dias, milhares de representações mentais, mas a maior parte delas são quase logo esquecidas e nunca transmitidas. Algumas representações mentais muito raras são expressas, isto é, transformadas em representações públicas e transmitidas a outrem. A grande maioria das representações assim transmitidas apenas o são uma única vez. Algumas representações, contudo, são transmitidas pelos seus destinatários a novos destinatários que por sua vez, as tornaram a transmitir, e assim por diante. Uma rede social, mais ou menos extensa no espaço e no tempo, é percorrida por uma representação. Estamos, então, perante uma representação tipicamente cultural, que consiste numa multiplicidade de versões, mentais e públicas ligadas entre si, simultaneamente, pela semelhança do conteúdo. O conjunto de representações deste tipo, que circulam num grupo humano, constitui a respectiva cultura. Por extensão, todo fenómeno determinado, em parte, por estas representações especificamente culturais pode ser chamado cultural, quer trate de um acontecimento, dum instrumento, dum construção, dum prática, dum hábito, dum tipo de alimentação etc. (Sperber, 1992, p.51).

Neste trabalho de pesquisa as declarações dos idosos constituíram o elemento descritivo a partir do qual as interpretações foram realizadas com o objetivo de descrever os aspectos relacionados à realidade do grupo de idosos do ILPI e do Centro de Convivência, a fim de se atingir a compreensão global do grupo em relação às temáticas

A VELHICE DE DOIS GRUPOS IDOSOS EM BRASÍLIA. UM OLHAR SOBRE ENVELHECIMENTO, CORPO, SEXUALIDADE E TEMPO EM CONTRAPONTO COM O DISCURSO DA ESCRITORA HILDA HILST.

propostas para estudo. A manifestação da realidade se deu na interação entre o investigador e o investigado, o que permitiu compreender as crenças, os valores e linguagem utilizada pelas pessoas pertencentes ao grupo.

III. AS TEMÁTICAS

O presente capítulo abordará de forma detalhada os aspectos ligados aos referenciais teóricos no que concerne aos temas: envelhecimento com seu impacto populacional em relação ao gênero e no mundo.

3. 1. Envelhecimento

3.1.1. Conceitos iniciais acerca do envelhecimento

O envelhecimento no contexto mundial não se orienta apenas por questões biológicas. É também uma construção sócio-psíquico-cultural. Cada sociedade possui em relação a esta fase da vida um imaginário coletivo em que emergem ritos de passagem, hábitos corporais, sexualidade, condutas, crenças e dependência.

Em relação aos marcadores do envelhecimento, a idade cronológica é um dos mais importantes, pois a ela se impõe as questões legais. A terceira idade reconhecida como o tempo da velhice é prescritivo entre 60 e 65, pois a partir daí o papel de proteção do Estado se configura como um direito legal.

A investigação sobre o processo de envelhecimento trouxe o aparecimento de novos campos do saber como a geriatria e a gerontologia. A geriatria, como já foi descrito anteriormente, procura perceber como ocorrem as mudanças relacionadas aos aspectos anátomo-fisiológico do corpo que envelhece. É uma visão centrada no saber médico, que de uma forma geral procura discutir os aspectos biológicos e psicopatológicos da velhice, entre eles aparece a senescência. Já a gerontologia busca entender o envelhecimento por meio de uma perspectiva multidisciplinar.

A configuração específica da gerontologia, por estar em um campo autônomo e prestigiado do saber, é acompanhada da desconstrução, pelos próprios gerontologistas, de seu objeto do saber e intervenção. De maneira semelhante ao que ocorre na antropologia, a gerontologia é caracterizada como uma disciplina que soube combinar

um conhecimento científico rigoroso com a defesa das populações estudadas. O rigor acadêmico que as disciplinas requerem esteve sempre na antropologia e na gerontologia, acompanhado da indignação com a forma pela qual as minorias desprivilegiadas, estudadas em cada caso, são tratadas (Debert, 2012a, p.34).

A geriatria e a gerontologia possuem terminologias próprias que são utilizadas pelos profissionais que nelas atuam. Os termos cunhados têm como objetivo a padronização de conceitos e definições que ajudam na avaliação do ser envelhecendo, na pesquisa sobre as temáticas que são desenvolvidas nestas áreas, na produção de material educativo ou informativo, na promoção e cuidados relacionados à saúde.

Em relação aos termos mais utilizados temos: o termo “velho” e o termo “idoso”. O primeiro em geral é utilizado para indicar características próprias da idade, muitas vezes ligada ao declínio em especial no que se refere às Atividades da Vida Diária (AVD). O segundo termo se refere em muitas teorias como “novo ator social”, pois indica a pessoa que chegou aos 60 anos de idade, e possui uma vida produtiva. Vários estudos apontam que são considerados velhos jovens aqueles que possuem idade entre 60-69, os que estão entre 70 e 79 reconhecidos como velhos de meia-idade e os que estão entre 80 e 89 velhos velhos. Ainda temos aqueles com + de 90, que são chamados de velhos muito velhos.

O estatuto do idoso no Brasil surge com a proposição do Projeto de Lei nº 3.561 de 1997, seu autor foi o Deputado Federal Paulo Paim. A autorga deste projeto se deu pela LEI 10.741/2003, que traz em sua disposição: O ESTATUTO DO IDOSO E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. A lei foi assinada na época pelo Presidente da República Luiz Inácio da Silva. A lei veio reforçar a utilização do termo idoso no País. O reconhecimento do setor jurídico é que este termo é adequado do que o termo “velho”, para se trabalhar a legislação em prol desta fase de vida.

O aumento demográfico da velhice fez surgir o movimento da terceira idade, que se pauta na busca da socialização do indivíduo, para poder reconfigurar seu papel social. Esse termo surgiu para criar um contraponto com o termo envelhecimento, palavra esta

que foi utilizada durante muito tempo para remeter a estereótipos, preconceitos e, até mesmo, para rotular a invalidez.

A terceira idade possui como princípio básico o envelhecimento saudável. Porém a homogeneização deve ser descartada, pois há que se levar em consideração a história de vida de cada ser que envelhece, lembrando que ela continua nessa fase da vida.

O retrato da velhice na obra de Beauvoir discute vários aspectos considerados importantes para se entender esta fase da vida, entre eles: os ideológicos, os legais, os morais, os literários, os biológicos, o sexual, a relação de gênero, o etnológico, o mitológico, etc. O trecho a seguir deixa clara a descrição do tempo sobre o corpo.

A aparência do indivíduo se transforma e permite que se possa atribuir-lhe uma idade, sem muita margem de erro. Os cabelos embranquecem e se torna rarefeito; não se sabe por quê: o mecanismo da despigmentação do bulbo capilar permanece desconhecido, os pelos embranqueceram também enquanto em certos lugares – no queixo das mulheres velhas, por exemplo, começa a proliferar. Por desidratação e em consequência da perda de elasticidades do tecido dérmico subjacente, a pele enrugada. Os dentes caem [...], a proliferação senil da pele traz engrossamento das pálpebras superiores, enquanto se formam papos sob os olhos. O lábio superior minguava; o lóbulo da orelha aumenta. Também o esqueleto se modifica. Os discos da coluna vertebral empilham-se e os corpos vertebrais vergam: entre 45 e 85 anos o busto diminui dez centímetros nos homens e quinze nas mulheres. A atrofia muscular e a esclerose das articulações acarretam problemas de locomoção. O esqueleto sofre de osteoporose: a substância compacta do osso torna-se esponjosa e frágil; é por este motivo que a ruptura do colo do fêmur, que suporta o peso do corpo, é um acidente frequente (Beauvoir, 1990, p.34).

O livro *A velhice*, de Simone de Beauvoir, comenta sobre a velhice e tudo que dela faz parte como a finitude, os medos e inquietações. Sua obra traz uma rica descrição sobre o envelhecimento em várias culturas. Fica claro sua intenção de transpor os mitos, mostrar as relações transgeracionais, os ritos e os confrontos que àquele que envelhece tem que passar quando convive em sociedade.

O velho aparece durante toda a obra com características multifacetadas por apresentar culturas tão diversas. Assim temos acesso à máscara social, à polidez, aos momentos de

crueldade, seja quando se desenha o guerreiro, ou seja, quando se desenha o flagelado, pois aí uma fração simbólica do que somos ou daquilo que a vida nos tornará: velhos.

Os filósofos foram chamados para dizer que são seus velhos, sábios talvez, tolos também, sombras de uma imagem que paira o invisível de ser alguém real. O trágico e o cômico, uma união de contrário para descrever sombra e luz de uma mesma realidade, seja para o Judaísmo ou para o Cristianismo.

O arquétipo da velhice busca sempre se ancorar no herói, no sábio, com o intuito de trazer credibilidade a sociedade que é possível envelhecer, que é possível ser velho, que a experiência pode preceder a força física, os músculos, o vigor (Beauvoir, 1990, p.34).

O modelo patriarcal sempre esteve presente nos processos civilizatórios, na Grécia os arquétipos eram utilizados para indicar as relações de poder, que servia para os jovens como inspiração na busca de realizarem feitos que tivessem valor para a sociedade.

Em contrapartida havia também a desconstrução deste arquétipo, pois a velhice ligada à fealdade e a decrepitude, manchava a visão que a comunidade possuía do homem imbatível. Porém já existia o desejo de uma longevidade e a velhice era combatida com porções e remédios que ajudassem de alguma maneira e preservar a beleza, a força e o poder.

Ser jovem era um estado de espírito que deveria se manter na velhice, com a negação desta etapa da vida. Hoje ainda temos em várias sociedades esta máxima, pois a busca pela longevidade e beleza eterna continua, por meio das cirurgias plásticas, dos fármacos, dos tratamentos de beleza, na forma de vestir e nas atitudes.

Toda esta tentativa de representação da velhice acontece ao longo da civilização, também está claramente descrito na obra intitulada *História da Velhice no Ocidente* de Georges Minois. O autor, que em determinados momentos faz referências a Beauvoir, leva o leitor a uma trajetória rica das relações sociais pautadas na velhice, passando pelo império, filosofia, Idade Média e algumas civilizações, apresentando vários tipos de velhos: ricos, políticos, sábios, dependentes, desprezados, pobres, infelizes, medrosos etc. O autor não se esquece, contudo, de apontar a importância do velho em cada

sociedade, seja para demonstrar o lugar que este homem da “idade de ouro” ocupa, seja para revelar o desprezo e a violência sofrida por alguns, tendo que pagar com a própria vida por terem chegado à velhice.

Determinação de velhice não é tão simples, pois para além da idade cronológica e da condição física, existe também uma carga subjetiva, que está permeada representação simbólica. No Brasil esta realidade vem sendo estudada por vários pesquisadores e também pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

3.1.2 Envelhecer no Brasil

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) o número de idosos vem aumentando a cada ano no Brasil. Os dados publicados no censo de 2010 informavam que o crescimento da população com 65 anos é significativo no país, pois saltou 4,8% em 1991, passando a 5,9% em 2000 e chegando a 7,4% em 2010. As projeções feitas para a velhice no Brasil indicam que esta população irá aumentar em 15% até 2025. (IBGE, 2010).

É importante lembrar que na década de 90 houve uma mudança do cenário social no Brasil. A maioria da população saiu da linha da pobreza, houve melhora da desnutrição infantil, o aumento da natalidade e o declínio da morte. O Governo Federal investiu nas campanhas de educação, promoção e cuidado em saúde e oportunizou um melhor acesso aos programas de assistência social. Estas mudanças contribuíram para que a população vive-se mais e melhor, contribuindo para o aumento da população idosa.

Outro aspecto importante foi o investimento na assistência à saúde por meio do Sistema Único de Saúde (SUS). As unidades de saúde começaram a trabalhar alguns programas direccionados aos idosos, que tinham em sua essência o controle da pressão arterial, o controle da diabetes, realização de exames laboratoriais, orientação para o autocuidado, intensificação da imunização e atualização da carteira vacinal, a realização de curativos, orientação nutricional, do serviço social e de psicologia. Estas unidades ainda faziam encaminhamento para a média e alta complexidade dos serviços de saúde nos quais estão as especialidades médicas.

Todo este panorama em relação ao cuidado com os idosos contribui para acentuar o aumento do número de velhos em relação à idade. Estas mudanças significativas na pirâmide relacionadas à expectativa de vida acarretam novas mudanças sociais inclusive na estrutura e relação familiar.

3.1.3 Estrutura Familiar

No Brasil a estrutura familiar está cada vez mais diversificada. Essa mudança configura as famílias como mosaico, ou seja, fogem ao padrão instituído socialmente, que antes era composta apenas pelo pai, pelas mães e pelos filhos. O que se percebe é que hoje temos crianças criadas por dois pais ou duas mães; somente pelo pai; somente pela mãe ou pelos avós. Os dados do censo realizado pelo IBGE em 2010 mostram que o país em relação à velhice e à estrutura familiar vai se configurando da seguinte forma: cada família possui, já possuiu ou irá possuir uma pessoa idosa.

Na organização familiar, é necessário verificar que o lugar ocupado pelo idoso pode ser de dependência ou de provedor, pois em muitos lares a aposentadoria é a única renda. Existem alguns idosos que desempenham a função de cuidador dos netos. Por isso deve-se pensar na intergeracionalidade, ou seja, como estas diferentes gerações se relacionam e convivem.

A idade geracional é relevante para estruturar a família e o parentesco: um pai é um pai, um irmão é um irmão independente de sua idade cronológica ou estágio de maturidade. A idade cronológica é uma imposição de um fator adventício na estrutura familiar, e a diferença entre idade cronologia e idade geracional, como elementos da estrutura social e valores culturais, centra-se na relação de que enquanto as gerações são geradas na família, as idades são institucionalizadas política e judicialmente (Debert, 2007, p.58).

O elo da relação intergeracional fica mais evidente quando os idosos passam a morar com os filhos ou vice-versa, e são nesses momentos que se intensificam as trocas inclusive com os netos. Em geral essa situação pode ocorrer de forma espontânea, quando os filhos já reconhecem as limitações dos pais agora idosos, em relação às

AVD, e em outros momentos são as perdas do parceiro ou da parceira do idoso, que vão impor um novo desenho familiar.

Os laços familiares são construídos ao longo da história de vida do sujeito, e podem se manter ou serem rompidos na velhice. O rompimento do vínculo se dá por vários fatores, todavia um dos mais frequentes é que os filhos não se reconhecem no papel de cuidador, seja por falta de tempo, de recurso financeiro, de estrutura física no local onde mora etc. Por isso muitas vezes o cuidado com o idoso se torna responsabilidade do Estado, em função do abandono, e surge aí, a Institucionalização do ser idoso nos Institutos de Longa Permanência para Idosos (ILPI).

Morar com os filhos não dá garantia ao idoso de que ele terá respeito e não será maltratado. Os arranjos familiares plurigeracionais nem sempre são garantia de uma velhice bem-sucedida, por isso o ILPI pode ser visto como a possibilidade de um novo espaço social.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) publicou uma pesquisa sobre as instituições de longa permanência (ILPI) em 2014. Os dados demonstravam que a maior concentração dos ILPI está na região Sudeste 63,5%, sendo que deste 34,3% está localizado no Estado de São Paulo. A região do Nordeste possui 8,5% instituições. No restante das regiões Norte, Sul, Centro Oeste o número de ILPI não ultrapassa 35%.

O ILPI pode ser um grande aliado das famílias, por exercer a função de cuidador dos idosos, porém especificamente no Brasil, há um entendimento do senso comum, que ao ser abrigado o idoso está sendo desprezado pela família, na contra mão desta perspectiva percebe-se que mesmo em condição precária muitos filhos preferem manter o idoso sobre o mesmo teto.

Em relação à estrutura familiar ela implicará na forma de vida do idoso, como também existem outros fatores que contribuirão para o desempenho de papéis sociais na velhice, o gênero é um desses, pois ele foi preditivo durante toda a vida para ditar o comportamento de homens e mulheres e se mantêm na velhice.

3.1.4 O Envelhecimento relacionado ao gênero

No Brasil as expectativas do que é ser homem ou mulher mudam com cada fase da idade cronológica. O papel da mulher é desde cedo estimulado para o cuidado de si e da família, e para o homem o papel de provedor e protetor do lar, as brincadeiras da infância já ditam um pouco deste perfil que é esperando em relação ao papel social que cada um deve desempenhar. Talvez por falta de cuidado de si, os homens têm morrido mais que as mulheres, isto as leva a ficarem viúvas mais cedo.

O que tem contribuído para que elas vivam mais são primeiramente os fatores protetivos do corpo feminino como a proteção cardiovascular dada pelos hormônios, outro ponto é que as mulheres procuram mais os serviços de saúde e realizam mais exames preventivos como da mama e do útero. Este comportamento tem contribuído para uma maior longevidade. Em relação a fatores sociais as mulheres se envolvem menos em brigas em espaços públicos em relação aos homens, porém são no país as maiores vítimas de homicídios relacionadas a crime passional.

As mudanças sofridas pela mulher na velhice já haviam sido apontadas por Simone de Beauvoir, que afirma ser ar, a função reprodutora na mulher brutalmente interrompida numa idade relativamente jovem. Este é um fato único no processo chamado senescência, que se desenvolve de forma ininterrupta em todos os outros planos. Ele se produz em torno dos 50 anos, com a menopausa. Advem da falência ovariana e da interrupção da menstruação, além de os ovários se esclerosarem. A mulher, então, não pode mais ser fecundada. Há o desaparecimento dos esteróides sexuais e a involução dos órgãos sexuais (Beauvoir, 1990, p.36).

Em relação à saúde dos homens, durante muito tempo eles foram deixados à margem do serviço de saúde. As unidades de saúde se configuravam como espaço materno-infantil, e bem depois como espaços destinados aos idosos. A invisibilidade dos homens nos serviços de saúde se dava por que eles não eram reconhecidos como sujeitos do cuidado e ambiência das unidades de saúde, não propiciavam locais de acolhimento para estes, as cores utilizadas e os cartazes expostos eram direcionados ao público feminino. O homem só procurava o serviço de saúde quando já havia alguma doença instalada e muitas vezes em estado grave. Este panorama começou a mudar com o surgimento da

Política Nacional de Atenção Integral a Saúde do Homem do Ministério da Saúde publicada em 27 de agosto de 2009, por meio da portaria 1.944.

Apesar de todo esforço governamental para permitir o acesso dos homens ao serviço de saúde inclusive com a criação do ambulatório do homem em alguns estados que funcionam no horário noturno, existem questões culturais que ainda precisam ser mudadas, pois os homens têm dificuldade para conseguir autorização para sair do trabalho para se consultar, pois a ida ao serviço de saúde nem sempre é bem vista pelo patrão e pelos colegas de jornada. Há aí uma indicação de fragilidade ou diria feminilidade do homem, o reconhecimento de que o corpo necessita de cuidados por parte do homem nem sempre é fácil, visto que ele muitas vezes tem medo de descobrir algo incurável.

Na velhice, o corpo do homem passa pelo conjunto de involução orgânica que acarreta perda de energia da qual ninguém escapa; o esforço físico só lhe é permitido dentro de estreitos limites. Ele resiste melhor às infecções do que os jovens, mas seu organismo depauperado defende-se mal das agressões do mundo exterior: a involução dos órgãos reduz a margem de segurança que permite resistir a essas agressões. Certos médicos chegam a associar velhice a uma doença (Beauvoir, 1990, p.37).

Como é possível verificar homens e mulheres envelhecem de forma diferente, pois além das questões orgânicas, existe a construção cultural em relação ao gênero.

3.1.5 Aposentadoria

A aposentadoria significa uma ruptura abrupta do período de tempo em que havia uma organização para o trabalho por parte do indivíduo e que agora irá compreender um período de tempo livre, que pode resultar em uma desorientação quando essa transição não é elaborada pelo trabalhador. Por isso essa transição exige um condicionamento mental e social que a maioria da população trabalhadora não possui, pois a cessação da atividade profissional tem como consequência a sua exclusão do mundo produtivo (Emiliano, 2005, p. 23).

No Brasil o processo de aposentadoria teve início em 1923, com a promulgação da Lei Eloy Chaves, que cria as chamadas Caixas de Aposentadorias e Pensões – CAP, que inicialmente se destinava aos trabalhadores de ferrovias. Sendo posteriormente expandido para outras categorias funcionais, na época totalizou em torno de 180 caixas no Brasil.

Na década de 30, segundo Bulla & Kaefer (2003), os CAPs passam a ser cuidados pelo Estado, que pela primeira vez assume o orçamento de custeio e os recursos necessários para desempenhar as novas tarefas com arrecadação e gestão das entidades previdenciárias.

O processo de transformação das questões relacionada ao trabalho e aos direitos sociais deu origem ao Instituto Nacional de Seguridade Social – INSS. Nos anos 60, o Congresso Nacional promulgou a Lei Orgânica da Previdência Social – criando o que se chamou de sistema previdenciário único. Este sistema possuía como objetivo beneficiar todos os trabalhadores do serviço privado. Os benefícios incluíam: o salário-família e o salário-maternidade. Outra mudança significativa em relação à aposentadoria acontece com a reforma da Constituição em 1988. Foi nesta época que surgiu a ideia de Seguridade Social, que era a junção de assistência, saúde e previdência.

A aposentadoria geralmente conflui com envelhecimento humano, que é uma fase de mudanças de hábitos e rotinas, e o aposentado deve aprender a lidar com a nova realidade que se apresenta que envolvem os aspectos econômicos e sociais entre outros. Percebe-se que os impactos da aposentadoria para o homem que desempenhava o papel de provedor pode trazer maiores complicações, como por exemplo, o aparecimento de depressão. A este fato se ligam algumas inquietações que ainda não há resposta entre elas: Qual o lugar do homem que se aposentou? Em casa? No bar? Deve voltar ao mercado de trabalho para contribuir com seu patrimônio intelectual? Participou de algum Plano Para Aposentadoria (PPA)? O rendimento mensal cobrirá a despesa com a medicalização associada às doenças crônicas que está instalada ou que possa ter?

Por isso no Brasil há um movimento de retorno ao mercado de trabalho depois que o homem se aposenta, isto quando ele possui saúde física e mental para fazê-lo. Morangas

(1997) afirma que muita gente se surpreende ao comprovar que pessoas aposentadas desempenham atividades físicas e intelectuais com plena efetividade. Um preconceito amplamente difundido associa o término da vida profissional com inatividade pessoal e social e doenças em geral.

A mulher aposentada continua com seus afazeres domésticos, que inclui o cuidado com a casa e muitas vezes contribuir com a criação dos netos, algumas procuram participar de centros de convivência, de grupos religiosos ou procuram exercer atividades similares a que exerciam no mercado de trabalho. Em muitos casos, trabalhando como consultoras técnicas para uma determinada área, principalmente aquelas que possuem uma boa formação acadêmica.

Toda essa inquietação que os aposentados passam na busca do que fazer com o tempo, é para lutar contra a desvalorização e o preconceito, que muitos sofrem por serem considerados improdutivos. A euforia inicial pós-aposentadoria vai perdendo força com o passar dos dias, pois a mudança de status social é acompanhada muitas vezes da perda do empoderamento socioeconômico. Estas mudanças muitas vezes contribuem para o aparecimento de doenças físicas ou psíquicas.

O tempo influencia a estrutura modificando a posição do sujeito, provocando especificidades suscetíveis de se revelar em cada tipo de organização subjetiva e de modo singular para cada velho (Goldfarb, 1998, p.55).

Na aposentadoria se faz necessária a resignificação dos papéis do sujeito. Entre as mulheres, percebe-se que esta busca acontece na integração social. Já para os homens é a procura de uma atividade compensatória. A referida atividade permeia este momento da vida, na busca de se sentir útil.

O impacto do envelhecimento e a da aposentadoria pode trazer o aparecimento de doenças crônicas ou psíquicas, por isso o Sistema Único de Saúde por meio da Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, aprovado pela portaria Nº 2.528, que foi publicada em 19 de outubro de 2006, tem trabalhado com a prevenção e assistência a esta

população. No tópico a seguir veremos alguns impactos que sofreram o setor saúde em relação ao aumento da população de idosos no país.

3.1.6 O Impacto do envelhecimento populacional no setor saúde

No Brasil as enfermidades crônicas e as psicopatologias têm apresentado grande incidência na população idosa. Com o avanço da idade, os riscos de comorbidades, ou seja, doenças associadas à velhice, podem aumentar em função do declínio. Os fatores crônicos como hipertensão arterial e diabetes se incidem sobre uma grande parcela da população idosa, que faz uso de medicalização diária. Outro fator de adoecimento dos idosos no país são as doenças infecto-contagiosas, que acometem uma grande parte da população e os idosos por possuírem uma imunidade mais baixa estão mais sujeitos a estes tipos de infecção.

O estudo dos perfis de saúde é um dos fatores que contribuíram para o olhar de forma mais atenta aos idosos, que corroborou com a implementação da Política Nacional de Saúde da pessoa Idosa, na melhor utilização do recurso destinado a esta população. O estudo do perfil contribuiu para se definir algumas ações que vem sendo realizadas em prol da melhoria da qualidade de vida do idoso. Entre elas podem-se citar as campanhas de vacinação, a distribuição de medicamentos pela rede do SUS, que hoje conta com convênio com farmácias privadas, que ajudam os idosos a receberem as medicações prescritas, principalmente aquelas que são padronizadas para o tratamento de doenças crônicas e degenerativas. Outro benefício foi o número de redução de internação dos idosos na rede hospitalar, com a perspectiva de internação domiciliar para aqueles que possuem um alto grau de dependência.

Em relação ao atendimento dos idosos na rede básica (postos de saúde), o que se percebe é que funcionam muito bem, com alguma ou outra falha em relação à gestão. Estas falhas estão ligadas aos problemas em relação ao número de profissionais de saúde que é sempre menor do que a demanda que ele precisa atender; a falta de material devido a processo licitatório e a estrutura física das unidades de saúde que nem sempre são adaptas para os cadeirantes estes temas sempre estão em voga na mídia e ficam mais frequentes em épocas eleitorais. O público idoso procura o serviço de saúde com mais

frequência e também são os mais prevalentes em relação à taxa de internação hospitalar, em comparação com outros grupos.

A ideia de atenção integral à saúde da pessoa idosa busca integrar em sua avaliação os aspectos Geronto-Geriátrica, o que contribui para um diagnóstico que se configura multidimensional, pois avalia as condições fisiológicas, psicossociais e funcionais para a prescrição de um plano terapêutico. O corpo no plano de avaliação é submetido a exames laboratoriais, ao exame físico e se observar suas possíveis manifestações simbólicas. Para um melhor entendimento do corpo na velhice, ele passa a ser discutido no próximo tópico.

3. 2. Corpo

Corpo incompreensível, corpo penetrável e opaco, corpo aberto e fechado: corpo utópico. Corpo absolutamente visível, em um sentido: sei muito bem o que é ser olhado por alguém da cabeça aos pés, sei o que é ser espiado por trás, vigiado por cima do ombro, surpreso quando percebo isso, sei o que é estar nú; no entanto, este mesmo corpo que é tão visível, é afastado, captado por uma espécie da invisibilidade da qual jamais posso desvencilhá-lo (Foucault, 2013, p.10).

Foucault, no trecho acima, faz uma reflexão sobre o corpo, que está sempre em movimento, pois é ele, o corpo, que se transforma a cada minuto, envelhece e segue rumo a novas possibilidades de existir ou resistir ao mundo. O corpo que se move possui uma consciência aberta para o mundo, com quem ele interage enquanto elemento isolado, mais pertencente a um determinado grupo social. Veja o que diz Le Breton sobre o assunto.

O corpo é elemento isolável da pessoa a quem dá fisionomia só é possível em estruturas societárias de tipo individualista nas quais os atores estão separados um dos outros, relativamente autônomos com relação aos valores e iniciativas próprias. O corpo funciona como se fosse uma fronteira viva para delimita, em relação aos outros, a soberania da pessoa (Le Breton, 2007, p.30).

A fronteira viva se refere a desempenho que este corpo é capaz de desempenhar em cada fase da vida, seu potencial, suas limitações, sua capacidade de adaptação ou adequação ao meio ao qual ele se projeta. Neste sentido às áreas do conhecimento ao analisar o corpo procuram estabelecer cortes possíveis para estudá-lo a partir de uma determinada teoria. Assim acontece na velhice, pois temos a gerontologia e geriatria a fazerem pesquisa sobre este objeto chamado corpo.

Porém, estas pesquisas nunca estão isoladas. Elas procuram estabelecer pontes entre modelos possíveis de reconhecer o corpo na velhice. O corpo envelhecido na maioria das vezes é avaliado por meio dos aspectos simbólicos que cada sujeito carrega ao longo da vida. O corpo, para Giddens (1993), é um terreno privilegiado das disputas em torno

quer de novas identidades pessoais, quer da preservação de identidades históricas, da assunção de híbridos culturais ou das recontextualizações locais de tendências globais.

Em relação aos aspectos simbólicos do corpo na velhice, a antropologia procura entender como o determinismo social influencia à visão da sociedade sobre estas temáticas. Quando se fala de corpo em antropologia é incontornável o legado de Marcel Mauss, para quem toda a expressão corporal era aprendida, uma afirmação entendível no quadro da sua preocupação em demonstrar a interdependência entre os domínios físico, psicossocial e social. Tanto Mauss como Van Gennep mostraram que as técnicas do corpo correspondem a mapeamentos socioculturais do tempo e do espaço. Mauss argumentou que o corpo é ao mesmo tempo a ferramenta original com que os humanos moldam o seu mundo e a substância original a partir da qual o mundo humano é moldado. O famoso ensaio sobre as técnicas do corpo (1980 (1936)) abordava os modos como o corpo é a matéria-prima que a cultura molda e inscreve de modo a criar diferenças sociais. Isto é, o corpo humano nunca pode ser encontrado num qualquer suposto “estado natural” (Almeida, 2004, p. 4).

O corpo faz mediação entre o sujeito que envelhece e o mundo, pois ele funciona como transmissor e receptor das informações. A mediação permite ao idoso se organizar no contexto social, em que se encontra na busca de reconhecimento pessoal. Os gerontólogos acentuam que a velhice vive-se primeiro que tudo no corpo, o que não significa, necessariamente, que o indivíduo esteja atento no imediato aos seus sinais, tome deles conhecimento e a ele reaja. São habitualmente mencionados os cabelos embranquecidos, a pele com menor elasticidade mais seca, revelando rugas e por vezes com tendência a formar manchas, a deterioração da capacidade visual e auditiva, a maior lentidão dos reflexos, a maior capacidade respiratória, alguma dificuldade de equilíbrio e menor resistência, sem cansaço, os esforços físicos intensos e/ou continuados, a recuperação física mais lenta, a lentificação de movimentos e a menor eficácia do sistema imunitário a proteger o corpo de infecções (Silva, 2005, p. 143).

O que é possível verificar é que o corpo é descrito pelos autores acima de várias maneiras. Alguns se pautam na questão funcional, em que o biológico e o físico têm

uma importância fundamental para a avaliação de seu desempenho na velhice. Outros avaliam o corpo como algo simbólico que de uma forma geral se liga a cultural de cada lugar em que o ser está envelhecendo. Ainda há que se pensar que o corpo sofre avaliação do próprio sujeito envelhecendo, pois o reconhecimento das mudanças que sofreu pode influenciar no seu autoconceito, o que influenciará em sua autoestima e autoimagem.

Então se pode verificar que tanto as regras sociais como a história de vida de cada sujeito, determina como ele irá reconhecer seu corpo na velhice. Porém este reconhecimento nem sempre é livre, pois muitas vezes estão ligadas as interdições feitas pela igreja, pelo Estado, pela família ou pela comunidade a qual ele pertence. Pois em geral estes entes já possuem um padrão esperado para a velhice, com suas regras bem instituídas, em que o corpo aparece para confirmar o que está padronizado, e quando foge a esta regra em geral pode ser colocado à margem social.

A percepção do corpo possui várias perspectivas, pois ele – corpo - se modifica ao longo da vida e também dos processos civilizatórios. Ao mesmo tempo, há o aporte entre a subjetividade do sujeito e o mundo real, o que gera necessidades e desejos, sobrepondo-se para buscar o equilíbrio essencial a sua existência.

A velhice, assim como todo processo do desenvolvimento humano, é heterogênea. Cada um descobrirá a maneira como deseja ou como é possível vivê-la. O corpo é o instrumento pelo qual isto se concretiza, pois os desejos permanecem, havendo possibilidade de, talvez, se modificarem ou se aprimorarem.

O corpo desejo ou desejado vai perdendo vigor, a sexualidade vai se modificando, por ter redução hormonal significativa, redução da força física e muitas doenças crônicas, que vão interferir no desempenho e na performance sexual. A sexualidade na velhice pode, como em qualquer outra fase da vida, estar carregada de tabu, de medo, de preconceito, de sentimentos outros ligados ao abandono e à solidão. A seguir será abordada a sexualidade ligada ao envelhecimento que passa pelo corpo.

3. 3. Sexualidade

A sexualidade na velhice ainda pode ser considerada um universo obscuro, pois há sempre aspectos negativos e positivos que envolvem esta temática. Os gerontólogos têm trabalhado na busca de desmistificar tudo que envolve os aspectos da sexualidade entre eles: os mitos, os medos dos velhos de manifestar seus desejos, os preconceitos. O que se pretende é que nesta fase da vida o idoso possa vivenciar sua sexualidade sem nenhuma culpa.

A cultura antisssexual que existe em torno do ser idoso, é multifatorial e tende a seguir padrões já instituídos em uma determinada sociedade. A história de vida de cada um também contribui para que este idoso possa viver de forma plena ou não o exercício de sua sexualidade. O desestímulo da prática sexual na velhice pode ocorrer pela falta de privacidade que os idosos têm por morar com filhos e netos; pela educação muito rígida que algumas mulheres tiveram; pela perda que teve do companheiro ou da companheira; pelo medo de ser discriminado ao manifestar seus desejos sexuais; pela busca da espiritualidade por meio da religião; pela falta de capacidade física, etc.

Estas questões multifatoriais que aparecem em relação à sexualidade na velhice, nada mais são do que o condicionamento cultural, que sempre existiu e se presentifica em cada fase do desenvolvimento humano. Pois para muitas culturas o sexo se liga apenas a reprodução e não um ato para se buscar e sentir prazer.

Segundo Risma (2005), a liberdade para expressar o desejo sexual, ou simplesmente liberar a energia existente dentro de cada ser humano, não é tão fácil de ser conseguida, até mesmo de forma auto-erótica. A falta de informação sobre o processo de envelhecimento, assim como das mudanças na sexualidade, em diferentes faixas etárias e especialmente na velhice tem auxiliado a manutenção de preconceitos.

Embora tenha havido o que se chamou de revolução sexual, que foi beneficiada com o surgimento dos métodos contraceptivos, com o uso da camisinha e hoje com o Viagra, a sociedade ainda precisa discutir mais sobre a sexualidade do idoso, para abolir cada vez

mais o preconceito que ainda possa existir sobre esta temática e permitir mudanças culturais, não como ditadoras de um novo comportamento, mas no sentido de permitir estas pessoas se expressarem em relação ao desejo, ao prazer, as práticas sexuais e em especial em relação ao amor.

Não se deve esquecer que a sexualidade sempre foi vista e vivida de forma diferente para homens e mulheres. O gênero geralmente é preditor de um comportamento pré-instituído tanto para os machos como para as fêmeas. E em relação à sexualidade não é diferente. Os papéis femininos durante muito tempo eram de submissão, e estes ainda se mantêm em algumas culturas mesmo depois da clivagem social. Um dos fatores que contribuíram para isso foi a educação rígida imposta pelos pais. Os homens um pouco mais livres estimulados a se tornarem provedores e pegadores, desempenham desde cedo o papel do conquistador, em busca muitas vezes de sexo sem compromisso, o que contribuiu para que algumas de suas experiências sexuais gerassem em suas parceiras gravidez indesejadas e o risco de contraírem doenças sexualmente transmissíveis.

A construção dos papéis sociais tanto para homens, como para as mulheres, passa pelo projeto de vida. Este projeto pode ser mutável ou imutável, pois todo ser humano está sujeito a uma nova leitura de mundo. O percurso até a velhice nem sempre é linear, uma vez que existe sempre um processo de reestruturação individual e coletiva, principalmente no que diz respeito à sexualidade.

O envelhecimento e a sexualidade são processos continuados, que todo sujeito irá vivenciar. O tempo é o fator que contribui para atualizar a condição do ser na velhice, o corpo que envelhece traça o destino pessoal de cada um. O desejo se atualiza, apesar do fantasma da finitude.

3. 4. Tempo

O tempo pode ser representado de duas formas: a primeira representação aparece como um ente que se liga a uma determinada cronologia, em que aparece idade do ser que envelhece, em geral é representado pelos documentos e calendários, possui marcadores

ou divisores em dia, hora, mês e ano. A segunda representação se trata de um tempo subjetivo que é definido pela possibilidade de uma pessoa aos 60 anos se considerar jovem, e se mostrar como tal, na maneira de se vestir ou de falar. Porém o que existe de comum entre os dois é marcação do presente, passado e futuro.

Os marcadores temporais em geral regem toda ação humana, pois funciona como uma referência para realizar as tarefas ligadas a vida em sociedade. Essa invenção criada pela humanidade é codificada em: infância, fase adulta e velhice, com a intenção de acompanhar o desenvolvimento corporal.

Para Araújo (1999), a procura do sentido do tempo e de como gerir o tempo de uma vida mais longa marcada pela multiplicidade sincrônica dos papéis e dos estatutos está subjacente aos novos comportamentos em face do envelhecer e do envelhecimento.

A temporalidade para o idoso se manifesta de várias maneiras, pois para alguns é o tempo passado que se consolida, por meio da memória, que surge nas conversas diárias. Para outros o tempo presente se atualiza, pois a busca é para viver o aqui e o agora de maneira a se atualizar.

A expressão do tempo na velhice remete a uma posição de segmento anterior na evolução contínua do ser humano, pois essa percepção encontra-se expressa no símbolo social temporal e comunicável, que é pontual em cada fase da vida do indivíduo – infância, idade adulta e velhice. A escritora Hilda Hilst já trabalhava com estas temáticas aqui discutidas é o que se pretende apresentar no próximo capítulo.

IV. O UNIVERSO DA ESCRITORA HILDA HILST

Apresenta-se a escritora Hilda Hilst por meio de uma pequena nota biográfica. O objetivo é deixar claro quem é esta autora tão profícua no exercício da escrita; ainda nesta perspectiva serão apresentadas as obras: A Obscena Senhora D, Contos D'escarnio e Texto Grotesco e Estar Sendo Ter Sido que servirão como base bibliográfica para entender as temáticas: envelhecimento, o corpo, sexualidade e tempo.

4.1. A escritora Hilda Hilst

Hilda de Almeida Prado Hilst nasceu na cidade de Jaú 21 de abril de 1930, e faleceu em 04 de fevereiro de 2004, na cidade de Campinas (São Paulo). Os pais Apolônio de Almeida Prado Hilst e de Bedecilda Vaz Cardoso se separaram em plena Revolução Constitucionalista, Bedecilda mudou-se para Santos, com Hilda e Ruy Vaz Cardoso, filho do seu primeiro casamento. ²

Hilda Hilst foi interna do Colégio Santa Marcelina onde cursou o primário e o ginásial, seu desempenho enquanto aluna foi brilhante. Na época do internato descobriu que seu pai havia sido diagnosticado como paranóico esquizofrênico.

O secundário na década de 40 foi feito no Instituto Presbiteriano Mackenzie, por onde se formou. Seguiu seus estudos cursando direito na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (Largo São Francisco), foi nesta época que estabeleceu amizade com a escritora Lygia Fagundes Telles. A mulher Hilda Hilst era considerada

² Todas as informações constantes neste tópico foram retiradas do Portal Cultural Hilda Hilst – O Vermelho da Vida, que pertence ao Instituto Hilda Hilst, Centro de Estudos Casa do Sol, disponível em: <<http://www.hildahilst.com.br.cpweb0022.servidorwebfacil.com/biografia.php>>.

muito bela, a frente de seu tempo, levava uma vida boemia, participava da vida social paulistana.

O rompimento de Hilst com a boémia se deu quando leu o livro Carta a El Greco, do escritor grego Nikos Kazantzakis. A escritora construiu e morou na Casa do Sol, o local isolado do grande público, serviu como espaço para criação artística. Abaixo segue um trecho de Kazantzakis sobre o ofício da escrita:

Escrever poderia ter sido um jogo em outros tempos de equilíbrio. Hoje é um grave dever. Quanto mais escrevia, mais eu sentia que ao escrever eu lutava, não pela beleza, mas pela redenção. Queria ser liberto de minha própria escuridão interior e de transformá-la em luz, queria ser liberto dos terríveis ancestrais que rugiam em mim e transformá-los em seres humanos. O homem é um exilado, um ser que tenta imitar Deus, pois esse é o nosso único meio de ultrapassar as fronteiras humanas. (Kazantzakis, 1975, pp. 314-324).

Hilst escreveu por quase cinquenta anos e conseguiu reconhecimento da crítica, recebeu vários prêmios literários importantes entre eles:

- 1962 - Prêmio PEN Clube de São Paulo, por *Sete Cantos do Poeta para o Anjo*;
- 1977 - A peça *O Verdugo* arrebatou o Prêmio Anchieta, a Associação Paulista de Críticos de Arte (Prêmio APCA);
- 1981 - O Grande Prêmio da Crítica para o Conjunto da Obra, pela mesma Associação Paulista de Críticos de Arte;
- 1984 – A Câmara Brasileira do Livro concedeu o Prêmio Jabuti obra *Cantares de Perda e Predileção* e, no ano seguinte, a mesma obra recebeu o Prêmio Cassiano Ricardo (Clube de Poesia de São Paulo);
- 2002 - Premiada na 47ª edição do Prêmio Moinho Santista na categoria Poesia.

Os textos de Hilst foram traduzidos para o francês, inglês, italiano e alemão. Suas obras abordam temas socialmente controversos, pois questiona o homem, a existência, o papel da mulher, a relação com a velhice, à relação com Deus.

O Instituto Hilda Hilst (IHH) foi criado após seu falecimento, no local onde morava à Casa do Sol tornou-se a sede do Instituto, com o intuito de manter e objeto pessoais e parte de seu acervo, e também de ser um espaço que permita a realização de eventos

culturais ligados a sua obra. Devido a questões de segurança documental parte de seu arquivo pessoal foi comprado pelo Centro de Documentação Alexandre Eulálio, Instituto de Estudos de linguagem - IEL, UNICAMP, em 1995. Depois de conhecer um pouco de sua vida a seguir passa-se a descrever seu estilo literário.

4.2. O estilo Literário de Hilda Hilst

As obras aqui investigadas da escritora Hilda Hilst trazem personagens em pleno processo do envelhecer. Seus personagens possuem idade igual ou superior a 60 anos. Caracterizados como velhos tristes, engraçados, medrosos, alegres, questionadores, inconformados e rebeldes. Esta caracterização quer provocar no leitor espectador um estranhamento, uma perplexidade e até o escândalo, em especial quando surge o retrato da sexualidade na velhice, o trecho a seguir é um exemplo disso: “Convém lavarmos, pêlos e sombras, solidão e desgraça, também lavei Ehud no fim algumas vezes, sovacos, coxas, o escuro buraco, sexo, bolotas, Ai Senhor, tu tens igual a nós o fétido buraco? Escondido atrás, mas quantas vezes pensado, escondido atrás, todo espremido, humilde, mas demolidor de vaidades”. (Hilst 2001, p. 45)

De forma provocativa Hilst discute a sexualidade do idoso, com o objetivo claro de mostra que o desejo não morre com o tempo, na verdade ele se atualiza, ou seja, é manifestado de outra maneira, por meio de novas descobertas do corpo. Os estereótipos da velhice se revelam em sua obra, para exercer a crítica social. O mundo se apresenta como um lugar caótico, para falar do tempo e da busca de sentido para a existência na velhice.

As relações temáticas: envelhecimento, corpo, sexualidade e tempo que se entrecruzam e se distanciam, manifestam na obra a imagem da velhice, com uma percepção do que é ser velho, quase um desenho, ou delimitações de esboço borrado do que pode vir a ser.

A velhice surge em determinados momentos como uma coisa grotesca ou uma arquitetura em ruínas. O abandono social é mostrado pela forma como os personagens se encontram e deixaram-se ficar a espera da finitude. Os corpos são transformados em

algo animalesco em que a teriomorfização (a representação de homem como animal), é a palavra de ordem para acessar o sagrado/profano.

O animal apresenta-se, nestes tipos de pensamento, com um abstrato espontâneo, o objeto de uma assimilação simbólica, como mostra a universalidade e a pluralidade da sua presença tanto numa consciência civilizada como na mentalidade primitiva. A etnologia evidenciou com clareza o arcaísmo e a universalidade dos símbolos teriomórficos que se manifestam no totemismo ou as suas sobrevivências religiosas teriocéfalas (Durand, 2002, p. 70).

O estilo literário da escritora Hilda Hilst busca integrar várias vertentes por meio da concepção do grotesco, o texto barroco, os cantares bíblicos, a cantiga galaico-portuguesa, a canção petrarquista, a poesia mística espanhola, o idílio árcade, a novela epistolar libertina.

Um exemplo desta vertente é quando a autora trabalha a união de contrário que em geral é uma constante na literatura barroca e é nela que Hilst ancora o discurso com característica do grotesco. Veja o trecho abaixo

Abro a janela enquanto ele se afasta, invento rouquidão, grunhidos coxos, uso máscara de focinhez e espinhos amarelos (canudos de papelão, pintados pregos), respingo um molho de palavrões, torpes, eruditos, pesados, lívidos, grossos como mourões pra segurar touros nervosos, seco como o sexo das velhas, molhados como o das jovens cadelas, fulguerosos encachoeirados num luxo de drapejamento, esgoelo, e toda vizinhança se afasta da janela. (Hilst, 2001, p. 32).

A autora com seu estilo hermético procura o tempo todo a desafiar o leitor para imergir no seu tratado sobre as injustiças sociais. Pois questiona a relação entre poderosos e fracos, que hora se configura no âmbito ficcional e em outro momento no polo existencial. Este jogo proposto por Hilst dá ao discurso uma dramaticidade, em que combina o dia a dia popular com o que há de mais rebuscado na literatura universal. O trecho que segue revela um pouco dessa composição:

Hillé, não gostaria de fazer um café? Os intrincados da escatologia, os esticados do prazer, o prumo, o todo tenso, as babas, e todas as tuas escamosas escatologias devem ser discutidas com clérigos, confrades, abriste, por acaso hoje o jornal da tarde? Não. Então não abriste. Pois se o tivesses feito terias visto a fome, as criancinhas no Camboja engolindo capim, folhas, o inchaço, as dores, a morte aos milhares, se o tivesses feito terias visto também que não muito longe daqui

um homem chamado Soler teve suas mãos mutiladas, cortadas a pedaços, perdeu mais de quatro litros de sangue antes de morrer, e com ele morreram outros golpeados com cacetes, afogados em recipientes contendo água imunda e excrementos, depois pendurados pelos pés, estás me ouvindo, Hillé matam, torturam, lincham, o Homem é o Grande Carrasco do Nojo. Por que fecha sempre as janelas? E por que devo abri-las? E por que as abre de repente e assusta as gentes e grita? O corpo é quem grita esses vazios tristes por que não alimenta o corpo com benquerença, aceitando o agrado dos outros? Porque o corpo está morto e a alma? (Hilt, 2001, pp. 32 - 46).

A versatilidade da escritora Hilda Hilst em relação ao seu estilo permitiu que ela transitasse pela dramaturgia, pela crônica, pela prosa e pela poesia. A dramaturgia estabelece diálogo com autores como: An-Ski; Eugène Ionesco; Samuel Beckett; James Joyce sua intenção é ridicularizar a situações do dia-a-dia por meio do teatro do absurdo, criando assim um canal para se comunicar o povo.

Enquanto cronista trabalhou no jornal Correio Popular (Campinas/São Paulo). Utilizava este meio de comunicação para criticar de forma impiedosa, a tradicional sociedade campinense.

Sua prosa aparece como possibilidade de trabalhar os textos como se fosse uma novelar epistolar libertina, em geral rico em frases, conceitos e simbolismo sem deixar de lado a crítica social. A poetisa em geral utiliza a balada para chamar atenção para os seus textos. A seguir um breve resumo das obras da escritora Hilda Hilst, que servirão de citação para esta tese.

4.3. A Obscena Senhora D.

O livro *A obscena senhora D.* foi lançado em 1982 e relançado em 2001 pela editora globo. Narra a história de Hillé (obscena senhora D.), que aos 60 anos está em busca de um sentido para a vida passou a viver no vão da escada. O marido morto Ehud é seu grande companheiro de diálogo com quem trava discussões sobre a existência, a velhice, o corpo, o tempo e sexualidade.

O personagem Ehud estabelece o diálogo em determinados momentos com Hillé, e, em outro, com a Senhora D, em que há a intenção de questionar e responder as indagações sobre vida e morte. Ehud é o morto possuído de Deus, é um todo de carne repulsiva, um esgarçoso de brilho e imundície, Ehud tuas unhas limpíssimas escovadas a cada dia, tua lisa mucosa, o ventre que cuidavas, as omoplatas retas, os pés de Ehud, longos, sóbrios, as curvas das arcadas, os pequenos espaços do teu corpo de carne são do Todo-poderoso agora propriedades, como estão, Ehud, teus pequenos espaços de carne. (2001, p. 37)

Hillé é a mulher jovem desejada por Ehud, na verdade a outra face da senhora D, pois a senhora D quando jovem chama-se pelo nome de Hillé, aparece sempre que é chamada por Ehud, pois ele invoca na velha da senhora D, uma aparência que ela já não possui: Hillé, paixão é grossa artéria jorrando volúpia e ilusão, é a boca que pronuncia o mundo, púrpura sobre a tua camada de emoções escarlate sobre a tua vida, paixão é esse aberto do teu peito e também deserto. E sombra, Hillé é o nosso passo, nossa desesperança subida. (2001, p. 29).

O texto possui diálogos intensos, marcados por reflexões filosóficas, ideológicas e sociais, há algo de memorialístico, parece ser a história de vida de alguém? De Hillé? Do Ehud? Da Senhora D? Há na verdade um pastiche de composição destas estórias, com linguagem profana na busca do sagrado. É ritualístico na composição, pois aparece aí a dramaturga, a ficcionista, a poetisa Hilda Hilst, que é múltipla, que é densa, e que procura inquietar o leitor, diria que cativá-lo com mimos do grotesco, do escatológico para falar de uma senescência universal, talvez a sua própria velhice.

Existe a busca de DEUS no texto, que serve como ponto de debate ou de inquietação para a Senhora D, a escritora faz uma tentativa de humanizá-lo de torná-lo palpável, de tirar dele o divino ou aproximar-se DELE.

Convém lavarmo-nos, pelos e sombras, solidão e desgraça, também lavei Ehud no fim algumas vezes, sovacos, coxas, o escuro buraco, sexo, bolotas, Ai Senhor, tu tens igual a nós o fétido buraco? Escondido atrás, mas quantas vezes pensado, escondido atrás, todo espremido, humilde, mas demolidor de vaidades, impossível ao homem se pensar espirro do divino tendo esse luxo atrás, discurseiras, senado, o colete lustroso dos políticos, o cravo na lapela, o cetim nas mulheres, o olhar envesgado, trejeitos, cabeleiras, mas o buraco ali, pensaste nisso? Ó buraco,

estais também aí no teu Senhor? Há muito que se louva o todo espremido. Estás destronado quem sabe Senhor, em favor desse buraco? Estás me ouvindo? (2001, p. 45).

Os argumentos apresentados nesta obra fazem uma crítica à sociedade, à religião, aos dominantes. A velhice serve para discutir o isolamento social pelo qual muitos dos idosos passam. Existe a busca para entender as transformações sofridas no corpo com a chegada do tempo da velhice. A sexualidade se presta a dizer, que o desejo, o prazer e o amor podem ser vivenciados ao longo de toda vida do sujeito. A obra é polifônica, pois os discursos dos personagens se sobrepõem em determinados momentos com o discurso da autora. A próxima obra a ser resumida chama-se: *Contos D'ESCARNIO / Textos Grotesco*, revela a vida do escritor Crasso, veja a seguir.

4.4. Contos D'ESCARNIO/ Textos Grotesco

A obra *Contos D'ESCARNIO / Textos Grotesco*, o escritor Crasso, um homem de 60 que conta suas peripécias sexuais. Como personagem central da obra ele relata sua relação com as mulheres, e do deleite que estes bons momentos de prazer lhe proporcionaram. Seu roteiro de fofocações é a base para como autor de primeira viagem escrever um obsceno tratado pornográfico. Embora tenha boa vontade para se torna escritor Crasso não consegue êxito.

São personagens desta obra que servem para mostrar o gênero satírico da escritora Hilda Hilst: O tio Vlad, Otávia, a Lina, Josete, Tavim, Liló, Dona Loura, Bina, Clódia, Hans Haeckel, Lisa, Liria, Padre Cré (Creovaldo). Eles aparecem durante a obra para representarem o que há de execrável, repugnante em relação a moral e os bons costumes da sociedade vigente. A crítica social é em prol da minoria aqui reconhecidamente os velhos e as mulheres.

Quando a escritora Hilda Hilst publicou esta obra sua intenção era mostra o ofício do escritor, o discurso surge para revelar o ato da escrita, da produção textual, da relação com o mercado editorial, que no Brasil sempre foi muito fechado, privilegiando

determinados seguimentos de escritores. O trecho a seguir permite entender um porco desta proposição:

Resolvi escrever este livro porque ao longo da minha vida tenho lido tanto lixo que resolvi escrever o meu. Sempre sonhei ser escritor. Mas tinha tal respeito pela literatura que jamais ousei. Hoje, no entanto, todo mundo se diz escritor. E os outros, os que lêem, também acham que os idiotas o são. É tanta bestagem em letra de forma que pensei, por que não posso escrever a minha? (Hilst, 2002, p. 14).

Em relação ao gênero pornográfico, proposto inicialmente pelo personagem Crasso, não se concretiza, aparece um desvio em direção ao erotismo, ou seja, o texto não possui como intencionalidade excitar o leitor. Bataille afirma que:

O erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem. Nisso nos enganamos porque ele procura constantemente fora um objeto de desejo. Mas este objeto responde à interioridade do desejo. A escolha de um objeto depende sempre dos gostos pessoais do indivíduo: mesmo se ela recaí sobre a mulher que a maioria teria escolhido, o que entra em jogo é freqüentemente um aspecto indizível, não uma qualidade objetiva dessa mulher, que talvez não tivesse, se ela não nos tocasse o ser interior, nada que nos forçasse a escolhê-la. Em resumo, mesmo estando de acordo com a maioria, a escolha humana difere da do animal: ela apela para essa mobilidade interior, infinitamente complexa, que é típica do homem. O animal tem ele próprio uma vida subjetiva, mas essa vida, parece, lhe é dada, como acontece com os objetos sem vida, de uma vez por todas. O erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente no ponto em que ele põe a vida interior em questão. O erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão. A própria sexualidade animal introduz um desequilíbrio e este desequilíbrio ameaça a vida, mas o animal não o sabe (Bataille, 1987, p. 20).

Crasso escreve sobre sua relação com Otavia:

A primeira vez que “a fodi” (ou que “fodi- a” ou que “fui fodê-la” é melhor?) enganei-me na tradução de seu breve texto. Ela me disse “me dá uma surra”. Entendi que era uma surra de pau. E fui metendo, me aguentando para não esporrar, pensando na mãe morta, no pai morto e na missa do sétimo dia do tio Vlad que depois conto como ele morreu, e nesse todo patético deprimente que é morte e doença. Ai ela me interrompe a meditação ativa, dura e disciplinada: surra, amor, eu disse. Surra, meu bem. Então entendi. Meti-lhe a mão na cara quatro, cinco vezes. (Hilst, 2002, p.16-17).

Analisando as citações acima é possível verificar que o pornográfico se caracteriza por meio dos detalhes da prática sexual, já o erótico aparece por meio dos desejos e fantasias de Otavia. Fica claro que Crasso não perdeu na velhice o imaginário masculino em relação ao que se espera de uma relação sexual. O fato de não “esporrar” e ficar pensando, no pai e mãe que estão mortos durante o ato sexual, indica o medo que os homens possuem de brocharem ou de ejacular precocemente. O domínio da mulher nua em seus braços aparece por meio da surra, que pode indicar algo de masoquista ou do deslocamento do prazer para além da região genital.

Todavia a intenção da escritora Hilda Hilst, não é mostrar uma mulher submissa ao homem. Na verdade as personagens femininas desta obra são livres em relação a viver plenamente o exercício de sua sexualidade. O feminino enquanto parceira sexual serve de contraponto para ironizar o velho Crasso, que com frequência se submete ao desejo das mulheres. O universo sexual masculino se revela frágil, ao contrário da mulher que aqui é libertina, isto fica claro na descrição de sua relação com Josete:

Muitas beliscadinhas, muito dedilhado até que ela gozava escondendo o gozo e simulando um segredo e enchendo de bafo, gemidos e salivas a concha do meu ouvido. Eu dizia com a caceta dura e espremida entra as calças: Vamos embora, hem bem? Tá tão gostoso, amor. Eu sei, Josete, mas olha só o meu pau. Não seja grosso, Crasso. (Hilst, 1990 p.20).

A intenção de Crasso é de criar uma pornéia, que se atrela a sua história de vida, que agora na velhice é o que restou para se manter vivo, as memórias do tempo em que era sexualmente ativo. Os mosaicos de histórias se complementam na medida em que o leitor vai avançando em sua leitura, pois consegue perceber um discurso que serve para refletir sobre o papel do macho para algumas sociedades – o de garanhão quase reprodutor, para Hilst de fornicador: Otávia tinha pelos de mel. A primeira vez que ela me beijou a caceta. Entendi que já mais seria ancoreta Não me beijou com a boca. Me beijou com a boceta (Hilst, 2002, p. 15).

Os jogos de trocadilhos por meio de palavras são intencionais, pois permitem imagens sexualizadas. O que Hilst pretende com isso não é se tornar imoral, e sim aproximar o leitor de seu texto ao utilizar palavras que estariam na boca de qualquer um,

especificamente dos homens. O vocabulário do povo é algo escamoteado para falar de questões antes intocadas: a sexualidade na velhice.

As palavras chulas e eruditas também servem a escritora como uma maneira de zombar do sua própria obra que se quer revelar pornográfica. Porém Hilst não consegue obter êxito nesta empreitada, por ter um texto denso e rico estilisticamente, e que não provoca no leitor a excitação necessária que uma obra pornográfica:

Posso dobrar joelhos e catar pentelhos? Posso ver o caralho do emir E a “boceta de mula” (atenção: é uma planta da família das esterculiáceas) Que acaba de nascer no jardim do grão-vizir? Devo comprimir junto ao meu palato O teu régio talo? Ou oscular tua genitália dulçurosa Vestália? (Hilst, 202, p. 36).

Esta obra assim como *A Obscena Senhora D*, mostra o desejo de isolamento social pelo qual o indivíduo passa na velhice. O conflito coletivo e individual possui uma carga erótica e sexual, na tentativa de gritar para o mundo seus conflitos existenciais latentes. Este cenário se modifica na obra *Estar Sendo. Ter Sido* mais sem perder o fio condutor que é a discussão da velhice, isto é o que passa a ser tratado a seguir.

4.5. Estar Sendo. Ter Sido.

Na obra em prosa *Estar Sendo. Ter Sido*, escrita por Hilda Hilst, apresenta o narrador Vittorio, que no auge dos seus 65 anos pode ser considerado um libertino. Sua reflexão sobre a vida revela ao leitor suas vivências afetivas e sexuais, e a partir deste ponto que surgem suas inquietações sobre o existencialismo e sobre a ideia de finitude: “Esquálido e cheio de nós, assim é que anda meu espírito” (Hilst, 2006, p. 23). Segundo Hilst o que o personagem quer “é ficar sozinho para encontrar-se com o deus que mora dentro dele”:

Porque pensei absurdo isso de me pensar um alvo do Criador, justo eu, que quando lhe ouço o nome enfio-me debaixo das camas dos tapetes fico atrás das retretes e solto-me inteiro o buraco se alarga trombeteando zurros e cheiros. (...) Ele se achega 65 e ronrona no meu ouvido: te amo. Desço em espirais, sou um lobo entre o roxo e o gris, na descida vou devorando nacos de mim, tenho matizes cinza e prata no dorso. (...) Então sou um lobo togado, masturbo-me no escuro,

me vejo deitado num poento assoalho, uma coruja esvoeja pardacenta, digo-me estou bêbado. (Hilst, 2006, p. 41).

A história então segue fazendo com o que o leitor conheça um pouco mais do personagem Vittorio, que vive em sua casa de praia com o seu irmão chamado Matias e com filho Júnior. A empregada Oroxis, também reside na mesma casa. Ao longo da trama surgem outros personagens secundários, como a advogada Lucina, o Bispo Dom Deo, o comerciante Bembom e sua filha Rosinha. O personagem Vittorio vive cercado dos cachorros, gansos e livros, o que lembra um pouco a própria escritora que na sua fazenda a Casa do Sol tinha em torno de 80 cachorros. Na medida em que o leitor avança na leitura da obra, descobrirá um novo personagem chamado Alessandro que se revela admirador de Petrarca e descobre ser filho bastardo de Vittorio.

O fluxo de consciência surge em vários momentos do texto. Há também uma proliferação de vozes, que são simultâneas, e fala em prol da solidão na velhice, e remente à era de ouro (a juventude). A multiplicidade de vozes, e de gêneros em que há predominância do dramático e do lírico, serve para uma intertextualidade com autores como: Beckett, Kafka, Ovídio, Goya, Camus e Joyce, além dos filósofos Heidegger, Kierkegaard, entre outros.

E eu choro, Hermínia, choro de velho que estou ou que me sinto, choro porque não sei a que vim, porque fiquei enchendo de palavras tantas folhas de papel...para dizer o quê, afinal? Do meu medo, um medo semelhante ao medo de animais escorraçados, e pânico e solidão, e tantas mesas tantos livros tantos objetos... esculturas, cerâmicas, caixa de prata... aliso-me, e minha pele está cheia de manchas e meio amarela. Matias insiste que sou vermelho. (Hilst, 2006, p. 29).

A obra se parece com um tom confessional, como se aludisse a um testamento literário da autora Hilda Hilst. Como era de se esperar, há uma fruição de vários gêneros literários para sintetizar o pensamento da autora no tocante ao processo de envelhecimento. O discurso do narrador Vittorio remete as cantigas de maldizer do trovadorismo é por vezes impiedoso carregado de ironia e sarcasmo, com a intenção de descrever uma senectude decadente.

A obra possui certa delicadeza, pois os poemas da escritora que surgem no final de cada capítulo trazem uma leveza por meio de pensamentos. Porém esta dinâmica é rompida quando no segundo momento da obra a escritora muda o tom do discurso. Passa então a contar sobre o colapso sofrido pelo narrador, o fluxo de memória (consciência) diante do seu estado terminal, é completamente alterado, não mais remete ao passado que vinha sendo descrito ao longo do texto, revelando as suas peripécias sexuais com as amantes e sua esposa - o Ter Sido. Sua reflexão agora é sobre Estar sendo- que se refere ao tempo atual o da velhice. O trecho abaixo é revelado disto:

A descoberta de ser desprezado, de não ser, de ser apenas um corpo envelhecendo, uma boca vazia agora silenciosa, não nesse instante silencioso, mas uma eternidade silenciosa, e isso também de não ter entendido nada, isso soa penoso e sinistro, mas não (...) e como um grande pudim de cenoura, não ter entendido nada insossolaranaguado, pior teria sido ter entendido tudo, é escuro e comprido apesar de parecer mais claro e curto. (Hilst, 2006, p. 37)

Em outro trecho:

A solidão tem cor, é roxo escuro e negro. É como se você fosse andando... uma vasta planície, vai andando vai andando, é tardezinha, há até uma certa euforia, um vínculo entre você e aquela extensão... de início parece que a areia brilha um pouco, vai anoitecendo... que dor Matias... onde? não, não é isso de ir anoitecendo e você vê rostos na amplidão, vagezas, máscaras, umas se parecem... umas se desmancham-se assim que aparecem, perfis também... flores também, você conhece uma flor cor-de-rosa que tem tudo da margarida mas é maiorzinha, toda achatada, toda esparramada, vou me lembrar, pois é, ela é cor de rosa. Mas vai ficando escura... agora ele vem vindo. Quem? Deus, Matias. (Hilst, 2006, p. 33)

Estar Sendo. Ter Sido possui um texto contemporâneo, pois deixa claro sua intenção de autora de esboçar uma tentativa de se comunicar com o leitor, de ser ouvida, de se abrir e ir além ao falar da velhice, ao falar do homem.

O presente capítulo trouxe uma ideia geral de quem é a escritora Hilda Hilst, e também um resumo das obras aqui utilizadas. Foi possível conhecer um pouco de seus personagens. O próximo capítulo pretende revelar alguns aspectos importantes do discurso da escritora Hilda Hilst em relação à sua percepção sobre: a relação com o

A VELHICE DE DOIS GRUPOS IDOSOS EM BRASÍLIA. UM OLHAR SOBRE ENVELHECIMENTO, CORPO, SEXUALIDADE E TEMPO EM CONTRAPONTO COM O DISCURSO DA ESCRITORA HILDA HILST.

corpo, com o divino, com a sexualidade, e com o tempo, a partir da teoria de análise do discurso de Norman Fairclough.

V. TEORIA DE NORMAN FAIRCLOUGH

A teoria de Norman Fairclough é o foco deste capítulo. O discurso como mudança social e todas as imbricações que dele fazem parte são apresentados no primeiro momento. No segundo momento a aplicabilidade desta teoria nas obras: *A Obscena Senhora D*, *Contos D'escarnio e Texto Grotesco* e *Estar Sendo Ter Sido* com a perspectiva de tornar transparentes os aspectos obscuros dos discursos, no que dizem respeito ao envelhecimento na obra da escritora Hilda Hilst.

5.1 A análise do discurso como teoria

A teoria de Norman Fairclough em relação à análise do discurso social se pauta na função identitária relacional, ou seja, é a relação interpessoal que o sujeito possui ao se comunicar com o outro. O discurso então aparece como linguagem constitutiva de uma prática social, em relação a um sistema de conhecimento ou crença. O uso convencional da linguagem se presta então a variáveis possíveis dentro de uma prática de ação do sujeito.

Fairclough propõe que o termo “discurso” seja considerado ao utilizar a linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexa de variáveis situacionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação (Fairclough 2008, p. 90).

Em outro trecho ele afirma:

O discurso como modo de prática política e ideológica. O discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classe, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder. O discurso como prática ideológica constituiu, naturaliza, mantém e transforma as relações de poder. Como implicam essas palavras, a prática política e a ideológica não são dependentes uma da outra, pois a ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício de poder e da luta de poder (Fairclough 2008, p. 94).

Fairclough (2008) propõe sempre que possível uma análise linguística, análise da produção e interpretação textual e análise das circunstâncias institucionais e organizacionais do evento comunicativo. Que pode ser realizadas de forma simultânea ou de forma separada, dependendo do interesse de quem está investigando e do que se pretende entender a partir do que foi enunciado. Ainda há que se levar em consideração sempre que possível à análise textual, a prática discursiva e análise social. Este tipo de análise ficou conhecido como modelo tridimensional.

O modelo tridimensional pode ser entendido enquanto categoria de análise do discurso, sendo que cada uma se desdobra em vários tópicos que precisam ser abordados para se entender o discurso das três dimensões: análise textual, análise discursiva e análise social apresentadas na teoria de Fairclough.

5.2. Análise textual no discurso dos textos da escritora Hilda Hilst

A análise do discurso das obras de Hilda Hilst, que estão sendo utilizadas nesta tese será focada na prática social, na busca de entender como ela se pronuncia em relação ao envelhecimento, corpo, sexualidade e tempo em que aparecem a ideologia e hegemonia. Lembrando que as ideologias podem aparecer para representar uma realidade por meio do mundo físico, do convívio e das identidades sociais.

Já a hegemonia se organiza por meio de uma matriz social do discurso, e que possibilita estruturar as relações de poder. Neste caso a ordem do discurso se presta a reprodução e a transformação, dos sistemas de crenças e identidades sociais. A seguir verifica-se então o que a autora diz sobre o envelhecimento.

5.2.1 *O envelhecimento segundo a escritora Hilda Hilst*

O envelhecimento nas obras: *A obscena senhora D* (2001), *Estar Sendo Ter Sido* (2006) e *Contos D'ESCARNIO / Textos Grotescos* (2002), aparece no entrecruzamento de tempos vivenciado pelos seus personagens, em que a memória do passado se manifesta no presente. A intenção de Hilst é de falar do exílio e isolamento pelo qual passa a

pessoa idosa que, por falta de interação social, é levada a uma diminuição das referências que lhe dão identidade: Um tempo fui ninguém: sussurro, hálito. Alguém passou, diziam? Ninguém, ninguém. Agora sou escombros de um alguém. Só caminhada e estio. Carrego fardos. Aves, patos, esses que vão morrer. Iguais a mim também (Hilst, 2006, p. 125).

O envelhecimento, o transcendente, as questões hegemônicas e ideológicas surgem de forma irônica nas obras de Hilst. Sua intenção é manter o sentimento agudo da velhice que se instala definitivamente no corpo:

Esquálido e cheio de nós, assim é que anda o meu espírito. Apalpo ossatura e esqualidez, apalpo os nódulos, eles se achatam como azeitona descarçada olha a manhã, os pássaros continuam por aqui, a casa é a mesma, não mudei para a tal tapera na praia, fico desejando austeridade, mas aliso as grandes mesas e as pilhas de livros (Hilst, 2006, p.23).

A crítica social no discurso de Hilst sobre o envelhecimento, fala em favor de uma minoria social, mais também em favor de si. Pois enquanto mulher e ser que envelhece entende a necessidade de discutir temas que até então não eram discutidos pela sociedade brasileira, e se era, de forma muito velada, em alguns guetos intelectuais.

No seu discurso Hilda Hilst ao falar sobre o envelhecimento, dá luz a outros temas como sexo, morte, corpo. Sua intenção é expressar o que foi sufocado durante muito tempo pelas editoras as quais não conseguiu publicar. O próximo tópico abordará as questões sobre o corpo na velhice que aparecem na obra da escritora.

5.2.2 O corpo segundo a escritora Hilda Hilst

O corpo surge em Hilst como teatro de possibilidades, sua intenção é de ratificar as vozes silenciadas deste grupo, que durante muito tempo foi e continua sendo entendido como minoria. Seu discurso se presta a vítimas da opressão, por isso a sua crítica é para as instituições estão representando o poder. O discurso de Hilst tem intenção de se opor contra toda censura e hegemonia, que possa vir a macular os velhos. O trecho a seguir mostra como a autora trabalha o corpo em sua obra: “também não compreendo o corpo, essa armadilha, nem a sangrenta lógica dos dias, nem os rostos que me olham nesta vila

onde moro, o que é casa, conceito, o que são as pernas, o que é ir e vir” (Hilst, 2001, p. 21).

O corpo na obra de Hilst aparece em vários momentos como algo disforme e refratário das questões relacionadas à vida e morte. Isto fica claro nos questionamentos feitos pelos seus personagens. As questões existenciais que são uma constante na sua obra, também remetem as mudanças corporais na velhice, inclusive para discutir a finitude.

Hillé, não gostarias de fazer um café? Os intrincados da escatologia, os esticados do prazer, o prumo, o todo tenso, as babas, e todas as tuas escamosas escatologias devem ser discutidas com clérigos, confrades, abriste, por acaso hoje o jornal da tarde? Não. Então não abriste. Pois se o tivesses feito terias visto a fome, as criancinhas no Camboja engolindo capim, folhas, o inchaço, as dores, a morte aos milhares, se o tivesses feito terias visto também que não muito longe daqui um homem chamado Soler teve suas mãos mutiladas, cortadas a pedaços, perdeu mais de quatro litros de sangue antes de morrer, e com ele morreram outros golpeados com cacetes, afogados em recipientes contendo água imunda e excrementos, depois pendurados pelos pés, estás me ouvindo, Hillé, matam, torturam, lincham, o Homem é o Grande Carrasco do Nojo (HILST, 2001, p. 46).

Em outro trecho:

Por que fecha sempre as janelas? E porque devo abri-las? E por que as abre de repente e assusta as gentes e grita? O corpo é quem grita esses vazios tristes por que não alimenta o corpo com benquerença, aceitando o agrado dos outros? Porque o corpo está morto e a alma? (HILST, 2001, p. 32).

O corpo é provocativo, com a intenção clara de estabelecer um debate, sobre o envelhecimento inclusive o seu (Hilst). A autora mostra um corpo social que sofre interferência temporal, e nele é possível perceber o aspecto pessoal, em que a consciência individual é ao mesmo tempo coletiva, pois representa o universo da velhice na relação com o corpo e com o mundo.

É importante lembrar que o discurso da escritora Hilda Hilst sobre o corpo nem sempre foi entendido e aceito pelos leitores, pois seu texto é rico em referência da literatura universal, e com uma forma muito peculiar de olhar para si mesma, para o

envelhecimento e para a sociedade, o que causa estranhamento em alguns e repulsa em outros.

Então escuta aqui na vila me perguntaram por você todos os dias, eles vêm trazer o leite, a carne, as flores que eu te trago, querem saber o porquê das janelas fechadas, tento explicar que a Senhora D é pouco complicada, tenta, Hillé, algumas vezes lhes dizer algumas palavras, você está me ouvindo? Ando cheio de sussurros, das portas entreabertas; quando passo pela rua ando cheio, está me ouvindo? Te amo, Hillé, está escutando? Sim, olhe, esse teu fechado tem muito a ver com o corpo [...]. (HILST, 2001, p. 22)

O corpo é utilizado por Hilst para falar do isolamento social, do mundo representável, que inclui o sujeito que envelhece. As manifestações do corpo representam o discurso sobre o envelhecimento e a velhice, que para a autora aparece não apenas como uma condição de limitação física, ela é na verdade um conjunto de expressões da história social e individual de cada um. Outro ponto importante que aparece no discurso da escritora Hilda Hilst na velhice é a relação com a sexualidade, que será descrito no tópico a seguir.

5.2.3 A sexualidade segundo a escritora Hilda Hilst

O discurso da escritora Hilda Hilst sobre a sexualidade do ser idoso adentra como material, o campo das interdições sociais, pois o desejo, o prazer, o sexo e se expressam pela transgressão. Sua intenção é de revelar algo que não podia ser exposto nem falado em sociedade, a relação sexual dos idosos ou tudo o que a permeia. Fica claro também que seus livros obscenos tinham a intensão de prender a atenção do leitor.

Seu discurso põe em perspectiva a sexualidade do idoso, com o intuito de fazer uma reflexão social sobre este tema na velhice. O retrato de personagens tão libertinos capazes de revelar seus desejos e lembranças das práticas sexuais, serve como pano de fundo para instalar o debate. O trecho a seguir é revelador para se entender como a autora trabalha estes aspectos:

Subíamos juntos os degraus desta mesma escada. A cama. O gozo. O ímpeto, depois sono e tranquilidade de EHUD. Seus débeis sonhos? Modéstia. Humildade. E cólera muitas vezes: vida,

morte, teu trânsito daqui pra lá, porra, esquece, segura meu caralho e esquece, te amo, louca, Bonito Ejud. (HILST, 2001, p. 35).

A autora, ao falar da sexualidade na velhice, não é desprovida de amor carnal e da unicidade entre homem e mulher, em linguagem bela, apaixonada e viva. Ela, com isso, almeja demonstrar que na velhice as pessoas podem vivenciar sua sexualidade de forma plena, pretende com isso desmistificar qualquer engano ou tabu que exista em relação à prática do sexo na velhice.

O seu discurso sobre a sexualidade do idoso também se revela em favor das mulheres, que estavam em busca de terem seus direitos reconhecidos, e muitas na época se posicionavam contra a ditadura militar, contra a censura, em favor de uma democratização do país e por melhores condições de vida. Mas mesmo com todo este panorama da época, a mulher que envelhecia estava condenada à cadeira de balanço e ao crochê. Por isso a autora se mostra favorável em relação aos debates em torno da sexualidade, do direito ao prazer e ao aborto. O trecho a seguir mostra o personagem Crasso que é submisso ao desejo e ao prazer das mulheres em relação ao sexo:

Abria discreta e elegante as pernas nas boates, embaixo da mesa, enquanto engolia com avidez aqueles vinhos caríssimos. Sorrindo soltava um píffio arrotado de tordos e ostras abafado entre os seus dois dedinhos, enquanto os meus (dedos, naturalmente) beliscavam-lhe a cona. Muitas beliscadinhas, muito dedilhado até que ela gozava escondendo o gozo e simulando um segredo e enchendo de bafo, gemidos e saliva a concha do meu ouvido. Eu dizia com a caceta dura e espremida entre as calças: vamos embora, hein bem? (Hilst, 2002, p.41).

A sexualidade na velhice enquanto discurso serve para Hilst vociferar em favor dos idosos. Faz isso para revelar seus desejos mais pulsantes sobre a existência e o desejo sexual, que em determinados momentos aparecem de forma provocativa, e em outros por meio de uma delicadeza extremada.

O presente capítulo trouxe um pouco do que a escritora Hilda Hilst entende acerca do envelhecimento, corpo, tempo e sexualidade, tendo em conta a teoria de Norman Fairclough, buscando a compreensão do discurso da autora presente nas seguintes obras: *A Obscena Senhora D*; *Contos D'ESCARNIO/textos Grostescos e Estar Sendo*.

Ter Sido. O próximo capítulo trará a análise e interpretação dos dados referentes à pesquisa de campo realizada com os idosos.

5.2.4 *O tempo segundo a escritora Hilda Hilst*

O discurso da escritora Hilda Hilst sobre o tempo revela o indivíduo que envelhece, e que está em busca de entender os sinais temporais usados nas sociedades. A velhice atrelada ao tempo que aparece por meio de imagens e experiências vivenciadas por seus personagens, que estabelece um elo em relação ao passado, o presente e o futuro, mesmo que este futuro para alguns personagens seja a finitude. O trecho a seguir revela bem este aspecto: “Memórias velhice tasteio nadas, amizades que se foram objetos que foram acariciados” (Hilst, 2001, p. 71).

O tempo segundo a autora é o da velhice, com suas mudanças corporais, psíquicas e com personagens que vivem certo isolamento. Em relação às mudanças corporais ligadas ao tempo aparecem trechos como o seguinte: “a casa da sapa” (Hilst, 2001, p. 40); no caso do tempo psíquico é reconhecido pelas inquietações e perguntas feitas pelos seus personagens: “sábio é o que tu és, Ejud por que, senhora D? ao teu redor um tempo conhecido palmilhado, o olhar de quem conheceu muito” (Hilst, 2001, p. 83).

A um só tempo a autora situa o leitor num tempo cronológico há “sessenta anos à procura da Luz numa cegueira silenciosa” (Hilst, 2001, p. 17); esta frase é isotópica desta novela, devendo-se a sua centralidade à síntese temática e dos tempos nela contida. E no segundo momento dá-nos um tempo de *Kairós*, “Também não compreendo o corpo, essa armadilha, nem a sangrenta lógica dos dias” (Hilst, 2001, p. 21); em outro trecho: “Quem a mim me nomeia o mundo? Estar aqui no existir da terra, nascer, decifrar-se, aprender a deles adequada linguagem, estar bem não estou bem, Ejud ninguém está bem, estamos todos morrendo” (Hilst, 2001, p. 24).

Situando-nos no conhecimento grego, o *Kairós* é o tempo que, ao sujeito pode entender-se como aquele que alimenta a alma, é o tempo sem tempo, é nesse tempo que o universo subjetivo do sujeito tem oportunidade de manifestação do *Haletéia*. Veja a citação: “quero te falar do fardo quando envelhecemos, do desaparecimento dessa coisa

que não existe, mas é crua, é viva, o tempo” (Hilst, 2001, p. 18); Em outro trecho: “queria te falar, te falar da morte de Ivan Ilitch, da solidão desse homem, desses nada do dia a dia que vão consumindo a melhor parte de nós, queria te falar do fardo quando envelhecemos, do desaparecimento, dessa coisa que não existe, mas é crua, é viva, o Tempo”. (Hilst, 2001, p. 18).

O conflito para a escritora Hilda Hilst em relação ao tempo mostra um conflito, relacionadas às mudanças que o envelhecimento propicia, muda-se o tempo, muda a qualidade de vida, muda a vida. Face há esta fatalidade de mudança encontra uma alternativa “há procura de Luz”. O conflito se configurou por meio “de uma cegueira silenciosa”, urge manda embora a cegueira, que se configura com os dogmas prescritos pela igreja católica. A fuga da igreja católica aparece como possibilidade de rompimento de percepções para a busca do corpo iluminado. A dor física se torna algo para vociferar em um discurso sobre o tempo.

VI – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

6.1. Introdução

Por meio da análise e interpretação dos dados coletados, procurou-se verificar como os idosos que participaram da pesquisa, entendem as seguintes questões que constavam no guia de entrevista. Estas questões foram analisadas por meio de reflexão feita a parti da coleta de informações realizada com os sujeitos que foram entrevistados por meio das categorias temas aqui tratadas.

6.2 O envelhecimento

Cabe ressaltar que todo o processo que envolve o que é ser velho em uma determinada sociedade está ligado a uma construção sócio-psíquico-cultural que vai para além das questões biológicas. Como revelou Debert (2012, p.61), os signos do envelhecimento são invertidos e assumem nova designação: “nova juventude”, “idade do lazer”. Da mesma forma inventam-se os signos da aposentadoria, que deixa de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividade e lazer. Não se trata apenas de resolver os problemas econômicos dos idosos, mas também lhes proporciona cuidados culturais e psicológicos, de forma a integrar socialmente uma população tida como marginalizada.

O tornar-se velho também envolve questões legais, que a partir de um marcador cronológico da idade em alguns lugares 60 anos em outros 65 a pessoas passa a ter direitos que implica no papel de proteção do Estado.

Na análise aqui apresentada buscou-se verificar como o grupo de idosos entrevistados entende o tema envelhecimento. Ao se verificar o entendimento do envelhecimento leva-se em consideração a obra: *A Obscena Senhora D*, da escritora Hilda Hilst, pois para ela o envelhecimento aparece como fase de declínio:

Inutilidades, Caminho com pés inchados, Édipo-mulher, e encontro o quê? Memória, velhice, tateio os nadas, amizades que se foram, objetos que foram acariciados, pequenas luzes sobre eles nesta tarde, neste agora, cerco-os com minha pequena luz, uma que resta, ínfima, amarela, e eles continuam estáticos e ociosos, sobre as grandes mesas, sobre as arcas, sobre estantes escuras, sonâmbula vou indo, meu passo pobre, meu olho morrendo antes de mim, a pálpebra descida, crestada, os raros cabelos, os dentes que parecem agrandados, as gengivas subindo, procuro um naco de espelho e olho para Hillé sessenta. (Hilst, 2001, p. 71)

O olhar de Hilst sobre o envelhecimento se configura um tanto quanto negativo, era uma forma de chamar a atenção para esta população que era considerada como minoria. Durante a pesquisa procurou-se verificar se a visão dos idosos entrevistados conflui ou não com o que foi descrito pela escritora. O primeiro ponto avaliado foi verificar a própria percepção dos idosos sobre o que é Ser velho.

6.2.1. Ser Velho

O Ser velho foi descrito de forma heterogênia, pois cada idoso possui uma maneira própria de se reconhecer enquanto velho, esta é uma construção feita ao longo da história de vida, e que agora nesta tenra idade aparece em um lugar de fala que manifesta por meio de uma construção simbólica.

Brasília recebeu vários migrantes vindo de vários lugares do Brasil nos anos 60 por conta da construção da capital do país. Raimunda foi uma desta que veio do Estado da Bahia para trabalhar na nova capital, hoje mora em um ILPI³, pois é solteira e não possui filhos, revelou que ser velho “não é nada demais, normal, nunca pensei a gente, eu sabia que ia ser velha, eu gaguejo muito, velha, é a mesma coisa, mesma pessoa”. A

³No Brasil a maioria dos idosos que não possuem familiares é colocada em Instituto de Longa Permanência para Idosos (ILPI), neste caso ela vive no lar há 20 anos, chegou asilo aos 61 anos, é possível perceber a resignificação do vínculo, pois reconhecer as freiras e cuidadoras como família. Entende-se ILPI como uma residência coletiva, que atende tanto idosos independentes em situação de carência de renda e/ou de família quanto aqueles com dificuldades para o desempenho das atividades diárias, que necessitem de cuidados prolongados (Camarano *et al.*, 2004, p. 23).

etapa da vida caracterizada como velhice, com suas peculiaridades, só pode ser compreendida a partir da relação que se estabelece entre os diferentes aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. Essa interação institui-se de acordo com as condições da cultura na qual o indivíduo está inserido. Condições históricas, políticas, econômicas, geográficas e culturais produzem diferentes representações sociais da velhice e também do idoso (Schneider & Irigaray, 2008, p.585).

O mesmo aconteceu com Rita. Ela também vive no ILPI, acha triste ser velho; “acho triste ser velho, tem pessoas que, eu aqui, não eu tô com idade, mais ainda sou animada, não tem tristeza de ter esta idade que eu tenho, mais tem gente que fica logo irritada, com complexo por está com idade, é mais uma fase, e dá graças a Deus de chegar aí, e lucida, com a cabeça boa ainda”. Ao falar do que é ser velho mostra-se alegre e feliz por ter chegado até a esta idade. Porém, começa seu discurso afirmando “acho triste ser velho”, acompanhado de um riso nervoso, faz uma análise da velhice, por meio da atitude dos outros idosos que moram no lar “mas tem gente que fica logo irritado, com complexo por está com idade”. No caso de Rita o que a trouxe a morar no ILPI, foi a viuvez⁴, com a perda do parceiro e do lar, passou a morar com o filho por um tempo ainda no Estado do Rio de Janeiro, mais a mudança do filho para Brasília, pois ele é militar, foi o fato marcante para que a idosa passasse a viver no ILPI. Há coisa de um ano mora nesta instituição. O filho a visita com frequência, em média a cada 15 dias.

É interessante como Rita percebe o envelhecimento ao olhar para o outro, pois o velho é sempre o outro com quem parece não haver reconhecimento possível. A imagem da

⁴ Segundo o Censo Demográfico de 2010, as mulheres viúvas constituíam 41% das mulheres idosas, as separadas 12%, e as solteiras 7%. Por outro lado 80% dos homens estavam em algum tipo de união conjugal. Os diferenciais por sexo quanto ao estado conjugal são à maior longevidade das mulheres e, de outro, a norma sociais e culturais prevalece em nossa sociedade que levam os homens a se casar com mulheres mais jovens. Isso se dá, possivelmente, pelo processo que associa em geral, mulheres idosas em especial, em casos de separação ou viuvez (Camarano, 2003, p. 92).

velhice parece sempre estar “fora”, do outro lado, e embora se saiba que aquela é a própria imagem, produz uma impressão de inquietante estranheza, o apavorante ligado ao familiar. Apavorante porque a imagem do espelho não corresponde mais à imagem da memória; a imagem do espelho antecipa ou confirma a velhice, enquanto a imagem da memória quer ser uma imagem idealizada que remete à familiaridade (Goldfarb, 1998, p. 53).

A outra moradora do Instituto chamada Rosa, que possui 80 anos, e nasceu no Sertão em Pernambuco, mudou-se para Brasília na década 60. Sempre foi solteira, configurou novos vínculos na velhice ao vir com a mudança para o ILPI. A família e a religião lhe deram suporte para ter uma nova perspectiva na velhice. Para ela a velhice é entendida assim “com amor, porque já vivi muito, eu amo, vai ter certeza que vai ficar velho, a velhice vem tá na cara que ela vem mesmo, eu fiquei velha conformada, não tenho tristeza nenhuma não, se eu tivesse saúde”.

A condição de muitas mulheres brasileiras nos anos 60 estava ligada à condição do gênero e dos papéis sociais que elas tinham que cumprir, eram criadas para se casar e cuidar do lar e procriar, não tinha acesso à educação, e aquelas que não moravam em grandes centros urbanos trabalhavam na roça como condição de contribuir com o sustento da família.

O gênero ⁵, como elemento constitutivo das relações sociais entre homens e mulheres, é uma construção social e histórica. Burille & Gerhardt (2013) em seu artigo *Conexões entre homens e saúde: discutindo algumas arranhaduras da masculinidade* confluem com o pensamento de Scott (1990), de que a construção do gênero possui uma base

⁵. As idosas como representantes do gênero femininas aqui entrevistadas, são estimuladas a manter o que a sociedade considera importante em relação ao papel feminino, de pessoas que foram preparadas para o lar, por isso têm aulas de crochê, pintura, bordado, atividades que reforçam os estereótipos relacionados ao gênero mesmo na velhice, muitas ficam sentadas no pátio para estas atividades, na cadeira de balanço em especial para aquelas que vivem no ILPI.

simbólica, que leva em consideração as normas e instituições que definem modelos de masculinidades e feminilidades, e que vão ditar padrões de comportamento aceitáveis ou não para homens e mulheres. Este elemento ele não se apaga na velhice, pois ele o gênero continua a delimitar campo de atuação para cada sexo. Também está incluída no gênero a subjetividade de cada sujeito, sendo única a sua forma de reagir ao que lhe é oferecido em sociedade. O gênero é construção sobreposta a um corpo sexuado. É uma forma primeira de significação de poder e isto se mantém na velhice (Burille & Gerhardt, 2013, p. 261).

Aos 84 anos, Ruth, nascida em Ituiutaba em Minas Gerais, trabalhava na roça e se considera “beatona”. A palavra “beatona” aparece para informar que nunca se relacionou com nenhum homem, não namorou e como ela expressou “Nunca namorei, porque eu no quis. Eu sou de uma família muito pobre. Eu via meus irmãos passando fome, eu sozinha todo mundo me queria para trabalhar, e com filho é diferente, então eu não me invoquei com essa coisa de casar, nunca nem beijei na boca”. Como solteira e por não possui família, veio para o ILPI há cerca de 20 anos. Entende ser velho como “nada, vida boa até, a não ser ter caído lá dentro de casa, depois que vim pra cá melhorei. O envelhecimento pra mim foi bom”.

O fato de ter vindo morar no ILPI propiciou uma convivência diária com o grupo ⁶ de outras idosas, embora sobre vigilância das cuidadoras, que foi benéfica, pois morava só, e já havia sido encontrada caída em casa por causa de problema de saúde. Por isso refere: “depois que vim pra cá melhorei”. Hoje tem toda uma rede de apoio, pois as refeições acontecem em horário oportuno, no refeitório e na presença de todos. Os

⁶ No ILPI as idosas realizam várias atividades em grupo, como: comer, participar da missa, visitar o zoológico e passeios pelos parques. Uma vez que a cultura de um grupo ou de uma classe como sistema simbólico é arbitrário na medida em que a estrutura e as funções desta cultura não podem ser deduzidas em qualquer princípio universal, físico, biológico ou espiritual (Bourdieu, 1999a, p. 26).

horários dos medicamentos são cumpridos, pois a administração fica a encargo das cuidadoras. O fato de dizer que “velho é nada” designa não haver mudança do papel social, é como se entendesse este processo como uma nova fase da vida, isso fica claro quando afirma “o envelhecimento para mim foi bom”. Os vínculos que os idosos estabelecem no decorrer da vida são formados pelo grupo familiar, e por amizades na comunidade onde moram. Essas relações propiciam uma sensação de posse, e esse fator tem sido reconhecido como aspecto fundamental para um envelhecimento com qualidade de vida. Essas redes de apoio ajudam os idosos durante seu processo de envelhecimento, assegurando maior autonomia, independência, bem-estar e saúde (Triadó & Villar, 2007).

A Renata foi muito breve ao falar do envelhecimento, quase como se possuísse uma resistência a dar entrevista, “Ser velho não acho nada nada”. A condição de ser velho parece não possuir nenhuma significação importante, porém o que precisa ser levado em consideração é o fato de que ter envelhecido trouxe mudança da situação social e do status, pois antes de morar no ILPI, residia em uma área nobre de Brasília, saí de uma área considerada nobre como o plano piloto e passa a morar em um ILPI, localizado em uma cidade satélite, há 1 hora do local onde morava anteriormente, pode ter contribuído para mostrar-se resistente a falar sobre seu envelhecimento, pois o envelhecimento significa a perda de status social e econômica que possuía, e também seu lugar de pertença. Esta condição indica também o rompimento do laço com a vizinhança e a constituição de um novo grupo social diferente do que existia antes.

As diferenças na percepção de um sentido para a vida⁷, ao longo dos anos, estão associadas ao grau de consciência de mundo que cada um experimenta em diversos momentos da vida. Variáveis como: gênero, idade, nível educacional, papel social

⁷ No pressuposto de que os idosos tendem a fazer uma leitura mais fiel da realidade e de suas capacidades, o que os encaminha para decisões mais acessíveis, realizáveis, compatíveis com a situação e a finalização efetiva das suas tarefas. Assim, podem ficar mais ou menos expostos ao sentimento de frustração (Reker, 2001).

desempenhado em um dado momento, profissão, religiosidade e espiritualidade, história de vida, fatores de personalidade e apoio social devem ser mais bem investigados, porque eles interferem na percepção de sentido de vida.

Seria o ILPI este lugar de isolamento social do idoso? Um lugar para ficarem guardados dos olhos da sociedade enquanto seres decrepitos? Ou pode ser reconhecido como a possibilidade de uma vida carregada de novos significados e com possibilidades de novos vínculos sociais?

Foi possível perceber que as idosas aqui entrevistadas possuem uma percepção muito particular da velhice, que se configura pelo momento vivido e pela história de vida que elas trazem consigo. O ILPI lembra em determinados momentos um lugar de isolamento social, pois o fato de estarem separadas por muros e não poderem sair dos espaços a elas determinadas a qualquer hora do dia ou da noite, restringe um pouco sua área de atuação social, apesar desta segregação, as idosas não abrem mão de um novo significado para o tempo presente, pois é possível perceber que as construções de novos vínculos estão presentes, pois são reconhecidas enquanto sujeitos sociais, são chamadas pelo nome, são respeitadas suas individualidades em relação à maneira de vestir, de se arrumar, dos gostos particulares para determinado alimento.

Este isolamento vivido pelas idosas do ILPI também aparece nas obras de Hilst e se configura por meio da palavra derrelição que significa abandono “O que é Derrelição EHUD? Vem, vamos procurar juntos, Derrelição Derrelição aqui está: do latim, *derelictione*, Abandono, é isso, Desamparo, Abandono” (Hilst, 2001, p.35). Sua personagem Senhora D se isolou do mundo e passou a morar no vão da escada. A escritora se vale do *Fugere urbem* (fugir da cidade) este tema traz o princípio da valorização da natureza, que é visto como lugar de perfeição e pureza onde todos deveriam ser aceites em seu estado natural, em oposição à cidade que seria o lugar de conflitos sociais, Senhora D – “não pactuo com as gentes, com o mundo, não há um sol de ouro no lá fora” (Hilst, 2001, p. 25). A personagem Senhora D se isola para evitar o confronto social e faz isso como fuga: “Senhora D, é definitivo isso de morar no vão da escada?” (Hilst, 2001, p. 18).

Os próximos entrevistados não moram no ILPI, apenas frequentam o centro de convivência de uma instituição de caridade, em que são oferecidas várias atividades aos idosos. As atividades possuem ações diversificadas entre elas: fisioterapia, grupo de oração, hidroginástica, dança cênica, alfabetização, apoio psicossocial, palestras, distribuição de cestas básicas, grupo de terapia familiar. As atividades em grupos para o pessoal da terceira idade têm sido estimuladas nos últimos anos. Além de propiciar a criação e manutenção de novos vínculos sociais, pode ser considerada uma forma de intervir na qualidade de vida da população idosa.

A primeira entrevistada deste grupo foi Tricha. Ela informou que hoje é viúva faz oito anos. Não procurou outro relacionamento, tem onze filhos. Ao ser perguntada sobre o envelhecimento e o que é ser velho respondeu:

“Ser velho, ter experiência e cada um dia que a gente vive é mais experiência é uma alegria amais, acho bom ser velho, a velhice trouxe as dores, os cansaços, tem dia que a pessoa tá desanimada, quando tá jovem tem muito pique pra muita coisa né, quando vai ficando mais velho um dia tá com a perna doendo, noutro o braço, noutro a cabeça, a velhice trouxe muita coisa boa, quando meus filhos tava pequeno eu não podia sair de casa. Meus filhos eram carreirinha, foi Deus que criou pra mim, às vezes no máximo dez meses já tava grávida, muita batalha, lavava pra fora, passava, não tinha tempo nem pra respirar, era difícil até sair de casa, era difícil aparecer na rua, os vizinho pensava que eu trabalha fora, com tanta coisa pra fazer”.

A velhice aparece como uma fase da vida feliz “uma alegria a mais” e indica que uma alegria se dá por estar viva, porém logo em seguida remete à fase de declínio físico em relação a sua saúde, pois “a velhice trouxe as dores, os cansaços, tem dia que a pessoa tá desanimada”. A velhice trouxe nova ressignificação a sua existência, o estabelecimento de novos vínculos com os outros idosos que frequentam o centro de convivência e com as irmãs de caridade que são responsáveis por administrar a instituição⁸.

⁸ As relações estabelecidas com grupo no centro de convivência, neste contexto sejam elas de caráter afetivas, amistosas ou de qualquer outra natureza, não se reportam a nenhum critério moral exterior a si

A ideia de Hilst conflui com o que disse Tricha sobre tempo. Os trechos a seguir caracterizam bem as fases da vida dos personagens de Hilda Hilst: Senhora D – “quando Ehad morreu morreram também os peixes do pequeno aquário” (Hilst 2001, p. 19). Tempos presentes que se aplica a fatos contemporâneos ao momento da fala: Hillé – “um menino louco, vamos dormir vem, sim vamos dormir” (Hilst, 2001, p. 39), e o tempo futuro que se aplica a fatos posteriores ao momento de fala: Senhora D – “Ehad escuta você também vai morrer? [...] você vai ficar velho também?” (Hilst, 2001, p. 43).

Os trechos utilizados pela escritora Hilda Hilst, conforme as amostras acima procuram dar a ideia de configurações específicas do envelhecimento em relação ao passado, presente e futuro. A temporalidade acontece também por meio das influências sociais. O eu vive no mundo, mas não se encontra delimitado àquilo que vivencia no momento atual, pois pode, também, dirigir seu pensamento para o que já vivenciou anteriormente, assim como para as prospecções que faz em relação à coisa que tem a expectativa de vir a vivenciar (Forghieri, 1993, p.40). O tempo da velhice será discutido em outro capítulo, porém inevitável que ele apareça na fala dos grupos de idosos em qualquer uma das temáticas aqui tratadas. Como se pode perceber na fala de Tina.

Com seus 80 anos, Tina, nascida em Fortaleza/CE, é casada e frequenta o centro de convivência junto com o marido. Antes de falar do envelhecimento contou como se deu a sua vinda para Brasília, o tempo passado aparece por meio de uma memória cristalizada e cristalina, e começou por recordar dos anos que trabalhou como professora, fazendo uma jornada dupla de trabalho na década de 70.⁹ A abertura para que elas pudessem

mesma ou suprapessoal, mas apenas à satisfação daqueles que delas participam na terceira idade, a possibilidade de construir relações deste tipo, cujos vínculos se devem exclusivamente aos interesses individuais, está não somente presente, mas parece prosperar ainda mais devido à ausência de responsabilidades familiares (Giddens, 1993).

⁹ Segundo a pesquisa realizada sobre gênero e mercado de trabalho mostrava que pouco a pouco as mulheres foram ampliando seu espaço na economia nacional. O fenômeno era lento, mas constante e progressivo. Em 1973, apenas 30,9% da População Economicamente Ativa (PEA) do Brasil era do sexo feminino. Segundo os dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD), em 1999, elas já

acessar o mercado de trabalho, entende, como algo benéfico, porém apesar de toda mudança neste aspecto ainda havia problemas relacionados à falta de reconhecimento dos direitos trabalhistas, como carteira assinada, a maioria possuíam contratos precários, este fatores dificultaram sua aposentadoria, outro fator que contribuiu para não se aposentar foi à imposição do marido, que em nome de uma visão patriarcal e machista, pediu que ela abandonasse a profissão de professora, isto foi reforçado quando ele descreveu como que as mulheres na época, que trabalhavam fora de casa, eram vistas pela sociedade Brasiliense ou por uma parcela dela. “Eu era ingênua. Se fosse hoje, não teria abandonado o trabalho, eu deixei de ser ingênua quando comecei a participar deste grupo, descobri coisa que eu nem sabia que existia, viajei muito, fiz muito curso, foi aí que eu fiquei sabendo o que são as coisas do mundo, outra vida bem diferente do que eu levava”.

O fato de se considerar ingênua reflete que acreditava nos preceitos estabelecidos pela sociedade vigente e por aquilo que era considerado importante para o seu marido, ou para a manutenção do casamento. Entende que o envelhecimento e o ser velho estão na entrega que a pessoa faz nesta fase da vida “Ser velho é a pessoa se entregar é a pessoa viver só em casa, é não ter amigos, não procurar um grupo como esse”, está entrega se refere ao isolamento, fala da importância do grupo para sua vida atual “quando comecei a participar deste grupo, descobri coisa que eu nem sabia que existia, viajei muito, fiz

representavam 41,4% do total da força de trabalho. Um exército de aproximadamente 33 milhões. Em 1997 elas ocupavam 36,7% das vagas existentes. Quatro anos depois, em 2000, mais 62 mil mulheres ingressaram pela primeira vez no mercado, aumentando a participação em 1,1 pontos percentual. Analisando este fenômeno, temos que levar em conta um universo muito maior, pois há uma mudança de valores sociais nesse caso. A mulher deixou de ser apenas uma parte da família para se tornar o comandante dela em algumas situações. Por isso, esse ingresso no mercado é uma vitória. O processo é lento, mas sólido. Outra peculiaridade que acompanha a mulher é a sua “terceira jornada”. Normalmente, além de cumprir suas tarefas na empresa, ela precisa cuidar dos afazeres domésticos. Isso acontece em quase 90% dos casos. Em uma década, o número de mulheres responsáveis pelos domicílios brasileiros aumentou de 18,1% para 24,9%, segundo os dados da pesquisa “Perfil das Mulheres Responsáveis pelos Domicílios no Brasil”, desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Probst, 2015).

muito curso, foi aí que eu fiquei sabendo o que são as coisas do mundo, outra vida bem diferente do que eu levava”.

Aqui o ser velho está condicionado a uma vida antissocial, “é a pessoa se entregar, ficar só em casa, não ter amigos”. Ao continuar o discurso informa que frequentar o centro de convivência foi um aprendizado, deixou de ser ingênua, descobriu um mundo novo, com coisas que não sabia que existam, estas coisas estão ligadas ao reconhecimento do próprio corpo, de trabalhos manuais “fui fazer flores”, de se sentir útil e produtiva. Informa que toda esta nova perspectiva começou com insistência de uma amiga que já frequenta o centro, caracterizando aí uma rede de apoio, que se complementou com a participação das filhas. Elas a levavam de carro para participar das atividades oferecidas, e essa mudança contribuiu também para melhoria da qualidade de vida e especial da saúde, e a prática de outras atividades para além daquelas que a função do lar impõe no cotidiano.

Historicamente os idosos vivenciam a segregação social e comumente vivem excluídos dos ambientes de relações interpessoais, especialmente a partir de suas aposentadorias, quando perdem ou diminuem seus vínculos de amizades. Vale destacar que as diferentes esferas do governo, federal, estadual e municipal, possuem a responsabilidade de proporcionar condições para que a pessoa idosa permaneça no espaço familiar e social. Durante muito tempo, esse contingente populacional foi desassistido de benefícios legais. Assim, a Política Nacional de Atenção ao Idoso é lançada em 1994,¹⁰ com o

¹⁰ Entretanto, tais políticas ainda são recentes e não está contemplado por parte do governo e da população em geral e ainda hoje o preconceito se constitui em um dos maiores empecilhos para uma vivência plena e ativa da terceira idade. Considerando isso, os grupos de idosos surgem ainda na década de 1970 em São Paulo, por meio do Serviço Social do Comércio (SESC) como uma forma alternativa de participação social e, com o tempo, difundem-se a experiência para todo o país. Diante desses aspectos, os municípios têm sido desafiados a proporcionar a esses segmentos populacionais uma assistência de maior qualidade, que ultrapasse o âmbito da caridade e da segregação. Essas questões demandam novas formas de pensar e operar o trato com idosos, exigindo uma ação articulada entre os governos em todos os níveis, os profissionais do campo da saúde e da assistência social e da sociedade como um todo. Especificamente em relação aos idosos, a atividade de natureza grupal assume importância relevante neste contexto propiciando um espaço de escuta e o exercício de socialização entre este contingente populacional. (Dalmolin *et al.*, 2011, p. 4).

intuito de assegurar os direitos sociais desses indivíduos (BRASIL; 2010). Em 2003, após anos de trâmite no Congresso Nacional, o Estatuto do Idoso finalmente é aprovado trazendo em seu IV parágrafo a necessidade de viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso com as demais gerações (BRASIL; 2010).

Na obra “*A Obscena Senhora D*” da escritora Hilda Hilst, a segregação aparece de forma diversificada para cada personagem. A personagem Senhora D se configura com uma face negativa na sua relação com a vida, pois ela é um ser que se oculta, pois passou a viver no vão da escada, com a casa trancada, e se mostra para a vila por meio de máscaras: “abro a janela enquanto ele se afasta invento rouquidões, grunhidos coxos, uso máscaras de focinhez e espinhos amarelos” (Hilst, 2001, p. 32). Sua intenção é mostrar a face negativa para a vila por meio do isolamento social da velha senhora, por meio de atitudes pouco ortodoxas: “então escuta, aqui na vila me perguntaram por você todos os dias, eles me veem trazer o leite, a carne, as flores que eu te trago, querem saber o porquê das janelas fechadas, tento explicar que a Senhora D é um pouco complicada” (Hilst, 2001, p. 18). Já para Ehud (o marido morto) ela demonstra a face positiva que quer ser aceita, compreendida e quer também compreender sua existência: “também não compreendo o corpo, essa armadilha, nem a sangrenta lógica dos dias, nem os rostos que me olham nesta vila onde moro, o que é casa, conceito, o que são as pernas, o que é ir e vir” (Hilst, 2001, p. 21). Os personagens não pertencem a nenhum grupo social, não possuem vínculos afetivos com outros idosos.

Os grupos de convivência têm sido uma alternativa estimulada em todo o Brasil. De maneira geral, inicialmente os idosos buscam nesses grupos melhoria física e mental, por meio de exercícios físicos. Posteriormente, aumentam as necessidades e as atividades de lazer, como as viagens. Também ganham espaço, além do desenvolvimento de outras atividades, sempre promovendo atividades ocupacionais e lúdicas (Wichmann *et al.* 2013).

Outro participante do centro de convivência Talles com seus 75 anos, informou que nasceu em Minas Gerais. Saiu de lá com treze anos de idade. Ele disse o seguinte: “fui para uma cidade chamada de Salto Grande. Estava construindo uma Hidrelétrica muito

grande; de lá fui para o Rio de Janeiro, de lá para São Paulo, de lá para Mato grosso, depois voltei para São Paulo. Estudei um pouco, sou casado no padre, pela lei viúvo, casado há trinta anos, tenho um filho com 27 anos, tenho neto e uma filha que adquiri com outra mulher, gambiara. Sou aposentado, trabalhei como caminhoneiro e comerciante; como caminhoneiro transportei de tudo que aparecia, eu trabalhava em empresa transportadora; uma vez vergalhão de ferro, outra vez carga mista, arrame farpado, ferradura, querosene, para todo Brasil, onde a empresa mandava a gente ía. Depois que aposentei trabalhei doze anos em uma mercearia”. Ele demonstra sua velhice por meio de um sentimento de bem-estar: “eu me sinto é bem graças a Deus, me dá estes anos de vida toda, e vai me dá mais ainda; eu me sinto feliz porque quanta gente não chegou na minha idade; eu tô aí para contar a história”, sua fé aparece como fonte de gratidão a Deus. O Talles ainda disse que não percebe mudança nesta fase da vida “Eu me considero a mesma pessoa, toda vida calma, nunca fui de arrumar confusão nenhuma, nunca fui de sair de coleguismo pela rua”. A velhice está associada a um bem-estar, a uma dádiva dada por Deus, que trouxe dias a mais de vida. Ele considera que o envelhecimento não trouxe mudanças, se reconhece como a mesma pessoa de quando era jovem, com o mesmo comportamento, com a mesma índole.

Segundo Scortegagna & Oliveira (2012), as alterações culturais ocorrem a partir do momento em que os idosos passam a recusar a visão pejorativa que a população apresenta acerca da velhice e começam a se mostrar como verdadeiros atores sociais, capazes de mobilizar a sociedade, na busca de um reconhecimento social, cultural, político e econômico. A constituição do indivíduo ocorre quando este se estabelece consigo mesmo, conseguindo atingir prazer pessoal pelo que representa ou pelo prestígio social que atinge por meio de sua atividade. “É verdade que o sujeito não pode ser apenas defesa e luta; é também afirmação, felicidade, sucesso. Mas não é o arquiteto de uma ordem ideal: é, isto sim, uma força de libertação” (Touraine, 1998, p. 103).

A representação do papel de provedor surge na sua fala, pois mesmo depois de ter aposentado, continuou a trabalhar no comércio para complementar a renda do lar. Esta é uma condição que foi historicamente imposta ao gênero masculino e hoje este papel também é desempenhado pelas mulheres. Isso porque muitos idosos utilizam sua

aposentadoria para sustentar filhos e netos, necessitando muitas vezes retornar ao mercado de trabalho. Demonstra ter tido várias relações com mulheres, um primeiro casamento do qual ficou viúvo e uma relação extraconjugal “*gambiara*” da qual gerou uma filha¹¹.

Ao aposentar muitos idosos já não possui a casa própria, porém para muitas famílias o que ele recebe é que mantêm o lar. Em muitos casos a aposentadoria nem sempre é suficiente para a manutenção do lar, o que obriga os idosos a retorna ao mercado de trabalho, ou busca uma atividade informal que complemente a renda. Percebe-se que para alguns homens o papel do provedor não munda na velhice.

Sobre o papel de provedor constitui-se em algumas sociedades como uma forma de representar a masculinidade no espaço público de atuação do homem. Porém, há que se pensar que o papel do “machão” vem sendo alterado em algumas culturas. Um indicativo disto é o cuidado com o corpo, que hoje é uma preocupação de uma grande parcela da população masculina, não só no sentido de ficar malhado, mais de se manter jovem e com saúde.

Embora já tenha se falado do gênero anteriormente, foi necessário retomar esta temática relacionada à velhice, por ser necessário elucidar alguns aspectos ligados ao homem que envelhece. Desse modo, não há como negar a forte influência das questões de gênero que envolve os papéis, valores e padrões sociais e culturais edificados e definidos pela

¹¹ A aposentadoria possibilitou ao idoso uma segurança maior de renda. Embora sujeita a gastos imprevistos com remédios e demais tratamentos de saúde, esta parcela da população possui hoje melhores condições financeiras do que os mais jovens. No Brasil a renda do indivíduo decaía após os 60 anos (quando ocorre a aposentadoria), a pobreza entre esta parcela da população diminuiu (50% entre 1983 e 1998). Houve uma redistribuição intergeracional da renda do idoso. Assim, é possível observar que famílias pobres ou que se aproximam da linha de pobreza que convivem com seus idosos, dependem diretamente da renda destes para obterem melhores condições econômicas. (Coutrim, 2006, p. 368).

sociedade em sua evolução histórica, na conclusão de como pode ser o masculino na velhice.

Crasso, o personagem de Hilda Hilst aparece na sua obra *Contos d'escárnio. Textos Grotescos*, segundo livro da trilogia obscena. Aos 60 anos de idade, representa bem a relação de gênero na velhice, pois seu olhar é heterossexual, machista, que procura definir o lugar da mulher enquanto objeto de desejo. Percebe-se que esta é uma construção cultural que se dá ao longo da vida, e que pode se manter na velhice.

Para continuar se afirmando como homem em plena velhice, Crasso refaz o percurso histórico da sua vida de “super-homem”, dotado de um órgão de proporções insólitas e de potência sexual ilimitada, sutilmente sugerido no nome do narrador Crasso (“grosso”, que também pode remeter a “grosseiro”, “bruto”), de quem parte a reveladora afirmação: “O que eu podia fazer com as mulheres além de foder?” (Hilst, 2002, p.18). Hilst deixa clara sua explicação em relação aos gêneros, pois seus personagens agem em conformidade com os padrões estabelecidos pela sociedade para homens e mulheres em relação aos seus papéis sociais, inclusive no que diz respeito ao afecto: “Será que ando sentindo amor? Meu Deus, isso vai me brochar para sempre”. (Hilst, 2002, p. 87).

A sensibilidade que é geral é ligada ao mundo feminino, surge aqui referida ao mundo masculino. É possível verificar a intenção de Hilst de questionar como os homens que envelhecem se vêem em relação a sua sexualidade ou como a sociedade pode vê-lo. A referência que faz a possibilidade de disfunção erétil era algo pouco discutido pela sociedade da época. A seguir verifica-se o que disse a Tila sobre Ser Velho. A Tila, com seus 68, nascida em Minas Gerais, informou que estudou magistério e deu aula muitos anos. Aposentou após trabalhar muitos anos como professora. Frequenta o centro de convivência há pouco mais de um ano. Ao falar sobre o envelhecimento foi logo agradecendo a Deus, e disse: “Pra mim ser velho, eu agradeço todo dia a Deus pelos meus 68, eu vejo tanto jovem desfazendo de velho, a gente tem que agradecer chegar essa idade, minha mãe morreu com 67 anos, mais quando olho no espelho eu digo tô ficando velha, eu olho as rugas, mais eu sou de bem com a vida. Vou até operar dessas bolsas ao redor dos olhos, tá pesando meu olho”.

Falou do preconceito que percebe existir em relação à velhice feminina, e disparou a falar da sua preocupação com o corpo, especificamente em relação à aparência. Em seguida, retomou o tema da velhice “a velhice trouxe muita experiência, exemplo de vida, a minha velhice tá muito melhor do que os quarentas e cinquenta anos, eu viajo, eu bordo, muito melhor minha vida, aos cinquenta anos eu conheci Jesus Cristo me tornei evangélica, aí minha vida ficou muito melhor”.

Ao falar da velhice se diz grata por ter chegado até a idade que possui, faz certa comparação com a mãe que morreu aos sessenta e sete, enquanto ela já chegou os sessenta e oito anos. Reconhece ao olhar no espelho as características da idade como rugas e a bolsa com as pálpebras caídas ao redor dos olhos, não se conformar com o que vê, por isso fará uma cirurgia plástica para correção ou melhorar a sua aparência, embora perceba as alterações corporais, principalmente aquelas ligadas à imagem do que reflete no espelho, diz sentir-se bem com a idade que possui.

Afirma também que a velhice é exemplo de vida, experiência. O fato de ter conhecido Jesus Cristo é um marco importante, ter trocado de religião do catolicismo para o protestantismo, nas suas palavras, fez com que sua vida ficasse ainda muito melhor, pois pertence a um grupo social da igreja que se fala todo dia pelo Whatsapp. Relata na sua vivência já ter visto jovens desfazendo de alguns velhos.

O discurso de Tila deixa claro que mesmo na velhice se mantém abertas as novas possibilidades nesta fase da vida. Sua crise de idade se mostra, mas não está passiva, esboça reação diante dos conflitos e questionamentos que agora faz sobre si, e sobre ser velha. O medo do preconceito talvez seja o que a motiva para a intervenção nas pálpebras, pois quer ser aceite inclusive pelos mais novos.

O reconhecimento da velhice passa por formas singulares de manipular a idade. O que algumas mulheres desejam é poder retardar o avanço do tempo, por meio do controle do corpo, e hoje existem várias possibilidades que contribuem para que isso ocorra: a cirurgia plástica, os cosméticos, a atividade física, e os mais diversos tipos de dietas.

Algo semelhante acontece com a personagem senhora D da escritora Hilda Hilst, que também se mostra em crise em relação ao envelhecimento, e também sofre preconceito por não ser aceite pela vila onde vive:

A vizinhança é sempre horrenda “eu e a Lazineira, dois bumbo se batendo, sabe Antônio, a vida é tão cheia de tranquera, porca sapa velha, que se a gente não enche o bucho e não dá uns mergulho nos buraco das mulhé, vezenquando uns murro numas gente, cuspidas escarradas, uma paulada no cachorro, esses descanso, se a gente não faz isso Antônio, a vida fica triste”. (Hilst, 2001, p. 41).

No caso da personagem de Senhora D, existe um conflito com a vizinhança, pois ela é vista como porca, como sapa. Eles se referem às manchas de senilidade que aparecem na pele com o avanço da idade, e trazem mudanças corporais. Fica claro no trecho o preconceito que sofre a personagem Senhora D, pelos moradores da vila, por ser velha, o que conflui com o que Tila já presenciou em relação à velhice.

Uma velhice relacionada ao declínio. É assim que Tami fala de suas limitações que o tempo imprimiu, fragilizada pelas morbidades que afetaram seu corpo. Também mostrou preocupação em manter a memória ativa, e que de certa forma, alguns destes problemas surgiram em detrimento da relação de codependência que desenvolveu em função do marido alcoólatra. Informou que:

“Ser velho a pessoa chega a certa idade, quando é novo faz tudo que acha que tem direito e que não tem também, chega parte da idade tem muita coisa que não consegue fazer, chega certa idade, a artrose, começa as dores, osteoporose, a mentalidade se você não desenvolver atrofia, vem à perturbação, o cansaço de vida, eu cuidei de uma pessoa muito tempo doente, e isto me perturbou muito emocionalmente, eu pedia pra ele não beber e ele bebia. A velhice trouxe dores que eu tenho artrose”.

A velhice configurada como algo negativo, associado a limitações físicas e a presença de dores por conta da artrose e osteoporose, também aparece como resultado de um

tempo de sofrimento em função de ter cuidado do marido alcoólatra. A perturbação mental que refere diz respeito ao estresse e depressão que passou pelos anos de codependência que teve com o companheiro¹². A codependência é conhecida por se configurar como problemas emocionais característico de familiares que possuem uma convivência direta com dependentes químicos. O codependente em geral precisa ser tratado, pois na maioria das vezes entra em sofrimento psíquico.

Ao começar a falar da velhice, Toinha brinca com sua idade: “tô novinha”. Com seus 78 anos, deixou escapar com certo entusiasmo “nasci em Goiás. É um paraíso”. Sua história faz referência ao lugar onde nasceu e viveu na infância, parece remeter ao “paraíso perdido”; “fui criada sem o pai, só com a mãe criando bastante filho, e era difícil, fui criada na roça, não tinha professor, trabalhar não trabalhava, mas vivia na roça, depois quando vim para a cidade trabalhei como costureira. Fui abandonada pelo marido”. A vida com a mãe foi difícil, pois o pai abandonou a família, e também foi abandonada pelo marido, que a deixou por causa de outra mulher.

Konder afirma que todo passado está carregado de possibilidades de futuro que se perderam e que teriam (ou têm) para nós uma significação decisiva: Benjamin sublinha a importância desse “futuro do pretérito” na rememoração histórica “É aí que o tema da infância assumia um papel fundamental: cada um de nós tem a possibilidade de rememorar sua própria infância, que é uma história que lhe é íntima, que pode lhe abrir segredos preciosos, que pode funcionar como um centro especial de treinamento para o sujeito desenvolver sua sensibilidade e sua capacidade de resgatar significações obscurecidas que ficaram no passado.” (1988: pp. 55-56).

¹² Para tratar a codependência participa do grupo de terapia que funciona uma vez por semana no centro de convivência com uma psicóloga. Embora esteja viúva há três anos, as marcas do tempo de sofrimento ainda não se dissolveram, e agora na velhice começam a pesar mais ainda. Sua luta atual é para modificar seu estilo de vida, pois quer resignificar os vínculos familiar e social. Ainda Tami está lidando também com o luto da perda. No momento se mostra vulnerável em qualquer situação, hora se sentindo culpado pelo sofrimento do doente e da sua situação familiar, hora acreditando que é vítima das atitudes do dependente químico.

Toinha ao descrever o envelhecimento utiliza a seguinte metáfora: “velho é o passado, é como se fosse uma estrada velha, você passa a máquina ela fica novinha”, e em seguida explica “o velho, o idoso, ele acaba as forças, eu julgo, por mim tem nove anos que eu fiz a cirurgia da coluna”. Ser velho aparece ligado ao sofrimento da coluna, ao fato do tratamento não corresponder sua expectativa “fui nervosa para a consulta, a coluna doendo, deitada no carro, quando eu cheguei a minha era vontade de pegar no pescoço dele (médico)”, demonstra certo descaso em relação à escuta pelo profissional de saúde, em especial no que diz respeito à medicalização: “ele perguntou se eu estava só e eu disse, eu tô com Jesus, ele passou a conversar com a minha neta, aí ela falou, que vai decidir sobre a cirurgia é a minha avó, aí ele voltou a falar comigo, e aí eu perguntei: tem remédio pra dor? Tá com oito anos que fiz a cirurgia, eu tô com muita dor”. Entende ser a cirurgia proposta um risco de limitações ainda maiores do que já possui, com risco de ficar acamada e totalmente dependente de alguém para ajudar a realizar as atividades da vida diária “a cirurgia é de alto risco? eu posso ficar aleijada? na cadeira de rodas? na cama com alguém dando banho em você? Eu disse por que não me mata logo, eu disse doutor eu não vou fazer a cirurgia, eu sou filho de gente, eu gosto de gente, eu quero sair, ver gente”. Sua recusa pela cirurgia trouxe nova perspectiva, pois possibilitou a troca do médico que a acompanhava antes, bem uma medicação mais eficaz, que permitiu que retornasse para as atividades físicas no centro comunitário, com a fisioterapeuta, na segunda e quarta-feira.

O corpo surgiu na fala de Toinha como algo distante, como se fossem metáforas que se configuram como algo real, meio simbólico, meio profético, por meio das palavras “aleijada” e, em outro momento, “cadeira de rodas”. As metáforas em Hilst trazem a representação do corpo que aparece de maneira simbólica e faz referência a animais como: a sapa, A Senhora P (porca), girafa, zebu, percebe-se jogo metafórico na visão de Hilst. O jogo metafórico brinca com o corpo há algo deformado, muito próximo a um animal. “É uma sapa velha, Viu a pele pintada? É sarda. Ainda tem boas tetas. Credo, teta de sapa” (Hilst, 2001, p. 40). Em outro momento, a visão animalesca também aparece como sinônimo de força para se erguer e lutar pela sua existência como fazem os animais, contra a inércia de uma velhice condicionada a morbidade: “Se sou zebu também caminho aos bandos sendo girafa olho alto” (Hilst, 2001, p. 27).

Outra metáfora é o título, “A Obscena Senhora D”, a obscena enquanto palavra para dá sentido ao discurso serve para indicar o comportamento da velha senhora que passou a viver no vão da escada. A simulação obscena rompe com a regra de ouro da pornografia, a chamada simulação realista. Na verdade enquanto composição literária o obsceno na obra de Hilst, esvazia o conteúdo sexual imediato.

A letra D que aparece no título do livro citado acima se refere à palavra “derrelição” que significa abandono ou desamparo. No Direito o Código Civil de 2002 conferiu, nos §§ 1º e 2º do artigo 1.276, que é entendido como abandono voluntário de coisa móvel com a intenção de não mais a ter para si. A letra D também representa um arco/curva, que metaforicamente remete ao peso do tempo, da velhice, que imprime modificações físicas no corpo. Veja o trecho a seguir: “Hillé, foi apenas uma letra D, primeira letra de Derrelição, doce curva comprimindo uma haste” (Hilst, 2001, p. 29). Tanto no caso de Toinha como para a autora Hilda Hilst, a metáfora é uma maneira de chamar a atenção para a velhice, deixar claro que está é uma fase de várias possibilidades de reconhecimento e representações. A metáfora serve então como uma possibilidade de fugir da dor existencial que alguns passam nesta fase da vida seja ela física ou emocional.

A dor e a tragédia configuram a velhice de alguns indivíduos, que pode paralisar física e emocionalmente, principalmente em situações nas quais o sentimento de impotência diante das situações que se apresentam é evidente. Todavia, de alguma maneira, há aqueles que conseguem superar, devido a uma sólida ligação com o mundo que os envolve. Assim, daqueles que são submetidos às adversidades da vida na velhice, alguns conseguem tirar forças dos momentos de fraqueza, como se tivessem um reservatório biopsíquico, principalmente quando o meio social lhes propicia alguma ajuda tornando a realidade suportável, como é o caso do apoio vindo de grupos religiosos da própria fé do sujeito. Deste modo, a religião pode dar este suporte, pois ela anima as pessoas a participarem de grupos e da comunidade, o que faz com que o sentimento de pertença aflore, inserindo o sujeito na vida social (Gomes, 2003).

Contrário à dor na velhice, Luca trouxe uma visão glamurosa “hoje eu me sinto como uma menina, eu me visto como uma mocinha, não sei me vestir como velha, eu sou a mesma, e eu me adapto a qualquer coisa, sai uma moda eu vou atrás”. No auge dos seus 73, continuou contando que a velhice “é uma passagem de muitos anos”, O reconhecimento da velhice aparece apenas como uma passagem do tempo, “o envelhecimento traz muita coisa boa, a pessoa fica livre, anda pra caramba, mais tem um lado que adoce, eu não me sinto velha não”. Ao refletir como se sente em relação a esta fase da vida, mostra-se jovial, até na maneira de vestir-se, e entende que a tecnologia e a moda são algo importante para as relações sociais.

Blessmann (2004, p. 22), ao falar do corpo na velhice, indica que ele (o corpo), também pode assumir uma conotação simbólica que resulta das construções sociais, cuja imagem ideal é a da saúde e da beleza associadas à juventude. Isso ocorre porque através da linguagem o corpo se apresenta como portador de sentido, em uma condição de signo possível de ser interpretado, já que faz referência a um conjunto representativo mental que vai além da constituição orgânica.

O corpo na velhice, tema sempre frequente nas obras da escritora Hilda Hilst, aparece também na fala de Luca. O corpo para Hilst surge como armadilha, a finitude dos dias. “Ela Hillé (Senhora D), revisita, repassei-a suas perguntas, seu corpo.” (Hilst, 2001, p. 43). Para Luca o corpo surge como possibilidade de beleza de mudança positiva da sua imagem. Percebe-se que a *hexis* em Hilst tem o importante papel ao falar do corpo – o atual e o antigo, o novo e o velho, o corpo então aparece em vários momentos de suas obras, pode-se citar aqui o livro *A Obscena Senhora D*, em que o corpo aparece como o corpo de Deus, o corpo da Senhora D, o corpo da porca, o corpo do menino Louco, o corpo de Ehad, esta exacerbação de fala do corpo na velhice, possui a intenção de mostrar que as pessoas, em suas relações sociais, procuram identificar no corpo de alguém características que permitam identificação com seus pares, para poder se apoiar ou se agrupar com o desejo de serem reconhecidos enquanto sujeitos.

O aposentado Lito, hoje com 68 anos, que está em busca de ser reconhecido enquanto sujeito nesta fase de sua vida, disse ter nascido no Estado da Bahia. Ao falar do papel do

velho, indica que este deve saber qual é o seu lugar “Ser velho é ser bem conscientizado do que você faz; trabalhar sem problema com ninguém”¹³, não criar problema com ninguém, aparece por meio da frase, como se o velho tivesse que saber qual o lugar que deve ocupar, mas existe um lugar para o velho na sociedade? E na família? Qual o seu lugar na casa? O homem que se aposentou qual o seu lugar? É no sofá, posto que em geral a mulher se envolve nos deveres da casa, e reconhece que a cozinha muitas vezes é seu espaço de atuação, pois na velhice as representações de papéis relacionadas ao gênero não se diluem, elas se mantêm, e o homem na busca de um lugar nesta fase da vida, acaba indo para o bar, ou para a mesa de jogo. Neste caso, ele descobriu o centro de convivência, aprimorou a fé no catolicismo, e ocupa o tempo ajudando a família, levando e trazendo os netos na escola, ou seja, continua cumprindo seu papel social de contato com o mundo.

O ser velho se mantém na perspectiva social, em que os papéis masculinos e femininos não são alterados, o que se espera é que eles cumpram o que está determinado para homens e mulheres na velhice. Porém no caso dos homens com o avançar da idade surge-se a dependência, o que leva este homem a ocupar um lugar na casa que antes era um espaço destinado a mulher, estas mudanças podem muitas vezes ser geradora de conflitos.

A velhice para Liza aparece como mais uma fase da vida, “é que eu já vivi a infância a adolescência, a mocidade e agora que eu cheguei à terceira idade, eu achei bom”. A

¹³ O ser velho aparece na perspectiva social dos papéis que homens e mulheres desempenham ao longo da vida e podem ou não se manter, uma vez que são vivenciados de maneiras distintas no processo de envelhecimento. No que se trata da trajetória histórica da velhice, podemos perceber que, mesmo nos momentos em que o velho tinha destaque, era apenas ao homem que era valorizado era por ocupar lugares em que apareciam em destaque na sociedade, muitas vezes ligados ao trabalho, ou a uma função pública, cabendo à mulher envelhecida o cuidado com a família (filhos e netos). Esta relação de dominação masculina se inverte quando a idade avança em que o homem começa a ficar cada vez mais dependente e passa a ocupar lugares na casa em que antes era de domínio exclusivo da mulher, isto pode ser ao gerador de conflito entre o casal, mesmo na velhice (Costa *et al.*, 2003).

velhice segundo ele trouxe de bom os filhos e de ruim as doenças “é que eu fiquei doente, diabética, hipertensa, com problemas visuais”. É importante relatar que as doenças associadas à velhice, inclusive a dificuldade de enxergar, são resultados da falta de autocuidado e de negação das doenças ao longo da vida, pois não seguiu as recomendações médicas o que gerou complicações com o avanço das doenças crônicas.

Na entrevista, Liza contou que estava com 69 anos e vai fazer 70 no final do ano, em seguida referiu ter pouco estudo. Continuou falando sobre sua vida, afirmou:

“Aprendi sozinha a escrever meu nome, agora eu estou estudando. Fui criada na roça, com muita dificuldade, meu Pai tinha muita discussão com minha mãe, batia nela, eu quando nasci quase morri, nasci deste tamanhinho, ela teve aquela febre cumprida, a criança não tomava leite, mamava na mãe e ela com febre não podia mamar, meu pai tinha batido nela, tive religião graças a minha avó. Nasci na cidade de Goiânia, estado do Goiás. Eu vim pra Brasília em 71, mais tinha muito problema na cabeça eu vivia chorando. Sou casada fiz quarenta anos, casei uma vez só, encontrei este rapaz aqui me Brasília, eu entrei na escola e conheci ele e casamos, namorei outro”.

A violência foi algo marcante na vida de Liza, o que causou vários traumas. Nasceu prematura, com várias complicações. A avó foi uma âncora para amparar seu sofrimento e esteve ao seu lado nos momentos de depressão. Foi de quem herdou a religião católica, que lhe ensinou os preceitos que segue até hoje. Fica claro o papel da transmissão da cultura por meio do papel do idoso em alguns lugares do país.

O envelhecimento é considerado por ela apenas como uma fase cronológica da vida, “ser velho é uma pessoa que já passou da idade”, atrelada à condição de aposentada “a velhice tava muito ruim, mais depois que eu recebi essa bênção melhorou muito não vivo mais mendigando”, o que trouxe melhoria da estima, pois não se reconhece mais como mendiga, pois antes dependia do benefício do marido e de alguns presentes dado pelos filhos. Ela afirmou que:

“Aposentei, mas foi uma luta, eu trabalhei em uma casa e quando eu saí, eles me orientaram, minha filha continue pagando seu carnê do Instituto Nacional da Previdência Social (INPS), eu continuei, quando fui aposentar, que fui atrás quase morri, só tinha os quatros anos que paguei, aí não conseguia aposentar, o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) informou que eu

tinha que contemplar o tempo de contribuição por idade, eles disseram que eu não preciso, que não tinha nada, falaram que eu já tinha marido, os filhos me disseram que não precisavam que tudo que eu precisasse, eles me davam, aí eu orei a Deus, e falei que eu era pequenininha, eu me humilhei a Deus, e pedindo que se eu pudesse receber essa bênção, um dia assistindo a canção nova eu rezando todo dia o terço, aí revelado que tinha uma pessoa que tinha pedido pela aposentadoria e que iria receber, aqui eu confirmei que fui eu, a menina que reza disse que tinha tido uma visão, que tinha uma pessoa, que tava pedindo uma aposentadoria, e ele disse você que taí abre sua mão, o padre disse fecha sua mão e recebe, e eu senti o espírito santo me queimando. No dia 31 de outubro aquela voz me acompanhou arruma suas coisas direitinhas e vai busca sua aposentadoria, organizei tudo fiz um café e fui lá, cheguei lá na hora e peguei uma senha e falei vou aposentar por idade, o moço chegou pegou meu documento e foi lá pra dentro e mexeu no computador e demorou, aí eu falei, ai meu Deus do céu, agora perdi minha identidade, depois ele voltou e falou a senhora foi tão injustiçada, ele pegou as folhas escrito ele disse organize os documento e vou agendar pro dia oito de novembro, quando cheguei em casa eu disse meu filho não fale nada, só arrume como o homem pediu, eu fui no dia oito a moça pegou meus papel, eu tava tão nervosa, até hoje tenho problema de nervo, aquele tanto de papel para assinar, parece que Deus pegou na minha mão, fui pra casa, no dia primeiro de dezembro chegou uma carta do INSS, dizendo que eu tinha sido aprovada, me aposentei, eu disse: senhor, que eu, eu faça parte desta obra, eu contribuo para a Canção Nova”.

A conquista da aposentadoria era algo muito desejado, e colocou sua fé em ação, pois entendia que este benefício a ajudaria a suprir suas necessidades na velhice. O fato de ter um benefício lhe assegura independência.

Liza mostra que é possível a longevidade. “Ser velho a gente já viveu muito graças a Deus, coisas boas e coisa ruim, eu sinto satisfeita com essa turma de idoso do centro de convivência, a gente passeia muito, estamos vivendo”, o centro de convivência aparece como ponto de apoio para vivenciar esta nova fase da vida. O histórico dos grupos de convivência de idosos brasileiros remonta à década de 70, quando o Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo iniciou um programa para a terceira idade. Desde então, os grupos de convivência de idosos vêm proliferando em clubes, paróquias, associações comunitárias, centros de saúde e instituições de ensino superior.

Para Lola a velhice aparece como uma mescla de momentos bons e ruins possui a ideia de que o passar do tempo não está ligado à longevidade e sim ao processo de finitude da vida “Ser velho em alguns pontos é bom em outro é terrível, o bom é que a gente já

viveu alguma coisa boa, já passou muita coisa boa e ruim também, mas a gente passou, o terrível é que vem chegando uma doença aqui outro ali, certo de que tá chegando perto do último dia”.

As representações sociais que os idosos têm sobre a morte repercutem na forma com que eles lidam com esse fenômeno em seu dia a dia. Elas orientam sua conduta e organizam suas práticas sociais, pautando-as em valores e crenças coletivas com as quais compartilham que por sua vez foram construídas em suas histórias de vida com experiências e informações significativas para eles (Santos & Carlos, 2003, p.78).

Hilda, ao falar da finitude, traz em seu texto aspectos ligados a transitoriedade da vida conflui com a preocupação de Lola neste aspecto, que é a única certeza: a vida material é transitória, finita. Então se percebe que ao tocar neste ponto a autora mostra que os velhos consideram esse fato somado ao mistério do além-morte, como uma fonte de angústia. “Um menino louco, vamos dormir vem, sim vamos dormir como é o Tempo, Ehad, no buraco onde te encontras morto.” (Hilst, 2001, p. 39). A preocupação com a morte – o mistério da morte é crucial, pois se torna em determinado momento o debate entre a culpa de ser pecadora e a esperança de salvação. “Só gente velha é que morre. Você vai ficar velho também. Eu não.” (Hilst, 2001, p. 43). É possível perceber que Lola assim como Hilst busca expressar claramente as incertezas que vivencia; e por isso questionam, temem a efemeridade do mundo material e as dúvidas quanto ao mundo espiritual¹⁴.

A velhice para Lara aparece retratada de duas maneiras: ativa e passiva. No primeiro caso, se refere à própria velhice “Ser velho pra mim, eu acho assim, é a pessoa não querer sair de casa, não querer sair, não participar de uma comunidade como essa aqui,

¹⁴ O *Carpe diem* aparece na obra como a possibilidade de na velhice se possa viver o momento presente – significa “colher o dia” – traduz a ideia de viver intensamente o momento presente, pois a vida é fugaz, e o futuro, incerto. “Suas obsessões metafísicas não nos interessam, Senhora D, vamos falar do homem aqui agora.” (Hilst, 2001, p. 26).

eu não me acho velha, o médico me pergunta assim quantos anos você tem? Eu digo doutor eu tô querendo fazer quinze anos”. No segundo caso, aponta para a velhice dos outros: “eu acho que a velhice tá na cabeça de cada um, ou se você aceita a dor e não faz nada pra melhorar”; o velho é o outro. O fato de não poder andar melhor arrumada, em relação a ter um melhor vestuário, é uma preocupação que indica um cuidado com a aparência e com o corpo. Ela afirmou que: “A velhice muda, muda a fisionomia, é porque eu não tenho condição de andar arrumada, de fazer uma unha, de arrumar o cabelo. Se eu tivesse uma roupa descente, um sapato eu ia dançar, eu me divertia, eu digo, meu Deus eu não aceito essa velhice”, o que parece dificultar sua participação em alguns espaços de convivência e considera não esta adequada para o convívio social. Em relação à sua imagem reconhece que ainda é jovem: “Esta é uma questão subjetiva, que é própria de como cada um percebe seu envelhecimento”.

Foi possível perceber que ao se apresentar, Lara começa por descrever sua luta em relação a sua manutenção diária, pois recebe do governo uma bolsa para sustento que é menor do que um salário mínimo. O fato de não ser aposentada e ser separada do marido dificulta sua rede de apoio econômico.

“Tenho 61 anos, nasci no Estado do Pará na cidade Benfica uma colônia Portuguesa, tem trinta e cinco anos que eu vim pra cá, (Brasília), já morrei em Goiânia, só que meu problema é o seguinte eu nasci lá só que me registraram aqui em Brasília, ainda quero arrumar esta porcaria deste documento. Não sou aposentada vivo com a bolsa família duzentos e quarenta e cinco reais, faço de tudo para economizar, mais volta tudo para o governo, tem o Imposto Predial Territorial Urbano (IPTU), água e luz, se sabe que tudo é caro. Sou solteira vivi dezoito anos com os pais do meu filho, depois separei, tenho cinco filhos, três homens e duas mulheres, tenho doze netos”.

Lara relatou uma velhice de luta e determinação pela sobrevivência diária. Mesmo com todas as dificuldades que tem passado, se mantém firme em seguir em frente no processo de descobrir como se reinventar nesta fase da vida.

Ao falar do velho a Filo conceitua o que em geral algumas sociedades pensam a respeito de quem chegou a esta idade “Ser velho? Tem muita gente que pensa que o velho não tem condição de fazer mais nada”, menos valia, invalidez, incapacidade. Se mostra ativa

nesta fase: “eu não, eu trabalho, eu vendo produto, moro só eu e meu esposo”. Entende a velhice como um processo natural da vida, que é inevitável caso não morra antes; não tem como escapar da velhice, é mais uma fase da vida, “tem que encarar com naturalidade, é uma coisa que não tem como escapar é da velhice, se você não morrer”.

Já para Febe, a velhice aparece como liberdade de ação e de movimento “A velhice trouxe para mim muitas coisas boas, eu me sinto feliz com a minha idade, eu tenho liberdade”, e principalmente depois do falecimento do marido, que exercia controle sobre suas ações: “não podia sair, quando falava que ia à casa de meus pais, meu marido falava que eu não podia, eu dizia eu vou, ai a gente brigava, hoje vou pra todo lugar e não tenho que dá satisfação”. Embora fale de liberdade aos 65 anos, não deixou de exercer seu papel de cuidadora.

“Sou viúva tem vinte um ano, o meu esposo faleceu com sessenta e dois anos, não tive outro companheiro e nem quero. Tive nove filhos seis homens e três mulheres, minha relação com eles é boa, os que moram comigo sempre me dão um pouco de trabalho eles bebem. Eu trabalhava em casa de família. Não aposentei, recebo pensão do marido. Não estudei, só sei assinar o nome, eu não tô estudando aqui porque tô ajudando meu irmão que tá morando comigo, deu epilepsia e convulsão, ele tem Alzheimer, eu fui buscar ele lá na Paraíba, queriam colocar ele no lar dos velhinhos eu não aceitei, eu cuido dele”.

O último entrevistado que frequenta o centro de convivência e falou sobre o envelhecimento foi Orfeu. A velhice para ele aparece em um cenário pontuado por discriminação, dificuldade de reconhecimento e socialização: “Ser velho é ser discriminado, tem preconceito, e como tem, tem muita gente que não gosta de velho, os jovens são difíceis respeitar os mais velhos”. Passa a sensação de abandono que tem vivido por ter perdido laços importantes de vínculos e de pessoas que considerava amigas: “A velhice pra mim só trouxe coisa ruim, discriminado demais, quando a gente é novo, todo mundo fica em cima da gente, até os próprios irmãos, discriminam a gente, os amigos do trabalho”. Todo o vínculo foi rompido em função do acidente vascular cerebral (AVC): “eu tava hospitalizando me esqueceram, veio cinco pessoas me visitar no Hospital da Ceilândia, quando eu apaguei e só acordei três dias depois, do AVC”, o que contribuiu para limitações na sua locomoção, pois puxa a perna direita para andar e o braço ficou parcialmente paralisado.

O fato de não ter percebido que tinha pressão alta é uma condição muito comum. A população em geral, e mais especificamente os homens, tem uma dificuldade maior de identificar esta questão porque na maioria das vezes não se consideram sujeitos de cuidados, por isso não frequentam com periodicidade as unidades de saúde na busca de prevenção¹⁵ de complicações de saúde como o que aconteceu com Orfeu em função do AVC.

O objectivo do Governo Federal é incluir o homem como sujeito do cuidado por meio da Política Nacional de Atenção Integral a Saúde do Homem do Ministério da Saúde do Brasil, que busca trabalhar prevenção, promoção e cuidado em saúde para esta população com idade entre 25 e 59 anos, assim ele chegará à velhice já reconhecendo qual é a rede de cobertura que possui no Sistema Único de Saúde (SUS), e com uma melhor qualidade de vida, prevenindo o surgimento de doenças crônicas.

Foi possível perceber que as variabilidades de falas sobre o envelhecimento do grupo entrevistado são ricas em história e cultura. As concepções da velhice que aparecem na fala dos idosos demonstram como cada um reconhece e reinterpreta o processo biológico do envelhecer, que aparece em determinados momentos como individual e noutros como coletivo. Os idosos mostraram um mosaico de possibilidades que podem existir na velhice, em que o contexto no qual estão inseridos é fundamental para a continuidade da reprodução social.

Para a escritora Hilda Hilst, o envelhecimento era algo assustador, pois estava atrelado a finitude, ao isolamento social, a falta de amor e sexo. Isto fica claro em vários momentos da fala dos personagens Ehud e Senhora D, apresentados ao longo deste

¹⁵ A reivindicação de uma política de saúde mais integral voltada para a população masculina poderia, à primeira vista, ser tomada como um movimento contrário ao empenho de promover programas de gênero destinados à saúde da mulher. No entanto, é a partir da própria dimensão de gênero que se advoga uma abordagem também do masculino, uma vez que tantos homens quanto mulheres necessitam ser vistos em sua singularidade e em sua diversidade no âmbito das relações que estabelecem (Gomes, 2003, p. 826).

capítulo. O envelhecimento é a expressão duma vida carregada de memórias do passado, o presente é visto como inerte, mas repleto de exclamações, inquietações existenciais e o futuro representado sem nenhuma esperança de mudança, pois o cadafalso impulsiona o velho para a morte.

Outro fator que contribui para uma velhice bem vivida é como se dá a relação com a família e com a religião, que são duas instituições tradicionalmente bastante inter-relacionadas e o modo como os indivíduos respondem às influências de ambas, com frequência, estão correlacionadas com certo bem-estar social. Faleiros & Loureiro (2004) afirmam que a família é a primeira instância a introduzir valores e observâncias religiosas ao longo do desenvolvimento do indivíduo e, por meio dela, a religião realiza também uma função reguladora dos relacionamentos interpessoais entre seus membros. Sendo assim a natureza dos rituais, das crenças, dos valores de sentido existencial proporcionados pelas observâncias no âmbito familiar, podem influenciar significativamente o modo como seus membros enfrentam o processo de envelhecimento e se relacionam com os idosos. A seguir verificaremos como os idosos entrevistados percebem a relação com a família.

6.2.2 A família e o envelhecimento

No Brasil, a maioria dos idosos não possuem familiares e são internados em Instituto de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Esta é a realidade de Ruth: “não tenho contato com a família, não casei, não tive namorado, não tive filhos”, e Raimunda: “Eu não tenho família, minha família aqui, é elas as irmãs”. Vivem há 20 anos no lar. É possível perceber a resignificação do vínculo, pois reconhecem as freiras e cuidadoras como se fosse membros de sua família. Este é o mesmo caso de Rosa: “Não tenho família, não

tive filhos, namorei, não casei, convivi muitos anos, foi tudo muito difícil, depois fiquei sozinha”, que também mora no mesmo local¹⁶.

A relação com a família agora na velhice para Rita “é bem, meu filho é casado me dou bem com nora e tudo, tenho três netas, elas vem aqui me ver, a mais velha teve na Itália chegou agora, tenho um bisneto com três anos”. O vínculo familiar existe embora de forma intermitente, ou seja, com visitas periódicas dos parentes, principalmente nas ocasiões especiais como na data do aniversário, no Natal e dia da mãe¹⁷.

Renata falou da sua relação com a família: “sou viúva, tenho um filho. Meu filho quando ele pode ele vem”. A viuvez aparece como condição de perda de vínculo amoroso, mas o laço com o filho, segundo as cuidadoras do ILPI, permanece embora não seja uma condição hoje de troca diária e sim de forma esporádica, pois segundo as informações coletadas, o filho vem visitá-la uma vez por ano.

Ao contrário de Renata, a amável Tricha diz que sua “relação com os filhos é boa. Tem uns que toma uma cerveja, mais é coisa que passa, eu faço uma oração para eles deixarem de beber, meu filho foi lá em casa e reclamou que eu vivo fazendo oração, pra eles deixarem de beber, eu disse que pode levar a cerveja pra beber na minha casa, eu não vou comprar pra vocês beber. Meus filhos, graças a Deus, tirando estes três que bebem; duas é mãe solteira, envolveu com gente que não tem muito estudo, aí mora

¹⁶ A maioria das idosas que vivem hoje no Brasil em ILPI, são aquelas que não possuem família, ou aquelas em que a família reconhece não ter como cuidar seja por falta de tempo ou por outros motivos. No caso de Rosa o fato de ter convivido com um parceiro muito tempo não foi garantia para continuidade da relação, pois houve uma separação do casal, perda do parceiro, e também da desconstrução do vínculo amoroso.

¹⁷ Embora more no ILPI, conseguiu manter o elo familiar com a visita que é feita pela Nora, pelo filho e pelas netas. A família de três gerações é aquela que, convivendo ou não, integra os avós dentro de seu ambiente, proporcionando-lhes oportunidade para encontrar o papel social que a sociedade não lhes outorga. A família pode oferecer ao idoso um ambiente que dê significado à sua vida, ao assumir seu papel na transmissão dos valores e costumes familiares e comprovar que quando desaparecem do mundo sensível haverá pessoas que levarão seu nome e prolongarão seus traços culturais, ideológicos e morais, no futuro. (Moragas, 1997, p.168).

comigo, me dão carinho, somos oito pessoas em casa, eu cuido de dois netos, mas não me atrapalha em nada, quando eu quero viajar eu viajo, ai cada mãe que cuide do seu filho”. Ao continuar seu relato disse que a relação com os filhos não mudou com o passar dos anos, por isso entende que na velhice, ela ainda se revela benéfica. A perda do companheiro trouxe uma liberdade, pois como ele bebia tinha que tomar conta dele, o fato de não ter outra pessoa aqui descrita como amante, indica não querer perder o espaço que conquistou e o direito de viver o dia-a-dia como achar interessante. “Hoje eu tenho minha liberdade não tenho marido, não tenho amante, não tenho nada, mais tenho meus filhos”.

Existe o medo de que os filhos se tornem alcoólatras como o pai “tem uns que toma uma cerveja, mas é coisa que passa, eu faço uma oração para eles deixarem de beber, meu filho foi lá em casa e reclamou que eu vivo fazendo oração, pra eles deixarem de beber, eu disse que pode levar a cerveja pra beber na minha casa, eu não vou comprar pra vocês beber”. Por isso a manifestação da fé aparece como ponto de apoio para enfrentar esta situação familiar. A relação com os filhos continua e fica claro a relação com os netos, com o papel de cuidadora em alguns momentos embora informe que está relação em nada atrapalhe sua organização pessoal “mais não me atrapalha em nada, quando eu quero viajar eu viajo, ai cada mãe que cuide do seu filho”.

A visão de Pereira (2008) sobre a superação de conflitos e problemáticas que se desenvolvem no interior do contexto familiar se pauta na organização coletiva de seus membros, busca alternativa e formas de enfrentamento. Em decorrência do processo natural de envelhecimento, com o passar dos anos, no interior da família, novos papéis são atribuídos: os pais deixam de garantir os cuidados necessários à sobrevivência de seus filhos para promover a educação dos netos; enquanto os filhos tornam-se os provedores da progressiva existência humana das figuras paternas. Mesmo não participando do processo produtivo, os idosos ainda são grandes garantidores do provimento financeiro e responsáveis pela renda mensal da família brasileira. As necessidades humanas ainda são vislumbradas através da promoção dos mínimos sociais, enquanto a provisão social básica encontra-se se distantes da realidade dos cidadãos.

Para Tina, a relação com a família se mostra boa, embora relate que há um desgosto agora na sua velhice por alguns dos filhos que resolveram mudar de religião, saíram do catolicismo para o protestantismo “A minha relação com a minha família para o fim da minha vida, não tenho uma coisa boa para lhe dizer, tenho sete filhos, e começaram a passar pra outra religião, protestante. Depois de casado, começaram a mudar, eram todos da igreja católica, tem quatro que saíram e eles foram para o protestantismo, evangélico”. Isso trouxe mudança de comportamento e atitudes em relação a vários aspectos de suas vidas, como no trabalho, no modo de se vestir. Na própria relação de afeto, “foi um desgosto, minha filha era bonita, que tinha homem que descia do carro e vinha atrás, trabalhava no aeroporto, largou tudo vendeu o carro, foi embora por causa da religião, vendeu o carro do ano porque era amaldiçoada, uma coisa muito triste, fazia as coisas tudo fora da religião católica”.

A resistência em aceitar a mudança de religião dos filhos provocou inicialmente certo distanciamento, pois eles estavam dispostos a ouvir as orientações do pastor em detrimento das orientações dadas pela mãe. Na busca de resgatar os filhos de volta ao catolicismo, conversou com o padre na esperança de que ele pudesse intervir diante dos quatro filhos que mudaram de religião. Passado à adaptação a relação parece ser manter saudável: “minha relação com minha família é boa, meus filhos me respeitam”. Mas há de ser ressaltado que ainda não há a aceitação da nova escolha religiosa dos filhos.

Pessoas idosas parecem lançar mão com frequência de recursos espirituais e religiosos para o enfrentamento de eventos não controláveis, porém, é preciso lembrar que nem todos os idosos são religiosos ou espiritualizados, e não é a idade que os tornará. A história de vida parece ser o mediador do uso e do aprimoramento deste recurso. Isso porque se o indivíduo sempre recorreu a esse recurso para o enfrentamento de situações difíceis, é provável que, com o passar dos anos, ele desenvolva formas mais eficientes de utilização dessa estratégia que resulta de amortecimento de impactos negativos. Os eventos não controláveis, comum na velhice, criam necessidades de enfrentamento bastante específico, para as quais o enfrentamento baseado na religiosidade ou espiritualidade pode ser efetivo (Sommerhalder & Goldstein, 2006, p.1313).

Tales, ao contrário de Tina, não vive nenhum conflito familiar na sua velhice. Ele possui uma relação boa com a família, e expressa que o diálogo é uma constante, além do respeito pelos papéis sociais nela instituído: “Minha relação com a família é boa, muito boa, eu tive muita sorte no primeiro casamento como agora, nós conversamos, tem respeito”. Ele também revela o cuidado com o filho, a proteção da família em função de contratemplos que surgiram, como o acidente do carro, com o qual arcou despesas relacionadas ao sinistro. Tal situação mostra que ele ainda exerce o papel de cuidador do filho. Ele informou:

“Meu filho gostava de beber, um dia pegou um carro de um amigo meu para sair para as quebradas, um Astra, e passou a noite toda e quando foi cinco hora da manhã foi retornar para casa a cento e vinte por hora, e acabou com o carro, não tinha seguro, ele só ficou com o rosto arranhado, eu me responsabilizei pelo ato dele, eu gastei vinte mil reais, porque eu tinha este dinheiro sou muito controlado, se tem hoje não vou gastar tudo hoje, porque tem o dia de amanhã, ninguém sabe o que vai acontecer, levou noventa dias para arrumar o carro, teve que cortar o carro no meio, para mim é perda total, no acontecimento ele prometeu ao homem entregar o carro zerado do jeito que pegou, não sei se excesso do álcool, que a pessoa promete mundos e fundos sem ter condição, e pra não deixar a palavra dele no chão, foi o que eu fiz, eu não fiz questão do dinheiro e agradeço a Deus ele tá com vida, quem visse o carro fala ele morreu”.

O Tales continuou a falar da sua relação com o filho:

“Até hoje se o carro enguiçar comigo, eu levo no mecânico e falo não mexe nisso aqui, meu filho muitas dúvidas ele tira comigo, ele trabalha na concessionária Ford, é um conhecimento que vem trazendo de longe, um dia mesmo nos vinha de Goiânia, o carro dele passou a esquentar, aí ele pai eu tô em lugar assim e o carro começou a esquentar, e eu disse só vou falar quando chegar aí, você faz um cebolão e uma ligação direta, aí você pode andar o dia todo que o carro fica frio, do jeito que eu falei ele fez”.

Mesmo na velhice, Tales possui o entendimento de que ainda deve cumprir seu papel de cuidador e se coloca como um modelo a ser seguida pelo filho, mostra certa euforia ao falar que o filho segue seus conselhos em relação aos conhecimentos passados.

Tila, ao falar da família, indica que possui uma relação saudável com os filhos, e que isso só melhorou com o avanço da sua idade. Agora na velhice informa morar com um

deles: “Tenho quatro filhos, duas filhas fisioterapeuta, um filho médico, e um administrador, é com ele que eu moro, eu moro com meu filho administrador, mas praticamente moro sozinha, pois ele vive fora, eu o vejo na hora do almoço e do jantar, filhos não são companhia pros pais”. Afirmou que filho nem sempre é companhia, pois eles possuem suas atividades fora de casa, por isso considera morar só.

O divórcio provocou sofrimento, tristeza, medo de recomeçar, ao descobrir que tinha sido traída e em seguida abandonada, medo de ficar só no mundo, embora tenha sofrido informa não ser depressiva “Hoje sou divorciada infelizmente, não foi minha culpa, mas não tive outro companheiro, pedi muito a Deus que tirasse o sofrimento do meu coração, meu marido me traiu, me abandonou, tem dezessete anos que me separei”. Em seguida deixou de falar do marido e passou a falar da relação com a filha. Relatou que deu a ela um bicho de pelúcia, que se configurou como algo de simbólico, pois foi dado no momento em que ela ia sair de casa para viver em outro Estado. Era algo para lembrar os preceitos que havia sido ensinado pela mãe, e falou alegre que a filha guardou esta mensagem: “eu dei um bicho de pelúcia e pedi pra ela nunca fazer nada de errado, ela me confessou que guardou esta mensagem”.

Percebe-se certo orgulho de ter criado os filhos, de eles terem seguido suas orientações, de possuir uma filha que hoje também é evangélica, o que configura, segundo ela informou, uma relação de respeito e amor. Percebe-se que a religião foi também uma maneira de aplacar a dor de ter sido trocada por outra mulher, e também apagar os resquícios que ainda existiam da separação, contribuindo para a elaboração do luto “eu pedi muito a Deus Senhor me preenche”.

Em relação ao divórcio, ainda é possível perceber a dor psíquica que a separação causou. Outro fator é que a Tila pensava ser o casamento um vínculo para toda a vida. Por isso a separação causou tanta mágoa.

Na história familiar, Tami revela: “eu tenho duas filhas uma trabalha na área da saúde que mora comigo e tem um filho, e a outra casou há pouco, tenho com meus filhos uma relação de amor, carinho, só faltam adivinhar o que eu quero”. Embora tenha uma boa relação com as filhas existe um distanciamento com os irmãos é um ponto que vem

afligindo o seu equilíbrio nesta fase do envelhecimento “Me sinto amada pelas minhas filhas, perdi minha mãe com sete anos de idade, perdi meu marido, foi um choque muito grande, depois que ela morreu os meus irmãos se afastaram de mim, eram onze filhos, eu cuidei da minha mãe até ela morrer”, a fé tem trazido alguns pontos de ancoragem para o emocional “Sou católica não praticante”, mas o fato de não compartilhar das atividades oferecidas pela igreja tem trazido um distanciamento do grupo social, inclusive de alguns que frequentam o centro de convivência. Percebe-se uma tendência ao isolamento e solidão¹⁸. Ela afirmou que sofreu na mão do marido que bebia muito por isso não pretende estabelecer uma nova relação com um parceiro:

“Eu fico pensando se eu arrumar uma pessoa nova ele vai querer o que eu tenho de bens, se for um velho vai me dar trabalho igual ao que meu marido me deu, então eu fico pensando eu não quero, foi uma luta porque além de cuidar dele ainda cuidei da minha mãe, eu desgostei de mim, não me cuidava, e a bebida me desgostou muito. Ele tentou jogar o carro em cima de mim, eu parti pra cima dele e bati nele, hoje de cem homens dez não bebe, mais eu tenho medo, foi Deus que me ajudou bastante, que me socorreu, aqui foi as irmãs, fiquei três meses sem dormir, vim pra cá e comecei a fazer bordado, me ajudou, e agora que cuido do meu neto”.

A Toinha falou o seguinte sobre sua família: “casei muito nova, com quinze anos, no mês que fiz quinze anos foi um casamento arranjado, vivi vinte e oito anos com o marido, hoje sou divorciada, tive quatro filhos, mas um morreu, o marido me abandonou, não podia ver um rabo de saia, tenho seis netos e oito bisnetos; sendo três

¹⁸ O interesse pela solidão sentida pelos idosos aumentou, nos últimos anos, devido ao aumento do número de indivíduos com mais de sessenta e cinco anos. A solidão tem sido vista como um dos maiores problemas das pessoas de idade. No entanto, têm sido feitas investigações que demonstram que não há uma relação direta entre solidão e pessoas idosas. Há, antes, fatores quer pessoais, quer sociais, que contribuem para a solidão. Está constatada a maior vulnerabilidade dos idosos para experimentarem solidão, sendo este um dos aspectos que pode afetar a saúde e segurança dos mais velhos. As expectativas que cada idoso tem relativamente aos contactos sociais determina o seu sentimento de solidão (Freitas, 2011, p.20).

adotivos, tenho duas irmãs” e considera ter uma boa “relação com minha família para um idoso”.

No Brasil a estrutura familiar tem-se diversificado ao longo dos anos. Hoje temos crianças criadas por dois pais ou duas mães, somente pelo pai, somente pela mãe, pelos avós. Em geral temos no domicílio tanto das áreas urbana ou rural uma pessoa com a idade mais avançada, que se aproxima da velhice, isto mostra um desenho que vai se configurando da seguinte forma: cada família possui, já possuiu ou irá possuir uma pessoa idosa.

Os laços afetivos de Luca com os filhos é algo pontual que foi construído ao longo de sua vida e se manteve na fase de envelhecimento “Minha relação com meus filhos é uma relação de amor de respeito, eu moro só, mais tenho um filho que vem de vez em quando e dorme na minha casa”, o fato de não ter mais compromisso com cuidado da família permite, que seu tempo seja empregado em atividades fora de casa “mais eu saio muito, vivo na rua”. Uma expressão da liberdade que pode existir na velhice em relação como gerir o tempo. O fato de possuir uma pensão que recebe do marido depois do divórcio trouxe uma independência financeira. “Não aposentei, meu marido é do exército e ele me deu uma pensão que é muito boa, se fosse aposentar ganhava menos, ele está vivo, sou divorciada já faz trinta anos. Tenho um casal de filhos”.

Este sentimento de bem-estar em relação à família apresentada por Luca é o mesmo sentimento compartilhado por Lito, que fala com orgulho da família “Sou casado, tenho cinco filhos”. Deu oportunidade para os filhos estudarem, todos formados, é que todos cursaram o nível superior, morar próximo a casa deles, o que facilita uma convivência mais frequente durante a semana “Os filhos hoje são tudo formado, nós temos uma relação próxima”. Ele é quem leva a filha para o trabalho e os netos para a escolinha.

O grande companheiro de Liza hoje na sua velhice é o sobrinho, com quem estabeleceu um elo de confiança, e com quem parece ter uma dívida de gratidão por ele ter cuidado de sua mãe. “Quem mora comigo é um sobrinho. Já tem 54 anos. Eu trouxe ele, pois ele cuidou da minha mãe, eu arrumei emprego pra ele, ele trabalha a noite, mais de dia ele fica em casa, é uma companhia”. Embora exista esta cumplicidade, entende que ele é

livre e caso vá embora está disposta a ir viver com os filhos, que já possuem um plano para acolhê-la, um quarto pronto para recebê-la “mais no dia que ele quiser ir embora, eu arrumo alguém pra me fazer companhia, eu pago pra me fazer companhia, minha casa era muito grande se ele for embora, eu alugo ela. Vou ficar com os filhos. Tem meu quarto, com cama televisão”. Revela que a relação com os filhos é “maravilhosa. Eles me ligam todo dia, os meus sobrinhos me ligam da universidade, eles não moram comigo, quando eu quero eu vou dormir com eles, volto no outro dia, e se eu quiser ir morar com eles eu vou”. É possível perceber a troca familiar em relação a ter apoio e proteção. Isso é fundamental para a organização dos filhos que já iniciaram o processo de futuros cuidadores, pois, quando chegar à fase de dependência, cada um já possui um lugar para receber a mãe.

A relação que é vivenciada por Lis com a sua família continua a mesma na velhice considerada “boa, meus filhos são muito jóia, um mora comigo, na verdade é um neto que eu criei tem dezessete anos”. O filho atua como cuidador, embora não morre na mesma casa da mãe, mas se mantém próximo vigilante a situação dos pais “Meu filho construiu um prédio na frente da minha casa ele trabalha com informática e vive mais perto de mim, estamos sempre unidos”.

A rede de apoio informal aos idosos que é composta pelo cônjuge, pelos filhos, por um amigo mais próximo, nos cônjuges dos filhos ou ainda com outros parentes da geração precedente. Nesta rede, a família é o central agente de cuidados, sendo a fonte primária para a assistência ao idoso. “Mesmo quando os filhos vivem geograficamente longe, em geral preservam-se os laços afetivos com os idosos”. (Neri, 2002, p. 14). A rede de apoio formal a idosos inclui-se os serviços estatais, [...] hospitais, ambulatórios e consultórios médicos e de outras especialidades na área da saúde; por clínicas geriátricas, casas de repouso, asilos, centro-dia e, mais recentemente, unidades de apoio domiciliar (Neri, 2002, p. 13).

No caso de Lira relatou o seguinte “tenho dois filhos homens, o mais velho passou a morar comigo depois da separação, o que aproximou nossa relação, com meus filhos é boa é uma relação de amor, ele disse mamãe vamos vender a casa e compra um

apartamento, deu certo”, o filho que veio morar com ela, passou também a atuar como cuidador no seu processo de envelhecimento, pois veio morar com a mãe em função da separação da esposa, o que aproximou a relação entre os dois.

Para Lola, o apoio familiar na velhice acontece por meio da cadeia hierarquizada com sua família, “tenho cinco filhos, um adotado, três homens e duas mulheres, tenho doze netos e bisneto, a relação com a família é uma relação de amor, moro pegado a casa da minha filha”. O fato de morar ao lado da casa da filha, possibilita ter uma convivência diária inclusive com os netos. O esposo faleceu com oitenta e dois anos “Sou viúva há dois anos e sete meses”. Relatou que o fato de ter perdido o marido considera que a família está incompleta:

“Me sinto amada, meus filhos me adoram, me querem muito bem, mais mesmo assim, ainda tem muito a desejar, basta faltar o companheiro, ele foi o grande amor da minha vida, não podia ter um companheiro melhor do que ele, mas ele teve um problema de demência vascular que fez ele sofrer muito, e toda a família, ele ficou muito agressivo, ele era muito bom pra mim, depois ficou ranzinza, enjoado comigo, aí eu pensei que fosse coisa da família dele, mas sempre eu levava ele no médico, aí ele passou remédio, levei no psicólogo”.

O isolamento de Lara em relação aos filhos agora na velhice se dá pelo distanciamento que os filhos estabeleceram. Outro aspecto que dificulta esta interação é ter que lidar com o filho alcoólatra e dependente químico. “Minha relação com a família, não é boa, eu pouco vejo eles eu tenho um filho que me dá muito trabalho, até marquei uma audiência com o juiz, ele me xinga com palavrão, já me chutou, quebra minha casa, ele usa droga e bebe”. Mesmo não morando com ela, o filho sempre causa problemas por ser violento e já agrediu várias vezes, e trouxe danos financeiros por ter quebrado objetos em sua casa. Relatou da dificuldade em se manter, e da dependência que tem do governo em relação à assistência social, onde tem conseguido cesta básica para sua sobrevivência. Lara fez o seguinte relato ao falar dos filhos:

“Em relação aos meus filhos eu acho assim, é o jeito deles amar, eu ligo pra eles, eu tenho um filho que trabalha como garçom na caixa econômica federal e digo meu filho você se esqueceu de sua mãe? E ele diz não mãe é que meu tempo é pouco, ele se juntou agora com uma mulher, que tem três filhos e ela quer colocar ele no cabresto, eu já disse ninguém é de ninguém, mas eu não me sinto assim amada pelos meus filhos não”.

A violência ou negligência pode ocorrer com qualquer idoso, em qualquer relacionamento, incluindo aquele que há expectativa de confiança ou onde alguém ocupa uma posição de poder ou autoridade. O abuso contra os idosos, muitas vezes, ocorre na família, gerado pelo cônjuge, filhos e/ou netos. Porém podem incluir também amigos, vizinhos, proprietários, cuidadores pagos, ou qualquer indivíduo em posição de poder, confiança ou autoridade. Para o idoso a violência acontece como uma quebra de expectativa positiva dos idosos em relação às pessoas e instituições que os cercam (filhos, cônjuge, parentes, cuidadores e sociedade em geral). Segundo o Ministério Público da União a violência contra o idoso cresce em proporções alarmantes, pois 12% dos idosos sofrem algum tipo de violência, e os principais agressores encontram-se no ambiente familiar, 33,33% cometida geralmente por filhos homens biológica. Já a negligência fica com 32,35%, seguida pela violência financeira que é de 29,42% são as que mais acometem quem tem idade superior a 60 anos. Em relação à violência financeira, quase 30% das vítimas são as mulheres com idade de 80 anos ou mais (Brasil, 2010; Valentin *et al.*, 2010).

Filo revelou ser casada e possui três filhos duas mulheres e um homem, “tenho oito netos”. Ao falar da sua relação com a família afirma: “é ótimo eu falo na minha família fico emocionada”. A sua mãe aparece como alguém que não teve estudo, mas que como matriarca, deu uma boa criação, “é uma relação de amor respeito carinho, com netos, com genro”. Demonstra uma visão global de como se dá sua organização familiar, a interação ascendente e descendente dos membros da família. Quando falou da família e ficou emocionada tinha lágrimas nos olhos, por ter uma relação de respeito e amor com os filhos e eles corresponderem à troca de forma positiva.

Febe atua como cuidadora do irmão que tem problemas de saúde, é o fato que a impede de estudar, pois ocupa o tempo com o cuidado daquele que hoje lhe faz companhia. A possibilidade de colocar o irmão em um Instituto de longa Permanência surgiu como uma afronta a sua própria velhice, por isso foi buscá-lo em outro Estado. Relata que teve nove filhos seis homens e três mulheres, e disse “minha relação com eles é boa, os que moram comigo sempre me dão um pouco de trabalho, eles bebem”. Ao falar da família relatou:

“Hoje as pessoas não têm educação, tem a droga, que se afastam da família, no meu tempo a gente não bebia, não fumava, ia para uma festa acompanhada da família, respeitava os pais, hoje vão aos lugares não dão nem satisfação, eu digo até hoje a base é a família, a educação vem de berço, se cuidar, é o que eu passei pro meus filhos e eles estão passando pros filhos deles”.

“A relação com minha família é uma desavença” disse Orfeu, tanto com a esposa e a filha, os irmãos moram longe, “é uma discriminação danada”, quando eu tinha dinheiro todo mundo gostava, agora é só briga, “elas me esculhabam, eu digo tu vai ficar velha também, fica quieta aí, quando eu não ajudo em casa, é uma brigação e quando ajudo também, eu digo pra ela primeiro pensa em Deus depois tu pensas no dinheiro”.

A relação com a família se pauta no dinheiro da aposentadoria, que é a única fonte de renda da casa, fora isso como já é aposentado, possui obrigações nos afazeres domésticos, como lavar o banheiro. Os dois pontos apresentados são motivos constantes de brigas, por não poder cumprir a contento as duas questões em função das sequelas do AVC.

O conflito familiar aparece é um problema que Orfeu possui hoje na velhice. Considerasse amado por três pessoas: a filha, a irmã de caridade e o amigo Francisco, a esposa não aparece como alguém que tem trocado amor “Só quem me ama mesmo é minha filha, quando a mulher fica brigando, ela me defende, a mulher fala que ela é puxa-saco, aqui no grupo só a irmã que me ama, eu tenho um amigo Francisco, ele é Assessor Parlamentar, é como se fosse um irmão para mim”.

No cenário brasileiro em relação à família é possível perceber que hoje há uma redução no número de filhos, que como se diz popularmente aqui no Brasil “são criados para o mundo”, para a construção de uma relação de autonomia, que muitas vezes acaba por romper o vínculo ou laço afetivo com os pais. Este padrão de comportamento social tem desenhado uma nova história de vida em relação ao velho, pois fica claro que existe um de despreparo deste filho para no futuro desempenhar o papel de cuidar ou se tornar corresponsável pelo cuidado, restando aos velhos os IPLI.

Em relação às instituições de longa permanência (ILPI) no Brasil, ou asilos e abrigos, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada demonstrou em seu estudo um aumento

significativo de procura dos filhos com o intuito de interná-los (Ritto, 2011), pois com o novo desenho familiar surge a necessidade de buscar cuidadores fora de casa. Participaram da pesquisa 3.294 instituições.¹⁹

As famílias em geral entendem que o ILPI pode ser um grande aliado como cuidador do seu idoso, porém especificamente no Brasil, há um entendimento do senso comum, que ao ser abrigado o idoso está sendo desprezado pela família, na contra mão desta perspectiva percebe-se que mesmo em condição precária muitos filhos preferem manter o idoso sobre o mesmo teto.

A estrutura familiar interfere diretamente na vida do idoso, pois aí surge o papel que ele ocupa dentro desta relação, que pode ou não ser permeada pelo afeto. Não se deve esquecer que qualquer vínculo afetivo é construído ao longo da história de vida, e para os idosos, isto não é diferente.

Nas obras da escritora Hilda Hilst aqui utilizada, a relação do vínculo familiar não aparece ao falar sobre a velhice, o que aparece em suas obras, é sua inquietação com Deus, que segundo alguns críticos remetem a relação com o Pai Apolônio, com quem conviveu muito pouco, pois ele foi internado em um sanatório por causa da esquizofrenia.

Outro aspecto importante de apoio ao idoso além da família é a religião, que pode contribuir de forma significativa para aceitação dos vários momentos de enfrentamento nesta fase da vida. O próximo tópico trará a visão dos idosos sobre os aspectos religiosos na velhice.

¹⁹ A jornalista Cecília Ritto (2011) publicou na revista *Veja* a pesquisa do IPEA que traçava o perfil dos abrigos de idosos no Brasil. Que trazia o seguinte cenário: Em relação aos ILPIs a maioria se concentra na região Sudeste 63,5%, sendo que deste 34,3% está localizado no Estado de São Paulo. A região do Nordeste possui 8,5% instituições. No restante das regiões Norte, Sul, Centro Oeste o número de ILPI não a 35%. O gasto médio é de 717,91 reais por morador, com o total de 109.447 leitos.

6.2.3 *O envelhecimento e a religião*

Religião é o sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos designados para facilitar o acesso ao sagrado, transcendente (Deus, força maior, verdade suprema.). Já a religiosidade é o quanto um indivíduo acredita, segue e pratica uma religião. Pode ser organizacional (participação na igreja ou templo religioso) ou não organizacional (rezar, ler livros, assistir programas religiosos na televisão). A Espiritualidade é uma busca pessoal para entender questões relacionadas à vida, ao seu sentido, sobre as relações com o sagrado ou transcendente que podem ou não levar ao desenvolvimento de práticas religiosas ou formações de comunidades religiosas (Lucchetti *et al.*, 2011, p.160).

A interveniência do enfrentamento religioso na velhice pode dar-se por meio de mecanismos cognitivos, como, por exemplo, acreditar que Deus tudo resolverá, que o sofrimento tem um sentido e purifica o espírito, e que se deve rezar para pedir perdão ou para pedir ajuda. Todos eles podem auxiliar a adaptação, à medida que aliviarem a ansiedade e ajudarem a evitar sentimentos negativos. O enfrentamento religioso pode também ser ajudado pelo aumento do suporte social propiciado pela frequência a rituais coletivos e a práticas públicas, pela ajuda instrumental ou emocional dos outros membros da comunidade e por mecanismos cognitivos exemplificados pelo senso de pertencimento propiciado pelo compromisso com um grupo religioso (Maldaun, 2008, p. 73).

As idosas que vivem no ILPI, Raimunda, Rita, Rosa, Ruth e Renata se apresentaram como católicas. Raimunda é “católica, vou à missa, devota de São Lázaro”; Rita se considera “mais descansada”, em relação a sua prática religiosa, pois não vai sempre à missa, mas disse ser “devota de Santa Bárbara”; Rosa considera-se mais praticante “eu rezo, vou à missa, confesso, devota de Nossa Senhora Aparecida”; Ruth disse ser “católica fervorosa, vou à missa, devota de Nossa Senhora Aparecida, me confesso” e Renata é católica praticante, “devota de Santa Terezinha e Santo Antônio”.

Ser “católica praticante” é dito com certo orgulho, como se fosse algo que trouxesse honrar, a devoção aqui inclui todos os dogmas prescritos pela religião que escolheu

como: rezar o terço, confessar e ir à missa. Os atos parecem contribuir para a busca do eu interior ou da transcendência da realidade vivenciada.

A devoção aparece como ponto de apoio à existência, na busca de ter alguém para quem contar as aflições, os desejos, as necessidades, com quem estabelece um vínculo de responsabilidade, de ocupar o tempo, rezando. A confissão é a forma de receber perdão pelos pecados “me confesso”. Caracteriza-se um catolicismo praticante “vou à missa” que está em busca de manter uma espiritualidade ativa, na busca do conforto material e espiritual, reflete um prazer em realizar tais ações.

A espiritualidade não é algo que ocorre para além da esfera do humano, mas algo que toca em profundidade sua vida e experiência. A espiritualidade traduz a força de uma presença que escapa à percepção do humano, mas ao mesmo tempo provoca no sujeito o exercício de percorrer e captar esse sentido onipresente. Daí se poder falar em experiência espiritual enquanto movimento e busca do sentido radical que habita a realidade (Teixeira, 2005, p. 15).

Em relação ao espiritual e aos dogmas da igreja, a escritora Hilda Hilst procura romper a tradição imposta do que é o divino, de quem é o seu representante na terra: o padre, o pastor. Veja o que Hilst diz a seguir:

“Venho Senhora D venho a pedido da vila, a confissão, a comunhão, não quer? meu nome é de onde vem Mal, senhor? o misterium iniquitatis, a Senhora D, há milênios lutamos com respostas, coexistem bons e mal, o corpo do mal é separado do divino” (2001, p. 31, grifo da autora). Em outro trecho continua o diálogo entre Hillé e o padre: “por que fecha sempre as janelas? E por que devo abri-las? E por que as abre de repente e assusta as gentes e grita? O corpo é quem grita esses vazios tristes por que não alimenta o corpo com benquerença aceitando o agrado dos outros? Por que o corpo está morto e a alma? A alma é hóspede da Terra, procura e te olha os olhos agora, e te vê cheio de perguntas sou um homem como outro qualquer, Senhora D então rua, fora, despacha-te homem como outro qualquer” (Hilst, 2001, p. 32).

A obra da escritora Hilda Hilst é repleta de inquietações sobre a fé, a religião, sobre o Deus imposto pela igreja católica. Para pronunciar seu discurso em favor de uma nova forma de se relacionar com o Deus, a escritora recorre ao conceptismo ou quevedismo que valorização do conteúdo por meio do jogo de ideias, de conceitos, do raciocínio

lógico e da argumentação com base antiética ou paradoxal. Os trechos a seguir trazem uma amostra disso:

“Ehud morto possuído de Deus é um todo de carne repulsiva, um esgarçoso de brilho e imundície, Ehud tuas unhas limpíssimas escovadas a cada dia, tua lisa mucosa, o ventre que cuidavas, as omoplatas retas, os pés de Ehud, longos, sóbrios, as curvas das arcadas, os pequenos espaços do teu corpo de carne são do Todo-poderoso agora propriedades, como estão, Ehud, teus pequenos espaços de carne”. (Hilst, 2001, p. 37)

Em outro trecho:

“O filho só se lembrava dela assim como estava. É inacreditável também aquele sonho. Tocou o falo de Deus. E do falo jorrava sangue e sêmen negro. Teve um começo de náusea, tomando café. A mãe sentada na poltrona escura movimentava as mãos vazias como se tricotasse. Ausente, muda, feroz. O Dibuk. Sch. An-Ski escreveu certa vez: “Não tenho mulher, nem filhos, nem lar, nem mesmo uma casa ou móveis... A única coisa que me une fortemente a esses conceitos é a nação”. Também ele não tinha mulher, filhos, lar e aquilo onde estava não se podia dizer que era uma casa e móveis, então... quanto à nação, seus sentimentos eram de revolta, dor, absurdez, porque ser brasileiro é ser ninguém, é ser desamparado e grotesco diante de si mesmo e do mundo.” (Hilst, 2002, p. 55).

Em outro trecho:

“Sempre ri da dor suprema, do estertor dos bichos-ninguém, sou bicho-ninguém olhando para o alto, talvez um sapo, um cão pelado, alguém me espanca as patas, as costas, salto, encolho-me nos cantos, vem Jeová aos berros: Vittorino! Vittorino! Ama-me! É para o teu bem o sofrimento! É luz sofrer! Dou bengaladas no ar; estou furtibundo.” (Hilst, 2006, p. 68).

A escritora Hilda Hilst quer contestar os dogmas, pois se mostra inconformada com a situação da humanidade. Para isso cita em suas obras outros deuses como Asmodeu, que (anjo destruidor – II Samuel 24:16, Sabedoria 18:25; Apocalipse 9:11), e também. Astaroth (grão duque do Inferno); fica clara sua intencionalidade de cortar os vínculos de um Deus cristão na busca de um novo significado para sua forma de viver no mundo. O trecho revela estas questões discutidas por Hilst:

Senhora D, podia, por favor, abrir a janela? Só um instantinho, sabe o que é, é que tem um homem aqui que sabe fazer benzedura, sabe o que é senhora D, espera um pouco, o homem tá dizendo umas coisas, presta atenção senhora D. quem? Ah sim, o homem tá dizendo que

Asmodeu, Asmodeu a senhora conhece, né? Ele dizia que sim que a senhora conhece, então, se a senhora conhece não precisa dizer muito mais, mas o homem tá dizendo que Asmodeu tá aí dentro do seu peito, hein? Quem mais, moço? Tem mais aí senhora D, pera um pouco que o nome desse é mais difícil, ah sim, Astaroth, é isso, credo Astaroth, é isso, esses dois estão aí, é o homem que diz, ele também tá dizendo que esses é que fazem a senhora assim, viu Senhora D? Senhora D? (Hilst, 2001, p. 58)

A provocação de Hilda Hilst acontece em prol de saber quando este Deus, que abandonou a humanidade voltará o intervir no mundo cheio de dor e sofrimento. Por isso utiliza Astarot e Asmodeu considerados como diabos em alguns seguimentos religiosos, para dizer que na ausência do Deus Cristão eles ocupam o lugar no coração do homem.

Para Tricha que é católica praticante, “confesso, vou à missa, viajo pros lugares católicos, agora vou pra Aparecida, sou devota de Nossa Senhora Aparecida e Divino Pai Eterno”. O centro de convivência para os idosos contribui para praticar sua religiosidade, os idosos são estimulados a vivenciar suas práticas religiosas, pois no início das atividades sempre há um momento para leitura da palavra de Deus (Bíblia), de rezar o Pai Nosso, e são informados sobre as datas comemorativas e cronograma de atividades que a igreja católica possui a cada semana. Viajar para os locais de turismo considerado sagrados é outra atividade que sempre participa o que indica ainda a busca de conforto espiritual em função do sofrimento causado pelos últimos anos de relacionamento com o marido alcoólatra.

A manifestação religiosa de Tina na velhice tem-se tornado, cada vez mais, uma opção pessoal, mesmo assim continua a seguir os preceitos e dogmas que aprendeu no catolicismo; “Sou católica, praticante, vou à missa, confesso, dou a palavra, tenho devoção por todos os Santos”. Embora já tenha tido contato com outras religiões “já fui a várias igrejas evangélicas”; sua alternativa da fé para resolver seus problemas, expressar seus sentimentos e ativar a memória se mantém fiel ao catolicismo.

Ao professar sua religiosidade Tales e Tila mostram que na velhice, pode-se manter a sua crença e devoção nos Santos e vivenciar sua fé de forma plena Tales é católico praticante, “vou à missa todo domingo, o domingo que não vou à missa, pra mim eu

perdi o domingo”, Tila como também é católica não praticante “reza, minha devoção é pra Deus”. A religião pode ser vivenciada de duas maneiras extrínseca ou intrínseca. No primeiro caso ela é utilizada para obter benefícios, a crença é colocada em primeiro lugar é o caso de Tales que é “devoto de São Judas Tadeu, Santo Expedito, Nossa Senhora do Desterro para desterra os males da gente, todos os dias eu rezo para estes santos, todos os dias às três horas da tarde”. No segundo caso, a religião ocupa um lugar superficial é o que vivência Tila.

A Tami possui uma história de perdas físicas e emocionais, com a morte da mãe e do marido, em meses que se seguiram em um único ano, e para cada perda necessitou elaborar um luto. A morte da mãe trouxe distanciamento com os irmãos, que é um ponto que vem afligindo o seu equilíbrio, a fé tem trazido alguns pontos de ancoragem para o emocional “Sou católica não praticante, rezo, minha devoção é pra Deus”, mais o fato de não compartilhar das atividades oferecidas pela igreja, tem contribuído para um distanciamento do grupo social, inclusive de alguns que frequentam o centro de convivência.

“Em todo canto da minha casa tenho imagem de Santos”, assim começou a Toinha a falar de sua prática religiosa no catolicismo. O santo representa o divino na terra, são considerados seres sobrenaturais, por fazerem parte de um universo celestial e estarem junto a Deus. Porém o reconhecimento do devoto com um determinado santo (a) é por saber que ele entende as necessidades humanas, por ter escolhido ser alguém que viveu em abnegação, muitas vezes com sofrimento e apesar de tudo conseguiu manter a devoção e a sua fé. Por isso a imagem possui o equivalente a algo humano, com que se pode compartilhar os momentos alegres e tristes, e ainda se fazer pedidos que podem ser ouvidos e ajude na solução de problemas.

A Luca revela ser “adventista, vou a igreja”. As igrejas funcionam como locais em que os idosos podem frequentar e estabelecer vínculos sociais. É também um espaço para prática de sua devoção. Como espaço urbano deve-se ter o cuidado para que ele não funcione como um gueto do envelhecimento.

O Lito pouco falou sobre sua religiosidade apenas disse que era “católico não muito praticante”. Não ser muito praticante se dá pelo fato de que não frequenta a missa todo domingo mais de forma esporádica.

“Eu sou evangélica”, assim começou Liza a falar de sua religião, frequentadora assídua da igreja faz suas “orações, só não leio a Bíblia porque não consigo enxergar direito”, o problema de ter baixa acuidade visual, está ligada ao avanço da diabete, ela não considera o problema visual como empecilho para frequentar a igreja “mais eu vou e presto atenção, eu vou a qualquer igreja”, mais hoje eu frequento a Universal do Reino de Deus.

A religião para Lis aparece como ponto crucial de sua vida, não só na velhice, pois os preceitos ou dogmas foram passados pela avó quando ainda era muito pequena “tive religião graças a minha avó”. A herança cultural em geral é passada de geração a geração, que contribui para perpetuar ritos e devoção, mantendo viva a tradição de um povo. A religião é um desses arcabouços, pois ela é passada pelos pais aos filhos, mesmo que por alguns seja de forma impositiva, ela pode ser mantida por quem a recebe como herança ou deixá-la de lado. No caso de Lis manteve os preceitos da religião ensinada pela avó.

A Lira enquanto católica praticante entrou no apostolado legionário de Maria, “que minha própria madrinha, me orientou, aquela reunião bonita, cheio de fita, eu falei com a irmã para participar, ela falou é só vim participar”, nove sextas-feiras e nove sábado, foram necessários para fazer parte do apostolado que se mantêm agora na velhice, “já vai fazer trinta e três anos, que estou aqui no coração de Jesus”.

“Sou católica Apostólica Romana”, foi o que disse Lola no início da entrevista, ao começar a falar de sua religiosidade. “Sou praticante vou à missa todo domingo, já fui cantora da igreja, já fui ministra da eucaristia, já fiz parte do postulado da saúde, sou franciscana, devota do Sagrado Coração de Jesus e São Francisco”. Lola mostra que seus projetos incluem participar de varias atribuições como membro da igreja, um sujeito pode ter mais de um projeto, mas, em princípio, existe um principal ao qual estão subordinados os outros que o têm como referência “já fui catequista”. De forma

aparentemente paradoxal em uma sociedade complexa e heterogênea, as multiplicidades de motivações são pessoais.

A religião está presente na vida de Lara. Embora se considere católica, frequenta outros espaços onde a fé pode ser exercida. Como citou anteriormente vai à igreja evangélica, e tem um contato com a natureza, talvez herança do Budismo. Sua devoção por Nossa Senhora da Conceição vem desde cedo e se mantém na velhice. Ela afirmou:

“Eu sou católica, já fui Budista, eu vim pra cá, foi como melhorei quando tive depressão, mais eu não sou aquela pessoa que eu era, a gente sente fraqueza nas pernas, eu sou praticante, eu gosto de me confessar na igreja que fica no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) oito na cidade de Brazlândia, a igreja do Menino Jesus de Praga, eu gosto muito de falar que a minha força está na natureza, na lua no sol, mais minha Santa, que desde criança é Nossa Senhora da Conceição, eu ia pra igreja, ia lá mexer com o Padre eu dizia padre eu quero sentar perto da minha santinha, ele ia lá e pedia a pessoa pra eu sentar perto dela, meu cabelo era muito liso não segurava um grampo, e eu disse eu não quero este cabelo, queria o cabelo igual da santa crespo, e ele ficou”.

A religiosidade, na obra da escritora Hilda Hilst, aparece como uma possibilidade de reavivar a fé cristã, o desejo é que por meio dos questionamentos feitos sobre a igreja, sobre a fé, sobre Deus, possa encontrar o caminho para aplacar o peso da culpa de tantos “pecados”. O divino se humaniza para que haja o estabelecimento do diálogo com um igual, que seja capaz de responder a inquietações. Por meio da sua personagem Senhora D, Hilst faz a seguinte indagação:

Como será a cara DELE hein? É só luz? Uma gigantesca tampinha prateada? Não há um vínculo entre ELE e nós? Não dizem que é PAI? Não fez um acordo connosco? Fez, fez é PAI, somos filhos, não é o PAI obrigado a cuidar da prole, a zelar ainda que a contragosto? É PAI relapso? (Hilst, 2001, p. 38)

Em outro trecho:

Como é possível o Homem se pensar espirro do divino tendo esse luxo atrás [...] “Ó buraco, estais também aí no teu Senhor? Há muito que se louva o todo espremido. Estás destronado quem sabe Senhor, em favor desse buraco? Estás me ouvindo? [...]. O divino passa a ter uma condição de humano” (Hilst, 2001, p.18).

O texto da autora traz uma áurea misticista, revela o mundo subjetivo em que é possível exprimir sentimentos que foram reprimidos pela sociedade, pela mãe, ou pela própria religião.

A Filo pouco falou sobre religião. Apenas disse “Sou católica praticante, vou à missa, sou devota de Nossa Senhora Aparecida, São Francisco de Assis”. “Sou espírita”, foi o que disse Febe, mas disse não se incomodar quando tem que frequentar outros lugares, “eu rezo vou à igreja de crente”, sou Umbandista, aqui acolá eu vou lá ao centro. Embora a religião seja um marco importante na velhice no Brasil, alguns dos seguimentos religiosos são colocados à margem social, o que pode contribuir para um maior preconceito em relação aos idosos.

Desde o início, as religiões afro-brasileiras se fizeram sincréticas, elas estabelecem um paralelismo entre divindades africanas e santos católicos, adotando o calendário de festas do catolicismo, valorizando a frequência dos ritos e sacramentos da igreja católica. Assim aconteceu com o candomblé da Bahia, o xangô de Pernambuco, o tambor-de-mina do Maranhão, o batuque do Rio Grande do Sul e outras denominações, todas elas arroladas pelo censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) sob o nome único e mais conhecido de Candomblé.

Até recentemente, essas religiões eram proibidas, e por isso duramente muito tempo perseguidas por órgãos oficiais. Continuam a sofrer agressões, hoje menos da polícia e mais de seus rivais pentecostais, e seguem sob forte preconceito. O mesmo preconceito que se volta contra os negros, independentemente de religião. Por tudo isso, é muito comum, mesmo atualmente, quando a liberdade de escolha religiosa já faz parte da vida brasileira, muitos seguidores das religiões afro-brasileiras se declararem católicos, embora haja uma boa parte que declara seguir a religião afro-brasileira que de fato professa. Isso faz com que as religiões afro-brasileiras apareçam subestimadas nos censos oficiais do Brasil, em que o quesito religião só pode ser pesquisado de modo superficial (Prandi, 2004, p. 225).

Orfeu, católico praticante, disse que todo “domingo vai à missa, devoto de Santo Antônio”. Quando perde uma coisa pede a Santo Antônio que lhe ajude: “ele coloca a

coisa na minha mão”. A aproximação com a religião começou depois do AVC, entende a fé como importante para sua recuperação.

A religiosidade do grupo de idosos aqui entrevistados deixou claro que eles continuam a busca de um vínculo que possibilite a prática religiosa, que contribua para o exercício da fé e da esperança. A religião, com sua forma peculiar de se manifestar, foram aqui percebidas por cada um deles de forma diversa.

Palavras como: devoto, rezo e missas aparecem para indicar o esforço em manter o cumprimento dos dogmas prescritos pela igreja. A maioria deles se professou católico, mas também os evangélicos falaram de sua prática de ler a Bíblia. A única espírita que foi entrevistada não entrou em detalhes sobre sua crença. Embora todos tenham falado de sua fé em ação, ninguém comentou sobre a questão da finitude, ou do transcendente, ou de ter um lugar no céu.

Em relação à religião, para a escritora Hilda Hilst, a igreja mantém o modelo hegemônico. O que ela quer é reencontrar a fé cristã, pois sua inquietação se dá em nome das atrocidades que foram feitas em nome de Deus. Utiliza seu discurso como algo político, para desconstruir a ditadura da interdição do corpo infringida pela religião. O próximo tópico será descrever como os idosos percebem a relação com o corpo no seu envelhecimento.

6.3 O corpo

O corpo é algo que se transforma com o passar do tempo. Ele está sempre em movimento para se adaptar às novas realidades que a vida lhe impõe. O corpo é a expressão de um “EU” interior e a ele está atrelada a consciência e por meio dele que o sujeito se relaciona com o mundo. Para Le Breton, o corpo é elemento isolável da pessoa a quem dá fisionomia só é possível em estruturas societárias de tipo individualista nas quais os atores estão separados um dos outros, relativamente autônomos com relação aos valores e iniciativas próprias. O corpo funciona como se

fosse uma fronteira viva para delimitar a soberania da pessoa em relação aos outros (Le Breton, 2007, p.30).

A antropologia do corpo procura entender os símbolos naturais que se manifestam na ordem social. Esta avaliação leva em consideração o determinismo social e as interações possíveis que este corpo realiza com o mundo exterior. Em relação à atribuição social do corpo, ele está subordinado a questões culturais, a fatores políticos, ideológicos, e hegemônico. Na velhice ele se apresenta como um produto desenhado ao longo da vida. O self aparece em vários momentos para também nortear a construção com o outro.

6.3.1 O corpo Jovem

A percepção do corpo, bem como as mudanças que ele sofreu com a chegada da velhice, foi descrita pelos idosos aqui entrevistados de diferentes maneiras em determinados momentos beirando a perfeição e em outros como algo disfuncional. Já na hipótese da escritora Hilda Hilst sobre este tema, ele aparece como o retrato de um corpo com suas limitações e transformações relacionadas ao envelhecimento: “O corpo é quem grita esses vazios tristes por que não alimenta o corpo com benquerença, aceitando o agrado dos outros? Porque o corpo está morto e a alma?” (Hilst, 2001, p. 32).

Raimunda reconhece que seu corpo “não tinha nenhum problema quando jovem”, foi a velhice quem o modificou, e trouxe alguns problemas de saúde. Disse: “*eu tenho problema de coração, tomo remédio para o coração pressão*”, segundo a cuidadora informou, há o diagnóstico de hipertensão arterial sistêmica (HAS), existe a medicação para controlar a pressão. Muitos idosos com doenças crônicas fazem uso de vários medicamentos ao mesmo tempo, o que ocasiona a polimedicação (Secoli, 2010).

Ao falar do corpo, Rita informa que não percebe “diferença de quando era jovem é a mesma coisa”. Acredita ser igual. Não leva em consideração o problema renal e a hipertensão arterial sistêmica HAS, e nem considera as mudanças físicas, que trouxe a dificuldade de locomoção. Procurando entender o que Rita expressa em relação ao corpo, Corbin *et al.* (2008, p. 9) nos revelam que o corpo existe em seu invólucro

imediatos como em suas referências representativas: lógicas, subjetivas, também variáveis conforme a cultura dos grupos e os momentos do tempo. Existe por parte dela o entendimento do seu estado de saúde, e da importância da medicalização, que controla a pressão arterial, “se manter calma ajuda manter a pressão controlada” quando disse “a gente vai lá pra baixo” significa que se não fizer o tratamento de forma adequada pode morrer, e que ficar nervosa compromete seu bem-estar, alterando os níveis pressóricos.

A comparação do corpo envelhecido em relação ao corpo quando era jovem foi relatado por Rosa da seguinte maneira:

“Graças a Deus era bem de saúde, agora assim eu sempre só tinha gripe, e negócio de cansaço e asma eu tinha lá na minha terra, depois que eu vim pra cá acabou. Hoje tenho AVC duas vezes, sofro reumatismo, uma queda, aí fiz a cirurgia, e tenho uma prótese, pra esse problema não tem remédio não, depois que eu fiz a cirurgia que recuperei que comecei a andar, que eu passei um ano sem anda, não tomei mais remédio não, agora já tá doendo muito, sentido muita dor, com o frio, a gente vai fazendo muito movimento logo no começo, com força e vontade de andar e fazer as coisas, logo antes do tempo, vai ficando velha volta tudo de novo”.

Ao informar que “era bem de saúde”, Rosa se refere ao tempo antes do Acidente Vascular Cerebral “Hoje tenho AVC”. O AVC em geral traz várias limitações, dependendo da área afetada do cérebro. Pode ocorrer comprometimento da memória, da mobilidade, de movimentação de braços ou pernas. Isso associado à queda que Rosa sofreu: “uma queda, aí fiz a cirurgia, e tenho uma prótese”, que trouxe o comprometimento do quadril, sendo necessária a colocação de uma prótese, o que gera limitações para realização das atividades básicas da vida diárias (AVD). Demonstra uma dependência para “banhar e para se vestir-se”, e anda com ajuda de um andador.²⁰

²⁰ Acidente Vascular Cerebral - AVC é caracterizado por interromper o fluxo de sangue que vai para o cérebro. É uma doença neurológica que em geral quando acomete o idoso deixa sequelas e pode causar a morte. É mais comum em pessoas acima de 65 anos, mas pode ocorrer em quase fase do desenvolvimento humano.

O reconhecimento da mudança corporal para Ruth aparece em sua fala de maneira espontânea: “Quando era jovem era muito gorda, gorda mesmo, emagreci a metade, comia muito, era saudável, hoje tomo cinco remédios para pressão alta e os rins, não é bom pra funcionar, fui na doutora ela falou que eu tava bem, mais ainda não cabei de fazer os exames, mais ela achou boa saudável”. A velhice fez com que ela “emagrecesse a metade” indica também mudança de comportamento em relação à reeducação alimentar (“comia muito”), e que talvez a própria velhice indique que há redução do desejo de alimentar-se de forma mais livre, ou seja, não está só ligado à condição da alteração do paladar; às vezes associado à dieta imposta por uma condição de doença crônica, neste caso, revelou-se o aumento da pressão arterial, já acompanhado de comprometimento renal: “hoje tomo 5 remédios para pressão alta e os rins, não é bom pra funcionar”.

A velhice para Renata se configura no corpo, sem nenhum comprometimento físico. Reportou que “sempre fui sã, não precisei de médico”, apenas com as limitações próprias da idade. Neste caso, dificuldades de locomoção, sem associação de doença crônica. O processo de envelhecimento foi retratado durante tanto tempo de tal maneira que a noção de envelhecimento saudável parece ter sido eliminada, como refere Haber (1986 p.73). Vendo na senescência uma perspectiva patológica, eles descrevem esse estágio inteiro da vida como uma longa e progressiva doença. Onde começariam a velhice e a doença? E talvez ainda mais surpreendente, poderia o velho ser vigoroso, ou seria a própria noção de uma velhice saudável uma contradição nos seus termos?

Ao lembrar-se do corpo quando jovem Tricha descreve-se como:

“Quando a gente é jovem é magrinho, vai ficando velho vai engordando, vai pegando aquelas rugas, mais de disposição não sinto diferença, levanta cedo faço meus exercícios, me achava atraente, me sentia bonita, minha pele era bonita, não tinha o vitiligo, e eu peguei o vitiligo minha pele ficou manchada, mais minha pele ta voltando aos poucos, mais aí eu não me sinto bonita, associo o vitiligo aos problemas emocionais, não a velhice. O vitiligo ele não me prejudica em nada, só me sinto feia por causa da pele”.

Analisando as colocações feitas por Tricha “bonita, atraente”, é possível perceber que ela estabelece um elo de diferença com o momento atual, por possuir hoje, “rugos, por

ter engordado” e pelo “vitiligo que manchou a pele”, tem consciência que ele (o vitiligo) apareceu em função dos problemas emocionais vivenciados em relação ao alcoolismo do marido, e que não faz parte do processo de envelhecer, afirma que “não me sinto bonita, associo o vitiligo aos problemas emocionais, não a velhice”, e continuou “o vitiligo ele não me prejudica em nada, só me sinto feia por causa da pele”.

21

O corpo atual para Tricha aparece em sua fala caracterizado com algumas comorbidades associadas à idade, mais considera que não tem conexão com o envelhecimento “minha pressão sobe quando fico preocupada, pois é emocional”, mais que são resultados da história de vida. Existe em seu reconhecimento que o aumento da pressão arterial não está ligado a fatores anatomofisiológicos e sim associado a fatores emocionais, por isso expressa uma negação da doença “mais não tomo remédio, o médico falou que não precisa, pois é emocional”. Em contra partida reconhece que possui “osteoporose na coluna”. A osteoporose que em geral aparece na mulher com a chegada da menopausa e da redução hormonal, é um complicador na velhice, pois aumenta o risco da fragilidade óssea.

A Tina também lembra que seu corpo, na sua juventude, seguia o padrão de beleza estabelecido para a época:

²¹ O vitiligo é doença de pele de causa desconhecida que acomete cerca de 1% da população, comprometendo de modo semelhante homens e mulheres, preferencialmente entre 10 e 30 anos de idade. Alguns fatores precipitantes para essa doença são: estresse físico e emocional, traumas mecânicos e substâncias químicas, como derivados do fenol. Doenças auto-imunes, principalmente as tireoidianas, podem estar associadas ao vitiligo. Novas terapias têm sido propostas, como o uso de imunomoduladores tópicos, aliadas àquelas já consolidadas, como os psoralenos e os corticosteróides; o sucesso terapêutico, entretanto, está estritamente relacionado à qualidade da relação médico/paciente (Steiner *et al*, 2004, p.335).

“Meu corpo, eu era gordinha, saudável, lembro até dos vestidinhos que eu usava, meu corpo era legal, mudou o seguinte naquele tempo a gente andava do jeito que os pais queriam, de cabelo grande, frisava o cabelo, roupa compridas, não usava esmalte, levava roupa mais curta escondida para trocar, eu era muito atraente, muito querida, os rapazes me queriam, eu casei com esse, pois foi amor à primeira vista”.

É possível perceber que Tina se sentia atraente e usava roupas determinadas pelos pais para manter o pudor “mudou o seguinte naquele tempo a gente andava do jeito que os pais queriam, de cabelo grande, frisava o cabelo, roupa compridas, não usava esmalte”, porém rompia com esta normatização em alguns momentos ao usar roupas curtas “levava roupa mais curta escondida para trocar, eu era muito atraente, muito querida, os rapazes me queriam, eu casei com esse, pois foi amor à primeira vista”, mesmo sendo escondido, este rompimento indicava uma liberdade de usufruir o corpo longe das amarras propostas pela sociedade e impostas ao papel feminino.

Ao continuar seu discurso Tina revela que seu corpo desde cedo deu sinais precoces de estar aberto para vivenciar o amor:

“Eu tinha dez anos, ele piscou para mim, e foi maravilhoso, aí ficamos namorando escondido, eu muito forte mulherão, parecia que eu tinha quinze anos, eu tinha medo dos pais, ele foi embora para o Rio de Janeiro e escrevia carta, eu escrevia escondido na casa de uma amiga, mandava cartinha pela minha sogra, até que meu pai ficou sabendo do namoro, o tio dele mandou ele embora para o Rio de Janeiro, neste dia eu sofri, eu chorei mesmo, o sofrimento irmão, eles achavam que ali terminava tudo, eu envie a carta e ela voltou porque eu não sabia fazer o endereço, pedi pro delegado fazer, que era amigo dos meus, pais, ele voltou eu tinha doze anos, quando ele voltou meu pai perguntou se eu queria casar, e eu disse que sim, pois se não eu ia fugir com ele, meu pai mesmo casou com minha mãe fugindo, eu casei com quinze anos”.

Ao falar do namoro Tina expressa uma relação romântica “amor à primeira vista”, o desejo e o sentimento pelo futuro companheiro se manteve dos dez anos até aos quinze anos de idade e estava disposta a tudo para vivenciar este afeto, mesmo que para isso tivesse que fugir. As cartas aparecem como fonte documental da história de amor. Como se mantêm casada a relação permanece.

O casamento durante muito foi visto como uma obrigação casava-se por interesse político, de poder e econômico, o amor ficava em segundo plano visto bem, é um ideal e

não uma obrigação. Unir homem e mulher em só corpo deveria ser uma bênção divina. Tina conseguiu em sua história romântica realizar seu sonho de casar com a pessoa amada, o que fica claro em sua fala, certo prazer de viver com o companheiro que escolheu e se guardou para ele.

Depois de ter traçado um panorama de seu corpo quando jovem Tina, afirmou que agora na velhice sua autoestima se encontra muito bem, pois gosta de se arrumar de andar cheirosa:

“Se eu me acho feia hoje, não vou dizer que eu sou feia, eu me arrumo, gosto de sair arrumada, posso ir até no mercado vou até arrumada, tenho minhas coisas, meu guarda-roupa como de moça, cheirosa e tudo eu fui muito perseguida por homens, neste tempo que eu passei trabalhando naquele centro de convivência, mais quando a gente nasce como uma coisa não adianta você não degenera”.

Tina demonstra um autocuidado com o corpo na velhice. Lembrou que foi cantada por alguns homens quando começou a trabalhar no centro de convivência, mas se manteve firme fiel em sua determinação de não trair o marido “mais quando a gente nasce com uma coisa não degenera”.

O autocuidado com o corpo se pauta no aprendizado. Quando o idoso consegue entender a importância desta ação na sua vida diária, sua qualidade de vida tende a melhorar. É claro que dependendo da fase da velhice em que ele se encontra terá necessidades diferentes, por isso o tipo de conhecimento que deve adquirir sobre o autocuidado também mudará. Por isso é importante se avaliar a autoeficácia do idoso, que deve ter competência de aplicar o conhecimento que teve na sua atividade diária, e caso não consiga é necessário verificar como ele receberá esta ajuda se é por meio de um familiar, companheiro ou um cuidador que foi contratado para este fim.

Ao falar do corpo agora na velhice, Tina afirma que hoje seu corpo tem algumas complicações referentes às questões de saúde: “Tenho problema de saúde, coluna, faço tratamento da coluna, tomo remédio para pressão arterial,²² não sou diabética, não como qualquer coisa, essas coisas que eu sei que é proibido eu não como”. Existe uma consciência sobre as limitações corporais em relação à dor que apresenta na coluna em função de uma artrite em fase inicial, que indica ter melhorado com a fisioterapia que é realizada no centro de convivência realizada na segunda e quarta-feira. Há também um compromisso com manter-se saudável, pois toma o remédio para pressão conforme a recomendação médica e faz dieta que é um coadjuvante no tratamento indicado.

O “corpo encolheu” foi assim que Tales demonstra uma percepção da sua condição da velhice em relação à involução da musculatura corporal. Afirmou que:

“Meu corpo, a diferença é na altura a pessoa quando vai ficando velha vai encolhendo, eu tinha um metro e setenta e sete e hoje um metro e sessenta cinco, e encolhe, eu pelo menos encolhi, quando eu servi o exército um metro e setenta e cinco, era um corpo saudável.”

Sua percepção de ter encolhido se deve talvez por causa da cifose, que o faz andar um tanto quanto arqueado para frente. Relata que o fato de ter um corpo saudável quando jovem era considerado bonito as meninas (a palavra mulher foi trocada pela palavra menina) ficavam de olho nele, isso facilitava o namoro “era um corpo saudável, tinha sorte para namorar, aonde eu chegava eu arrumava uma menina, não é que eu dizia sou bonito, às vezes tinha duas ou três de olho em mim”. Hoje ainda se considera “bonito”, o que implica na condição de reconhecer na sua imagem algo agradável e belo, o que afasta a imagem de decrepitude caracterizada na velhice. Ao falar da condição atual do corpo Tales relatou:

²² A Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) é um importante problema de saúde pública no Brasil e no mundo, é um dos maiores fatores de risco para doenças cardiovasculares. Entre a população idosa acomete cerca de 50% a 70% das pessoas nesta faixa etária. É um fator determinante de morbidade e mortalidade (Brasil, 2007, 71).

“Hoje tenho diabetes, hipertenso, e pra memória tomo o gardenal, tá tudo controlado, eu faço dieta, não pode comer sal, pra que eu vou comer sal, não pode comer gordura pra que eu vou comer gordura, não pode comer massa pra que e eu vou comer massa. O grupo aqui contribui muito para minha qualidade de vida, para mim e minha esposa, tem mais de dois anos que participamos de todas as atividades”.

Ao falar do aumento da pressão arterial elevada (Hipertensão Arterial Sistêmica - HAS) e da Diabetes Mellitus (DM), que surgiram com o envelhecimento, Tales demonstra ter consciência da importância da medicalização e da dieta “eu faço dieta”, bem como dos benefícios que a atividade física vem trazendo para sua vida, pois participa da fisioterapia que é oferecida no centro de convivência “O grupo aqui contribui muito para minha qualidade de vida”. É importante lembrar que estes fatores de comorbidades associados ao envelhecimento são apontados como os principais fatores de risco para as doenças cardiovasculares, que por sua vez constituem a principal causa de morbimortalidade na população brasileira. Associado à velhice, o risco se acentua.

A Tila reportou ao falar do seu corpo fez a seguinte declaração:

“Meu corpo eu era magrinha eu casei com quarenta e sete quilos hoje eu tenho setenta e seis, toda a vida eu tive um corpo bonito pernas grossas. Hoje cheio de veias, mais eu não tenho problema com isso tenho celulite, eu faço hidromassagem, e é bom fazer hidro, é logico que eu me cuido, porque a gente vê que lá tem pessoas pior do que você, eu nunca me achei bonita, sabia que tinha um corpo bonito do povo falar”.

A Tila revela que quando era jovem sempre ouvia comentários sobre o seu corpo, suas pernas eram grossas, o peso mantinha certo padrão “eu era magrinha”, faz uma comparação entre o que era e o que é hoje “cheio de veias”, é um contraponto. Indica a busca por um corpo que corresponda as suas expectativas atuais, por isso expressa à preocupação da manutenção do corpo simbólico e não somente o corpo físico.²³

²³ É importante perceber a preocupação não só com o corpo natural, que é resultado do processo evolutivo e que corresponde a um ciclo biológico, mediante o qual nascemos, desenvolvemos, adoecemos, envelhecemos e

O desejo do resgate do corpo simbólico na velhice para as mulheres ocorre em função de que, durante muito tempo seus corpos estavam inscritos para representar o outro, pois eram vistas como mãe ou esposas, e acabavam perdendo sua própria identidade. Este é inclusive um modelo que servia ao patriarcado para manter a ordem vigente, a partir de valores machistas. Pois em muitas sociedades as mulheres eram vista como um bem que primeiramente pertenciam ao pai e depois de casarem pertencia ao marido. Hoje na velhice Tila disse apresentar um corpo com alguns problemas de saúde:

“Hoje eu tenho pressão alta, tá controlada, tenho problema de coluna no nervo ciático, eu fiz uma reforma e ela demorou nove meses, aí eu não tinha paciência, eu carregava peso, também tenho labirintite, estou bem, tomo remédio para pressão dois comprimidos, fui à cardiologista esta semana e ela aumentou agora são quatro por dia, melhorou minha qualidade de vida com a atividade física”.

Fica claro o cuidado que Tila possui com a saúde, embora tenha vários problemas que são acompanhados pela médica. Indica a utilização de vários medicamentos, polifarmácia²⁴ muito comum em idosos que possuem problemas crônicos, o que pode contribuir para aumentar a gravidade de reação adversa ao medicamento.

morremos, mas também com o corpo simbólico que resulta das construções sociais, cuja imagem ideal é a da saúde e beleza associada à juventude. O significado só pode ser apreendido a partir de uma visão do corpo como signo. O corpo como signo se distingue de um fenômeno que diz respeito a uma composição biológica, fisiológica ou orgânica. Enquanto signo, o corpo não se refere apenas ao corpo presente, mas a um conjunto representativo mental ao qual o comunicante, sujeito de nossa pesquisa, referência a sua realidade de corpo (Blessman 2004, p. 22),

²⁴ A polifarmácia está associada ao aumento do risco e da gravidade das reações adversas de medicamentos (RAM), de precipitar interações medicamentosas (IM), de causar toxicidade cumulativa, de ocasionar erros de medicação, de reduzir a adesão ao tratamento e elevar a morbimortalidade. Assim, essa prática relaciona-se diretamente aos custos assistenciais, que incluem medicamentos e as repercussões advindas desse uso. Nestes são incorporados os custos de consulta a especialistas, atendimento de emergência e de internação hospitalar. Em países desenvolvidos o custo anual foi de 76,6 bilhões de dólares em 2014. O risco de RAM aumenta de três a quatro vezes em pacientes submetidos a polifarmácia, podendo imitar síndromes geriátricas ou precipitar quadros de confusão, incontinências e quedas (Secoli, 2010, p. 137).

É frequente o idoso apresentar de duas a seis receitas médicas e utilizar a automedicação com dois ou mais medicamentos, especialmente para aliviar sintomas como dor e constipação intestinal. Esta situação pode ocasionar eventos adversos, uma vez que o uso simultâneo de seis medicamentos ou mais pode elevar o risco de IM graves em até 100%. Uma revisão sobre os óbitos mostrou que 18,2% das mortes foram diretamente associadas ao uso de mais de um medicamento. A incidência de erros de medicação, como consequência da polifarmácia, foi de 15% quando o idoso utilizou um medicamento, elevando-se para 35% quando o número foi igual ou superior a quatro (Secoli, 2010).

“Quando nova, meu corpo eu lembro que eu era bonitinha, magrinha, agora eu tô feia, a velhice modifica tudo, você tem um filho, mas não é mesma coisa que tá novinha, não tinha nem um problema de saúde”. Esta é a percepção que Tami possui em relação a sua imagem corporal na velhice. Os idosos sempre possuem um autoconceito e uma autopercepção, que é orientada pela forma como eles se enxergam, mas que leva em consideração o contexto em que foram imersos, criando uma teia de percepções que estão inter-relacionadas. Em relação ao corpo atual Tami revelou “hoje tenho artrose, bico de papagaio, prótese no joelho, tomo remédio ômega três e vitamina D”.

O corpo para Toinha é descrito como:

“Meu corpo era perfeito, saudável, eu me achava bonita, olho pro espelho e digo espelho meu tem alguém mais bonita do que eu, hoje ainda me acho bonita, não tinha nada naquela época, mesmo do jeito que sou gosto de andar arrumada, tem a dança cênica que eu gosto de participara, venho arrumada e as irmãs dizem que eu sou a rainha da Inglaterra, de manhã eu faço a oração e depois me arrumo”.

O corpo aparece um tanto quanto disforme para Luca isto fica claro ao dizer “O corpo quando jovem a gente tem um corpo melhor, não tem ruga, quando envelhece, o corpo muda fica mais gordo, fica grande, meio desconjuntada”, em relação à juventude, palavras, como rugas, gorda e desconjuntadas configuram um imaginário um tanto quanto grotesco da velhice. Em contrapartida mostra uma busca pela manutenção da beleza, manter-se arrumada mesmo em casa parecer simbolizar uma negação da velhice, uma busca de um bem-estar “eu me acho bonita, gosto de me arrumar, eu não me

levanto nem um dia sem me arrumar, posso está em casa mais eu fico arrumada, como se fosse sair, hoje sai com pressa que me esqueci de colocar uma jóia”. Atualmente diz ter como problema de saúde “pressão alta, tomo remédio”. Demonstra ter cuidado com a saúde, por aceitar o tratamento indicado pelo médico para controlar a pressão arterial.

O Lito, ao falar do corpo, o descreve de forma saudável, ligado a força e a poder, ao referi eu não tinha medo “Meu corpo era muito agitado, eu com dezesseis anos já tomava conta dos meus irmãos, eu ajudava meu pai na roça, meu corpo era saudável até os cinquenta e oito anos eu não sentia nada, eu tenho porte pequeno, mais nunca tive medo de trabalhar”. A condição de provedor apareceu muito cedo, pois teve que contribuir com o sustento dos irmãos menores, ao falar do porte pequeno se refere à estatura baixa em torno de um metro e cinquenta.²⁵

Segundo o Lito hoje na velhice “tenho problema de pressão alta, a dieta é um pouco complicada, gostava de tomar um vinho e uma pinga, mas deixei de tomar”. Para o controle da pressão arterial teve que mudar de hábito, em relação à alimentação e abrir mão a bebida alcoólica mesmo socialmente.

“Quando eu era nova meu corpo era bom fazia tudo e não sentia nada, era bonita”, assim disse Liza que reconhece seu corpo quando jovem como perfeito. Ao expressar os problemas de saúde que apareceram com a chegada da velhice revela: “Hoje tenho labirintite, pressão alta, tomo três remédios três de manhã e três de noite, a pressão tá controlada, a atividade física eu faço aqui toda semana, já tem dois anos, na quarta participo da dança cênica”. Em sua busca de manter-se saudável expressa o cuidado

²⁵ O fato de ter, durante toda a trajetória de vida, a função social de provedor, e a obrigação de demonstrar poder e força nos espaços sociais, incluindo a família, o trabalho e as relações amorosas, limitou-se a adaptabilidade masculina a situações que envolvem fragilidades, como é o caso da velhice. Assim, o processo de envelhecimento e a aposentadoria causam maiores impactos nos homens do que nas mulheres. O homem se sente incapaz por sua força de trabalho não ser mais considerada interessante para o mercado de trabalho (Nogueira, 1996).

com o corpo, pois participa das atividades físicas com regularidade oferecida pelo centro de convivência entre ele a dança cênica “a atividade física eu faço aqui toda semana, já tem dois anos, na quarta participo da dança cênica”. Robatto (1994) cita que a dança pode ter seis funções: autoexpressão (comunicação), diversão e prazer, espiritualidade, identificação cultural, ruptura e revitalização da sociedade. A dança tem forte caráter sociabilizador e motivador; seja em par ou sozinho, seja velho ou criança, seja homem ou mulher, dançando todos nos sentimos bem. É um aprendizado para toda a vida, que nos desperta emoções nunca imaginadas.

A Lis, ao falar do seu corpo na juventude, expressa que “eu me sentia orgulhosa que eu era bonita, não tinha nem um problema de saúde, ainda me acho bonita principalmente depois que Deus me transformou eu tenho a beleza de Deus”. O corpo hoje é visto como algo iluminado por Deus, ou como espelho ou reflexo de Deus, a beleza física dos anos de juventude, foi substituído pela beleza do transcendente.

A Lis revela que os problemas de saúde que existem agora na sua velhice estão ligados aos fatores emocionais ainda dos traumas que viveu na infância:

“Meu Pai tinha muita discussão com minha mãe, batia nela, eu quando nasci quase morri, nasci deste tamanhinho, ela teve aquela febre cumprida, a criança não tomava leite mamava na mãe e ela com febre não podia mamar, meu pai tinha batido nela, por isso tenho o problema de audição, que o médico não achou problema nenhum, até ganhei um aparelho, meu problema é nervoso, passava por vários médicos e não descobriam, até que encontrei está doutora que falou que o problema não estava nos ossos e sim na cabeça, quase eu entro em depressão”.

É possível perceber que a violência intrafamiliar, que gerou problemas emocionais sério para a Lis, a religião veio como ópio para aliviar a dor. No centro de convivência que frequenta, existe um grupo de terapia com uma psicóloga toda quarta-feira.

Lira começa sua fala sobre o corpo com as seguintes colocações: “Meu corpo era lindo, parecia uma viola, todo mundo fala, morávamos no sitiozinho, meu avô faleceu mais deixou todo mundo bem, foi muito bom minha vida de solteira, eu tinha umas primas nos mesmos fazíamos nossas festas, eu era atraente”.

A fala sobre o corpo para a escritora de Hilda Hilst conflui com o que disse Lira, em relação aos aspectos simbólicos ao olhar para si mesma no processo do envelhecer. Sua personagem Senhora D, se vale de uma polivalência semântica no nível do objeto simbólico, pois, ao falar do corpo animado, mostra-se muitas vezes como um animal que caminha aos bandos. “Se sou zebu também caminho aos bandos, sou triste de olhar, quero dizer que não terás muita luz no olho se me olhares” (Hilst, 2001, p. 27).

O corpo de Lira então se revela em conformidade com o que propões Jung (1981) um símbolo como uma dimensão estruturante e arquetípica. Sua estrutura e suas partes expressam de acordo com suas intenções a realidade essencial da pessoa. Nesse sentido o simbolismo do corpo, desvela que a dimensão do corpo matéria é somente uma variável a ser compreendida, é preciso que se ouça o corpo que fala por meio do desejo e que anuncia e denuncia o universo consciente e inconsciente.

Neste ponto da entrevista Lira comentou sobre seu namoro na juventude, não de forma desconexa, todavia para falar da interdição do corpo:

“eu era atraente, namorei muito um namoro sem liberdade, chegava os rapazes daqui, só queriam namorar comigo, era uma vida muito boa, namorávamos só de olhar, este menino que eu casei com ele me deu um beijo quinze dias antes de casar, não fui moça de ninguém abraço, apertar de amassar, nada disso”.

O namoro aparece como separação dos corpos e vigilância contínua. É importante lembrar que tanto a igreja como a família tinha o papel fundamental da interdição sobre o corpo, em especial ao corpo feminino, que durante muito tempo foi entendido como objeto ou propriedade do pai ou do marido. O corpo aparece como de forma simbólica como se fosse uma viola.

Lira informou que hoje seu corpo possui várias doenças disse: “tenho diabetes e pressão alta, tomo remédio, não tomo insulina, controla com comprimido, a pressão tá controlada mais tomo remédio, eu faço hidroginástica e danço”. Fica claro que a Lira aceitou as doenças crônicas que apareceram associados ao avanço da idade, tem entendido a medicalização e a atividade física, são pontos importantes para manter o bem-estar físico.

Nas obras da escritora Hilda Hilst aqui utilizada, a palavra corpo aparece para sinalizar a sua importância em relação às transformações sofridas com a idade o trecho a seguir é revelador disto: “não venha, EHUD, posso fazer o café, o roupão branco está aqui, os peitos não caíram, é assustador até, mas não venha EHUD, não posso dispor do que não conheço, não sei o que é o corpo mãos boca sexo, não sei nada de você EHUD a não ser isso de estar sentado no vão da escada, isso de me dizer palavras, nunca soube nada, é isso nunca soube você deitava comigo, mesmo não sabendo.” (Hilst, 2001, p. 23).

Fica claro que a escritora também pretende sinalizar a necessidade de se discutir a vida sexual na terceira idade, faz isso de forma engraçada, bizarra, grotesco, mas que se revela sábio, verdadeiro, pois revela o que há de mais íntimo no humano, o desejo, que pode parecer tirano, hipócrita na velhice, e que a maioria da sociedade considerava ou considera tabu, tratar desta temática.

A escritora Hilda Hilst na verdade utiliza uma fala sobre o corpo para discutir o aqui e o agora, ou seja, a velhice vivida. Sua personagem Senhora D se vale de uma polivalência semântica no nível do objeto simbólico, pois, ao falar do corpo animado, mostra-se muitas vezes como um animal que caminha aos bandos. Se sou zebu também caminho aos bandos, sou triste de olhar, quero dizer que não terás muita luz no olho se me olhares, a cabeça procura sempre o chão, o beijo quer o verde sempre, se levanto a cabeça olho como quem não vê, procuro como quem não procura, corro se os outros correm ouvindo a voz do homem He boi He boi, que coisa crua empedrada a voz do homem, que cheiro o cheiro do homem, sendo girafa no vão da escada encolho, franzida me agacho, sendo girafa te procuro mais perto, lambedura acontecível isso de alguém ser muito ao mesmo tempo nada, de olhar o mundo como quem descobre o novo, o

nojo, o acoagulado, e olhando assim ainda ter o olho adifano, impermissível, opaco (Hilst, 2001, p. 27).²⁶

A Lola foi breve ao falar sobre a memória do corpo quando jovem vem carregado de boas recordações:

“Meu corpo era quando era jovem, bem feitinha de corpo, eu era toda bem durinha, eu não era magra, era cheinha, não gordona, eu me considerava normal, muito saudável, minha doença veio começar dos sessenta anos pra cá, mais eu tive uma vida tão saudável”.

O corpo aparece como um tempo de vida saudável, com ausência da doença. Se no tempo da juventude, o corpo não deu sinais de sua existência, no tempo da velhice, passa a exigir cuidados especiais, Lola disse o seguinte sobre isso “hoje tenho artrose, artrite, tomo remédio, faço acompanhamento”, a noção do corpo que é percebido por Lola parece ser algo em descompasso entre o que existiu e entre o que existe, pois hoje já há um corpo em declínio de suas funções.

Ao começar a falar do corpo Lara trouxe algumas informações que ajudou a entender os problemas que enfrenta hoje na velhice. Relatou o seguinte:

“Meu corpo quando era nova era bonito, era um corpo bem feito à gente peleja, mais não chega lá, meu cabelo, eu olho pro meu cabelo e penso, eu não quero este cabelo, eu vou pro Pará e vou trazer um pau de tinga, é um pau que os índios usam pra pintar, eu vou usar pra pintar o cabelo, o meu genro disse vai ficar com o cabelo amarelado, eu disse não tem problema, eu não quero é ficar com esse cabelo branco, é uma madeira pinta roupa e pinta tudo. O problema de saúde que eu tinha é que eu trabalhava com pimenta do reino, eu chegava na escola passando mal, você sabe que naquele tempo a escola era difícil, hoje se não tomar o remédio eu fico desorientada eu me perco, ano passado já me perdi três vezes depois que eu tive um acidente, que eu bati a cabeça, aqui é dormente, eu vou te falar uma coisa, eu tinha o corpo bonito, o cabelo bonito, os

²⁶ Da ausência de qualidades ou de situação social, portanto, da animalidade básica, surgiria o “homem verdadeiro”. É este o sentido da lição dada pelo mestre budista Lin-Tsi (China, século nono) aos discípulos: “Sobre o vosso conglomerado de carne vermelha, há um homem verdadeiro sem situação, que, sem , caesar, entra e sai, pelas portas do rosto” (Sodré & Paiva, 2002, p. 22).

dentos, hoje é dentadura, principalmente a parti de cima que já tá gasta, a gente não observa a beleza que o corpo têm quando se é jovem, se estraga muito. Eu sinto meu corpo fraco, eu não gosto de comer pra morrer, eu vou na casa da minha filha ela diz mamãe coloca dois pedaço de bifes e eu digo não, eu não posso desacostumar meu corpo, o remédio que eu tomo a carbamazepina é para epilepsia, eu tenho que comer carne se não me dá fraqueza pra morrer, pois quando tive os filhos cada um deles eu tive hemorragia. O acidente foi de carro e eu já fui atropelado duas vezes”.

A Lara mostra um “corpo quando era nova era bonito, era um corpo bem”, o corpo aparece como refractário de um tempo de beleza, mas também de complicações ao longo da vida como hemorragia e “o acidente foi de carro e eu já fui atropelado duas vezes”. A epilepsia apareceu pós-atropelamento “o remédio que eu tomo a carbamazepina é para epilepsia, hoje se não tomar o remédio eu fico desorientada eu me perco; ano passado já me perdi três vezes depois que eu tive um acidente, que eu bati a cabeça, aqui é dormente”. Existe uma preocupação com a manutenção do corpo na forma atual isto fica claro ao dizer que vai para o Estado do “Pará e vou trazer um pau de tinga”. Outra preocupação sua nesta fase da vida é com a alimentação, pois revelou que senti “o corpo fraco”.

A Filo fala que seu corpo era ótimo: “Meu corpo era ótimo, não sentia nada nem dor de cabeça eu tinha, eu era bonita, eu tenho foto da minha juventude, que eu olho e falo será que era eu, hoje ainda me acho bonita, acho que não tô tão feia assim não, pelo menos eu tento me cuidar”. O corpo aparece na juventude como saudável, como bonito, e quando olha suas fotos busca o reconhecimento de um corpo que não possui mais, embora ainda se ache bonita. Admiração da imagem de um corpo perfeito e duradouro ao olhar para a foto faz a Filo perceber o quanto envelheceu. Fica claro em sua fala o desejo de juventude eterna, e consegui isto por meio da imagem que vê refletida na foto, parece encanta com o tempo que ficou para traz.

Ao mostrar sua memória da juventude a Febe conta que seu corpo era a personificação da beleza:

“Meu corpo eu era bem magrinha só faltava quebra no meio, cabelão grande, saudável, não tinha nem um problema de saúde, me achava bonita, não tinha filho, não tinha marido, meu

corpo era perfeito. Hoje meu corpo é defeituoso, cheio de cirurgia, me considero bonita, tenho que me conforma com que Deus me deu. Hoje tenho problema de pressão alta e artrose, tomo medicação, tá controlada, faço atividade física, me ajudou bastante, depois que eu entrei aqui eu melhorei, eu não aguentava sentar, eu sentia dor, aqui mudou a minha vida, o meu amor é esse grupo social”.

Embora Febe ainda se considere bonita descreve um corpo como grotesco deformado “Hoje meu corpo é defeituoso”.²⁷ A velhice trouxe vários problemas de saúde como “pressão alta e artrose”. O grupo de convivência aparece como uma fonte da juventude, a interação social e a participação nas atividades física proposta pela fisioterapia na segunda e quarta-feira trouxeram mudanças significativas do estado geral da saúde.

A descrição do corpo de Tales, quando jovem está ligado a sua capacidade de atuação para momento de lazer, regados ao prazer, como dançar, beber e fumar:

“Quando era jovem meu corpo, era forrozeiro demais, não queria saber de nada, saia na sexta-feira e só voltava no domingo seis horas da noite, e na segunda-feira ia trabalhar, no forro ficava bebendo e pegando as mulheres, fumava não era uma carteira não, fumava mais por esporte, tinha dois amigos meus que fumavam, eu Saturnino e Van Dick, nós fumamos, nós três, uma vez faltou cigarro pra ele Saturnino eu dei, um dia faltou cigarro pra mim, eu disse Saturnino arruma um cigarro pra mim, ele veio com uma piada pra mim: “quando a máquina apita, ronca quem quiser cigarro compra”, desde aí pra não ter problema, eu deixei de fumar, eu fumei vinte ano”.

Tales fala desta época com saudosismo, pois havia aí o corpo perfeito. A relação do corpo excede o domínio do particular. Tal relação, já que os sujeitos estão inseridos em contextos socioculturais, transita em direção ao público e tem suas individualizações a partir do contato com os outros. Antes de ser “espaço” que possibilita a experiência do

²⁷. O grotesco traz uma “cosmovisão carnavalesca” de mundo, onde as imagens do “baixo material e corporal” têm uma relação extremamente simbólica, e popularmente corrente, com o elevado, o transcendente, rebaixando-os à terra no sentido de absorção e renascimento. A imagem de cada parte do corpo tinha em si uma relação cósmica, como, por exemplo, na representação do céu com o rosto ou de nascimento com os órgãos genitais (Bajtin, 1987, p. 25).

prazer, o corpo desempenha função de identificar e posicionar os seres no mundo: primeiro, pela sexualidade, aparentemente, a ser desempenhada quando meninos e meninas são divididos em representações que respondem aos estereótipos e os ligam a algumas ações futuras, para as quais deverão ser preparados durante a infância para exercer quando adultos: bonecas que acostumam meninas a maternidade, de forma a garantir a reprodução; carrinhos como uma representação do trabalho e independência dos meninos, garantia do sustento; quartos pintados de rosa ou azul com decorações de princesas ou de esportistas, etc. (Nascimento, 2013, p.3).

Além desse aspecto cultural, poderíamos tratar da função do corpo ou da "serventia" que ele tem. Responder essa questão acerca da funcionalidade poderia, por sua vez, inferir outras possibilidades de leitura: (I) que se supõe uma utilidade (II) e, em caso de uma resposta afirmativa, que estamos inseridos em relações de poder que impõem ao corpo uma atuação específica, economicamente determinada. Neste caso, devemos pressupor a existência de um controle político que começa sendo exercido sobre o corpo biológico, e não apenas biológico (mas biopolítico), já que "o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou ideologia, mas começa no corpo, com o corpo" (Foucault, 1984, p. 80).

O corpo apareceu na fala dos sujeitos entrevistados como engrenagem perfeita do ponto de vista anatomofisiológico, que sofreu alterações com as mudanças que surgiram no processo do envelhecimento, com a chegada de algumas morbidades, é também representada na busca de encontrar sentido e um lugar no mundo na relação com o outro, é visto como receptáculo da alma, como ator utópico, ou um desenho a ser decifrado.

A heterogeneidade da velhice que deve ser entendida como uma etapa da vida em que cada sujeito tem uma maneira própria de vivenciá-la, já que o sujeito idoso tem uma forma de existir no mundo, que é representado pelo corpo, que ajuda a identificar esse sujeito histórico e crítico. Estar na mesma faixa etária não significa que ele possui uma velhice homogênea com as mesmas necessidades e anseios de outro velho, já que as mudanças sofridas com o tempo são únicas a todos os seres humanos.

Já para a escritora Hilda Hilst o corpo aparece como armadilha para questionar a velhice vivida e representada por uma minoria: “o que são essas senhoras velhas, os ganidos da infância, os homens curvos o que pensam de si mesmo os tolos, as crianças, o que é pensar” (Hilst, 2001, p.10). O corpo serve para a autora mostrar, na criação literária, o seu discurso, em favor dos velhos, como uma maneira de chamar a atenção para o envelhecimento, que na época da publicação de suas obras era pouco discutida pela sociedade, traz uma visão de quem sonha de quem devaneia, a qual exprime uma visão desencantada da existência em relação à velhice. Por isso percebe-se certa diferença na identificação dos idosos aqui entrevistados em relação ao seu corpo, pois embora existam mudanças com o avanço da idade, estão em busca de se adaptar as novas condições impostas pelo tempo e pelo corpo.

6.4. Sexualidade na Velhice

Falar de sexualidade na velhice é um desafio, o tema que se afigura de difícil entendimento por alguns seguimentos sociais, por invalidar na velhice a prática sexual. Ocultar o desejo e o prazer relacionado ao sexo na velhice tem sido a cultura de vários países, associada ao tabu, está temática acaba sendo entendido muitas vezes como prática de algo imoral na vida dos idosos. O fato é que a visão restrita, tanto em relação à sexualidade quanto à velhice, levou várias sociedades a entender que o velho (a) vive uma fase da vida assexuada.

A velhice em algumas sociedades está acompanhada de normas e condutas em relação à sexualidade. Na maioria delas está predeterminada que a sexualidade deve ser iniciada na adolescência e encerrada na velhice, mas é importante lembrar que o corpo e o desejo vão para além deste limite. Na verdade o que se percebe que as instituições representativas querem sempre exerce o poder de domínio sobre o corpo e com ele a sexualidade.

O controle do Estado sobre o corpo, com todos os ritos que ele impõe, e que a igreja durante muito tempo contribuiu e ainda contribui para isso, pode ser considerado como outro fator ou tentativa de criar seres assexuados.

Porém esta verdade se impõe hoje de forma não universal, pois há um retorno à prática sexual na velhice. É preciso deixar claro que esta prática, aqui, tem o sentido de empoderamento para o exercício da sexualidade do ser humano e da troca afetiva, após o período da possibilidade de procriação.

Para entender melhor como a sexualidade é entendida pelo grupo de idosos que participaram da investigação, seguem seus discursos que começam com o amor:

6.4.1 Amor

A relação amorosa na velhice pode se reinventar. O velho não deixa de amar, ele pode amar a partir dos novos vínculos que foram instituídos nesta fase da vida, que neste caso se caracteriza como amor fraterno. Raimunda ao falar de amor disse que “me sinto amada por todo mundo, elas todos não tenho o que dizer”.

Resgatar o direito de uma vida sexual do velho implica poder pensar o amor em suas formas de transformação libidinal, ou seja, outras formas de amor, que passam pela ternura, pelos contatos físicos que erogenizam o corpo, como o olhar, o toque, a voz, redescobrimo as primeiras formas de amor do ser humano [...] O velho não deixa de amar, mas reinventa formas amorosas (Santos & Carlos, 2003, pp. 22 -23).

A Rita foi muito breve ao falar sobre amor, sua fala era de incerteza em relação ao amor disse: “Acho que me sinto amada, tenho meu filho minhas netas” O filho e as netas vão visitá-la uma vez por mês e em datas especiais, segundo informou a cuidadora do ILPI.

O amor para Rosa é algo que vivencia na relação com “meus amigos e pelas minhas amigas, no lugar que eu morava em todo canto, em todo lugar me sinto amada, onde trabalhei, trabalhei muito em casa de família, a minha patroa me ama e eu amo ela”, aparece no depoimento à construção de um novo laço de relação social, que foi construindo ao longo da história de vida no local onde trabalhou. O amor se caracteriza

como amor fraterno em que acontece a troca de sentimento comum “a minha patroa me ama e eu amo ela”. O vínculo se mantém mesmo morando no ILPI “ela vem me visitar, e tudo que eu preciso precisar de alguma coisa ela vem aqui”. Embora o vínculo seja de afeto, não perdeu a relação ou caracterização de uma relação de submissão, pois continua tratando a pessoa amada como patroa. Volich (2009) diz ser a relação com o outro é para o idoso muito importante, sendo o isolamento social algo extremamente temido. Com o envelhecimento, as relações familiares, pessoais e sociais aparecem sendo de grande importância como fonte de alimentação, regulação e organização.

São as relações sociais a base para o estabelecimento de proteção e segurança, pode ser tanto na família, como em um grupo ou comunidade, seja qual for à situação, a interação é de fundamental importância para a sobrevivência.

Günther (2009) afirma que em cada fase da vida, da infância à velhice, faz-se parte de um contexto que influencia as ações sociais dos outros sobre nós e de nós sobre os outros. Através das relações sociais aprende-se, troca-se afeto, informações, recebe-se e presta-se apoio, constrói-se e mantém-se a identidade.

A Ruth começou dizendo “me sinto amada do povo que eu criei, por eles e pelo povo daqui”, trabalhou como doméstica e ajudou a criar os filhos da patroa com que mantém laços de afeto, e de quem recebe visita de forma regular no ILPI, inclui os profissionais como pessoas que também troca afeto “e pelo povo daqui”.

A maneira de expressar amor para Renata começa com uma reflexão “nunca pensei sobre se sou amado ou não” demonstra não ter preocupação em ser aceita nesta fase de vida, entende que é amada por todos “ser amado é ser querido de outra pessoa, acho que sou amado por todos, todos me querem bem”, significa que conseguiu no ILPI dá novo sentido as relações afetivas.

Ao falar sobre amor, Tricha revelou:

“Me sinto amada, muito acolhida por Deus e Nossa Senhora, pela minha família e por pessoas que não são da minha família, pelo padre, por este grupo, não to fazendo exercício mais eu venho, as irmãs também me acolhe, é como se fosse um remedinho que tomamos todo dia, esses

dias meu pai tava passando mal , aí eu vim aqui e a irmã fez as orações, eu me sinto muito bem, por Deus e pelas pessoas que me amam, eu não sinto falta de ter um companheiro, pois tenho meus filhos, se não tivesse meus filhos, eu teria um companheiro, solidão é um coisa muito ruim, mais tenho meu filhos então não me preocupo, não quero ninguém pode não dá certo”.

O amor para Tricha aparece como uma forma de refrigério para acalantar as dores emocionais que ficaram da relação do casamento “meu marido bebia”. Se sentir acolhida significa ter um lugar para compartilhar suas necessidades físicas e emocionais. O padre e o grupo aparecem com o mesmo grau de importância, pois são hoje os dois extremos que ajudaram a resgatar confiança na nova organização do papel social que desempenha. No final de sua fala disse “não querer um companheiro” indica o medo de reviver a experiência traumática e de codependência que vivenciou com o companheiro.

Percebe-se que a história de amor de Tina continua com o marido e com os filhos, disse sentir-se “amada pelos meus filhos, o meu esposo já tem oitenta e sete anos” embora ela se queixe de não o ouvir falar que a ama com frequência “eu não sei o que é amor de marido não, ele não conversa é muito fechado”, ele já manifestou este sentimento em algumas ocasiões “teve uma hora que foi para ficar de frente para o outro e falar eu te amo minha esposa, nessa hora eu ri, eu falei padre fulano, hoje vou receber uma palavra que eu nunca recebi, ele falou que me amava, e eu me senti bem”, lembrou-se das cartas que recebeu, revelou que no início do namoro eles foram separados, pois ela era muito nova e ele foi enviado para a cidade do Rio de Janeiro, as cartas foram um alento foi o que reforçou o amor, revela que seu sentimento pelo companheiro continua igual “ele tava no Rio de Janeiro, quando nos separamos na fase de paquera, ele escrevia umas cartas tão carinhosa, que se fosse pessoalmente, eu podia dizer pra você que era a mulher mais feliz do mundo, mesmo pobre, o meu amor por ele continua igual, eu amo meu marido”.

Ao revelar que é uma relação em que não se concebi o sexo, há uma culpabilização do marido com certo ar de pena pelo homem que ele se tornou, em função de não possuir um desempenho sexual na cama que seja satisfatória ao padrão esperado “você sabe, tadinho às vezes ele se lembra, não tem força, ele não tem ereção, nunca quis tomar

remédio, tem vários tratamentos, como ele já é de idade tenho medo de dá”, ao afirmar ele já é de idade, perceber-se um olhar do outro que está de fora da relação, talvez uma reprodução do discurso de incapacidade sexual na velhice, e também revela que ainda não descobriram outra forma de buscar prazer que não seja por meio da relação sexual tradicional. Ao revelar que o filho mais velho já se ofereceu para trazer remédios para tratar a disfunção erétil do pai, mostra que está é uma temática que é conversada na família, e que há espaço até para brincar sobre as possíveis soluções “se você trazer para o teu pai tem que trazer para mim também”.²⁸

Para compreender o que foi dito sobre a disfunção erétil na velhice, é importante lembrar que anteriormente era chamada de impotência sexual, que pode ser entendido como a incapacidade persistente de obter e manter uma ereção suficiente para um desempenho sexual satisfatório. Sousa & Batista (2013).

Não é raro que a disfunção erétil seja confundida com a diminuição da libido, com os distúrbios da ejaculação e até mesmo com a esterilidade masculina. Os mecanismos responsáveis pelo funcionamento de cada uma das funções mencionadas são completamente diferentes e separados uns dos outros. Embora a disfunção erétil não apresente riscos à vida do indivíduo, pode provocar uma série de transtornos, como a diminuição da autoestima, aumento da ansiedade, comprometimento do relacionamento social e depressão, entre outros. Tais transtornos podem acabar causando repercussões no estado geral de saúde do paciente.

²⁸ Este depoimento fez lembrar que em geral os idosos são vistos como “anjos da guarda com um corpo diáfano”, liberados de todo traço de sensualidade. Está fábula deve ser preservada a todo custo; se preciso for, sob o controle dos filhos que se tornam, por sua vez, guardiões da supressão. Ocorre, assim, uma inversão dos papéis que ocupavam na adolescência. Os idosos são então compelidos a ocultar cuidadosamente todo e qualquer interesse sexual sob pena de serem socialmente desconsiderados e afetivamente rejeitados pela própria família (Vasconcelos *et al.*, 2004, p. 415).

Tales sente-se amado pela esposa, ele disse o seguinte: “Eu me sinto amado pela minha esposa, é quem cuida de mim, é quem me dá remédio na hora certa, às vezes eu tô brincando com a cachorrinha e a mão tá suja e ela põe o remédio na minha boca”. A esposa exerce o papel de cuidadora funciona como a rede de apoio informal, que em geral no caso do idoso, pode ser composta também, pelos filhos, por um amigo mais próximo, nos cônjuges dos filhos ou ainda com outros parentes da geração precedente. Nesta rede, a família é a central agente de cuidados, sendo a fonte primária para a assistência ao idoso.

A Tila foi muito breve em suas colocações ao falar sobre amor, mesmo assim demonstra que existe um sentimento de pertencer ao grupo social da igreja, que traz a ideia troca de carinho e afeto. Revela novamente a boa relação com os filhos. “Eu me sinto amada pela minha igreja, todo dia recebo whatsapp da dona da igreja, pelo grupo da minha igreja, e pela minha família”.

Tami começou falando de amor e foi breve e logo seu discurso foi em busca de falar do prazer. Afirmou:

“Prazer é ter uma pessoa, é se correspondido, o marido dá valor a ela, ele dá valor a gente, não a gente servir como esteio na casa, como objeto na casa, põe a gente como se fosse uma obrigação, eu quero hoje você tem que dá, não assim não, primeiramente a gente que ter carinho e amor, porque a parte sexual, se não tiver amor não tem nada, com meu marido eu sentia isso até ele se entregar na bebida, ele tinha a diabete, e não conseguia fazer nada sexualmente e começou a me machucar, ele começou a dizer que eu tinha outro, pra mulher é mais fácil ter uma relação sexual do que o homem, ele tinha pressão alta, não tinha ereção, procurou tratamento, mais ele não largava de beber, aí não tomava os remédios para pode beber, eu dizia o amor e o prazer não é só sexo, tem outras coisas pra fazer viajar, ele não gostava e eu viajava com minhas filhas ele ficava revoltada”.

Fica claro que Tami teve uma relação conturbada com o marido. Ao começar a falar de amor, ela relatou também sobre prazer e práticas sexuais “Prazer é ter uma pessoa, é se correspondido”. Falou da violência infringida tanto física como emocional, por ele não ter mais ereção e obrigá-la a fazer sexo da forma como ele achava melhor: “Com meu marido eu sentia isso até ele se entregar na bebida, ele tinha a diabete, e não conseguia fazer nada sexualmente e começou a me machucar. Ele começou a dizer que eu tinha

outro, pra mulher é mais fácil ter uma relação sexual do que o homem”. Ela se sentia um objeto, pois a relação sexual não correspondia a sua expectativa, não havia uma troca saudável, carinho, o marido dar valor a ela, “ele dá valor a gente, não a gente servir como esteio na casa, como objeto na casa, põe a gente como se fosse uma obrigação, eu quero hoje você tem que dá, não assim não, primeiramente a gente que ter carinho e amor, porque a parte sexual, se não tiver amor não tem nada”. Ele tentou tratamento para a disfunção erétil, mais por causa da bebida não conseguiu continuar o tratamento e também não levava a sério o tratamento da diabete, entrava no processo de autossabotagem, por causa da dependência química. Revela uma compreensão em relação à condição do homem e da mulher na performance sexual, informando que para a mulher é mais fácil ter relação, na verdade está apontado para impotência do parceiro, com as morbidades associadas a velhice era o fator que contribuíam para ele não ter êxito na relação sexual.²⁹

A Toinha reconhece que se “senti amada por todos sou fácil de fazer amizade, conhecimento, pra mim não tem ninguém ruim”. Ao informar que se sentiu amada por todos está ligada ao fato de ser comunicativo, o que facilita sua interação no grupo de convivência.

A Luca revelou: “Sou amada por mim mesma, por meu filho que faz tudo que eu quero, foi o que disse a Luca, esse ano ele me levou para os Estados Unidos, fui para Orlando, comi muita coisa gostosa, não comi massa, eu não me dou muito com massa”. O filho aparece como cuidador e companheiro de momentos de diversão.

²⁹ A violência contra a pessoa idosa está situada nesse contexto estruturante de negação da vida, de destruição do poder legitimado pelo direito, seja pela transgressão da norma e da tolerância, seja pela transgressão da confiança intergeracional, pela negação da diferença, pela negação da mediação de conflito e pelos distanciamentos de realizações efetivas dos potenciais dos idosos ou ainda pelo impedimento de sua palavra (Faleiros, 2007, p.36).

Lito afirmou ao falar de amor disse o seguinte: “Me sinto amado pela minha esposa, pelos meus filhos, pelas irmãs, aqui eu sou voluntário, é só me chamar eu tô, aqui, trabalhei aqui limpando o meio fio, indo ali, arrumado a água, indo comprar alguma coisa pra elas, as irmãs de caridade, levo meu neto na escola, minha filha no trabalho dela”. O fato de ser amado se configura em função de uma necessidade de ser útil, está disponível para ajudar a família e as irmãs de caridade do centro de convivência, como voluntário ajuda a ocupar o tempo na velhice.

Assim como Lito a escritora Hilda Hilst também fala sobre o amor, ele aparece nas declarações feitas EHUD ao se referir personagem Senhora D e a Hillé. Lembrando que a senhora D é a face envelhecida de Hillé, isto acontece por meio da cantiga de amor, que aparece para mostrar a mulher idealizada. Para Hilst o personagem EHUD ao se referir a Hillé pergunta “se me amas, Hillé a alma sente a carne é que sente Altivez. Mentira. E depois tu saías e eu desenhava teu rosto sobre o meu, teu longo corpo, turva e inundada de ti repetia palavras: rocio, júbilo, hermosura, remolido, sconvolgente, Hillé sconbussolata, Hillé perduta Tens uma máscara, amor, violenta e lívida, te olhar é adentrar na vertigem do nada”. (2001, p. 54-55). Depois EHUD ao se referir à Senhora D diz o seguinte: “sorrio diante da megalômana. Sedutora. Fêmea e força. E continuo no roteiro da saudade dos meus mínimos. Do que fui antes de conhecê-la. Dos passeios supostamente castos e no meio das minhas pernas um tímido agitado, das mãozinhas inábeis e ainda assim deliciosas daquelas senhoritas, ocas senhoritas, pequenas repolhudas” (2001, p. 84).

“Me sinto amada pelos meus filhos”, é o que expressa Liza, “graças a Deus que meus filhos gostam de mim”, relatou que existe uma filha que chamou para que ela passe a morar com ela, “e eu disse não, não vou deixar minha casa não”. Reconhece que o fato de possuir um lar facilita o reconhecimento de seu lugar, o ponto aqui, é que não deseja incomodar os filhos, e fica clara a preocupação de que espaço ocuparia na casa da filha? Qual seria seu lugar na casa? Que função teria nas atividades diárias? Às vezes na perspectiva de querer trazer uma nova realidade para o idoso, como mecanismo de proteção e de vigilância os filhos, em geral ocorrem em erro, pois os idosos, não são ouvidos em relação a sua real necessidade, o que pode gerar conflitos, ou ainda causa

depressão no idoso, por mudanças muitas vezes tão bruscas, além de se caracterizar como a retirada do empoderamento. A experiência do empoderamento psicológico ocorre quando a pessoa vivencia seu poder em situações de carência ou de ruptura. Através dessa vivência, ela reconhece não apenas recursos e possibilidades pessoais ou coletivas, mas também sua capacidade em sair de uma posição de impotência e resignação, muitas vezes pré-determinada por um *script* social, convertendo esse conhecimento em ação social e na conformação de seu entorno. Além de fortalecer suas competências, a pessoa desenvolve novas habilidades para enfrentar em seu cotidiano incertezas, adversidades e situações de risco (Kleba & Wendausen, 2009, p.739).

Lis afirmou o seguinte ao falar de amor:

“Me sinto amada pelos meus filhos, pelas irmãs, pelo meu marido, me sinto privilegiada, tudo que eu preciso como pobre eu tenho, nos casamos só tínhamos um quartinho, aí foi comprando as coisas, se eu quero comer alguma coisa na mesma da hora ele providencia”.

Lis afirmou ter uma relação de troca de afeto com os filhos e maridos, e que suas necessidades imediatas como a de alimento são atendidas.

Lira começou com uma pergunta: “Amada? Estes últimos tempos me sinto desprezada, quando a gente tem alguém na vida da gente a gente se sente amada, alegre, eu me sinto sozinha, principalmente na parte da noite, durante o dia é bom, a gente sai, eu quero um companheiro, eu tô lutando por uma pessoa, eu queria assim da minha idade, mais velho eu não quero, não quero fazer ninguém infeliz, tem uma pessoa que quer falar comigo, ele me ligou, ele trabalha construindo campo de futebol me trata de um jeito, eu fico assim eu tenho setenta e um e ele cinquenta e cinco, tô esperando pra ver o que dá a família dele eu não conheço, mais eu vou conhecer e vou ver o que dá”. O fato de não se sentir amada, implica no desejo de ter um companheiro, pois se senti só, está aberta a

novos relacionamentos, com homens que possuam a mesma idade ou mais novo, pois tem medo de que um homem mais velho possa lhe dar trabalho.³⁰

Lola começou sua fala dizendo “me sinto amada, meus filhos me adoram, me querem muito bem, mais mesmo assim, ainda tem muito a desejar, basta faltar o companheiro, ele foi o grande amor da minha vida, não podia ter um companheiro melhor do que ele”, hoje viúva ainda senti falta do marido que faleceu em função da “demência vascular”, que segundo relatou “fez ele sofrer muito, e toda a família, ele ficou muito agressivo, ele era muito bem pra mim, depois ficou ranzinza, enjoado comigo”, chegou a pensar que as mudanças sofridas em função da doença fosse coisa do perfil familiar, que são coléricos. Nesta fase passou a contar o que aconteceu em função da doença do marido:

“eu o levava no médico, ele passou remédio, levei no psicólogo, depois ele adoeceu da próstata, fez cirurgia, reteve a urina, ficou usando fralda, depois perdeu a mente, ficou sem reconhecer ninguém, brigou com o filho dizendo que ia matar ele, aí eu levei ele no médico de novo. Ele passou um dia no hospital, fez todos os exames, e depois fizeram uma reunião da família. Investigaram como era minha casa, me disseram o que eu tinha que adequar para ele, disseram que a doença não tinha cura, que ele ia ficar cada vez mais agressivo. Eu também já estava muito abatida, aí fui adequar a casa, colocar corrimão, tirar os batentes. Meu filho disse ‘mãe e agora quem vamos colocar pra cuidar dele?’, e eu disse ‘ninguém, eu que vou cuidar, eu não quero cuidador porque ele não vai ter paciência e não quero ver ninguém aqui gritando com ele na minha frente’. Meu filho disse ‘mãe, então vamos arrumar alguém para cuidar da casa e a senhora fica cuidando dele’. E assim foi, ele foi indo até que se prostrou, ele nunca me agrediu fisicamente, porque eu não deixei. Ele ia pro banheiro e eu ficava olhando pela brecha. Um dia ele levantou à noite com toda roupa de cama e disse ‘vamos embora para casa’, e eu tinha paciência e dizia ‘não vamos agora não que vai passando um monte de malandro’. Ele tinha muito medo de malandro. Neste tempo minha filha já estava morando comigo. Um dia ele sentou no sofá e fechou a mão esquerda e disse ‘eu podia lhe dar um murro’, eu disse ‘que história é essa

³⁰ A desvantagem das brasileiras no mercado matrimonial é gritante. A situação se torna cada vez mais assimétrica à medida que homens e mulheres avançam na idade: com o envelhecimento, as chances de casamento diminuem para as mulheres e aumentam para os homens (Goldenberg, 2014, 501).

de você bater na esposa?’. Eu entendi que era da doença, isto foi um sacrifício muito grande pra mim, mas isso trazia um pouco de paz pra ele, eu percebia que a minha presença fazia bem pra ele. Depois ele se prostrou-se, uma hora tava em casa outra hora no hospital. Tinha momentos que ele tentava me morder, dá coice, eu perdoei ele, um dia ele se pôs de joelho e me pediu perdão, desde daí eu perdoei tudo que tinha passado e tudo que podia vir. Um dia ele engasgou, passaram uma alimentação muito forte, ele vomitou, ficou morre não morre. Passaram três meses, ele inchou e desinchou, deu tanta da coisa, derrame pneumonia, até que Deus levou.”

O problema de saúde do marido foi um momento que uniu ainda mais a família. Foi um processo longo e doloroso de declínio para ele, de perda de mobilidade, de memória, o que trouxe mudança da estrutura física da casa, mudança de hábitos, algumas feridas emocionais, enquanto a esposa manteve a determinação de ser cuidadora até o marido falecer, demonstrado seu amor.

“Não me sinto amada, não tive sorte no amor”. Foi assim que Lara começou a falar de amor, e continuou “olha em relação aos meus filhos, eu acho assim, é o jeito deles amar, eu ligo pra eles, eu tenho um filho que trabalha como garçom na caixa econômica federal e digo meu filho você se esqueceu de sua mãe? E ele diz: “não mãe é que meu tempo é pouco”. Os filhos não são frequentes na sua vida, apenas quando busca contato com eles é que eles respondem, como mora só, procura atividades fora do lar para ter com quem conversar o convívio no centro de convivência é um destes espaços o outro são as igrejas tanto a católica como a evangélica. E acrescentou:

“Eu tive uma pessoa mais ele se matou, tem três anos, era um rapaz bonito, trabalhador, mais ele se envolveu no craque, a família dele internou ele, ele me ligava, ele ia para igreja, mais não seguia, eu liguei para ele e ele disse busca a Deus, e eu disse eu já sou dele, porquê se eu fosse de Deus pai de Jesus eu não tava aqui, quando ele saiu a família levou ele, eles pensaram ela já é velha, ele merece coisa melhor, ele era vinte anos mais novo que eu, mas quando tava doente até a comida eu dava na mão, eu cuidei dele, quando ele foi se matar ele me disse: você vai me procurar nos quatros cantos do mundo e não vai me achar. Eu não podia fazer nada, foi insistência da família em nos separar, quando ele saiu do coma, ele não conhecia ninguém, a família levou ele, eu avisei a família, ele tem que ficar em tratamento porque o médico falou que ele tinha que ficar em tratamento se não ele ia surtar, a família tirou ele da clínica, ele tava forte e bonito, ai ele voltou para vida que ele tava, bebendo, se drogando, ai eu disse não é isso que eu quero pra mim, eu disse se a família levou então deixa lá, um dia ele disse eu vou me matar, falou pra mãe dele, ele vinha com um fio na mão ela não acreditou, ele era pedreiro e pintor, e

ele se matou lá no barraco, ele sentou tava de calçado, calça jeans, cheiroso, tirou a camisa, ele sentou e se enforcou. Foi por isso que eu tive a depressão, depois que ele morreu, fiquei muito magrinha dava para contar os ossos, eu fiquei triste, eu fui na sepultura, eu vou dia dos pais, eu vou no aniversário, um dia eu disse você podia me dá um sinal que você está por aqui, veio um vento e tomou a sacola e jogou lá na frente, eu mandei celebrar a missa, foi ai que eu melhorei”.

Fica claro que Lara ainda possui vários traumas, que são decorrentes da sua relação com um rapaz mais novo, entre eles a dor da separação que foi imposta pela família do parceiro, o suicídio dele, a culpa por não poder continuar seu papel de cuidadora, o que gerou depressão, que produziu impactos significativos em seu humor e sobre o próprio corpo. Hoje está em um processo de perdão e vem trabalhando isso no grupo de terapia com a psicóloga no centro de convivência.

A Filo informou que se sentiu “amada pela minha família, pelos meus amigos”. O fato de ser comunicativa aparece quando fala “tenho uma facilidade de me comunicar” e continua “eu tenho muita facilidade de fazer amigos”, por onde passa, deixa aberta a possibilidade de estabelecer novos círculos de amizade, o fato de ainda fazer um bico como vendendo produtos de beleza, também facilita sua aproximação com pessoas de várias idades.

“Eu me sinto amada pelos filhos que eu tenho, e o povo daqui, me sinto amada que todo mundo me abraça e me beija, eu chego aqui eu brinco com a irmã”, esta é a ligação afetiva e de amor estabelecida por Febe. Além da boa relação com os filhos o grupo que participa do centro de convivência exerce um vínculo importante de troca afetiva.

Orfeu se reconhece amado “só quem me ama mesmo é minha filha, quando a mulher fica brigando, ela me defende, a mulher fala que ela é puxa-saco, aqui no grupo só a irmã que me ama, eu tenho um amigo Francisco, ele é Assessor Parlamentar, é como se fosse um irmão para mim”, O conflito familiar aparece e como um problema que possui hoje na velhice. Considera-se amado por três pessoas: a filha, a irmã de caridade e o amigo Francisco, a esposa não aparece como alguém que tem trocado amor. A seguir os idosos falaram sobre Prazer.

6.4.2 Prazer

O prazer, para Raimunda, aparece deslocado da sua relação com o desejo sexual. Perguntou “Prazer? A gente o senhor me pegou, todo mundo tem prazer gosta de outro, namorar não, dormir comer é comigo mesmo, estudar me dá prazer”. Houve uma pausa para expressar o que significava a palavra perguntada, havia algo de censura moral na resposta, ignorou completamente o que havia sido perguntando e disse: “ela acabou de me ensinar, de manhã eu me arrumo assim direto eu me sinto bem”, o prazer se distancia da volúpia que tem como fim a prática sexual, aparece desfocada da genital e migra para outra área erógena (boca) “comer me dá prazer”.

A Rita revela entende o prazer como algo desconectado da relação sexual “prazer é a pessoa faz o que gosta, eu dancei muito em clube, brinquei muito carnaval, muito sapeca, graças a Deus não tenho o que reclamar da vida”. Ele (o prazer) é apresentado como algo da interação social, rompe com a ideia da busca de prazer no fórum privado “O que me dá prazer hoje viver aqui, ter meu filho, bordar, sei costurar e tudo mais, gosto mais de bordar”.

O prazer está deslocado para as atribuições relacionadas às atividades básicas da vida diária é o que se percebe no discurso de Rosa “não sei o que quer dizer prazer, agora não tô fazendo nada, quando eu podia fazer, eu tinha prazer de trabalhar, dormir me dá prazer, ir à igreja, cuidar de mim, me levantar de manhã, pegar toalha tomar meu banho, entrar em baixo do chuveiro sozinha, trocar a roupa, arrumar caminha (cama local de dormir), isso me dá prazer”, mesmo com a dificuldade de locomoção, procura desempenha funções simples como arrumar a própria cama, é uma maneira de se sentir útil.

Quando se refere “depois olha assim tá tudo arrumado o guarda-roupa” indica uma satisfação estética, mais também a satisfação por realizar algo que pode mostrar a si e aos outros, que ainda é capaz de produzir um trabalho eficaz. Quando fala “dormir me dá prazer” remete a uma relação de fazer algo sozinha. Dormir pode ser uma fuga da condição atual de uma parcial limitação? O outro trecho “entrar em baixo do chuveiro sozinha” indica um momento de intimidade, a relação com o corpo, à água caindo sobre

o corpo como fonte de prazer, que pode ser uma substituição da necessidade de um contato físico com um parceiro, ou também pode ser a descoberta de algo que pode ser orgástico.³¹

Quando disse “eu não entendo de prazer”, Ruth expressa na voz um tom de como se falasse de algo proibido, houve uma mudança no tom de voz, como algo severo, intimidador, agregou em seguida às palavras “passear, ter amigo, amiga, me arrumar”. Deixou marcada a diferença entre prazer como sexo/proibido e revelou outros tipos de prazer/permitidos: ter amigos. Já Renata afirmou:

“prazer é sentir bem é não sentir mal nenhum”, e enumera o que lhe dá prazer “é rezar, rezar, rezar, pedir pelos outros, pedir pelos outros, pelo mundo inteiro, ouvir falar que vai faltar água, eu disse bote os toneis aqui, que desperdício de água, para aparar a água da chuva, depois fica esperando água para lava os pés”. Finalizou dizendo que sentia prazer na oração³²

³¹ Com o envelhecimento, quando as funções orgânicas sofrem em seu desempenho uma perda sexual, decorrente das mudanças hormonais ou de alguma doença incapacitante, a libido, ou seja, a energia sexual, que privilegia o aparelho genital para a sua realização, retorna seu investimento a outras áreas do corpo marcadas nas primeiras experiências, retornando ao prazer encontrado em outras formas erógenas, como o toque, o olhar, a delicadeza de toda sensibilidade. A sexualidade, como manifestação de amor, de afeto, toma outras formas de expressão. [...] São os preconceitos que fazem pensar que a chamada andropausa no homem e a menopausa na mulher são responsáveis pelas dificuldades sexuais (Debert & Brigeiro, 2012,42).

³² O Brasil passa por uma crise em relação ao consumo de água principalmente em relação aos grandes centros, ao mostrar a preocupação com isto e dizer que reza por todos e traz solução para a problemática de água, se mostra atualizada em relação às questões sociais que envolvem o planeta e a humanidade. Existe uma campanha para o controle e o desperdício da água e a maneira que ela encontra de contribuir com este processo é rezando. O prazer se mostra no sentido então de poder contribuir com os outros por meio de rezar, e também em relação a sua condição de bem-estar “é não sentir mal nenhum”.

Ao falar de prazer Tricha, começa a pontuar na verdade uma relação de desprazer que teve no casamento, a relação conturbada com o marido, com brigas, se sentia como objeto, não amada:

“Prazer à gente viver bem, a gente dormir bem, acordar bem, ter as pessoas que a gente ama por perto, Deus dá coragem pra gente levantar da cama, quando era nova pensava em fazer alguma coisa da vida, meu marido me prendia, eu era um objeto, nunca tive ajuda dele, não me apoiava não me dava carinho, eu coloquei estes filhos no mundo porque Deus sabe todas as coisas, viu que eu precisava destes filhos pra me apoiar, meu marido não me respeitava nos vivia igual cão e gato, ele bebia muito, ele não me respeitava e eu não respeitava a ele, por isso que eu fiquei assim, me colocou doença do mundo, puxou faca pra mim, eu não tinha prazer nesta relação, quando eu não aguentava mais peguei depressão, era muito desgosto, eu falei não aguento mais viver com você, fui à psicóloga e ela falou você decide, fiquei esperando meus filhos, que eles concordassem com a separação, minha relação sexual não era prazerosa, fazia por obrigação. O que me dá mais prazer hoje é esse passeio na igreja católica vou a Bom Jesus a Aparecida, gosto de plantar, de viver com minha família”.

A violência doméstica vivida por Tricha se mantinha por meio de ameaça “ele puxou faca pra mim” contribuiu para o aparecimento de problemas emocionais, neste caso a depressão “meu marido não me respeitava nos vivia igual cão e gato, ele bebia muito, ele não me respeitava e eu não respeitava ele, por isso que eu fiquei assim, me colocou doença do mundo, puxou faca pra mim, eu não tinha prazer nesta relação, quando eu não aguentava mais peguei depressão”, este fator é um ponto para que considere a relação sexual não fosse prazerosa, pois o sexo envolve não só condições físicas, mais também fatores psicológicos, ficam claro quando diz que era objeto que era apenas usada em todos os aspectos da vida de casada, inclusive na cama, onde não acontecia uma troca de estímulo sexual em relação a preliminares o sexo aparece como obrigação “minha relação sexual não era prazerosa, fazia por obrigação”, e também revela ter tido doença venérea passada pelo companheiro, o que indica que ele tinha relações extraconjugais, uma realidade comum em vários recantos do Brasil. E mesmo com toda insatisfação da relação a dois, se manteve nela por causa dos filhos. O prazer foi descoberto nos passeios feitos em grupo e na relação familiar agora com nova configuração sem a presença do marido.

Em relação à depressão como síndrome psiquiátrica de Tricha é importante compreender que em geral este tipo de doença leva a falta de humor, a perda do interesse ou prazer, bem como alterações do funcionamento biológico, entre outros. Os sintomas podem ter duração curta ou prolongada, sendo consideradas manifestações importantes, com repercussões na vida dos indivíduos. Tais repercussões afetam o cotidiano das pessoas, tanto na esfera familiar como na esfera socioeconômica, visto que se revelam, por também afetarem aspectos subjetivos como os sentimentos, os pensamentos e as emoções. Vale ressaltar que também pode afetar a capacidade de enfrentamento das situações que exigem tomadas de decisões.

Fica claro que o desprazer da relação conjugal influenciou de forma a contribuir para diminuição ou ausência do desejo sexual. O desejo sexual é comprometido por uma série de influências inibitórias e excitatórias. A diminuição do desejo pode estar relacionada a distúrbios da excitação sexual, dispareunia e anorgasmia. Também as disfunções sexuais do parceiro afetam o desejo feminino. A depressão é fortemente associada à diminuição do desejo sexual, sendo complexa a relação entre essa doença, conflitos conjugais e disfunção sexual, que interferem sobre os Inibidores seletivos da recaptção da serotonina (ISRS) tendem a inibir o desejo e dificultar o orgasmo. (Fleury & Abdo, 2009, p. 48).

O prazer para Tina aparece como uma condicionante da relação com o marido, que não propicia a troca de carinho, ou preliminares antes do sexo:

“Olhe irmão prazer, eu vou lhe dizer uma coisa que talvez você nem acredite, você acredita porque é um homem sábio, eu nunca soube o que essa conversa de gozar, casei virgem, um dia fui consultar com o médico ele me perguntou, assim como o senhor tá perguntando, ele queria saber, ele disse não acredito não, ele disse: se você quiser eu vou deixar você subindo nas paredes, eu disse Deus me defenda, se meu marido é frio eu vou atrás de outro homem jamais, o médico sorriu demais de mim, isso tem a ver com o que acontece com a gente na cama, faltava ele ser aquele homem carinhoso, porque eu já conversei com muitas amigas, eu já tive várias reuniões, participei de vários programas que saiu esta palestra, só aquele ato de você vir e depois virá não é assim, nem isso eu tive sorte, eu já falei pra ele sobre isso é que você não tem carinho, as vezes muitas coisas eu deixo pra lá pelo seguinte, a minha criação foi uma a dele foi outra, foi criado sem pai, e nunca buscou explicação da vida, pois sempre foi muito tímido, até no dia do

casamento o padre perguntou se ele queria casar e eu tive que cutucar, tadinho ele é muito bom, nunca bebeu, nunca raparigou, um homem simples, no encontro de casal me perguntaram, o quê que trazia eu ser casada com ele até aquela data, porque eu já tenho sessenta e quatro anos de casada, eu disse paciência.

A fala de Tina sobre o prazer deixou no ar alguns questionamentos, sem respostas tais como: não ter gozado é um fato que se impõe, por ter casado virgem? Por ter tido experiência apenas com um homem? Porque ela nunca conversou com ninguém sobre isso? Pelo fato de ter sido criado sem pai o marido não teve informações sobre sexo? Por ser tímido? Existem vários indicativos na fala dela de que o prazer ou o gozar não aconteceu por culpa dele, embora ele seja visto como um bom homem “ele é muito bom, nunca bebeu, nunca raparigou, um homem simples”. O que se percebe é que ela está disposta a descobrir um prazer que ainda não teve, e sua expectativa de que isso aconteça inclui o marido “tem a ver com o que acontece com a gente na cama, faltava ele ser aquele homem carinhoso”, por isso tem conversado sobre desejo e prazer com o médico e com as amigas.

O sexual insiste para além das questões biológicas, pois mesmo que organicamente, com a velhice, o ser humano tenha perdas de suas capacidades físicas, não perde a capacidade de sonhar, desejar e principalmente, de desejar viver. Poder desejar é o que nos distingue das outras espécies. Esse desejo possibilita o enfrentamento da ideia de que somos seres mortais. (Santos & Carlos, 2003, p. 78).

Ao informar o que lhe dá prazer hoje Tina desloca completamente o foco da prática sexual “O que me dá prazer, depois que minha filha fez isso comigo, eu só tenho prazer quando junto com meus filhos, com minhas amigas, quando a gente passeia, com meus netos, quando é no Natal, nos meus anos, foi três dias, fiquei com um lado da cabeça doendo de tanto telefonema e mensagem, e foi festança, eu quero ver a felicidade deles”. A família aparece como ponto de ancoragem para descrever o que dá prazer, os momentos de datas comemorativas com a família aparecem como ápice deste sentimento.

O prazer para Tales aparece citado em dois momentos da vida: na juventude e na velhice: Afirma que:

“Prazer quando era jovem, era trabalhar, não matar serviço, namorar, cuidar da saúde, dançar, depois eu passei trinta anos sem dançar e perdi o compasso, agora tô retomando, nunca bebi, nem fumei, hoje o que me dá prazer é viver bem com a família, a mulher quando você vai sair ela te dá um beijo, vai com Deus, quando ela volta outro beijo, isso pra mim é um prazer, outro prazer é a saúde e a convivência com os vizinhos, porque nem um de nós vive só, o senhor pode precisar de mim e eu precisar do senhor amanhã, nem o rico vive só, ele tem que chamar o pobre para fazer algo para ele, porque outro rico não vem fazer aquele trabalho pra ele, ele tem dinheiro pra pagar, tem as especialidades, um pedreiro, outro é pintor, outro é mecânico, o rico vai consertar o carro de outro?”.

É possível verificar na fala de Tales que a qualidade de vida e o prazer do idoso têm relação direta com o bem-estar percebido, uma vez que a velhice não se reduz a um simples fenômeno biológico é também um fenômeno social.

É possível perceber na fala de Tila dois tipos de prazer:

“Prazer eu entendo tem o prazer sexual, e também de o prazer de você de sentir bem, este primeiro eu não tenho mais, não importo mais com isso, no início foi difícil, eu fiquei sozinha, tinha vontade né, ele saiu de casa eu só tinha apenas cinquenta anos, mais agora esse lado aí eu não tenho, quando me bate alguma coisa eu peço Senhor me liberta disso, não sinto desejo sexual, no início eu sentia muito. Hoje, tenho prazer de viajar, de pintar o tecido, de comprar o que você quer, de dormir bem, de comer, o que me dá prazer é ler, ver novela, essa última eu não vejo não fiquei brava quando vi aquelas duas mulheres idosas se beijando, gosto de um bom filme com lição de vida, de computador, no facebook, mais filme pornográfico eu não vejo não, gosto de procurar coisas no Google, receitas, sobre remédio, meu filho tem prazer de dizer minha mãe é internauta, eu não fico pra traz, tem mulher que não acompanha não se ligou em coisa do mundo, a vida tá te levando tem que acompanhar”.

No caso de Tila o prazer no primeiro momento que era ligado ao desejo e ao sexo, foi sublimado pela ausência do companheiro, substituído pelas orações libertadoras “este primeiro eu não tenho mais, não importo mais com isso, no início foi difícil, eu fiquei sozinha, tinha vontade né, ele saiu de casa eu só tinha apenas cinquenta anos, mais agora esse lado aí eu não tenho, quando me bate alguma coisa eu peço Senhor me liberta disso, não sinto desejo sexual”. O segundo prazer está na descoberta relacionada ao que fazer com o tempo, que antes era dedicado, ao trabalho, ao marido e aos filhos.

O tempo da velhice aqui aparece preenchido por afazeres que envolvem desde as práticas manuais individuais, até aquelas que são práticas socializadoras como a utilização do Facebook e a igreja. Revela certa preocupação com o investigador ao expressar que é uma internauta, por isso reforça “mais filme pornográfico eu não vejo”. Esboça certa resistência ou preconceito em relação à homossexualidade das idosas apresentadas na novela das oito.³³

A sociedade ocidental, geralmente educada com base em paradigmas judaico-cristãos, tem na ideia de “pecado” uma causa de anulação e arrefecimento para os seus desejos e práticas afetivo-sexuais. Deriva dessa relação o modo como às pessoas foram educadas, as repressões vivenciadas por elas ao longo de sua vida, os apelos da família e da sociedade, que contribuem para gerar pessoas medrosas, inseguras quanto aos seus próprios desejos e atitudes, sobretudo no que diz respeito ao domínio afetivo-sexual. Isso gera um círculo vicioso de pais que transmitem tais padrões morais, éticos e religiosos aos seus descendentes, e assim sucessivamente, formando-se pessoas com um pensamento cada vez mais homogêneo, caso não reconheçam e não rejeitem certos legados culturais (Antunes *et al.*, 2010).

Para Tami o prazer “não é só sexo, tem outras coisas pra fazer viajar. Hoje o que me dá prazer é sair, fazer crochê, ir para a academia, fazer curso de computação aqui nas irmãs, conversa com pessoas mais velhas, depois que ele morreu eu fiquei mais livre”. A busca de um novo sentido para a vida, e a descoberta de novos prazeres ligados ao campo social e de reconhecimento do grupo de idosos, permitiu uma nova postura, o

³³ Segundo Grzybowski (1998), As referências aos escritos bíblicos para defender a sexualidade na terceira idade como forma natural no processo de desenvolvimento humano, segue uma interpretação da bíblia conforme a sua vivência ou como foi transmitida pelos seus antepassados, com uma ênfase no relacionamento a dois. Tendo como visão sadia o referido matrimônio ou a relação homem e mulher, contudo, o maior preconceito, que é ainda está arraigado acerca das pessoas, está relacionado aos mitos e crenças infundadas.

peso do aprisionamento foi dissipado fazendo com que se sentisse livre agora na velhice, o papel de cuidadora foi deixado para trás.

Fica claro o conceito de prazer para Toinha “prazer olha eu não sei se tô falando certo, mais prazer é ter muita intimidade com as pessoas, ter aquela ligação com as pessoas pra mim isso é prazer”, a troca, não houve maiores detalhes em relação ao prazer sexual. Afirmou que o seu prazer está ligado a trabalhar em pequenos consertos de roupa, como barra de calça, ajustes em roupa que faz na sua residência “O que me dá prazer meu trabalho e minhas amizades”.

O prazer para Luca aparece ligado à liberdade de ir e vir “é isso que eu tenho, de viver, de me arrumar sempre, sair ver as amigas”. Ao citar o que lhe daria prazer nos dias atuais, ele está deslocado para longe de qualquer conotação sexual “O que eu faço hoje que me dá prazer é sair, fazendo alguma coisa, comprar alguma coisa, de shopping” O prazer está fora de casa, como mora sozinha, sair e estar na rua o tempo todo parece ser uma fuga da solidão, do isolamento que a condição de ser divorciada sem companheiro trouxe para sua vida.

O prazer para Lito aparece como a representação de ser útil, de poder realizar a necessidade dos outro “Prazer é se conseguir realizar, o estudo, por exemplo, eu não estudei, mais estudei meus filhos, isso é um prazer, no dia-a-dia tudo o que eu faço é com prazer é com amor”.

A Liza considera que prazer “é a gente ter saúde, a gente ter as coisas dentro de casa”. O prazer aparece atrelado aos afazeres, em específico àquilo que sou capaz de produzir ou receber “hoje o que me dá prazer é limpar a casa, e fazer crochê, é ver as novelas, é cumer”, os netos que a chamam de mainha, a levam para o shopping, “eles me chamam de mainha, eu fui e num sinto nada, quando to lá no shopping não sinto nada”. O prazer aparece associado ao lazer e a convivência com os membros da família.

O prazer não tem nenhuma ligação com as práticas sexuais, é o que aparece no discurso de Lis, aparece como condição de bem-estar generalizado nas ações “Prazer é ter uma família, meus netos, me deixou babona, me sinto acolhida por Deus, eu durmo bem,

como bem, isso me dá prazer, rezar me dá prazer” se refere ao que consegue realizar nas suas atividades diárias, na relação familiar, e na sua relação com Deus.

O prazer para Lira aparece instituído na relação com o outro “prazer é uma coisa assim, é ter alguém que a gente sente prazer, viver com alguém que dá alegria, eu vim aqui e vi o povo, abraça a gente, naquela alegria isso dá prazer”, na troca social, do afeto, aparece o desejo de ter um companheiro com quem possa compartilhar seu afeto “O que me dá prazer é sair, ficar isolado pra mim não dá, eu gosto do contato com o humano”.

A Lola mostra que seu prazer está ligado aos vínculos sociais, aos espaços públicos “Prazer só algumas vezes que a gente reúne a família. No dia a dia, o que me dá prazer é hidroginástica, automassagem, ajudo os idosos quando eles me procuram”, posto que a casa aparece como momentos de isolamento “mas eu sinto muita falta do companheiro no dia-a-dia, passa o dia todo sozinha é muito ruim, se você vai deitar e esqueci a luz acessa não tenho a quem pedir para desligar, de solidão, ao cuidado do corpo, ao toque que automassagem proporciona, o prazer também está ligado a necessidade de ter um companheiro que desfrute de momentos comuns no dia-a-dia “eu quero arrumar um companheiro, eu tô aberta, já tive dois namorados, mas não deu certo, já conversei com os meus filhos sobre isso, eles querem que eu arrume, se eu arrumar alguém que viva uns dez anos tá bom, eu não quero um jovem, eu quero alguém que tenha minha idade, mais eu deixo nas mãos de Deus se for alguém que venha contribuir”. A solidão social deve-se a uma lacuna na rede social. A solidão emocional experiencia-se quando há falta de um relacionamento emocional íntimo (Freitas, 2011, pp.22-23). O isolamento é outra maneira de sentir e viver a solidão.

Para Lara o prazer é viver:

“Prazer é viver, o que me dá prazer hoje? sexualmente quando a gente vivia com o parceiro eu tinha prazer, ainda sinto desejo, sou paraense, com meu marido veio pra vender minha casa e eu não quis mais ele, eu não quero mais homem. A sexualidade, o amor deixa a gente mais jovem, é um complemento da relação. O pai do meu filho foi meu primeiro namorado eu era virgem, nós juntamos muito novinhos tínhamos dezessete anos, mais eu sofri na mão dele, ele bebia, tinha outras mulheres, quebrava tudo, puxou a arma pra me matar. A sociedade não está preparada para o envelhecimento, nem para lidar com a sexualidade do idoso, eu sofri preconceito quando

namorei o homem mais novo, as vizinhas diziam o que é que essa velha tem que gente não tem? Eu dizia filha à velhice tá na cabeça, mais eu ainda quero ser feliz, a diferença do sexo agora na velhice, eu me entendo melhor sinto mais prazer”.

A Lara se considerar paraense, pelo fato de ter nascido no Norte do país, significa que as mulheres trazem consigo este estigma de que as mulheres que nascem neste lugar são mais livres para falarem de suas necessidades, inclusive de companhia e sexo.

A Filo entende que o prazer está ligado a coisas que fazem com que se sinta útil e também que permita a troca com o outro. Ela afirma que “prazer é você gostar de festa, de dançar, ter uma relação sexual com seu marido, você gostar de coisas boas, você sair, é ir a uma festa com suas filhas”. Considerando essa fala, pode-se perceber que a venda de produtos aparece como uma possibilidade de conquista do prazer, quando ela diz que “o que me dá prazer hoje é vender produtos Avon e Natura. Eu não gosto de ficar parada, é pra me sentir útil, eu mostro para a pessoa, se ela gosta ela compra, se ela não gostar não precisa, não é que eu viva disso, é só pra passar o tempo, você fica ali, conversa com a pessoa, ajuda a passar o tempo”.

Enquanto falava de prazer foi possível perceber que Febe está vinculado aos afazeres da vida e aos vínculos estabelecidos, nada tem a ver com sexo. Ela comentou que “o prazer é ter muita alegria com o povo, me dá bom dia, boa tarde me beijam, como meus filhos. O que me dá prazer é crochê aprendi aqui, o que eu faço lá é meu o que eu faço aqui fica para as irmãs, o povo vem aqui comprar”.

Orfeu entende que a oportunidade de estar vivo em função do AVC é considerada um prazer que agradece a Deus, por isso, o grupo que se reúne para jogar o dominó é considerado outra fonte de prazer, mesmo sofrendo uma discriminação por parte de alguns. O idoso precisa encontrar um lugar de pertencimento, que nem sempre é dentro de casa. Ela explicou que:

“Prazer é quando faço uma coisa e fico contente, eu dou graças a Deus, que me deu essa oportunidade, e eu venci, aí me dá prazer. O que me dá prazer hoje é jogar dominó, para passar o tempo, com uma turma que fica na feira, eu pego o ônibus e vou pra lá, dá prazer porque passa o tempo, eu fico com os outros tem deles que me rifam, me rejeitam, falam que eu não sei jogar, fica um jogo de empurra/empurra, é jogo de parceria, de dois em dois, tem deles que só quer

ganhar, eu digo é jogo, uns ganham outros perdem, quando dá buchada um deles fica subindo na mesa”.

O prazer apareceu na fala do grupo de idosos aqui entrevistados de várias maneiras, nem sempre está atrelado à prática sexual, ou ao desejo por sexo, às vezes está deslocado para outros aspectos da vida diária como: comer, dormir, autonomia, relação em família e sociedade. O importante foi perceber que ele não termina com o avanço da idade, passa na verdade por uma resignificação e ocupa na escala de valores de cada um maior ou menor grau de prioridade na velhice.

Na obra da escritora Hilda Hilst, o prazer relacionado à velhice se mostra como transgressor, chama atenção de forma irônica para partes baixas do corpo, para as práticas sexuais com certo sadismo, mas de não maneira pornográfica, apenas com tom obscuro, na verdade sua intenção é direccionar o olhar do expectador-leitor para o corpo envelhecido, as intenções obscuras de seus personagens buscam o libertino que há em cada um deles e em cada um de nós, para afirma a supremacia do desejo, ou em outras palavras, nossa parte mais humana, que não some e nem se perde com chegada do envelhecimento, pois o desejo não morre.

6.4.3 Sexualidade no discurso dos idosos

“Não posso lhe responder em relação à sexualidade”, foi assim que Raimunda respondeu sobre este tema. O conceito de sexualidade não foi compreendido, por isso foi feita uma explicação sobre o tema, em não obtive respostas, apenas um olhar atento e fugidio. Medo de revelar algo? Não é possível afirmar. Depois voltou ao tema “Não sinto desejo sexual, as amigas conversam sobre isso, eu fico assuntando, mais eu não tenho desejo de nada”. Embora solteira e sem nunca ter se casado revelou, que foi muito namoradeira, e se divertiu “Quando jovem pinteí demais, dancei, largava o namorado ali pegava outro”. O termo “pinteí demais” apareceu quando foi perguntada se ela lembrava de suas práticas sexuais quando jovem. A dificuldade de falar abertamente sobre o tema pode ter ocorrido por ter em sua presença um investigador do sexo masculino e a entrevista foi realizada na presença da psicóloga que trabalha no ILPI.

A sexualidade para Rita é entendida como o “prazer que dá pra gente”, e diz ainda “desejo não sei”. Dessa forma o prazer aparece ligado à sexualidade, e o desejo como algo que não sabe definir, mas afirma a necessidade de companhia embora haja a interdição do filho sobre a possibilidade de demonstrar afeto por um novo companheiro: “sinto falta de companhia, não gosto de ficar sozinha, teria um companheiro, mas meu filho não gosta, fica logo de cara feia, enfezado”. Com base em falas com as observadas anteriormente, pode-se associar que envelhecemos como vivemos, ou seja, a forma como cada um enfrenta e resolve seus problemas existenciais será determinante no enfrentamento das questões vitais na velhice. Uma vida rica de experiência leva a uma velhice serena, embora isso não seja a regra. Do ponto de vista da psicanálise, a sexualidade é forjada nos processos de identificação com os objectos amorosos, nas primeiras experiências de vida, que permitirão a cada um, em sua singularidade, construir suas formas preferenciais de satisfação em relação a esses objetos (Santos & Carlos, 2003, p. 45).

A transferência ou interação com os objetos vai para além do biológico, o que permite que a sexualidade seja expressa ou sublimada por meio de outras atividades. Em geral o desvio da tensão para outro ponto de ancoragem permite ao idoso a buscar satisfação na troca de afeto, que muitas vezes irá substituir a prática sexual.

“Não converso sobre sexo, coisas íntimas é comigo só”, foi o que afirmou Rita ao continuar a falar sobre o tema sexualidade e continuou a dizer “namorei muito fui noiva desmanchei, depois casei, já tava enjoada matei logo o marido, brincadeira, eu vivi tão bem como ia manter o marido, se ele não prestasse não precisava matar eu ia pro um lado ele pro outro”. Não conversar sobre sexo é uma condição da subjetividade - “coisas íntimas é comigo só”-, descreve que quando jovem sua sexualidade era vivenciada

“namorei muito”, que parece ter sido censurado com o casamento, por isso “matei logo o marido” a leva de volta a condição de liberdade.³⁴

“Sexualidade, eu não entendo esta palavra, não apuro”, é o que disse Rosa ao responder sobre sexualidade. Ela revela não entender o que significa esta palavra ao dizer “eu não entendo esta palavra”. Depois de uma breve explicação sobre o que é a sexualidade, informa “não apuro”, e deixa clara sua resistência em falar sobre o tema. Informa que o “desejo sexual já acabou”, talvez pela própria condição, talvez pela redução hormonal, talvez por medo de manifestar algum parecer sobre o tema e ser julgada, não falou sobre o tema. Porém se traiu em seguida ao dizer que “se uma amiga conversa sobre o assunto a gente vai fundo”, e retrocede em seguida dizendo que “minha conversa com minhas amigas é mais de saúde, é fundamental”.

A Ruth com certo espanto perguntou “Sexualidade o que é isso?” Pareceu não entender quando foi perguntada, depois retomou sua fala “receber carinho, o pessoal do mundo tá muito estranho, não senti desejo sexual e hoje também não, não converso sobre sexo, vejo os outros conversando, mais sou meio fechada nisso, tenho vergonha”. Sobre o namoro disse “nunca namorei, porque eu não quis, eu sou de uma família muito pobre, eu via meus irmãos passando fome, eu sozinha todo mundo me queria para trabalhar, e com filho é diferente, então eu não me invoquei com essa coisa de casar, nunca nem beijei ninguém”, o fato de ser virgem e ter no início da entrevista se rotulado como “beata” e nunca ter namorado e nem beijado ninguém, indica um percurso construído ao longo da sua história de vida sem intimidade e sexo, se assexuada não foi uma condição da velhice ela já existia na sua vida.

³⁴ Homens e mulheres utilizam mecanismos diversos para estabelecer uma distância entre sua experiência pessoal e a dos velhos em geral e caracterizam de maneiras distintas a novidade que o envelhecimento trouxe para eles. Para as mulheres, o envelhecimento significa uma passagem de um mundo totalmente regrado para outro em que se sentem impelidas a criar as próprias regras. O próprio do envelhecimento é vivenciar um processo de perdas indesejadas que tornaram a independência e a liberdade possíveis (Debert, 2012a, p. 184).

Segundo Ribeiro (2007, p. 282), a história de vida também atua sobre a concepção de sexualidade também atua sobre a história de cada indivíduo. Durante a vida o sujeito está sempre aprendendo como vivenciar sua sexualidade, e esse aprendizado continua na velhice, pois é um período para repensar a afetividade e a intimidade com o parceiro ou com a ausência dele.

Ao dizer que não sabe falar sobre sexualidade Renata foi severa “não sei dizer nada não” demonstra não querer falar sobre o tema apresentado, pois foi seguido de uma longa pausa, retomada da seguinte forma “fui casada, não sinto falta de companheiro não” relatou que foi casada e agora é viúva, e em seguida encerrou a discussão sobre sexualidade. O desejo aparece como tabu “nunca senti desejo”, talvez uma condição do gênero feminino que durante muito tempo foi reprimida com o objetivo de não conversa sobre essas questões que envolvem o sexo, o prazer.

Tricha diz que sua sexualidade está ligada ao fato de ter casado muito inexperiente:

“Sexualidade eu casei muito inexperiente – era como se fosse uma criança, casei com dezessete anos, como eu vivi na roça, não tinha experiência das pessoas que viviam na cidade, eu não participava do mundo, eu ganhei nenê em casa e com oito dias depois de parto eu tinha relação sexual com ele, se fosse hoje eu não faria, os pais não falavam dessas coisas com o filho, casei virgem, só conheci meu marido. Tanto tempo separado dele ele vivendo no quarto dele e eu no meu e depois já tem nove anos que ele morreu, então não sinto mais desejo, já me acostumei, não sinto necessidade, não converso com ninguém sobre isso, é como se não tivesse existido. Acho que se deve falar sobre sexo e fazer também, mais na hora certa e saber, com quem, na velhice pode se falar sobre isso a pessoa tá viva né doutor, e falar pro neto e filho, eu acho importante, a vida continua tem que fazer as coisas do jeito que a gente gosta. Não pode entregar os pontos porque está velho”.

O fato de ter casado virgem e não ter tido experiências sexuais antes do casamento, e nem ter com quem falar sobre estes aspectos, indica que todo aprendizado de Tricha em relação ao desempenho sexual se deu pós-casamento, “era como se fosse uma criança” revela o grau de imaturidade para lidar com as questões que envolvem uma relação a dois. “eu ganhei nenê em casa e com oito dias depois de parto eu tinha relação sexual com ele”, o trecho indica que não havia uma preocupação do marido com a condição real com o corpo da parceira, e nem ela sabia como lidar com esta situação, ou se estava

fazendo a coisa de forma correta, “se fosse hoje eu não faria”. A falta de informação também foi um fator preponderante para que não se aguardasse o tempo de puerpério adequado para retomar as práticas sexuais. Em relação ao desejo e à prática sexual, afirmou:

“Não sinto mais desejo, tanto tempo separado dele ele vivendo no quarto dele e eu no meu e depois já tem nove anos que ele morreu, então, já me acostumei, não sinto necessidade, não converso com ninguém sobre isso, é como se não tivesse existido. Acho que se deve falar sobre sexo e fazer também, mais na hora certa e saber, com quem, na velhice pode se falar sobre isso a pessoa tã viva né doutor, e falar pro neto e filho, eu acho importante, a vida continua tem que fazer as coisas do jeito que a gente gosta. Não pode entregar os pontos porque está velho”.

A separação de corpos antes da viuvez indicou para Tricha o rompimento dos atos sexuais entre o casal “Tanto tempo separado dele, ele vivendo no quarto dele e eu no meu”. Quando veio a viuvez, já agora com nove anos, suprimiu o desejo, ou talvez tenha sublimado esta possibilidade em função de ocupar o tempo e a mente com outras ocupações, isto fica claro quando relata “não sinto mais desejo, não tenho necessidade”. Ao expressar que não senti falta indica que um dia o desejo existiu e se contradiz quando afirma: “Acho que se deve falar sobre sexo e fazer também, mais na hora certa e saber, com quem, na velhice pode se falar sobre isso a pessoa tã viva né doutor, e falar pro neto e filho, eu acho importante, a vida continua tem que fazer as coisas do jeito que a gente gosta. Não pode entregar os pontos porque está velho”. Talvez o sexo traga coisas que deseje esquecer por isso a negativa está intimamente ligada a sua história de vida e não ao fato de ter envelhecido.

A Tina ao falar sobre sexualidade revela o seguinte:

“Sexualidade é sexo. Não sinto desejo sexual, nunca senti, eu namorava com ele conforme eu estou aqui com você, eu gostei de você, achei um homem maravilhoso, mais sem aquilo da carne, eu nunca senti desejo sexual, nem isso tive sorte, não converso com ninguém, mas na reunião que eu fui que teve uma reunião sobre este problema, com uma enfermeira do posto, teve uma que falou que era igual a mim e deixou o homem e arrumou outro que a fez muito bem, sentir prazer”.

Ela entende a sexualidade como se fosse sexo, diz não senti desejo, embora seu discurso anterior a esta pergunta mostre o contrário, tenta descrever sua relação de amor com o marido, como seres que compartilha de objetivos comuns, em que o sexo não faz parte dele. Afirma “Eu nunca sinto desejo, nem isso tive sorte”. Remete na verdade aos estímulos sexuais, às preliminares, à excitação e ao gozar, pois complementa sua fala: “teve uma que falou que era igual a mim e deixou o homem e arrumou outro que a fez muito bem, sentir prazer”. Imputa novamente a responsabilidade de o fato de não sentir prazer como esperava na relação sexual para o outro.

Sem dúvida, a história prévia do homem e da mulher é determinante de sua sexualidade ao envelhecer. Se ao longo da vida sentiu vergonha de brincar de sexo, de exercer a criatividade e a espontaneidade no âmbito sexual, a tendência é aumentar a inibição, temer fracassar (no caso masculino) ou não agradar (no feminino). Caso, com o correr dos anos, se continue a esperar muito apenas do pênis, da vagina, da penetração e do mítico orgasmo simultâneo, o idoso pode interromper uma vida erótica a prosseguir de forma diferente, mas não menor ou maior. Birman afirma que o erotismo do idoso e da criança decorre sem maior influência dos hormônios, praticamente inexistente na velhice e na infância. Ambos não são impelidos pela urgência orgástica, como na sexualidade juvenil e adulta. Mas a vida erótica pode ser muito prazerosa, como em outras etapas, reaprendendo-se a arte das carícias, o brinqueado dos aconchegos e dos contatos corporais, sem criar expectativas para desempenhar as chamadas relações completas, visando o orgasmo como finalidade última. Nem para obter a mesma quantidade de relações da juventude, pois o ciclo erótico, com o avançar da idade, pode até aumentar na duração e profundidade, mas diminui em frequência. (Negreiros, 2004, p. 84).

A sexualidade para Tales aparece entrelaçada entre o sexo e o desejo. Revelou que:

“Sexualidade é uma parte que faz bem pra saúde, não pode se força muito, porque se força muito prejudica a saúde, dá duas, três, quatro, cinco na noite é muito, dá uma ou duas já alimentou o corpo, o senhor sabe que sexo demais é pecado? Pelo evangelho. Não sinto desejo sexual, mais queria sentir, quando jovem sentia e muito, não faço sexo há oito anos, não sinto desejo, não levanta, a falta que eu queria é o desejo e continuar com o sexo, eu não faço porque eu não tenho

condição física, não tenho ereção, não converso sobre isso com ninguém, já conversei com o médico, ele não falou nada, a gente não pode espalhar a particularidade, eles começam a fazer charquinha, se juntam e ficam falando da gente, a sexualidade é particular, o senhor tem sua particularidade, disso, só o médico e sua parceira que podem saber disso. Quando eu era jovem minha sexualidade era boa, não tinha problema nenhum. Se eu achasse um tratamento correto para isso eu acharia bom, seria um rejuvenescimento, conversei com o urologista e ele não falou nada, eu precisaria ser ouvido e ele ter interesse de tratar do paciente”.

O Tales relata que suas habilidades sexuais quando jovem eram boas, pois não tinha problema de disfunção erétil, e deixa claro que o desejo sexual não existe mais: “Quando eu era jovem minha sexualidade era boa, não tinha problema nenhum, não sinto desejo sexual”. Em relação à disfunção erétil diz que já tentou falar sobre esta condição com o urologista e não foi ouvido “Se eu achasse um tratamento correto para isso eu acharia bom, seria um rejuvenescimento, conversei com o urologista e ele não falou nada, eu precisaria ser ouvido e ele ter interesse de tratar do paciente”. Adverte que ter várias relações sexuais na noite é pecado “o senhor sabe que sexo demais é pecado? Pelo evangelho” e que não conversa sobre estes temas com ninguém “não converso sobre isso com ninguém, já conversei com o médico, ele não falou nada, a gente não pode espalhar a particularidade, eles começam a fazer charquinha, se juntam e ficam falando da gente, a sexualidade é particular, o senhor tem sua particularidade, disso, só o médico e sua parceira que podem saber disso”. Por ser tratar de coisa íntimas que devem interessar somente ao casal, e se conversar sobre sexo com alguém (vizinho, outros idosos que frequentam o centro de convivência), podem fazer charquinha (fofoca).³⁵

Não são todos os homens que se sentem angustiados ao enfrentar as alterações causadas em relação à sexualidade no envelhecimento. Muitos homens sentem-se satisfeitos ao

³⁵ Segundo Masters *et al.* (1997) um dos sinais mais nítidos de envelhecimento em relação à sexualidade masculina é a lentidão das respostas eréteis, o que causa muita frustração nos homens, tendo em vista que eles costumam associar a rapidez na ereção com maior excitação e envolvimento para o sexo.

ter a frequência da ejaculação reduzida e o aumento do período refratário. As alterações ocorridas nas respostas sexuais masculinas não são fonte de constrangimento e angústia apenas para os homens. Suas parceiras também estranham essas mudanças, chegando a acreditar que seus parceiros não estão excitados ou interessados no sexo; que seus parceiros não as acham mais atraentes e excitantes ou que elas não estão estimulando-os suficientemente. Desse modo, essas modificações fisiológicas podem diminuir o interesse sexual das mulheres (Masters, *et al.* 1997).

A sexualidade para Tila aparece como manifestações da expressão feminina como gesticular, sentar, falar que estão atreladas ao corpo:

“Sexualidade, é mulher assim tem um corpo bonito, anda do jeito que chama a atenção dos homens, de outras mulheres também, eu não ligo, eu sou uma pessoa muito simples, é a pessoa que se expressa no jeito de falar; de sentar; de gesticular; chama mais atenção para o corpo. Conversar sobre sexo muito pouco, elas brincam comigo, você está enferrujada, se isso for enferrujada eu to, mais é logico que às vezes eu sinto falta não do sexo, mais do carinho, de um abraço, de um beijo, de uma palavra carinhosa mais de fazer o ato sexual eu não penso nisso, porque eu não quero viver fora da bíblia, mais do carinho do afeto eu sinto falta, principalmente quando vejo um casal mais velho juntos de mão dada, abraçada, eu fico pensando meu Deus eu podia tá desse jeito mais não tô, mas a culpa foi dele, ele adulterou, até uns cinco anos eu fiquei esperando ele voltar, eu sofri, eu vejo ele hoje não sinto mais nada, ele me agrediu muito em palavras, não foi violência física, quem podia ter me batido foi meu pai, mas nunca me bateu, ele foi muito duro, mais nunca encostou a mão em mim, nem meu marido. Na minha família nunca conversei sobre sexo com minha mãe nem com meu pai era Tabu, eu casei sem saber de muita coisa, minha mãe só queria saber se você tava namorando”.

O sexo para Tila aparece como algo tabu e também um tanto jocoso, em especial quando o ponto diz respeito a conversar sobre esta temática com as amigas, o termo “enferrujada”, aparece para informar uma prática sexual foi deixada de lado para não viver fora da bíblia “conversar sobre sexo muito pouco, elas brincam comigo, você está enferrujada, se isso for enferrujada eu estou, mas é logico que às vezes eu sinto falta não do sexo, mais do carinho, de um abraço, de um beijo, de uma palavra carinhosa, mas de fazer o ato sexual eu não penso nisso, porque eu não quero viver fora da Bíblia”.

Ao retomar sua fala sobre sexo diz ter falta não especificamente do ato em si, mais de tudo que ele pode oferecer da troca, do carinho, do companheiro, pois quando percebe que existem casais que estão envelhecendo juntos, expressa o desejo de vivenciar também este momento, parece em determinados momentos expressar uma culpa pela separação, mais logo em seguida imputa a culpa ao ex-marido “mais a culpa foi dele, ele adulterou, até uns cinco anos eu fiquei esperando ele voltar”, neste momento foi possível perceber certa mágoa ou raiva contida, pelo fato de ter sido abandonada, por ter sido agredida verbalmente. O tabu de se falar sobre sexo permeou sua educação enquanto ser humano “Na minha família nunca conversei sobre sexo com minha mãe nem com meu pai era Tabu”, o que reflete uma realidade que ainda hoje se reproduz em muitos lares brasileiro.³⁶

Para Tamí a sexualidade se apresenta da seguinte maneira:

Sexualidade é uma coisa que Deus deixou para todos os casais, nem sei nem dizer direito, a sexualidade vem do amor, a gente viver com uma pessoa, tem um carinho com ele aí vem a sexualidade, é um completo da relação, hoje, depois que eu fiquei desgostosa com meu marido, não quero mais ninguém, eu até poderia viver com uma pessoa, tomara que não, eu não to procurando, mais se acontecer tudo bem, mais morar junto não, sair para procurar eu não vou, mais muita gente fala pra eu procurar, eu tenho medo de ter decepção o meu primeiro marido pai da minha filha me abandonou quando engravidei, disse que não gostava de mulher buchuda.

A sexualidade aparece definida como sexo, como complemento do amor, da relação entre o casal, e como coisa sagrada, “coisa de Deus”. Por ter tido uma relação complicada com os dois maridos, o primeiro porque a abandonou quando estava grávida

³⁶ A sexualidade é o motor da vida, é a força motriz que leva as pessoas para frente. O termo sexualidade não quer dizer só genitalidade, relação física, orgasmo. Não é só uma questão biológica, fisiológica, endócrina. Sexualidade é libido, é impulso, a força da vida, a energia da qual se pode dispor e que envolve a nossa vida psicológica, emocional e mesmo ideológica. A sexualidade se refere ao corpo todo, aos prazeres de todos os sentidos. A sexualidade é a satisfação, o prazer, a alegria e está muito ligada aos valores da sociedade. Cada cultura tem suas normas e seus códigos. (Nogueira, 1996, p.19).

e o segundo por ser alcoólatra, não pretende mais morar com outro homem. Continuou dizendo que “não converso sobre sexo com ninguém, só falo para minha filha, cuida da sua saúde, eu não sei, hoje tudo que você conversa é tipo de uma fofoca, a pessoa pode aumentar, você tem que ter cuidado com quem conversa, eu acho que eu tenho vergonha sei lá, a sociedade não tem preconceito não”, revela que a sociedade não possui preconceito em relação ao namoro dos idosos em especial os que participam dos grupos de convivência com o qual viaja junto para participar das excussões que são realizadas,

Eu viajei pra fortaleza tinha um grupo de idosos e muito namorando, teve um que veio pra cima de mim disse que era viúvo, mais eu não quis não, eu acho ótimo, inclusive eu tive muitas amigas que estão namorando, eu ainda estou traumatizada, ficou uma cicatriz do meu relacionamento, ainda estou me curando, ele ficou em coma, ele foi espancado, ficou em coma, e eu cuidei dele até o fim da vida, ele morreu com sessenta e sete anos, ele passou a ser meu dependente não trabalhava, era um cara que era para ter tudo na vida, mais ele se entregou a bebida, perdeu tudo vendeu o caminhão, não fazia compra, minhas filhas que ajudavam.

Ainda existem traumas e uma ferida que está cicatrizando, o que pode contribuir para não querer se envolver emocionalmente com outro parceiro, embora informe que já foi paquerada nos eventos em que participa.

O desejo de ter companhia segundo Tami se apaga ao lembra de todo trauma que sofreu com ex-marido, não quer ter mais trabalho, correndo o risco de ter um companheiro que tenha problemas de saúde, já fez o papel de cuidadora durante muitos anos, cuidado tanto do marido como da mãe, mostrasse receosa de namorar alguém mais novo que possa explorá-la, posto que ex-marido era seu dependente financeiro, pois por conta do alcoolismo não conseguia trabalhar. Lembra que veio de uma família tradicional em que a religião não permitia sua mãe tomar anticoncepcionais para não engravidar e por isso teve vários partos seguidos, sendo abandonada pelo marido no final e foi sustentada pelo pai, que assumiu a responsabilidade de criar os netos. Ela citou que:

“A velhice hoje em dia é assim. Os filhos não tem tempo pra gente, então se tiver um companheiro é ótimo. Eu fico pensando se eu arrumar uma pessoa nova ele vai querer o que eu tenho de bens, se for um velho vai me dar trabalho igual ao que meu marido me deu, então eu fico pensando eu não quero, foi uma luta porque além de cuidar dele ainda cuide da minha mãe, eu desgostei de mim, não me cuidava, e a bebida me desgostou muito, ele tentou jogar o carro

em cima de mim, eu parti pra cima dele e bati nele, hoje de cem homens dez não bebi, mais eu tenho medo, foi Deus que me ajudou bastante, que me socorreu, aqui foi as irmãs, fiquei três meses sem dormir, vim pra cá e comecei a fazer bordado, me ajudou, e agora que cuido do meu neto. A minha mãe era uma pessoa antiga, eles eram crentes, um dia falei mãe toma um comprimido pra não ter mais filho aí levamos uma surra eu e minha irmã, ela foi muito severa, aquela vida de roça meu avô que sustentou a gente, meu pai foi embora e minha mãe teve onze filhos”.

A sexualidade para Toinha aparece reconhecida como sexo e como casamento arranjado:

“Sexualidade é como o casamento pra mim, foi um casamento arranjado, pra mim sexualidade é a pessoa ter amor, pra mim foi muito difícil, tive um outro relacionamento e não deu certo, ele bebia muito, ele morreu da bebida, eu casei virgem, meus pais nunca conversaram comigo sobre sexo, era proibido, a minha irmã que me falou, casei virgem não sabia de nada, ai o homem até queria me largar, no segundo casamento as minhas relações sexuais foram melhores, já conhecia meu corpo”.

O sexo para Toinha foi algo aprendido na noite de núpcias, “eu casei virgem, meus pais nunca conversaram comigo sobre sexo, era proibido, a minha irmã que me falou, casei virgem não sabia de nada, ai o homem até queria me largar”. Indica que houve mudança no processo de viver sua performance sexual, pois no segundo casamento refere conhecer ao corpo em relação às áreas que dele poderiam lhe dar prazer “no segundo casamento as minhas relações sexuais foram melhores, já conhecia meu corpo”. Faz distinção entre os dois homens que fizeram parte de sua vida, o primeiro queria largá-la por não saber nada sobre sexo, o segundo também não a fez feliz, pois bebia muito e morreu em função das complicações da dependência química.³⁷

³⁷ A benevolência de Toinha com o marido em relação a prática sexual é para seguir os preceitos que estão na Bíblia Sagrada: A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no o marido; e também da mesma maneira o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no a mulher (1 Coríntios 7:4).

Ainda falando sobre sexo, Toinha revela que ele aparece como pauta do diálogo, embora de forma restritiva, afirmou que “hoje não sinto desejo sexual, eu me lembro do passado, e não tenho vontade de ter um companheiro, eu converso com uma colega sobre sexo, sobre hoje sexo no dia de hoje e não no passado”, considera desrespeitoso, conversa sobre esta temática com as irmãs (freiras) “É vergonhoso conversar sobre sexo com os outros a gente fica cabreira, aqui tem irmãs né, são pessoas que temos que ter respeito, o ambiente, tem colegas que não possuem respeito, eu fico envergonhada”. Fez uma pausa e ao retomar sua fala sobre sexo/sexualidade considera que a “sociedade não tá preparada tem muito preconceito, mas é importante falar sobre a sexualidade do idoso, pois muito jovens não respeitam”.

No Brasil durante muito tempo a sexualidade feminina se ligava a reprodução e não a prática sexual em busca de prazer. Para os homens, o papel de reprodutor se ligava a práticas sexuais ocasionais, sem compromisso, apenas por prazer. E ainda hoje esta regra se mantém. Porém, este panorama vem sofrendo alterações, em especial com o advento do acesso à internet, no que diz respeito aos papéis sexuais, que permite avistar um mundo de possibilidades em relação aos estímulos sexuais. Porém, é importante lembrar que os idosos aqui entrevistados nasceram em outro tempo, e passaram claro pela fase de mudança sexual que a sociedade sofreu. Mas os estereótipos ligados ao gênero em relação às práticas sexuais na velhice ainda não se dissolveram completamente.

Luca entende que “sexualidade é *sex appeal*, uma pessoa arrumada é sexy, eu sou atraente, eu sou mesmo, as pessoas notam”, Sexualidade remete a aparência, a ser atraente, a ter *sex appeal* aparece como ligado ao poder que a mulher deve ter ou desempenhar sobre os homens, mesmo na velhice.

“Eu sinto desejo sexual, não tenho vontade de ter um namorado, se eu tivesse um namorado eu teria relação sexual com ele, acho que não há preconceito, tem muito homem velho com menina nova, e muita mulher velha com homem novo, nos grupos que eu frequento as pessoas conversam, eu tenho uma amiga que não fica sem ninguém, eu namoraria alguém mais novo, velho só dá trabalho, tem gente da minha idade que já tá ruim”.

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, isso se mantêm ao longo da vida de varias mulheres inclusive na velhice, isto porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação (Bourdieu, 2004, p. 31).

“Eu converso sobre sexo” disse Luca ao continuar seu discurso sobre a sexualidade, “com as amigas”. Disse ela “a gente conversa dos dias atuais o passado ficou para trás, a pessoa quando é nova tem mais desejo sexual, mas o ato é igual”. A sexualidade foi desembaraçada das mãos da Igreja, separada da procriação graças aos procedimentos médicos, e, mais, foi desculpabilizada pela psicanálise. O que beneficiou várias idosas a pensarem o sexo para além do divórcio ou viuvez.³⁸

A sexualidade segundo o Lito está atrelada ao desempenho quando era jovem em relação ao que é hoje na velhice:

“Sexualidade é bem relativo, se é novo se é de um jeito, vai chegando à idade vai mudando, vai retraindo, hoje mesmo eu não me sinto como eu tinha quando eu tinha cinquenta e dois anos, a atividade sexual diminui, a saúde, você pode ter se adiantado muito quando era novo, diminui a quantidade de relação sexual na velhice, diminui o desejo e a capacidade física, às vezes vem o desejo, mais aí você diz, deixar pra depois, aparece outras prioridades, naquela época você era mais audacioso dentro do assunto, a sociedade não tem preconceito, eu não converso com ninguém, nem com a minha esposa sobre isso, pode dá vergonha, com um amigo a gente se sente mais à vontade, com o feminino, dá mais vergonha”.

³⁸ O novo comportamento sexual surtiu em função da separação que aconteceu entre sexo e casamento. Mais a sociedade ainda se pauta os preceitos do patriarcado, e está questão é muito mais evidente com as adolescentes do sexo feminino e com os idosos. A religião cristã e a família se mantêm firme na luta pela moral e os bons costumes, em que o sexo fora do casamento é considerado pecado.

No relato de Lito fica claro que o desejo e a vontade de ter práticas sexuais ainda permanecem, mas diz estar atrelada à condição física e às atribuições que escolheu para si ao longo do dia atrapalham, afirma que “a atividade sexual diminui, a saúde diminuiu, você pode ter se adiantado muito quando era novo, diminui a quantidade de relação sexual na velhice, diminui o desejo e a capacidade física”, por ter uma casa sempre cheia de gente, filhos e netos inibe um pouco a manifestação do desejo, isto fica claro, quando diz “vem o desejo, mas aí você diz, deixar pra depois, aparece outras prioridades”, está disponível para os filhos e netos, acaba sem tempo para realizar suas próprias necessidades.

Conversar sobre sexo é algo que o inibe, “eu não converso com ninguém, nem com a minha esposa sobre isso, pode dá vergonha, com um amigo a gente se sente mais à vontade, com o feminino, dá mais vergonha”. Fica claro que a inibição ainda não propiciou uma conversar com o médico sobre ereção, pode ser também que isto esteja associado a uma nova prioridade dentro de sua organização pessoal, em que o sexo, não é a mais importante.

O lito ainda informou que “não tomo remédio para fazer sexo”, disse que sua ereção é “pouca”, não aparenta preocupação em relação à disfunção erétil, mas disse que “já pensei em procurar ajuda médica, mas aí fico pensado como se Deus me deu poder, eu vou até onde ele me deu poder, não deu para por ali, uma coisa que você faz com poder de remédio, não é a mesma coisa, eu não vou me sentir menos homem, naquela época eu era assim, hoje eu sou assim, não quer dizer que deixei de ser homem, isso é só uma parte, um complemento, às vezes a gente fica meio acanhada”.

A palavra poder aparece no lugar de vigor sexual ou ereção. Ele diz estar conformado com o processo da disfunção sexual pelo qual vem passando, pois a fé e religião aparecem como um elemento que contribui para a aceitação da sua condição sexual em relação ao desempenho. O fato de não tomar remédios aparece como uma negativa ao problema. Retoma a palavra poder no sentido de demonstrar a diferença da performance sexual quando era jovem. Aí fica claro uma relação de hegemonia do papel masculino na sociedade como reprodutor. Ao falar da sua primeira relação sexual, acrescentou:

“Foi com a vizinha da mamãe, eu tinha dezesseis anos, ela era bem mais velha. Meu sogro, que era gaiato, me colocou na fila eu gostei e pronto”.³⁹

O personagem da escritora Hilda Hilst chamado Crasso, da obra conto D’escarnio Texto Grotesco no processo do envelhecimento e quer ser escritor por meio da escrita de sua porneia, mostra ter consciência de está escrevendo um lixo, que é apenas um inventor que optou na codificação para uma pornografia, que seja um produto de venda aceito no mercado editorial. Com isso vão aparecendo quadros de suas aventuras sexuais com várias mulheres, quando era jovem, carregados por palavras de baixo calão, mulheres que são caracterizadas por ele com aquilo que ele considera especial em cada uma em relação à prática sexual: Lina, a virgem deflorada; Otávia, afeita a práticas masoquistas; Flora, a advogada insaciável e culta; e Josete, de “gosto exótico na comida e no sexo” (Hilst,2002,p. 19).

Sobre isso, a Liza falou o seguinte: “sexualidade nem sei o que é isso, ontem mesmo minha neta mandou: «mainha veste uma roupa, aquela que você fica bonita». Assim que eu entendo a sexualidade”. Embora relate no primeiro momento que diga não saber o que é a sexualidade, ao retomar sua fala sobre o tema, expressa que a manifestação da sexualidade está ligada à aparência. O fato de se vestir e ficar bonita é uma maneira de expressá-la. Ao falar sobre desejo afirmou “sinto desejo sexual, não quis mais namorar, esses homens daqui só quer saber das mulheres se tiver dinheiro, ou se for nova, aí pegam e ficam matando as mulheres. Se aparecer e eu ver que dá certo aí eu topo, eu converso com meus filhos mais eles dizem que não, que já tive marido, ficar só é ruim

³⁹ A construção social dos corpos masculino e feminino favorece os limites do poder e dominação do homem sobre a mulher. A masculinidade é vivenciada pela desvalorização do feminino e pela supressão dos sentimentos, produzindo-se um homem sempre inflexível e agressivo. Até o ato sexual é uma manifestação superior de poder e dominação do homem: “o homem fica em cima”. O coito é uma relação de posse, de apropriação - “possuir” - porque se espera do homem um comportamento ativo e da mulher o passivo, o recetivo, o de objeto de desejo (Bourdieu, 1999b, p. 27).

demais, eu fico o dia todinho só, meu filho vai pro trabalho de manhã só volta à noite eu fico sozinha o dia todo, se eu tivesse um companheiro eu teria relação sexual com ele, eu converso com minhas filhas, elas mandam até eu arrumar uma pessoa”. Neste trecho aparece um contra ponto com o que já havia revelado anteriormente, de que não gostaria mais de ter um companheiro, e parcial que o fato de estar na igreja havia preenchido está necessidade. Fica claro que o fato de não ter um companheiro é o medo da violência e de ser explorada financeiramente, também deixa claro que os filhos homens expressam uma recusa em relação a está possibilidade. O fato de ter um companheiro é expresso como uma maneira de aplacar a solidão destes dias, ao dizer que faria sexo com o companheiro fica claro que ainda senti desejo.

Ao falar sobre experiência sexual Liza comentou:

“Minha experiência sexual foi só com meu marido, eu casei com quinze anos, minha madrinha me contou como que era a vida de casado, eu fiquei tranquila, meu marido foi uma relação de amor, eu sentia prazer com ele. A sociedade, acho que tá preparada pra falar de sexo na velhice, os meninos hoje pequeno já sabe de tudo, no meu tempo não tinha nem televisão”.

O fato de Liza ter casado por amor foi um marco importante, pois contribuiu para que sentisse prazer com o marido, pois era visto como o homem idealizado. Mostra a diferença da educação sexual de sua época para hoje, ao dizer que os meninos hoje sabem tudo e que naquela época não tinha televisão. Percebe-se que ainda há necessidade de programas de educação sexual, que visem à sensibilização quanto às questões sobre o tema e construções de novos conceitos que ainda permeiam sobre a assexualidade na velhice, tendo por público-alvo não somente pessoas idosas, como também os não idosos. É importante refletir sobre como a sociedade tem olhado para a sexualidade dos idosos, para sempre uma censura, um julgamento ou vigilância, o que contribui para inibir está população de viver sua sexualidade de maneira mais livre.

A sexualidade para Lis aparece como algo que foi interdito ao longo da sua vida “Sexualidade nessa parte eu não sei explicar muito bem não, no meu tempo a gente não entende o que é isso”, embora tenha uma opinião formada sobre a diferença quando diz que no seu tempo não se entedia isto e hoje é muito aberto “o que acho é que as coisas, essa parte de sexo hoje estão muito abertas, na minha família ninguém conversava sobre

isso, eu casei virgem”. O tempo aqui aparece com uma perspectiva de cronologia, pois se percebe como idosa “Hoje acho muito aberto, as crianças na rua muito agarradas, só falta destampa a pia, não tem a castidade, o namoro indecente, quando namorei não beijava na boca, só pega na mão, era vigiado, se eu saísse sozinha com meu namorado, e dobrasse a esquina, eu e ficava falada, não era moça mais, mesmo que não tivesse feito nada”. O fato de declarar ter casado virgem indique sua condição moral, em relação ao sexo. Ao refletir sobre o namoro estabelece um elo de comparações das performances realizadas em sua época em comparação com que os jovens fazem hoje, em relação às trocas de carícias, o namoro repressivo de sua época tinha algo de vigiado. E continuou afirmando que:

“A sociedade ainda não tá preparada para falar sobre sexo na velhice, eu penso que deveria ser ensinado conforme a lei de Deus fala da responsabilidade, da sinceridade, da castidade, eu falo pro meu neto, que ele tá preparando pra crisma, eu digo meu filho nada de fazer besteira, não vá fazer igual ao seu pai, que tá vivendo em adultério em pecado, se o casal separa está cometendo adultério, a não ser que um morra, ele fala to aprendendo vó, vou ter mais juízo que meu Pai, e minha namorada já falei pra ela sexo só depois do casamento”.

Enquanto a tradição católica brasileira foi sendo modificada e adquiriu caráter polissêmico, o que possibilitou que pessoas pertencentes à mesma denominação religiosa não possuíssem, necessariamente, unidade na vivência. De qualquer forma, as rígidas doutrinas religiosas criam a expectativa de que pessoas seguidoras dessas religiões terão posturas igualmente restritivas com relação ao sexo pré-marital, da mesma forma que os não religiosos ou sem religião serão mais liberais. Logo, é também de se esperar que o grau de conservadorismo seja diretamente proporcional à intensidade da religiosidade, não apenas da denominação religiosa. (Coutinho & Ribeiro, 2014, p. 335).

Em relação ao desejo sexual, a Lis pontuou o seguinte “pra falar ao Senhor a verdade de uns três anos pra cá, eu não sinto aquela sensação que eu sentia, de sentir aquele desejo, até eu procurava meu marido antes dele me procurar, parece que tá ele e eu apagada”, justificou que o marido está com um problema sério, com diabete “bem avançada, ele bebia muito, quando eu o conheci não bebia nem fumava, o cigarro ele largou”,

conversou com os filhos a saúde do marido “não ta boa, a saúde do teu pai não tá de acordo eu senti logo pela parte do sexo, ele já foi esfriando, não sentia aquela mesma sensação que ele sentia”. Revela a falta de cuidado do marido com a própria saúde “tinha trinta anos que ele não ia ao médico, teve pneumonia foi internado, e o médico falou que ele não podia beber”. Revela que a atividade sexual e o desejo foram reduzidos por fatores que não sabe explicar, a condição física do marido, em específico a diabete associado à disfunção sexual, talvez seja um dos fatores.

Em relação ao desejo sexual e a sexualidade do idoso nas obras da escritora Hilda Hilst aparece como tabu; alguém que foi engessado pela sociedade não pode mais sentir desejo ou prazer. Seu texto que é por vezes hostil ao representar o idoso em sua obra, provoca riso no leitor e, por vezes, provoca embaraçamento, produzindo um gênero de efeitos variados, voltando o olhar do espectador para um retrato da velhice por vezes agradável e por vezes desagradável. “Sabe, Hillé, você deve ver as pessoas, você deve foder comigo, deve se arrumar um pouco, outro dia vi uma saia longa dessas que você usa mas tão linda, uns frisos escarlates, o tecido amanteigado púrpura, entrei na loja pensei comprá-la, a mocinha disse ficará lindo na sua senhora, ela é alta? Magra? Eu disse bem nem muito alta e nem muito magra, é loira, tem sardas, não podia falar dos teu peitos duros mas falei tem um lindo busto, ah isso falei, aliás observação inútil em relação à saia, mas falei então se loira, senhor, vai ficar adorável nesses tons, ia comprar mas aí vi pequenos esgarçados, tocando o tecido dava a impressão de que estava tostado do sol das vitrines, parecia velho de perto, coisa usada, então não quis, mas deve haver outras, hen, não gostarias?” (Hilst, 2001, p. 26)

Sexualidade, para Lira “vale muita coisa”. Utiliza esta expressão para sinalizar que ainda quer ter práticas sexuais “eu estou desta idade mais ainda tenho vontade, eu tava falando com minha amiga, você se sente bem em estar sozinha? ela disse eu sinto, eu disse pra ela eu sinto desejo sexual, mais não vou sair dando demonstração pra ninguém, se Deus me dê um companheiro, que dê certo tudo bem, mas não vou me prostituir não, a sociedade é preconceituosa”. O fato de não conversar com qualquer pessoa sobre sexo demonstra que tem medo do preconceito que pode sofrer por revelar seu gosto pelo prazer sexual “eu não sei, sei lá, se você falar, a pessoa da minha idade, as pessoas

podem até ignorar, tem pessoa jovem que não sente desejo sexual, a gente fica resguardada pra nem falar, serve até de ignorância, fulano tá velho e quer arranjar alguém”. Revela que o desejo não morreu que senti vontade de ter sexo e um companheiro “tem pessoas idosas da minha idade mais ou menos que elas me dizem lá quero saber de homem, cada um é cada um, eu converso se tu vêes que tenho uma amiga de confiança, se ela guarda segredo, pra não sair falando é assim, assim aí eu converso sobre sexo”. Embora tenha liberdade para conhecer outra pessoa e seja este seu desejo, não quer ser vista como alguém que está se prostituindo, indicando que não quer sexo casual, e sim sexo atrelado ao compromisso com um determinado companheiro. Ribeiro (2002, p.124) assegura que a sexualidade é a maneira como uma pessoa expressa seu sexo. É como a mulher vivencia e expressa o “ser mulher” e o homem o “ser homem”. Se expressa através de gestos, da postura, da fala, do andar, da voz, das roupas, dos enfeites, dos perfumes, enfim, de cada detalhe do indivíduo. Lira ainda comentou:

Meu esposo que eu casei, ele era e ainda é ignorante, ele não muda, ele não me deu meu prazer que eu queria, o outro me deu prazer tudo que eu queria a troca, não só a penetração, não. Nós conversávamos sobre o ato como parceiros, a saída mais é do homem, quando a mulher fala sobre isso ele diz que é porque você tem outro homem. Hoje tem diferença na relação sexual porque quando jovem tem mais potência, a pessoa idosa não tem mais aquele vigor pra fazer determinadas posições.

Neste ponto Lira deixou clara a diferença entre a relação sexual que tinha com o esposo e com o namorado que teve depois do divórcio. O fato de receber carinho e ter liberdade de falar sobre o que lhe dava prazer com o amante fez toda diferença para o seu orgasmo. O fato de dizer que o marido era ignorante reflete que sua postura durante o sexo não imprimia preocupação com o prazer da parceira. O sexo na velhice aparece como algo mais comedido, sem muitas posições, sem malabarismos. Lira afirmou

Eu tive um namorado, ele na casa dele eu na minha, mais nós tínhamos um relacionamento muito bonito, íamos passear, íamos dançar, eu achava que era um ponto positivo pra mim de bondade, ele disse vou para viajar para Aracaju, ver se consigo um lugar, para ver se dá certo nos morarmos lá, ele me disse eu sou casado, mas não sou feliz, ele viajou me ligou de lá no número errado e alguém atendeu, e ele pensou que eu estava com alguém. O erro foi dele não ter vindo saber a verdade que eu não estava com ninguém, à gente tinha um amor bonito, eu tinha ele na minha cabeça dia e noite, eu sentia tanta saudade dele, que tinha um mato em frente à minha casa

eu ia tinha vontade de ir lá ao mato, gritar de saudade dele, aí eu descobri que ele tinha outra lá em Aracaju, conversamos, aí ficamos bem, mais bem assim.

O namorado que conheceu e se relacionou, foi alguém que trouxe novo revigorar dos seus sentimentos amorosos, em bora estivesse na condição de outra de amante, não teve conflito com este novo papel social, que considerava temporário em função e uma promessa de morarem juntos em outro Estado. Em geral a literatura traz um pesado silêncio sobre o papel da mulher que se coloca no papel de amante, na velhice isto é muito mais gritante, pelos preconceitos e estereótipos já instituídos pela sociedade em relação à idade. Pois que rompe os preceitos do casamento e as leis de Deus não é bem visto pela sociedade. Embora seja uma prática comum entre homens mais velhos com mulheres mais jovens, a diferença neste caso é que os amantes possuíam a mesma idade.⁴⁰

A sexualidade aparece como algo pontual na velhice de Lola:

“Sexualidade vale muita coisa, porque eu estou desta idade mais ainda tenho vontade, eu tava falando com minha amiga, você se sente bem em estar sozinha? Eu sinto, eu disse pra ela: eu sinto desejo sexual, mas não vou sair dando demonstração pra ninguém. Se Deus me der um companheiro, que dê certo tudo bem, mais não vou me prostituir não, a sociedade é preconceituosa, eu não sei, sei lá, se você falar, a pessoa da minha idade, as pessoas podem até ignorar, tem pessoa jovem que não sente desejo sexual, a gente fica resguardada pra nem falar, serve até de ignorância, fulano tá velho e quer arranjar alguém. Tem pessoas idosas da minha idade mais ou menos que elas me dizem lá quero saber de homem, cada um é cada um, eu converso se tu vêes que tenho uma amiga de confiança, se ela guarda segredo, pra não sair falando é assim, assim aí eu converso sobre sexo. A sexualidade para a pessoa idade é apenas uma parceria de algumas horas, alguns dias, não sempre”.

⁴⁰ Bruno (2000) afirma que o universo que envolve o envelhecimento e a velhice é habitado por várias simbologias, ora ligadas ao gênero, ora ao tempo e ao contexto em que se inserem estes sujeitos. O mundo masculino encontra referência num passado de virilidade, beleza e poder. Já a mulher idosa associa o seu papel a reprodução, juventude e beleza. Porém, constamos que ambos sonham com o tempo da juventude eterna e talvez da imortalidade.

Sobre o desejo Lola afirmou:

“Eu sinto desejo sexual, se eu tiver um companheiro eu terei relação com ele. Eu converso sobre sexo raramente, minha filha disse mãe a senhora tem que encontrar alguém, o meu filho disse mãe a senhora não pode andar escolhendo, eu disse não meu filho eu tenho que escolher, eu não vou pegar um beberrão, uma pessoa doente, tem que ser alguém igual comigo, que eu arraste o outro, eu sei que eu não vou mais exigir uma pessoa que seja muito competente, muito evoluído porque senão eu ficava humilhada”.

O desejo sexual aparece como uma possibilidade de realização. Isto mostra a busca por um companheiro para realizar sua intenção, o fato de conversa sobre estes aspectos com os filhos mostra uma flexibilidade familiar para aceitar um novo membro na família, o fato de escolher o novo parceiro mostra uma escolha consciente de que não quer alguém que satisfaça apenas o desejo sexual, mais que seja capaz de acompanhar sua vida social, que hoje se mostra ativa, por participar de todas as atividades oferecidas pelo centro de convivência. Em relação ao seu namoro na juventude Lola refere: “Eu tinha quinze anos, só que o papai não quis fazer o casamento, aí fugimos pra casar, casamos na igreja no civil, papai ficou muito chateado, e depois foi indo se tornou um grande amigo de papai. Só tive relação sexual depois do casamento”.

O namoro aparece como uma época de escolha, o fato de ter fugido para casar mostra que foi corajosa para romper com os padrões estabelecidos para época em relação ao que se esperava das mulheres, mesmo com ato revolucionário para época, casou virgem e se manteve fiel ao marido. Ao romper como o noivo, que se mostrou violento contra a mãe, mostra que possuía bem claro que não aceita a violência contra a mulher. Lima demonstra que a fuga matrimonial, geralmente acontece no período noturno em um horário e local combinado pelos cônjuges. Desta forma, a moça “foge” ou é roubada da sua casa e após o período de fuga, quando o casal retorna para a sua comunidade, eles são reconhecidos por todos como casados.

A sexualidade para a escritora Hilda Hilst aparece para chamar a atenção sobre a velhice, e também sua própria velhice. Deixa clara sua inquietação com o corpo, porém é a palavra que dá sentido à sua existência, pois a metalinguagem quer falar de Hillé, da

Senhora D, da Senhora P e da própria Hilst, para demonstrar o isolamento e a reflexão sobre o que é a velhice feminina:

“Olhe, esse teu fechado tem muito a ver com o corpo, as pessoas precisam foder, ouviu Hillé? Te amo, ouviu? Antes de você escolher esse maldito vão da escada, nós fodíamos, não fodíamos Senhora D? sim e você gostava. Me lembro das noites que você fazia o café, depois o roupão branco, teus peitos apareciam, eles não caíram os teus peitos, o que é que você faz, hen? escute Senhora D, estou descendo a escada, bem devagar, está ouvindo meus passos? Sim então estou descendo, escuta, também posso foder nesse ridículo vão da escada não venha. Ehud, posso fazer o café, o roupão branco está aqui, os peitos não caíram, é assustador até, mas não venha Ehud, não posso dispor do que não conheço, não sei o que é o corpo mãos boca sexo, não sei nada de você Ehud a não ser isso de estar sentado agora no degrau da escada”. (Hilst, 2001, p. 23).

A Lara afirmou que a “sexualidade, o amor deixa a gente mais jovem, é um complemento da relação”. Falou que “o pai do meu filho foi seu primeiro namorado” e “era virgem, nós juntamos muito novinhos tínhamos dezessete anos”, conta que sofreu na mão dele, que ele bebia, “tinha outras mulheres, quebrava tudo, puxou a arma pra me matar”. Ao retomar sua fala expressou que

“A sociedade não está preparada para o envelhecimento, nem para lida a sexualidade do idoso, eu tive preconceito quando namorei o homem mais novo, as vizinhas diziam o que é que essa velha tem que gente não tem? Eu dizia filha à velhice tá na cabeça, mais eu ainda quero ser feliz, a diferença do sexo agora na velhice, eu me entendo melhor sinto mais prazer”.

A dominação sexual é uma maneira de dominar a classe social de idosos. Esta imposição acontece por meio das normas instituídas, que irão ditar o comportamento, por meio da máquina de dominação do poder, seja pela máquina educativa ou pela religião. Este padrão a ser seguido determina que não são aceitáveis mulheres mais velhas deitarem com homens mais jovens, daí é possível entender todo o preconceito que sofreu Lara.

A sexualidade para a Filo aparece imbricada com várias questões entre elas: a disfunção sexual do marido, os estímulos externos como fazer coisas juntas para aproximar à relação, a falta de preliminares, a condição física. Talvez a redução hormonal e falta de

lubrificação da vagina, também podem ser fatores que necessitem ser avaliados por isso, informou que irá conversar com a médica sobre estas questões. Ela afirmou que:

“Sexualidade que eu entendo é sexo entre duas pessoas, que hoje em dia, às vezes quando você está numa idade não é mais prazeroso, como é quando é mais jovem, às vezes tem o problema de saúde, o desejo acabou mais ou menos, eu vou até conversa com a doutora, acho que pode tá ligado ao meu esposo, não é que eu tô falando dele, é uma pessoa boa, ele é uma pessoa que está sempre do meu lado, acho que ele não é muito carinhoso, não, carinho não é só tocar, é gesto, é uma palavra, ele nunca me levou ao cinema, ele não me leva numa festa, não vai no aniversário dos netos, ele sempre foi assim, ele é do Piauí, ele é mais saudável do que eu, ele gosta de fumar e beber, mais é controlado, não bebe em casa, ele sabe beber, não é aquela pessoa violenta ,e se às vezes ele altera a voz comigo eu digo para aí, ele toma remédio para pressão, há mais de dez anos, ele tem uma vida sedentária, já cansei de chamar ele para participar aqui das atividade do centro de convivência, ele não vem, ele às vezes tem problema de ereção, acho que é por causa da bebida e do fumo, já fez o exame de próstata, deu normal, eu já falei pra ele que ele tem que fazer todo ano, eu incentivo ele, pergunto se ele já foi se vacinar, ele disse não, eu insito ele deixou pro último dia”.

O namoro e a relação sexual para a Filo aparecem ligados ao comportamento instituído pelos preceitos passado pela família. A família aparece como porto seguro para educação, padrão de comportamento ditatorial, inclusive no que diz respeito à forma de como vivenciar o sexo. Ela disse que:

“Eu tive vários namorados, a gente não beijava, não fazia carinho, não existia esse negócio de relação sexual, eu casei com trinta e três anos e só fui ter relação sexual com meu esposo, hoje as pessoas não tem educação, tem a droga, que se afastam da família, no meu tempo a gente não bebia, não fumava, ia uma festa acompanhada da família, respeitam os pais, hoje vão aos lugares não dão nem satisfação, eu digo até hoje a base é a família, a educação vem de berço, se cuidar, é o que eu passei pro meus filhos e eles estão passando pros filhos deles”.

A Educação Sexual está diretamente ligada à relação de controle ou interdição do corpo pelo Estado. O objetivo é sempre doutrinar ou disciplina como deve ser o comportamento sexual para homens e mulheres, que nem sempre condiz com a realidade, pois questões como homossexualidade, transsexualidade, doenças venéreas ficam fora da pauta de discussão. O que pode produzir seres que desconhecem em parte as verdades sobre sexualidade. Em relação aos idosos dos grupos que foram aqui

entrevistados tanto do ILPI como do centro de convivência a sexualidade não é um tema a ser colocado em voga.

A sexualidade para Febe aparece como complemento do casamento. O desejo foi sublimado em função de outros afazeres. Mostra preconceito em relação a sexo na terceira idade senão for feito pelo casal casado, e considerar o casamento ser um evento único na vida do indivíduo. Ela relatou o seguinte:

“Sexualidade deixa passar, eu se pudesse me vestia bem, não sou chegada à pintura, gosto de perfume. Não sinto desejo sexual, tem tantos anos que nem lembro mais disso, meu marido foi meu primeiro amor, casei virgem, só tive relação sexual com ele. Acho esquisito depois de velho a pessoa procurando homem, na minha opinião, se a gente casou é só uma vez, depois vem morte, hoje vem traição, ninguém respeita o outro, quando você vai casar eles perguntam a gente, e falam que o casamento é até a morte, tem que ter amor por aquela pessoa até o dia que Deus quiser”.

A vivência e expressão da sexualidade nos idosos também são influenciadas por um forte componente cultural e educacional. A cultura pode determinar a sexualidade na medida em que as suas expressões e manifestações se baseiam em valores e tradições transmitidos pela própria família e comunidade onde estão inseridos os idosos (Vieira *et al.*, 2014, p.39).

Em relação ao seu casamento a Febe trouxe uma visão de que foi difícil “foi feliz até uma certa idade”, por ter vivenciado a violência física infringida pelo marido, “teve um tempo que ele quis me matar, eu falei pra ele só Jesus que tem o direito de levar a gente, um dia ele me empurrou, me disse que ia me matar”, associado a traição “eu peguei ele na cama com ela, eu dei uma surra nele e nela, mais eu perdoei ele, a gente tem que perdoa, para ser perdoado, o sangue esquenta, eu tenho certeza que se fosse eu que ele tivesse me pego na cama com outro homem tinha me matado”, l e ao fato de ele beber “ele bebia e caía na rua, e vinha me chamar, eu dizia eu não vou, eu nunca entrei em bar”. Percebe-se então sua recusa em ter um novo parceiro, pois prometeu ao marido que não colocaria outro homem na cama, o sofrimento psíquico causado pela violência, talvez seja outro fator de não querer possuir um companheiro na velhice.

A sexualidade para Orfeu aparece como sexo “Sexualidade é bom, eu acho bom às vezes, limpa a mente da gente, tem muita diferença de quando era jovem, a sociedade não tá preparada para falar sobre sexualidade do idoso, tem muita gente que não tem maturidade, é uma coisa muito íntima”, considera positivo para sua vida está prática, embora tenha dificuldade de ereção “eu sinto desejo sexual, quando eu casei eu brochei, eu tinha vinte cinco anos, meu pai brochou, aí a mulher ficou falando, quem não brocha, não converso com ninguém sobre isso, não tomo remédio para fazer sexo, mais tenho ereção aqui acolá”, não encara isso como problema na atual fase da vida, posto que já teve esta dificuldade quando novo, “os colegas dizem que eu já brochei, que meu pinto tá pendurando na perna”, e a parceria entender que é algo que pode ocorrer, por isso existe uma normalidade em relação a falar sobre brochar.

A sua primeira relação sexual se deu com uma jovem que também era virgem, afirmou que “a minha primeira a relação sexual foi lá no Ceará, foi em casa, eu conheci uma menina e fui tirar a virgindade dela, aí meu pênis saiu sangue, quebrou o cabresto, nessa época eu morava com minha tia o banheiro era de folha, eu levei a menina pra lá no banheiro e fui brincar com ela, eu tirei a cueca e joguei fora”.

As diferentes maneiras de envelhecer levam em consideração costumes e contexto social no qual as mulheres viveram e em que é possível reconhecer os valores e comportamentos que nortearam o desenrolar de suas vidas. A maturidade é constituída a partir de valores de família, com ideal de casamento e a constituição das próprias famílias consagradas por meio do nascimento de seus filhos (Py *et al.*, 2004, p. 143).

Na maturidade a sociedade tende a pensar que os velhos possuem corpos assexuados. Porém, o desejo não morre. Ele se atualiza, mesmo diante do fantasma da finitude. A história do sujeito não finda na velhice ela continua, e é possível, nesta fase descobrir o prazer e o sexo.

O sexo na velhice será redescoberto por homens e mulheres, desde que queiram vivenciá-lo e sua condição física e mental permita. O desengajamento das práticas sexuais já está assegurado no seio de muitas sociedades nesta fase da vida. Há que se

vencer os preconceitos, mitos, tabus, mistérios e medos que envolvem a sexualidade dos idosos.

Foi possível perceber no grupo de idosos entrevistados que ainda hoje, mesmo depois de toda revolução sexual, ainda existe a dificuldade em lidar com a sexualidade na velhice, isto porque a sexualidade também é algo que se liga a história de vida do sujeito e está de forma direta ligada a uma determinada cultura. A manifestação da sexualidade é própria de cada um por sempre irá se configura de forma diferente para cada grupo de idosos.

A escritora Hilda Hilst, diferente do que revelaram os idosos do grupo pesquisado, mostra a sexualidade na velhice de uma forma que chama a atenção para o obscuro e erótico ao se referir ao corpo. O desejo, o prazer, o sexo, na velhice surge em Hilst com a intenção de produzir certo estranhamento que levasse a discutir sobre estas temáticas na velhice.

6.5 O Tempo

O tempo é construção simbólica que se apresenta com o nascer e declinar do sol, com o contar dos anos, com as marcas de expressão da idade que surge no corpo. A marcação temporal serve para situar o sujeito no tempo e espaço, o que ajuda a manter a consciência atualizada em relação ao passado, presente e futuro.

O tempo para os idosos entrevistados apareceu como necessidades inerentes a esta fase de vida. Nada de muito extraordinário para quem está de fora, mas muito representativo para quem está próximo, que partilha do dia-a-dia. O que chamamos “tempo” afirma Elias nada mais é do que o elemento comum a essa diversidade de processos específicos que os homens procuram marcar com a ajuda dos relógios ou calendários. Mas, como a noção de “tempo” pode servir para determinar, de acordo com o antes e o depois, processos muito variados, os homens têm a impressão de que o “tempo” existe independentemente de qualquer sequência de referência socialmente padronizada ou de qualquer relação com os processos específicos. “Estamos medindo o tempo”, dizem

eles, quando se esforçam por sincronizar, por datar alguns aspectos apresentados por processos específicos e tangíveis, em termos potenciais ou efetivos.

Na hipótese da escritora Hilda Hilst o tempo aparece e é mostrado de forma cronológica para marcar o tempo da velhice: “[...] do fardo quando envelhecemos, do desaparecimento, dessa coisa que não existe, mas que é crua, é viva, o tempo.” (Hilst 2001, p. 18), em outro trecho: “[...] que gemidos meu Deus, não tenho muito tempo, muitos que se foram estão por perto, é a hora, viver foi uma angústia escura, um nojo negro.” (2001, p. 52), que muitas vezes aponta em direção ao passado: “Agora que Ehud morreu vai ser mais difícil viver no vão da escada, há um ano atrás quando ele ainda vivia, quando tomei este lugar na escada [...]” (2001, p. 18); em outra parte do texto: “Engolia o corpo de Deus, devo continuar engolia porque acreditava, mas nem por isso compreendia.” (2001, p.19); em outros momentos aponta para o futuro: “NUNCA SERIA, mas antes de ser Ehud não era, e então depois Foi não sendo. (2001, p. 24); ainda foi possível encontrar: “Tu tens vinte agora, eu vinte e cinco, pensa tudo isso não vai voltar não terás mais vinte nem eu vinte e cinco, teremos cinquenta e cinquenta e cinco, e vais ficar triste de teres perdido tanto tempo com perguntas, pensa como serás aos sessenta”. Eu estarei morto.” (2001, p. 34).

Raimunda percebe o tempo imbricado com suas necessidades “Hoje é importante dormir, comer, dançar, passear com elas, elas formam o passeio à gente vai passear.”. Em relação a sua necessidade existe um desejo de aprender “tenho necessidade de estudar bem, elas me ensinar, eu aprender, que eu to doida para aprender a escrever, acho bonito sentar aqui a pessoa escrever uma carta pra mandar pra fora escrever, para poder expressar seus sentimentos, emoções, e também enviar cartas para alguém”. As palavras comer e dormir que já havia aparecido como algo que dá prazer, reaparece como também uma necessidade.

Existe uma variedade de necessidades no ser humano, e a cada tipo corresponde uma tendência, que procura diminuir a tensão através da satisfação da necessidade. A tradicional pirâmide de Maslow explica a hierarquia das necessidades humanas. Na base dessa hierarquia encontram-se as necessidades denominadas “primárias” ou de base

fisiológica (fome, sede, abrigo). Se não forem satisfeitas em certo nível, a pessoa não tem interesse em satisfazer outros tipos de necessidade, como psíquicas (autoexpressão, identidade, reconhecimento), ou as sociais (filiação, relação, associação). (Moragas, 1997, p. 101).

Ao falar do tempo Rita relatou “faz parte da vida envelhecimento e tudo, pela idade que eu tenho ainda sou muito jovem, aí tô com essa idade tô velha, eu nem me lembro”. Ao expressar sobre sua necessidade afirma “hoje tenho necessidade de companhia, de um parceiro, assim também serve”. Ter um parceiro indica a necessidade de troca, de companhia, em um grau de intimidade que é não é possível ser realizado pela condição atual, e pela relação que foram construídas dentro do ILPI com as cuidadoras.

Os mitos e os clichês postos em circulação pelo pensamento burguês se aplicam em mostrar um velho como outro. “É com adolescente que duram um número bastante grande de anos que a vida faz velhos”, observa Proust; eles conservam os defeitos e as qualidades dos homens continuam a ser. Isso, a opinião quer ignorar. Se os velhos manifestam os mesmos desejos, os mesmos sentimentos, as mesmas reivindicações que os jovens, eles escandalizam; neles; o amor, o ciúme parece odioso ou ridículo, a sexualidade repugnante, a violência irrisória. Devem dar exemplo de todas as virtudes. Antes de tudo exige-se deles serenidade; afirma-se que possuem essa serenidade, o que autoriza o desinteresse por sua infelicidade. A imagem sublimada deles mesmo que lhes é proposta é a do Sábio aureolado de cabelos brancos, rico de experiência e venerável, que domina muito alto a condição humana; se dela se afastam, caem no outro extremo: a imagem que se opõe a primeira é a do velho louco que caduca e delira e que de quem as crianças zombam. De qualquer maneira, por virtude ou por sua abjeção, os velhos situam-se fora da humanidade (Beauvoir, 1990, p.10).

Ao falar do corpo quando jovem, mostra que o espelho reflete algo diferente do que existia “O que percebo de diferente é quando olho no espelho”, o tempo para Rosa se manifesta por meio das transformações corporais, “tá derrubando tudo, nunca fui magrinha, sempre gordinha redondinha, eu quando era jovem eu atraía muitas pessoas, mais hoje em dia a gente não se sente atraente” e que o fato da idade de trazido

mudanças corporais implica em não se sentir atraente, inclui neste momento de fala outros sujeitos que talvez compartilhe da mesma forma de pensar por se encontrarem na mesma fase da velhice “mais hoje em dia a gente não se sente atraente” seriam outras idosas do ILPI? O fato de não pensar em ter outro companheiro “não penso em ter um companheiro não” indica que não se senti solitária.

As limitações corporais e a consciência da temporalidade são problemáticas fundamentais no processo de envelhecimento, aparecendo de forma reiterada no discurso dos idosos, embora possam adquirir diferentes nuanças e intensidades dependendo da sua situação social e da sua própria estrutura psíquica. Corpo e tempo se entrecruzam no devir do envelhecimento, e das formas desse entrecruzamento nascerão às múltiplas velhices (Goldfarb, 1998, p.2). Já a Ruth mostra a relação com o tempo por meio do seu cotidiano e com o lugar o qual passou a viver, pois possui nele laços constituídos de amizade com outras idosas e o reconhecimento social por parte dos profissionais da instituição ao ser trata da com respeito. “Não possuo necessidade”

O tempo da velhice para Renata aparece com certa segurança afirmou “não tenho necessidade”, pois recebeu uma indenização da sua patroa quando parou de trabalhar, “eu tenho meu dinheiro, a mãe do rapaz que ajudei a criar, na casa onde trabalhei me deu dinheiro, quando eu era nova, ela vendeu as novilhas e colocou o dinheiro no banco”. O ILPI onde mora administra a aposentadoria das idosas eles ficam com 70% para manutenção do próprio idoso no local. Este dinheiro é gasto com alimentação, material de higiene pessoal e pagamento das cuidadoras, os outros 30% ficam com as idosas que utilizam para comparar aquilo que querem nos passeios que são feitos pelo lar.

Ao referir sobre as mudanças ocorridas na velhice e nelas o que o tempo trouxe para sua existência, Renata afirmou não possuir necessidade. O lar já satisfaz as suas “não tenho necessidade sou atendida em tudo”. A baixa expectativa de mudança ou de projetos de longo prazo faz com que ela sinta suas necessidades atendidas, pois o que aparece como necessidade é algo real e imediato como receber um copo com água para beber quando está com sede, e isso é feito “sim falo de minhas necessidades com as irmãs”. Embora tenha dito que fala de suas necessidades com suas irmãs, não deixou claro, quais seriam.

A Tricha tinha vontade de ter saúde, e afirmava: “sim, eu tô qui porque eu sempre procurei conviver e me entrosar neste grupo”. Revela que suas necessidades são reais e palpáveis, ao dizer “tenho necessidade de ter saúde, tinha vontade de trabalhar, muito muito, enfim a idade chega e o limite vai ficando por ali”. Isso é o que se verifica no seu depoimento, pois participar do centro de convivência com outros idosos é uma maneira de ocupar seu tempo, e também de talvez realizar sua vontade de se entrosar. O trabalho acontece por meio das aulas de pintura, do crochê que é feito para ser vendido no bazar, e a busca da saúde se dá nas atividades de fisioterapia que são realizadas sempre às segundas e quinta-feiras.

Relacionar diferentes processos; sob a forma do "tempo" implica, pois, a ligação de pelo menos três conjuntos contínuos, os sujeitos humanos autores do estabelecimento da relação, dois (ou mais) processos de entre os quais um para determinado grupo desempenha o papel de conjunto padrão e quadro de referência. Ali onde um único indivíduo do grupo constitui a si mesmo como quadro de referência, como quando sua própria vida lhe serve de continuum padronizado para a determinação temporal de outros processos, a relação funcional é tripolar: o indivíduo está presente, primeiro, como a pessoa que estabelece e mantém relações (que "determina o tempo"); segundo, como aquela continuidade evolutiva entre nascimento e morte que serve de conjunto padrão; e por fim, há um grande número de outros processos cuja duração ele mede em referência à duração de sua própria vida, isto é, a ele mesmo como continuidade evolutiva (Elias, 1984, p.40).

O Tales apresenta como necessidade é de desfrutar os bons momentos que a vida pode lhe dá “A necessidade que eu sinto hoje é de viajar, costumo passar três, quatro anos sem viajar, e minha mulher não gosta de viajar, e eu não gosto de viajar sozinho, tenho ido a São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte”. A viagem seria uma maneira de

ocupar seu tempo que permite interação social é algo de que tem feito parte do seu projeto de vida atual.⁴¹

A relação entre tempo livre e lazer na velhice vai apresentar, forçosamente, demandas à autoimagem é o que afirmam sobre as relações sociais do idoso. É também por isso que as discussões sobre tempo livre e lazer nesta etapa da vida quase sempre discutem estas dimensões. Bem trabalhados pelo sujeito, seja com ajuda ou sem ajuda, o tempo livre e o lazer serão capazes de intervir positivamente na autoimagem e na socialização na velhice, proporcionando ganhos afectivos, físicos, sociais e cognitivos. É isto que a literatura empírica nacional tem procurado demonstrar nos estudos e pesquisas sobre lazer em idosos (2012, p.180).

A Tila manifesta uma necessidade ligada ao corpo “Gosto de ser pra cima, sou até um pouco consumista, não gosto de roupa que me põe mais velha do que sou, claro que eu não posso me vestir igual essas meninas que estão por aí, eu sigo a moda”, é o que se percebe na fala de Tila, a restituição da saúde é outro ponto chave “hoje minha vida é um livro aberto minha maior necessidade, eu peço a Deus para restituir minha saúde, uma velhice com saúde e paz”, quando diz que é comunista, é por que descobriu uma maneira própria de viver a velhice. O tempo aqui se apresenta de duas maneiras: a

⁴¹ O tempo humano é organizado por atividades significativas; algumas porque proporcionam alimento, segurança, conforto, futuro; outras, descanso, diversão, divertimento, satisfação. Estas atividades estão cercadas por relacionamentos interpessoais construídos nos âmbitos que as abarcam ou trazidos de experiências prévias. A atividade de trabalhar, por exemplo, ocupando grande parte do tempo, demanda o desenvolvimento de relações interpessoais que podem ser bastante satisfatórias, especialmente se o trabalho é significativo para o indivíduo. A aposentadoria é um evento marcante à medida que altera vários domínios da vida do sujeito: seu tempo de trabalho, que encerra; seus relacionamentos com colegas de trabalho; suas horas diárias que eram dedicadas ao labor, agora livres para outras oportunidades; seu tempo para o relacionamento conjugal e/ou familiar, que se alarga; seu contato com o âmbito doméstico, que também aumenta, embora pouco ofereça. Todas estas mudanças vão exigir reconstrução em termos de autoimagem e socialização. Ver-se como aposentado e ter alteradas as redes sociais são desafios que, como ilustrado anteriormente, nem sempre trazem crescimento pessoal e social. (Moura & Souza 2012, p 180).

cronológica, quando fala da relação com o corpo na perspectiva de continuar recuperar a saúde; e o outro aspecto diz respeito a um tempo subjectivo que é como ela se percebe.

O tempo da velhice para Toinha é carregado de alterações corporais por conta dos problemas de falta de saúde “minha necessidade hoje é minha saúde eu tomo remédio pra dor”, mostra um saudosismo em relação ao tempo em que era possível realizar determinadas atividades “eu queria voltar àquela vida eu costurava, limpava casa, embora hoje eu ainda limpe a casa, mais tenho meu limite”. Aceita a velhice, e faz um comparativo da sua velhice com os velhos da sua família que viveram muitos anos na roça “o médico me pediu pra emagrecer por causa do peso, e ele quer que eu faça cirurgia do seio porque é muito grande e aí dói a coluna”.

“Então a gente tem que aceitar, compreender, eu aceito esta faixa da velhice, eu conheci minha avó, minha bisavó ele viveu cento e quinze anos, mais era na roça”, e continua mostrando o retrato de um tempo da velhice vivida para quem está na roça “não tinha barulho, tinha respeito, barulho de passarinho cantando, cachorro, eu lembro até hoje uma casinha, cabelo branquinho”. A memória cristalizada se apresenta ao falar da relação com o pai, o que reflete um tempo de sofrimento ligado ao emocional: “Meu pai foi muito ruim ele foi embora e deixou minha mãe com onze filhos, e voltou eu não pude cuidar dele, já cuidava da minha mãe e do meu marido, não dava pra cuidar de um terceiro, meus irmãos não quiseram cuidar dele, ele morreu sozinho no Hospital.

A sua fala sobre o pai mostra que ainda é algo que tem importância de ser comunicado no tempo atual, talvez esse seja um fator estressante ainda hoje não tratado os traumas emocionais em relação aos homens que passaram por sua vida e que só infringiram sofrimento.

Já para a autora Hilda Hilst o tempo é sempre uma perspectiva que conduza a uma reflexão sobre a velhice. Os diálogos de seus personagens como no caso do marido morto, Ehad, da personagem Hillé, funcionam como chave para entender o processo de envelhecer: o corpo é a resposta ao eterno conflito do homem com a certeza da existência (tempo). Os questionamentos da Senhora D em relação à vida e à morte acontecem em um texto híbrido entre grotesco, obscuro e pornográfico. [...] queria te falar, te falar da morte de Ivan Ilitch, da solidão desse homem, desses nada do dia-a-dia

que vão consumindo a melhor parte de nós, queria te falar do fardo quando envelhecemos, do desaparecimento, dessa coisa que não existe, mas é crua, é viva, o Tempo. (Hilst, 2001, p. 18).

A Luca revela que “tirando essa dor da coluna eu tô pronta para todos os efeitos, pra viajar que eu gosto de viajar, pra dançar e ler corretamente, pra ler a Bíblia na igreja”. Em relação a sua necessidade nesta fase da vida, mostra que quer viver na atualidade o tempo para ela não se vincula com o passado. Sua necessidade está ligada ao corpo e a práticas religiosas, pois deseja que haja um bom funcionamento do corpo para poder viajar, e aprender a ler reflete seu desejo de ler a Bíblia toda. E afirmou que:

Hoje tenho necessidade de comprar uma casa própria, eu morro de aluguel, meu filho acha melhor juntar o dinheiro, pois ele acha o juro muito alto, então vamos pagando aluguel e juntando o dinheiro. Então vou vivendo bem. Depois do primeiro marido arrumei um segundo e ele quase me deixou sem nada, eu pagava tudo, aluguel, festas, comprei um carro, ele era mais novo, mais muito mais novo, não me ameaçava, tive que largar, se não ficava sem nada, ai eu fiquei com trauma, custei a ter coragem, ai segui em frente. Não pode deixar o passado tomar conta de agora, se não fica pensado que era bom, ainda é bom, a gente fala daquilo que o coração tá cheio.

A necessidade da casa própria é uma situação real de vários idosos brasileiros, muitos quando não podem mais pagar aluguel passam a morar com os filhos. Aqui aparece o filho não só como cuidador, mas como administrador dos bens, é o que gerencia o dinheiro, talvez pela experiência traumática que contou de ter vivido com o homem mais novo que a explorou financeiramente.

O Lito revela que sua necessidade está associada ao fato de não ter tido tempo para o estudo, no mesmo nível em que aparece o desejo de ter saúde, “hoje não tenho nenhuma necessidade, teria, poderia ter, ser mais graduado, ter mais estudo, hoje eu não desejo muita coisa só saúde pra chegar mais na frente”.

A revelação de Liza sobre suas necessidades no tempo da velhice, ou seja, atuais considera que estão atendidas “graças a Deus não tenho necessidade de nada”, em alguns aspectos ligados a abrigo e afeto familiar “tenho minha casa própria, tenho minha aposentadoria, quando não tenho dinheiro eu peço dos meus filhos e eles me dão,

meus filhos são bons demais, minhas noras também e, por que eu sou boa pra elas também”.

O tempo surge para Lis ligado a necessidades de forma genérica, por meio de uma preocupação com os pais e com os pobres. Exibe traços de sua religiosidade, da caridade, da piedade com o outro. Ela descreve:

Sinto necessidade que os governos reconhecessem, tivesse uma consciência, que tem tanta gente pobre, eu sou pobre mais eu tenho tudo, o Brasil tá muito afundada de vida, mais saúde acabou, a educação, as carteiras estão todas quebradas, muito jovem preso, no mundo da perdição, eu peço a Deus que estes governantes governem com sinceridade.

A necessidade de Lira é de ter um parceiro, e esse desejo mostra como é importante ter alguém para compartilhar o dia e a noite. Ela diz: “Eu não tenho necessidade só de ter um companheiro. Essa pessoa que eu lhe falei disse que nós vamos casar, isso vai me ajudar a controlar minha vida religiosa, eu pra ser mais fiel a minha religião eu tinha que ser casada, é um sonho meu, ele que propôs o casamento, eu não ter pressa”. Percebe-se na fala a ansiedade por algo que minimize ou elimine do seu tempo atual a sensação de solidão.

Por outro lado, a socialização é um fato importante para a vida do idoso, que pode contribuir para ocupar o tempo. É o que disse Lola, que buscou interagir com outras pessoas. Ela diz: “Eu procurei esse grupo de idoso para ocupar o tempo, eu faço hidroginástica, toda quinta-feira, à tarde tem um evento, tem um filme, tem um bingo, eu participo”. Ela não revelou neste ponto nenhuma necessidade pontual, embora ao longo de sua entrevista, em outro instante, tenha informado sobre a necessidade, falando: “Não tenho necessidade graças a Deus, eu tenho minha pensão, tenho meus filhos que são muito bom. Tenho necessidade de fazer um inventário da minha casa que eu quero vender, e comprar um apartamento, hoje eu tô morando com minha filha, e meu sobrinho que tá morando lá. Um apartamento é menor, fica melhor para morar. Só tem uma coisa diferente, é que o apartamento tem condomínio e casa não”. Ao revelar que assistir a um filme é o mesmo que retirar as mágoas da vida, ela diz: “É isso que tira as mágoas da vida”. Nesse caso talvez se refira ao longo processo de trabalho que teve com o marido, seguido de um luto, e de um novo recomeço.

No interior da sociedade a que pertence, o indivíduo comumente dispõe de certa margem de autonomia, tem certa latitude em seu poder de decisão. Também a humanidade dispõe de uma margem de autonomia e de certo poder decisório, no interior de uma natureza que é alheia ao homem e que ela não controla (o tempo). Mas esses espaços de liberdade, que podem ampliar-se ou se restringir, têm limites, e o curso externo da natureza sempre tem a última palavra. No entanto, foi ele que produziu esses seres dotados do mais alto nível de organização que se conhece até hoje, isto é, os homens, os quais possuem, entre outras coisas, a capacidade de se comunicar por intermédio de símbolos sociais específicos, que não estão inscritos em seus genes, mas que inventaram e dos quais se servem para se orientar no mundo (Elias, 1984, p.18).

A Lara disse “tenho necessidade de um companheirismo, a gente se senti sozinha, a gente chega a casa e toma um banho, e vai conversar com quem? Com a televisão?”. O tempo na velhice aparece associado à solidão “eu não tenho um filho que pode morar comigo, eu não tenho um neto que possa morar comigo, eu gosto muito de passear, eu não gosto de sair para esses lugares que tem um frevo, eu queria uma neta que me dissesse, vamos passear, vamos, vamos para beira do lago”. Sua necessidade de companhia aparece ao longo da entrevista, a solidão é algo que perturba sua velhice, percebe-se que este desejo não está ligado somente à satisfação sexual, mais a troca diária, alguém que possa ter uma escuta disponível, para ouvir o que tem a dizer.

“Não tenho necessidade, só conformada com o que eu tenho se não posso ter aquilo, fico conformada, eu tenho minhas coisinhas minha casa”, assim que a Filo mostra sua velhice. Conformada com as conquistas realizadas ao longo da vida, em contrapartida diz que é inconformada que no tempo atual da velhice o sistema de saúde do país não trata os idosos como deveria: “Acho que o idoso hoje tá enfrentando dificuldade é na assistência de saúde, porque não funcionam igual como eles fazem a propaganda”.

O tempo para Febe é de buscar uma melhor relação com os filhos “que os meus filhos, que moravam comigo me desse prazer” e de cuidar do irmão “meu irmão também tava em cima duma cama eu busquei, eu cuidei, hoje tá aqui, já comi sozinho, toma banho só, eu faço, porque amanhã eu espero que alguém faça por mim”. Reforça a necessidade

de um melhor relacionamento no âmbito familiar, e o papel de cuidadora para ocupar seu tempo.

Para o Orfeu seu tempo está ligado à expectativa de adquirir um imóvel, no plano que o governo tem da casa própria “eu tenho necessidade de ter uma casa quem mora de aluguel é muito ruim, já me escrevi no programa do governo para casa própria tô esperando, o governo prometeu entregar mais até hoje não fui agraciado, já me chamaram mandaram, eu trocar de lugar agora é apartamento, rapaz se sair é uma bênção”.

O tempo na velhice tem o importante papel de atualizar a história do indivíduo. É o tempo que se configura novo, com novas e antigas necessidades, com fases de adaptações e descobertas, que vão ditar um novo comportamento social.

A cronologia para cada indivíduo que envelhece mostra um tempo que avança em direção a finitude. Há um tempo biológico e humano. Nos idosos entrevistados poucos falaram sobre o tempo, embora tenham aparecido necessidades que consideram imediatas como comer, dormir, rezar, ir à missa. Existe um desejo real de aprender a viver no tempo presente, que para alguns é ainda de aprendizagem, como as idosas do ILPI, que estão aprendendo a ler e escrever.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A consideração de análise final desta tese avalia os resultados obtidos durante a investigação. O trabalho procurou investigar como a escritora Hilda Hilst apresenta em suas obras: *A obscena senhora D* (2001), *Estar Sendo Ter Sido* (2006) e *Contos D'ESCARNIO / Textos Grotescos* (2002). As temáticas: envelhecimento, corpo, sexualidade e tempo utilizando como base que contribuiu inclusive para pensar o guia de entrevista. Outro aspecto importante deste trabalho foi a análise do discurso social segundo Norman Fairclough, por meio da qual foi possível entender o discurso de Hilst na busca de quem são seus personagens e como que o seu texto pode ser essencial à aventura humana. Foram investigado qual a percepção que os 21 idosos, possui em relação as temáticas aqui propostas, participaram das entrevistas o total de 21 sujeitos, sendo 05 moradoras do ILPI e 16 frequentadores do centro de convivência, todos residentes em Brasília – DF.

Em relação ao envelhecimento, para a escritora Hilda Hilst se configurou como uma inquietação nesta fase da vida, suas dúvidas e os questionamentos teológica na velhice surge como algo aporético. Parece ser uma loucura existencial ou ciência de configuração do discurso, rico em ironia obscena, sem perder, porém, o seu foco político. No seu discurso fica nítida a intenção de questionar o que é Ser velho, que aparece como algo de horrendo. Em outro ponto a escritora questiona a burguesia e os dogmas constituídos pela igreja.

Já os idosos entrevistados apresentaram uma velhice heterogênea, reconhecida por alguns como tempo de mudanças físicas, e perdas de pessoas queridas como o companheiro ou pessoas próximas como pai ou mãe, o que significou vivenciar um luto, com impactos emocionais como certa tristeza ou melancolia por parte de alguns. Também ficaram claras as limitações que a velhice trouxe com o surgimento de comorbidades como: pressão alta, artrose, artrite, diabetes, que levaram ao uso de polifármacos.

Em contrapartida a este panorama desfavorável, alguns destes participantes da investigação mostraram outra face, que o envelhecimento pode trazer possibilidades de

ressignificações de laços afetivos, como as idosas que moram no ILPI, que passaram a compreender que família são as cuidadoras e os profissionais da área de saúde que lá atuam. Isto se dá, por não terem mais laços sanguíneos, e aqueles que ainda possuem não possuem uma relação de convivência diária, mas de uma forma geral relataram possuir uma boa relação com filhos e netos. Apenas dois idosos entrevistados descreveram ter dificuldade na relação com seus parentes: uma idosa, por ter um filho alcoólatra; e outro por não ter condição física em função do AVC para contribuir nos afazeres domésticos e por isso se se considera discriminado pela esposa e pela filha.

Para os idosos do centro de convivência o envelhecimento se mostra ativo, pois frequentam as atividades oferecidas como fisioterapia, viagens, passeios, aulas de computação, bordado e crochê. A religiosidade com seus dogmas foi algo que apareceu como um ponto forte no processo de envelhecimento. A maioria se demonstrou praticante, cumpre os ritos de rezas e leitura da Bíblia, e se consideram devotos de algum santo ou santa, e esse fato contribui para uma melhor aceitação da condição atual e traz esperança de dias melhores.

Em relação ao corpo na velhice, para a escritora Hilda Hilst, é rico em mutações e também surge como uma armadilha. As mutações aparecem com as várias manifestações de animais descritos “Sapa” “Porca” etc.. A decrepitude é manifestada por meio de máscaras que a personagem Senhora D utiliza para espantar a vizinhança. A palavra de ordem derrelição, mostra o abandono intencional de si que pode ocorrer na velhice. Os velhos curvos e o granidos da velhice expressam a necessidade de chamar a atenção para uma corporeidade imperfeita cheia de limitações, da invisibilidade que este tempo pode trazer. Fica claro que o corpo é utilizado para pronunciar o discurso sacro-profano, o grotesco, o paradoxo, o exagero, o não ortodoxo, o não convencional, a degradação, a destruição dos valores impostos pela ideologia vigente. O questionamento contínuo na velhice acontece por meio da contestação, da paródia e da urgência pela descoberta de novas possibilidades neste tempo da vida.

Para os idosos entrevistados o corpo quando jovem beirava a perfeição: “saudável”, foi o que afirmou a maioria e quando comparado ao tempo atual. A imagem ou

autoimagem que fazem de si para a maioria está associada às características físicas, por isso relataram o aparecimento de manchas, rugas, aumento do peso, diminuição da estatura, mudança na cor do cabelo e das doenças que surgiram com o avançar da idade.

A memória do corpo saudável se contrapõe as limitações que ele agora apresenta, pois com o avanço da idade as atividades da vida diária necessitam ser assistidas ou acompanhadas por outros atores, devido à perda de equilíbrio, o que pode ocasionar quedas. Esta é uma realidade de algumas idosas que moram no ILPI.

De forma geral, em relação ao corpo a maioria relatou que agora na velhice possui algum tipo de doença crônica, o que trouxe a imposição da medicalização. Ao falar do corpo quando jovem ficou claro que ele estava ligado a uma fase produtiva da vida, por isso atrelam a ele o trabalho, a diversão, o namoro, o casamento e o sexo. Os idosos do centro de convivência deixaram claro um melhor funcionamento de seu corpo com o advento da fisioterapia, que para eles funciona como uma atividade física, alguns relataram que o corpo apresentou melhoras significativas no tocante a possibilitar redução de dores osteomusculares.

A sexualidade na velhice que aparecem nas obras da escritora Hilda Hilst aqui estudadas, tem algo de obsceno, beirando o pornográfico, jocoso, engaçado, depravado. As memórias de seus personagens sobre o tempo de fofocas podem causar no leitor certo repúdio, nojo, escândalo, riso nervoso, ou a possibilidade de se reconhecer em determinados momentos com o que está sendo apresentado. As palavras de baixo calão são o mote para contar as peripécias de práticas sexuais não tão ortodoxas, com sodomia, homossexualismo, e com mulheres livres que são capazes de exprimir seus desejos e vivenciá-los até em público como é o caso da personagem Clódia da obra *Contos D'ESCARNIO / Textos Grotescos*.

Os idosos investigados nem todos entendem bem o que é a sexualidade. Ela apareceu como sexo, alguns falaram de forma livre e aberta sobre o tema, outros tiveram medo ou vergonha e foram breves em suas colocações. O desejo apareceu como algo que não termina com a idade, pois muitas idosas do centro de convivência relataram que ainda sentem desejo sexual.

O sexo em determinados momentos foi substituído pela palavra companheiro, o que reflete que muitas vivem na solidão nesta fase da vida. Ao ser perguntando sobre práticas sexuais ou experiências que viveram quando jovem, a maioria das mulheres entrevistadas tiveram sua primeira relação sexual depois do casamento, casaram virgem e hoje, na viuvez, o sexo não é prioridade. O prazer apareceu na maioria das falas deslocado para outras regiões do corpo, que vão para além da região genital ou não ter nenhuma conotação sexual, se ligam a comer, dormir, passear, rezar, dançar, viajar ou está ligada à convivência com a família.

O sexo aparece como algo possível na velhice, mas sem o mesmo vigor da juventude, e embora alguns tenham tempo para esta prática não o fazem por falta de companheiro ou por medo de ser julgado (a). Algumas idosas revelaram não terem mais desejo sexual e nem quererem mais esta prática, pois como tiveram problemas com o marido que bebiam muito e que as proibiam de viver de forma livre, não querem perder a liberdade que adquiriram quando ficou viúva, por isso não querem outro companheiro.

O amor apareceu ligado à relação com os filhos, ou com os Santos e Deus. Os homens embora tenham ainda vontade de ter sexo revelaram problemas com a disfunção erétil, e embora tenha conversado sobre isto com os médicos, indicaram que não foram ouvidos por este profissional, ficou claro que possuir ereção na velhice não é um traço tão importante em relação a sua masculinidade como era na juventude, por possuírem hoje outras prioridades como ajudar a cuidar dos netos.

O tempo na obra Hilstiana aparece de maneira cronológica e subjetiva. O que se apresenta é o tempo da velhice, que se liga a momentos de solidão e finitude, aos questionamentos existenciais na relação com o transcendente. Existe aí uma carnavalização dos personagens para representar o tempo da velhice e possibilitar uma ambivalência dialéctica da experiência humana cristalizada e representada, apresentada de forma sublime para falar de si e do outro que envelhece.

Em relação aos grupos de idosos entrevistados, o tempo aparece ligado às necessidades básicas do dia-a-dia como comer e dormir, entre outras. No grupo de convivência o tempo apareceu para alguns atrelados ao futuro, ao desejo de conquistar um

determinado bem como a casa própria, ou de fazer uma plástica, ainda para alguns este tempo está marcado na esperança de ter de volta um corpo saudável.

Quanto às entrevistas com as idosas do ILPI, foi revelador de como pode-se viver em um lar e ser atendida em suas necessidades. Elas demonstraram que com todas as limitações estão dispostas a reaprender como caminhar. Com a avançar da idade, a terapia ocupacional e os lanches coletivos são momento intensos de socialização, pois aproveitam para falarem do passado, mas também atualizam o presente, mesmo que o presente seja receber a visita de um estagiário de um determinado curso de graduação, o que se torna um evento por modificar a rotina estabelecida pelo lar.

O centro de convivência com sua estrutura ampla e limpa é um lugar de acolhimento, pois por ser da igreja católica, é administrado pelas irmãs de caridade. Além delas existem voluntários na área de fisioterapia, psicologia e serviço social, que fazem atendimento coletivo e individual, e também dão suporte familiar. Os frequentadores deste centro costumam ir três vezes por semana. Há também uma camiseta que indica que ele ou ela faz parte e são aceitos pelo grupo.

Os idosos que frequentam o centro se mostraram felizes por participarem da socialização que lá é realizada, mais ainda por terem um espaço em que podem ser ouvidos e atendidos parcial ou totalmente em suas necessidades. Mostraram que a solidão é aplacada quando existe a possibilidade de interação.

É importante citar que o término desta tese não se constitui a sinalização de uma reta final, de uma visão definitiva sobre os assuntos abordados. Ao contrário, representa um novo começo e fortalece um desejo de ir além, de seguir adiante, de desvendar as novas paisagens que se sucedem nessa jornada infinita que é a busca pelo conhecimento.

Por isso entende-se que outros estudos sobre o envelhecimento na área de gerontologia e antropologia se fazem necessários, em especial no que diz respeito à sexualidade masculina, mas não reduzindo o homem à disfunção erétil, e sim entendendo este como um ser universal, procurando entender que outras possibilidades ele encontrou de

A VELHICE DE DOIS GRUPOS IDOSOS EM BRASÍLIA. UM OLHAR SOBRE ENVELHECIMENTO, CORPO, SEXUALIDADE E TEMPO EM CONTRAPONTO COM O DISCURSO DA ESCRITORA HILDA HILST.

viver sua masculinidade, de expressar seu desejo, da busca do prazer, como fica sua virilidade, que fatores objectivos influenciam na sua vida atual.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, J. (2004). *A experimentação do Grotesco*. São Paulo, Edusp.
- Amatuzzi, M. M. (Org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo, Paulus
- Anderson, H. (1997). *Conversation, language and possibilities. A portmodern approach to therapy*. Nova Iorque, Basic Books.
- Antunes, E., Mayor, A., Almeida, T., Lourenço, M. (2010). Considerações sobre o amor e a sexualidade na maturidade. [em linha]. Disponível em: <http://www.thiagodealmeida.com.br/site/files/pdf/Consideracoes_sobre_o_amor_e_a_sexualidade_na_maturidade.pdf>. [Consultado em:15/08/2013].
- Araújo, M. (1999). *A construção histórica da sexualidade*. In: Ribeiro, M. (Org.). *O Prazer e o Pensar*. São Paulo, Gente, pp. 13-35.
- Araújo, L. (2009). *Psicologia do Envelhecimento*. Campinas, Alínea, pp. 11-25.
- Bajtín, M. (1987). *La cultura popular en la edad media y en el renacimiento*. Madrid, Alianza Editorial, S.A.
- Barthes, R. (1967). *The elements of semiology*. London, Cape.
- Barthes, R. (1972). *Mythologies*. Londres, Cape.
- Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Blessmann, E. (2004). *Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice*. [em linha]. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/viewFile/4737/2661>>. [Consultado em 23.05.2015].
- Bourdieu, P. (1999a) *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2004). *Questões de Sociologia*. Lisboa, Fim de século.

Bourdieu, P. (1999b). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspetiva.

BRASIL (2010). *Atenção básica à saúde da pessoa idosa e envelhecimento*. Série Pactos pela Saúde 2006, v. 12, Brasília: Ministério da Saúde.

Bruno, M. (2000). *Autonomia e cidadania: caminhos e possibilidade para o ser idoso*. São Paulo: PUC [Dissertação Mestrado em Gerontologia].

Bulla, L. & Kaefer, C. (2003). *Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado*. São Paulo, Contexto.

Burille, A. & Gerhardt, T. (2013). *Conexões entre homens e saúde: discutindo algumas arranhaduras da masculinidade*. [em linha]. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/pub/athdig/athdig_a2013m7v13n2/athdig_a2013m7v13n2p259.pdf> . [Consultado em 15.06.2015].

Cabral, J. (2003). *O homem na família: cinco ensaios de antropologia*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Camarano, A. (2003). *Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança?* [em linha]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300004&script=sci_arttext> [consultado em 30.05.2015].

Camarano, A., Kanso, S., Mello, J. (2004). *Como Vive o Idoso Brasileiro?* In: Os Novos Idosos Brasileiros muito além dos 60? Rio de Janeiro, IPEA.

Chizzotti, A. (2006). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis: Vozes.

CODEPLAN (2011). Pesquisa distrital por amostra de domicílio. [em linha]. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/imprensa/avisos-de_pauta/itemlist/user/101-nilvarios.html?start=105>. [Consultado em: 30.03.2015].

Corbin, A., Courtine, J., Vigarello, G. (2008). Prefácio à história do corpo. In: *História do Corpo: da Renascença às Luzes*. Petrópolis: Vozes.

Costa, M., Silveira, R.; Sommer, L. (2003). *Estudos culturais, educação e pedagogia. Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, nº especial, Cultura, culturas e educação. n. 23, maio/ago, pp. 36-61.

Coutinho, R. & Ribeiro, P. (2014). *Religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência e juventude: lições de uma revisão bibliográfica sistemática de mais de meio século de pesquisas* R. bras. Est. Pop., Rio de Janeiro, v. 31, n.2, jul./dez, pp. 333-365.

Coutrim, R. (2006). *Idosos trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais*. [em linha]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v21n2/a04v21n2.pdf>>. [Consultado em 29.01.2015].

Dalmolin, I., Leite, M., Hildebrandt, L., Sassi, M., Perdonssini, L. (2011). A importância dos grupos de convivência como instrumento para a inserção social de idosos. [em linha]. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0173-5/Sumario/6.1.14.pdf>>. [Consultado em 05.02.2015].

Dalmonete, E. (2002). *Estudos culturais em comunicação: da tradição britânica à contribuição latino-americana*. [em linha]. Disponível em: <http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/dalmonete.pdf>. [Consultado em 27.04.2015].

Debert, G. & Brigeiro, M. (2012). *Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice* Guita Mauro Brigeiro *RBCS Vol. 27 n° 80* Revista Brasileira de Ciências Sociais - vol. 27 n° 80.

Debert, G. (2007). *Idade cronológica, idades geracionais e níveis de maturidade*; IN Barros, M. L. Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro, FGV.

Debert, G. (2012). *A reinvenção da velhice: Socialização e processo de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo, Fapesp.

Debert, G. (2012a). *A reinvenção da velhice: Socialização e processo de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: FAPESP.

Debert, G. (2012b). *Gênero e envelhecimento: os programas para a terceira idade e o movimento dos aposentados*. São Paulo: Revista Estudos Feministas.

Eagleton, T. (2003). *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. São Paulo: Martins Fontes.

Elias, N. (1984). *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

Endjso, D. (2014). *Sexo e religião*. São Paulo, Geração Editorial.

Fairclough, N. (2008). *Discurso e mudança social*. Brasília, UnB.

Faleiros, V. & Loureiro, A. (Org.). (2004). *Desafios do envelhecimento: vez, sentido e voz*. Brasília, Plano.

Faleiros, V. (2007). *Violência contra a pessoa idosa ocorrências, vítimas e agressores*. Brasília, DF: Universa.

Fanon, F. (1967). *Black skin, white masks*. Nova Iorque, Grove.

Fiedler, L. (1955). *An end to innocence: essays on culture and politics*. Boston, Beacon Press.

Fleury, H. & Abdo, N. (2009) *Desejo sexual feminino. Projeto Sexualidade (ProSex)*, Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). *Diagn Tratamento*; 14(1): pp.47-51.

Forghieri, Y. (1993). *Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas*. São Paulo, Cengage learning.

Foucault, M. (1988). *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal.

Foucault, M. (2013). *O corpo utópico. As heterotopias*. Rio de Janeiro: N-1 Edições.

A VELHICE DE DOIS GRUPOS IDOSOS EM BRASÍLIA. UM OLHAR SOBRE ENVELHECIMENTO, CORPO, SEXUALIDADE E TEMPO EM CONTRAPONTO COM O DISCURSO DA ESCRITORA HILDA HILST.

Foucault, M.(1984). *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.

Frankl, V. (2006). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis, Vozes.

Freire, F. & Aragão, K. (2004). *Osteoporose: um artigo de actualização*. [em linha]. Disponível em: <http://www.ucg.br/ucg/institutos/nepss/monografia/monografia_12.pdf>. [Consultado em 30.08.2015]

Freitas, P. (2011). *Solidão em idosos percepção em função da rede social*. . [em linha]. Disponível em <<repositório.ucp.pt/bitstream/10400.14/8364/1/SOLIDÃO%20EM%20IDOSOS.pdf>>. [Consultado em 30.08.2015].

Flick, U. (2002). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa, Monitor

Gadamer, H.(2002b). *Verdade e Método*. Petrópolis, Vozes.

Gadamer, H. (2008). *Verdade e Método I: Traços fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica*. São Paulo (Bragança), Editora Universitaria São Francisco.

Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, UEP.

GIL, A. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo, Atlas.

Giroux, H. (1995). *Praticando estudos culturais nas faculdades de educação* in: Silva, T. (Org). *Alienigenas na sala de aula. Uma intropdução aos estudos culturais em educação*. Rio de Janeiro, Vozes, pp. 85-103.

Goldenberg, M. (2014). *Casamentos invertidos: acusações e preconceitos em arranjos conjugais desviantes*. Rio de Janeiro, Sociologia &Antropologia.

Goldfarb, D. (1998). *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo. Casa do Psicólogo.

Gomes, R. (2003). *Sexualidade masculina e saúde do homem*: proposta para uma discussão. *Ciência & Saúde Coletiva*, 8 (3), pp.825-829.

Grzybowski, C. (1998). *Macho e fêmea os criou. Celebrando a sexualidade*. Viçosa, Ultimato.

Guedes, M. (2015). *Dimensões diversas!* Vitória. Guedinha.

Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo – sentidos e formas de uso*. Portugal, Estoril.

Günther, I. (2009). *Envelhecimento, relações sociais e ambiente*. In: Falcão, D. &

Haber, C. (1986). *Geriatrics: a specialty in search of specialists*. In: Van Tassel, D. & Stearns, P. (Eds.). (1986). *Old age in a bureaucratic society*: Nova Iorque, Greenwood Press, pp. 66-84.

Hall, S. (2002). *Psicologia do envelhecimento: uma introdução*. Porto Alegre, Artmed.

Hilst, H. (2001). *A obscena senhora D*. São Paulo, Globo.

Hilst, H. (2002). *Contos d'escárnio/ textos grotescos*. São Paulo, Globo.

Hilst, H. (2006). *Estar sendo ter sido*. São Paulo, Globo.

Hoggart, R. (1957). *The uses of literacy*. New Jersey, Transactions.

IBGE. (2010). *Censo demográfico. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, Brasília, 2010.

Jung, C. (1981). *Psicologia do inconsciente*. Petropolis, Vozes

Kazantzakis, N. (1975). *Testamento para el Greco*. Rio de Janeiro, Artenova.

Kleba, M. & Wendausen, A. (2009). *Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política*. [em linha].

A VELHICE DE DOIS GRUPOS IDOSOS EM BRASÍLIA. UM OLHAR SOBRE ENVELHECIMENTO, CORPO, SEXUALIDADE E TEMPO EM CONTRAPONTO COM O DISCURSO DA ESCRITORA HILDA HILST.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18n4/16.pdf>>. [Consultado em:15.03.2015].

Le Breton, D. (2007). *A Sociologia do Corpo*. Rio de Janeiro, Vozes.

Lefebvre, H. (1966). *A linguagem e a sociedade*. Lisboa, Ulisse.

Lucchetti, G.; Luccheti, A.; Bassi, R.; Nasri, F., Nacif, S. (2011). *O idoso e sua espiritualidade: impacto sobre diferentes aspetos do envelhecimento* Giancarlo. Rev. Bras. Geriatr. Gerontol., Rio de Janeiro, 14 (1), pp.159-167.

Maldaun, D. (2008). *Espiritualidade / Religiosidade*. In NERI, Anita Liberalesso. (Org.). *Palavras- Chaves em Gerontologia*. Campinas: Alínea.

Masters, W.; Johnson, V.; Kolodny, R. (1997). *Heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Minayo, M. (2010). *Pesquisa Social*. Petrópolis: Editora Vozes.

Minois, G. (1999). *História da Velhice no Ocidente*. Lisboa, Teorema.

Missaggia, J. (2012). *A Hermenêutica em Heidegger e Gadamer: Algumas confluências e divergências*. Rio Grande do Sul, PUCRS. Disponível em <http://www2.ufrb.edu.br/griot/images/vol6-n2/1> [consultado em: 20.12.2015]

Moragas, R. (1997). *Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida*. São Paulo, Paulinas.

Moura, G., & Souza. L. (2012). *Autoimagem, socialização, tempo livre e lazer*. In: *Revista Textos & Contextos* (Porto Alegre), Vol. 11, nº 1, jan./jul, pp. 172 - 183.

Nascimento, D. (2013). *O corpo político: sexualidades e regularidades acerca do prazer, dever, castigo e liberdade*. [em linha]. Disponível em:<http://www.iptan.edu.br/publicacoes/saberes_interdisciplinares/pdf/revista12/O_CORPO_POLITICO.pdf>. [Consultado em: 03.03.2015].

Negreiros, T. (2004). *Sexualidade e gênero no envelhecimento*. [em linha]. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n9_negreiros.pdf>. [Consultado em: 30.04.2015].

Neri, A. (2002). *Cuidar de idosos no contexto da família: questões psicológicas e sociais*. Campinas, Alínea.

Netto, M. (2006). *O estudo da velhice: Histórico, definição do campo e termos básicos*. in: Freitas, E, Cançado, F., Doll, J., Gorzon, M. (2006). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Nogueira, S. (1996). *Sexualidade da Mulher na Maturidade. A terceira idade*. São Paulo: SESC.

Pais, J. (1999). *Traços e riscos de vida*. Porto; Ambar.

Pereira, P. (2008). *Política social: temas & questões*. São Paulo: Cortez.

Poirier, J. Clapier-Valladon, S., Raybaut, P. (1995). *Histórias de vida: teoria e práticas*. Oeiras, Celta Editora.

Prandi, R. (2004). *O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso*. . [em linha]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300015>. [Consultado em 03.04.2015].

Probst, E. (2015). *A evolução da mulher no mercado de trabalho*. [em linha]. Disponível em: <http://www.rhportal.com.br/artigos/rh.php?idc_cad=xg7w7vuh9>. [Consultado em 05.11.2015].

Py, L., Pacheco, J., Sá, J., Goldman, S. (2004). *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões*. São Paulo, Nau.

Reker, G. (2001). *Manual life attitude profile revised*. Ontario, Student Psychologists Press.

Ribeiro, A. (2007). *Sexualidade na Terceira Idade*. In: Papaléo Netto, Matheus. *Tratado de Gerontologia*. 2ª ed. São Paulo, Rio de Janeiro, Ribeirão Preto e Belo Horizonte, Atheneu, pp.279-291.

Ritto, C. (2011). *Ipea traça perfil dos abrigos de idosos no Brasil*. [em linha]. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/ipea-traca-perfil-dos-abrigos-de-idosos-no-brasil/>>. [Consultado em 05.02.2015].

Robatto, L. (1994). *Dança em processo: a linguagem do indizível*. Salvador, Ed. UFBA.

Rodrigues, K. (2009). *Sade, corpo e libertinagem. Capitu: livros e idéias*. 13 jul. 2009. Disponível em <<http://www.revistacapitu.com/materia.asp?codigo=73>>. [Consultado em 10.05.2015].

Said, E. (1995). *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Salles, A. & Ceccarelli, P. (2010). *A invenção da sexualidade. in: Reverso, Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais*, ano 32, 60, pp. 15-24.

Santos, S. & Carlos, S. (2003). *Sexualidade e amor na velhice*. [em linha]. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4729>> [Consultado em:02.11.2012]

Schneider, R. & Irigaray, T. (2008). *O envelhecimento na atualidade: aspetos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais*. [em linha]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2008000400013&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0103-166X2008000400013>. [Consultado em 28.04.2015].

Scortegagna, P. & Oliveira, R. (2012). *Idoso: um novo ator social*. [em linha]. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1886/73>>. [Consultado em 12.04.2015].

Scott, J. (1990). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 16, n. 2, pp. 85-93.

Secoli, S. (2010). *Polifarmácia: interações e reações adversas no uso de medicamentos por idosos*. [em linha]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v63n1/v63n1a23.pdf>>. [Consultado em 14.09.2015].

Silva, F. (2010). *Corpo, tempo e envelhecimento: O discurso tridimensional de Hilda Hilst no livro: A Obscena Senhora D*. Dissertação de Mestrado. Brasília, UCB.

Silva, M. (2005). *Saúde mental e idade avançada. Uma perspectiva abrangente*. In C. Pául, & A.M. Fonseca (Eds), *Envelhecer em Portugal*. Lisboa: Climepsi Editores.

Sodré, M. & Paiva, R. (2002). *O Império do grotesco*. Rio de Janeiro, Mauad.

Sommerhalder, C. & Goldstein, L. (2006). *O papel da espiritualidade e da religiosidade na vida adulta e na velhice*. In: Freitas, E., Freitas, E., Cançado, F., Doll, J., Gorzon, M. (orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.

Sousa, J & Batista, M. (2013). *Ócio e Tempo Livre na idade adulta avançada: as práticas de Animação Sociocultural como estratégias de resiliência*. Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria. [Em linha]. Disponível em <<http://estudosculturais.com/portal/nucleos-de-estudos/nucleo-de-estudos-de-cultura-e-ocio/>> [Consultado em 20.07.2015].

Sperber, D. (1992). *O saber dos Antropólogos*. Lisboa. Edições 70

Steiner, D., Bedin, V., Moraes, M., Villas, R., Steiner, T. (2004). *Vitiligo*. [em linha]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0365-05962004000300010&lng=en&nrm=iso>. [Consultado em 01.09.2015].

Teixeira, F.(2005). *O potencial libertador da espiritualidade e da experiência religiosa..*

Thompson, E. (1963). *The making of the English working-class*. Nova Iorque, Random House.

Touraine, A. (1998). *Podemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis, Vozes.

Touraine, A. (2009). *Pensar outramente: o discurso interpretativo dominante*. Rio de Janeiro, Vozes.

Triadó, C. & Villar, F. (Org.). (2007). *Psicología de la vejez*. Madrid, Alianza Editorial.

Valentin, A., Santos, A., Mandim, C., Machado, C., Meneses, H., Souza, J., Vasconcellos, D., Novo, R., Castro, O., Vion-Dury, K., Ruschel, A. (2010). *A sexualidade no processo de envelhecimento: novas perspectivas. Comparação transcultural*. [em linha]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S1413294X2004000300003&lng=en&nrm=iso>. [Consultado em: 19.03.2015].

Vasconcellos, D., Novo, R., Castro, O., Dury, K., Rusche, A., Couto, M., Colomby, P., Giami, A. (2004). *A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas - comparação transcultural*. [em linha]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000300003>. [Consultado em 02.04.2015].

Vieira, V., Branco, V., Vilela, J. (2014). *A vivência da sexualidade saudável nos idosos: O contributo do enfermeiro*. Vol.6., julho, Revista Ciência da Saúde, ESSCVP.

Volich, R. (2009). *O corpo, entre a organização e o caos*. In: Corte, B., Goldfarb, D., C., Lopes, R. (Org.). (2009). *Psicogerontologia: fundamentos e práticas*. Curitiba: Juruá.

Wichmann, F., Couto, A., Areosa, S., Montañés, M. (2013). *Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde*. [em linha]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232013000400821&script=sci_arttext>. [Consultado em 06.02.2015].

Williams, R. (1958). *Culture and society, 1780-1950*. Nova Iorque, Columbia University Press.

ANEXOS

ANEXO 1 - DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Designação do Estudo:

Corpo, Tempo, Envelhecimento e Sexualidade do Ser Idoso: Uma Visão Antropológica da Velhice em contraponto com a análise do discurso das obras “A obscena senhora D”, “Estar Sendo Ter Sido” e “Contos D’ESCARNIO / Textos Grotescos” da escritora Hilda Hilst.

Eu, abaixo-assinado,

-----, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que serei incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objetivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: ____/____/20__

Assinatura do participante no projeto: _____

O Investigador responsável:

Nome: Francisco Norberto Moreira da Silva

Assinatura:

Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa

ANEXO 2 - ANÁLISE TEMÁTICA

Entrevistas	Envelhecimento	Corpo	Sexualidade	Tempo
Entrevista 1	<i>Ser velho não é nada demais, normal, nunca pensei.</i>	<i>Não tinha nenhum problema quando jovem..</i>	<i>Não posso lhe responder em relação à sexualidade.</i>	<i>Tenho necessidade de estudar bem, elas me ensinam, eu aprendo.</i>
Entrevista 2	<i>Acho triste ser velho (risos).</i>	<i>Não percebo diferença de quando era jovem é a mesma coisa.</i>	<i>Sexualidade (risos) é prazer que dá pra gente.</i>	<i>Não sei, teria um companheiro,</i>
Entrevista 3	<i>A velhice entendo assim com amor, porque já vivi muito.</i>	<i>Deus era bem de saúde.</i>	<i>Sexualidade eu não entendo esta palavra, não apuro.</i>	<i>Não tenho necessidade.</i>
Entrevista 4	<i>Velho é nada, vida boa até.</i>	<i>Quando era jovem era muito gorda, gorda.</i>	<i>Sexualidade o que é isso? Receber carinho.</i>	<i>Não acho que necessidade, eu tenho meu dinheiro.</i>
Entrevista 5	<i>Ser velho não acho nada nada.</i>	<i>Sempre fui sã não presei de médico</i>	<i>Sexualidade não sei dizer nada não, eu não sei explicar.</i>	<i>Não tenho necessidade sou atendida em tudo.</i>
Entrevista 6	<i>Ser velho, ter experiência.</i>	<i>Quando a gente é jovem é magrinho, vai ficando velho vai engordando.</i>	<i>Sexualidade eu casei muito inexperiente, era como se fosse uma criança.</i>	<i>Sim falo de minhas necessidades com as irmãs.</i>
Entrevista 7	<i>Ser velho é a pessoa se entregar.</i>	<i>Meu corpo, eu era gordinha, saudável, lembro até dos vestidinhos que eu usava, meu corpo era legal.</i>	<i>Sexualidade é sexo.</i>	<i>Eu tenho necessidade de ter saúde.</i>

Entrevista 8	<i>Velho eu me sinto é bem, graças ar Deus me dá estes anos de vida</i>	<i>Meu corpo, a diferença é na altura a pessoa quando vai ficando velha vai encolhendo.</i>	<i>Sexualidade é uma parte que faz bem pra saúde.</i>	<i>A necessidade que eu sinto hoje é de viajar</i>
Entrevista 9	<i>A gente tem que agradecer chegar essa idade</i>	<i>Meu corpo eu era magrinha.</i>	<i>Sexualidade, é mulher assim tem um corpo bonito, anda do jeito que chama a atenção dos homens.</i>	<i>Hoje minha vida é um livro aberto.</i>
Entrevista 10	<i>Ser velho a pessoa chega a certa idade</i>	<i>Quando nova, meu corpo eu lembro que eu era bonitinha, magrinha, agora eu tô feia, a velhice modifica tudo.</i>	<i>Sexualidade é uma coisa que Deus deixou para todos os casais.</i>	<i>Minha necessidade hoje é minha saúde eu tomo remédio pra dor.</i>
Entrevista 11	<i>Ser velho é o passado, é uma estrada velha.</i>	<i>Meu corpo era perfeito, saudável, eu me achava bonita.</i>	<i>Sexualidade como o casamento pra mim foi um casamento arranjado.</i>	<i>Tenho necessidade da saúde,</i>
Entrevista 12	<i>Ser velho é uma passagem de muitos anos</i>	<i>O corpo quando jovem a gente tem um corpo melhor, não tem ruga, quando envelhece o corpo fica mais gordo.</i>	<i>Sexualidade é sexappil.</i>	<i>Hoje tenho necessidade de comprar uma casa própria, eu morro de aluguel.</i>
Entrevista 13	<i>Ser velho ser bem conscientizado o que você faz.</i>	<i>Meu corpo era muito agitado.</i>	<i>Sexualidade é bem relativo, se é novo se é de um jeito, vai chegando a idade vai mudado, via retraindo,</i>	<i>Hoje eu me vejo, não tenho nenhuma Necessidade.</i>
Entrevista 14	<i>Ser velho é muito ruim, quando a gente é nova</i>	<i>Quando eu era nova meu corpo era bom fazia tudo e</i>	<i>Sexualidade nem sei o que é isso.</i>	<i>Graças a Deus não tenho necessidade de nada, tenho minha casa própria, tenho</i>

	<i>não sente nada.</i>	<i>não sentia nada, era bonita.</i>		<i>minha aposentadoria.</i>
Entrevista 15	<i>Ser velho é que eu já vivi a infância a adolescência, a mocidade e agora que eu cheguei a terceira idade, eu achei bom.</i>	<i>Não obtive resposta.</i>	<i>Sexualidade eu acho, o sexo faz parte da nossa vida é uma consequência, mais não é tudo.</i>	<i>Só tenho necessidade da minha vista volta ao normal.</i>
Entrevista 16	<i>Ser velho é uma pessoa que já passou da idade.</i>	<i>Meu corpo, eu me sentia orgulhosa que eu era bonita, não tinha nem um problema de saúde, ainda me acho bonita.</i>	<i>Sexualidade nessa parte eu não sei explicar muito bem não, no meu tempo a gente não entende o que é isso.</i>	<i>Sinto necessidade que os governos reconhecessem, tivessem uma consciência, que tem tanta gente pobre.</i>
Entrevista 17	<i>Ser velho agente já viveu muito graças a Deus coisa bom e coisa ruim.</i>	<i>Meu corpo era lindo, parecia uma viola, todo mundo fala.</i>	<i>Sexualidade vale muita coisa, porque eu estou desta idade, eu tava falando com minha amiga, você sente bem está sozinha, ela disse eu sinto.</i>	<i>Eu não tenho necessidade só de ter um companheiro..</i>
Entrevista 18	<i>Ser velho em alguns pontos é bom em outro é terrível.</i>	<i>Meu corpo era quando era jovem, bem feitinha de corpo eu era toda bem durinha, eu não era magra, era cheinha.</i>	<i>A sexualidade para a pessoa idade é apenas uma parceria de algumas horas.</i>	<i>Não tenho necessidade graças a Deus, eu tenho minha pensão.</i>
Entrevista 19	<i>Ser velho pra mim eu acho assim é a pessoa não quer sair de casa.</i>	<i>Meu corpo quando era nova era bonito, era um corpo bem.</i>	<i>A sexualidade, o amor deixa a gente mais jovem.</i>	<i>Tenho necessidade de um companheirismo.</i>
Entrevista 20	<i>Ser velho tem muita gente que pensa que é velho não tem condição</i>	<i>Meu corpo era ótimo não sentia nada nem dor de cabeça eu tinha, eu era</i>	<i>Sexualidade que eu entendo é sexo entre duas pessoas.</i>	<i>Não tenho necessidade, só conformada com o que eu tenho.</i>

	<i>de fazer mais nada.</i>	<i>bonita.</i>		
Entrevista 21	<i>Ser velho é discriminado, tem preconceito.</i>	<i>Quando era jovem meu corpo, era forrozeiro.</i>	<i>Sexualidade é bom, eu acho bom às vezes, limpa a mente da gente.</i>	<i>Necessidade eu sinto assim, que os meus filhos que moravam comigo me desse prazer.</i>

ANEXO 3 – GUIA DE ENTREVISTA

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

1. O que é ser velho para você?
2. Como olha agora para o seu envelhecimento?
3. Como é a sua relação familiar?
4. Que memória tem do seu corpo jovem?
5. Possui algum problema de saúde?
6. Qual a sua religião? Você pertence a algum grupo religioso?
7. Você se sente amado (a)?
8. O que você entende por prazer?
9. Na sua atividade diária o que você faz que te dá prazer?
10. O que entende ser a sexualidade?
11. Sente desejo sexual?
12. Você conversar sobre sexo com alguém?
13. Lembra-se das suas práticas sexuais quando era mais jovem?
14. Quais as diferenças para a atualidade?
15. Você se sente livre para falar de suas necessidades? Por quê?

ANEXO 4 – AUTORIZAÇÃO DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA



ASSOCIAÇÃO SÃO VICENTE DE PAULO BH
CENTRO COMUNITÁRIO DO IDOSO LUÍSA DE MARILLAC
CNPJ: 17.507.708/0005-60
QNN 32 – MÓDULO C – 72.220-230 – CEILÂNDIA – DF
cciluisademarillac@yahoo.com.br - Fone (61) 3376.2016

Nós da Diretoria do Centro Comunitário do Idoso Luísa de Marillac, autorizamos o aluno de doutorado da área de Ciências Sociais Francisco Norberto Moreira da Silva da Universidade Fernando Pessoa, com matrícula 28948, a proceder pesquisa com os idosos que frequentam o Centro de Convivência no período de 03 a 30 de maio de 2015, mediante a apresentação da autorização do comitê de ética da Universidade. E desde que cumpridas as normas da Instituição em relação ao seu horário de funcionamento, e com a previa autorização dos entrevistados para realização da pesquisa realizada junto as pessoas idosas beneficiárias desta Instituição.

Atenciosamente,

Sida de Oliveira
Vice Diretora – CPF: 276.570.866-53

Aurora Barbosa de Araújo
Diretora – CPF: 119.740.606-61

ANEXO 5 – AUTORIZAÇÃO DO INSTITUTO DE LONGA PERMANÊNCIA PARA OS IDOSOS -ILPI



Associação São Vicente de Paulo de Belo Horizonte / MG Lar dos Velinhos

AUTORIZAÇÃO

Autorizamos o aluno de doutorado da área de ciências sociais Francisco Norberto Moreira da Silva da Universidade Fernando Pessoa, com matrícula 28948, a proceder pesquisa com as idosas que residem nesta Instituição de Longa Permanência no período de 03 de maio a 30 de junho de 2015, mediante a apresentação da autorização do comitê de ética da Universidade. E desde que cumpridas às normas da Instituição em relação ao seu horário de funcionamento, com a prévia autorização dos entrevistados para realização da pesquisa.



Maria José da Silva
Diretora
Assoc. S. Vicente de Paulo B.H.
CNPJ: 17.507.708/0002-17
Ent. QSD AE 10 Setor O Tag. Sul

Diretora Presidente - CPF: 912.142.466-72

Maria José da Silva
Diretora
Assoc. S. Vicente de Paulo B.H.
CNPJ: 17.507.708/0002-17
Ent. QSD AE 10 Setor O Tag. Sul

ANEXO 6 – AUTORIZAÇÃO DA COMISSÃO DE ÉTICA



Universidade Fernando Pessoa
www.ufp.pt

*Deac conhecimento ao
aluno e Orientador(a).
Inês
24/04/2015*

Exma. Senhora
Prof. Doutora Inês Gomes
Diretora da FCHS

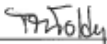
Porto, 20 de Abril de 2015

Exma. Senhora Prof. Doutora,

A Comissão de Ética, depois de reapreciado o projeto de Doutoramento em Ciências Sociais (Psicologia), de Francisco Norberto Moreira da Silva, intitulado "Corpo, Tempo, Envelhecimento e Sexualidade do Ser Idoso: Uma Visão antropológica da velhice em contraponto com a análise do discurso das obras 'A obscena senhora D', 'Estar Sendo Ter Sid' e 'Contos D'ESCARNIO/Textos Grotescos", acerca do qual já se havia pronunciado em parecer datado de 24 de Março de 2015, considera nada haver a opor ao mesmo, uma vez que foram atendidas as questões colocadas anteriormente.

Com os melhores cumprimentos.

A Presidente da
Comissão de Ética


Teresa Martinho Toldy



Fundação Ensino e Cultura "Fernando Pessoa"

INF. 302 501 800 - Reg. Conservat. do Governo da Região Autónoma da Madeira
16111004 - | Faculdade de Ciências Humanas e Sociais | | Faculdade de Ciências e Tecnologia | Praça Edeleste, 140 | 4249-004 Porto-Portugal - T. +351 22 307 1300 - F. +351 22 304 8269 - geral@ufp.pt
| Faculdade de Ciências da Saúde | | Escola Superior de Saúde | | Rua do Mar, 250 - 4200-190 Porto - Portugal - T. +351 22 307 4530 - F. +351 22 307 4537 - R. Bochem Maia, 314 - 4208-253 Porto - Portugal
T. +351 22 529 6171 - geral@saude@ufp.pt | UNIDADE de Ponte de Lima - Casa da Garrida - R. Conde de Brestancon - 4990-678 Ponte de Lima-Portugal - T. +351 238 741 826 - F. +351 238 741 412 - geral@unilima@ufp.pt

ANEXO 7 – TRANSCRIÇÃO

ENTREVISTA 01

S1F81 – Estudei 1º ano começando agora – solteira- sou natural alagoinhas Bahia, 49 anos doméstica, lavando passando, depois fui cozinheira de forno e fogão. Ser velho não é nada demais, normal, nunca pensei a gente, eu sabia que ia ser velha, eu gaguejo muito, velha, é a mesma coisa, mesma pessoa, eu não tenho família, minha família aqui, é elas as irmãs. Não tinha nenhum problema quando jovem, agora que tô tendo, quando trabalhava os marginal me bateu quebrou minha perna eu operei, diz que eu tenho problema de coração mais não tenho, tomo remédio para o coração pressão. Sou católica, vou à missa, devota de São Lazaro. Me sinto amada por todo mundo, elas todos não tenho o que dizer. Prazer? A gente o senhor me pegou, todo mundo tem prazer gosta de outro, namorar não, dormir comer é comigo mesmo, estudar me dá prazer, ela acabou de me ensinar, de manhã eu me arrumo assim direto eu me sinto bem. Não posso lhe responder em relação à sexualidade, não sinto desejo sexual, as amigas conversam sobre isso, eu fico assuntando, mais eu não tenho desejo de nada, (experiência sexual) quando jovem pinteí demais, dancei, largava o namorado ali pegava outro. Hoje é importante dormir, comer, dançar, passear com elas, elas formam o passeio a gente vai passear. Tenho necessidade de estudar bem, elas me ensinar, eu aprender, que eu tô doida para aprender a escrever, acho bonito sentar aqui a pessoa escrever uma carta mandar pra fora.

ENTREVISTA 02

S2F88 – Estudei dei aula, fui professora, sou viúva, fui casada 22 anos, tô aqui por causa do meu filho tenente, tenho um filho só porque Deus deu. Nasci no Rio de Janeiro, tem pouco tempo que meu filho veio para cá para Brasília. Trabalhei também em laboratório, não fiz faculdade. Acho triste ser velho (risos), tem pessoas que, eu aqui não eu tô com idade, mais ainda sou animada, não tem tristeza de ter esta idade que eu tenho, mais tem gente que fica logo irritada, com complexo por esta com idade, é mais uma fase, e dá graças a Deus de chegar aí, e lucida, com a cabeça boa ainda, não percebo diferença de quando era jovem é a mesma coisa. A relação com a família é bem, meu filho é casado me dou bem com nora e tudo, tenho três netas, elas vem aqui me ver, a mais velha teve na Itália chegou agora, tenho um bisneto com três anos.

Problema renal cálculo renal, tomo remédio para pressão alta, mais tá controlada, é porque sou calma, fica nervosa para que ai a pressão vai lá em cima ai a gente vai pra baixo. Sou católica, mais descansado, devota de Santa Barbara. Acho que me sinto amada, tenho meu filho minhas netas. Prazer é a pessoa faz o que gosta, eu dancei muito em clube, brinquei muito carnaval, muito sapeca, graças a deus não tenho o que reclamar da vida. O que me dá prazer hoje viver aqui, ter meu filho, bordar, sei costurar e tudo mais gosto mais de bordar. Sexualidade (risos) é prazer que dá pra gente, sinto falta de companhia, não gosto de ficar sozinha, desejo não sei, teria um companheiro, mais meu filho não gosta, fica logo de cara feia, enfezado. Não converso sobre sexo, coisas íntimas é comigo só. Namorei muito fui noiva desmanchei, depois casei, já tava enjoada matei logo o marido (risos) brincadeira, eu vivi tão bem como ia manter o marido, se ele não prestasse não precisava matar eu ia pro um lado ele pro outro. Hoje tenho necessidade de companhia, de um parceiro, assim também serve. Faz parte da vida envelhecimento e tudo, pela idade que eu tenho ainda sou muito jovem, aí tô com essa idade tô velha, eu nem me lembro.

ENTREVISTA 03

S3F80 – *Não estudei. Solteira, trabalhei na roça no sertão do Pernambuco, plantei feijão, algodão mandioca. A velhice entendo assim com amor, porque já vivi muito, eu amo, vai te certeza que vai ficar velho, a velhice vem tá na cara que ela vem mesmo, eu fiquei velha conformada, não tristeza nenhuma não, se eu tivesse saúde. Não tenho família aqui, tenho lá no norte, só tem uma caçula eu sou a mais velha, agora tem muito sobrinho. Não tive filhos, namorei, não casei, convivi muitos anos, que foi tudo muito difícil, depois fiquei sozinha. Nasci em Vitoria do Santo Antônio, vim para Brasília 68, cheguei aqui o presidente era Jânio Quadro, Juscelino tinha saído, cheguei aqui muito nova, graças a Deus era bem de saúde, agora assim eu sempre só tinha gripe, e negocio de cansaço e asma eu tinha lá na minha terra, depois que eu vim pra cá acabou. Hoje tenho AVC duas vezes, sofro reumatismo, uma queda, aí fiz a cirurgia, e tenho uma prótese, pra esse problema não tem remédio não, depois que eu fiz a cirurgia que recuperei que comecei a andar, que eu passei um ano sem anda, não tomei mais remédio não, agora já tá doendo muito, sentido muita dor, com o frio, a gente vai fazendo muito movimento logo no começo, com força e vontade de andar e fazer as coisa, logo antes do tempo, vai ficando velha volta tudo de novo. Católica, eu rezo, vou*

a missa, confesso, devota de nossa Senhora Aparecida. Me sinto amada, pelos meus amigos e pelas minhas amigas, no lugar que eu morava em todo canto, em todo lugar me sinto amada, onde trabalhei, trabalhei muito em casa de família, a minha patroa me ama e eu amo ela, ela vem me visitar, e tudo que eu preciso, precisar de alguma coisa ela vem aqui. Não sei o que quer dizer prazer, agora não tô fazendo nada, quando eu podia fazer, eu tinha prazer de trabalhar, dormir me dá prazer, ir à igreja, cuidar de mim, me levantar de manhã, pegar toalha tomar meu banho, entra embaixo do chuveiro sozinha, trocar a roupa, arrumar caminha, isso me dá prazer, depois olha assim tá tudo arrumado o guarda-roupa. Sexualidade eu não entendo esta palavra, não apuro. Desejo sexual já acabou, não converso sobre sexo com ninguém, se uma amiga conversa sobre o assunto a gente vai fundo no assunto, minha conversa com minhas amigas é mais de saúde é fundamental. Não tenho aquela coisa de ir para minha terra ver meus parentes meus sobrinhos, aqui eu tô muito bem. O que percebo de diferente é quando olho no espelho, tá derrubando tudo, nunca fui magrinha, sempre gordinha redondinha, eu quando era jovem eu atraía muitas pessoas, mais hoje em dia a gente não se sente atraente, não penso em ter um companheiro não. Não tenho necessidade.

ENTREVISTA 04

S4F84 *Sou analfabeta, sou beatona, nasci Ituiutaba em Minas gerais. Trabalhava na roça, morei na fazenda muitos anos, plantando colhendo, milho, arroz, feijão. Velho é nada, vida boa até, a não ser ter caído lá dentro de casa, depois que vim pra cá melhorei mais. O envelhecimento pra mim foi bom, tive primo irmão meu pai foi casado duas vezes eu sou da primeira família, três homens da segunda foram cinco, não tenho contato com eles, não casei, não tive namorado, não tive filhos. Quando era jovem era muito gorda, gorda mesmo emagreci a metade, comia muito, era saudável, hoje tomo cinco remédios para pressão alta e os rins, não é bom pra funcionar, fui na doutora ela falou que eu tava bem , mais ainda não cabe de fazer os exames , mais ela achou boa saudável. Sou católica, vou à missa, devota de Nossa Senhora Aparecida, me confesso. Me sinto amada do povo que foi criado por eles e pelo povo daqui. Eu não entendo muito de prazer, comer bem, passear, ter amigo, amiga, me arrumar. Sexualidade o que é isso? Receber carinho, o pessoal do mundo tá muito estranho essa matacão essa ladroeira danada, não senti desejo sexual e hoje também não, não converso sobre sexo, vejo os outros conversando, mais sou meio fechada nisso, tenho vergonha. Não acho*

que necessidade, eu tenho meu dinheiro, a mãe do rapaz me deu quando eu era nova, ela vendeu as novilhas e colocou o dinheiro no banco, eu todas as coisas. Nunca namorei, porque eu no quis, eu sou de uma família muito pobre, eu via meus irmãos passando fome, eu sozinha todo mundo me queria para trabalhar, e com filho é diferente, então eu não me invoquei com essa coisa de casar, nunca nem beijei ninguém.

ENTREVISTA 05

S5F84 Estudei, não lembro, sou viúva, tenho um filho. Ser velho não acho nada nada, acho que não, meu filho quando ele pode ele vem. Sempre fui sã não presei de médico nunca, às vezes acho que tenho, não tomo nenhum remédio, passa o tempo. Nasci em Salvador Bahia, vim para Brasília em 72, vivi no plano piloto, trabalhei como voluntaria fazendo caquetese, batia nas portas, fazia abrir o portão. Católica praticante, devota de Santa Terezinha e Santo Antônio. Nunca pensei sobre se sou amado ou não, ser amado é ser querido de outra pessoa, acho que sou amado por todos, todos me querem bem. Prazer é sentir bem é não sentir mal nenhum. O que me dá prazer é rezar, rezar, rezar, pedir pelos outros, pedir pelos outros, pelo mundo inteiro, ouvir falar que vai faltar água, eu disse bote os toneis aqui, que desperdício de água, para aparar a água da chuva, depois fica esperando água para lava os pés. Sexualidade não sei dizer nada não, eu não sei explicar isso porque, não sei. Fui casada, não sinto falta de companheiro, rezo pra todos, sinto prazer na oração, não sinto desejo sexual, nunca senti, nunca conversamos sobre isso não. Não tenho necessidade sou atendida em tudo.

ENTREVISTA 06

S6F67 – Nasci dia 01 do 12 de 47, tenho 67, não estudei, só aprendi a escrever o nome, nasci em Teófilo Antônio, Minas gerais, vim Brasília a mais de 301 anos. Sou viúva, oito anos, não tive outro relacionamento, trabalhei na roça, mais depois que casei não trabalhei mais, plantava milho feijão, mandioca, café, colhia, dos oito anos até os 17anos. Ai fui só cria filho, onze, todos casados, tem uma solteira que mora comigo, 13 netos. Ser velho, ter experiência e cada um dia que a gente vive é mais experiência é uma alegria amais, acho bom ser velho, a velhice trouxe as dores, os cansaços, tem dia que a pessoa tá desanimada, quando tá jovem tem muito pique pra muita coisa né,

quando vai ficando mais velho um dia tá com a perna doendo, noutra o braço, noutra a cabeça, a velhice trouxe muita coisa boa, quando meus filhos tava pequeno eu não podia sair de casa coisa tudo pequeno, meus filhos carreirinha, foi Deus que criou pra mim ,as vezes no máximo dez meses já tava gravida, muita batalha , lavava pra fora, passava, não tinha tempo nem pra respirar, era difícil até sair de casa, era difícil aparecer na rua os vizinho pensava que eu trabalha fora, com tanta coisa pra fazer. Então eu comecei a conhecer o exercício, comecei a sair de casa, eu andava muito doente aí eu peguei o vitiligo, eu não tinha vitiligo não, tem uns nove anos que eu peguei o vitiligo, estresse demais, meu marido bebia tinha os filhos, eu não aguentava nem baixar pra amarrar um cadarço, hoje eu abaixo eu deito no chão, tomava remédio controlado, tomei 17 anos, aí fui fazendo o exercício, exercício, e pedi pro médico tirar, ele disse que eu tomar pro resto da vida, não doutor eu tô bem, e remédio controlado deixa a gente com uma moleza, aí por fim deixe de tomar o remédio controlado, aí encontrei estas irmãs daqui, que são uma benção. Hoje tenho minha liberdade não tenho marido, não tenho amante, não tenho nada, mais tenho meus filhos. A relação com meus filhos é boa, tem uns que toma uma cerveja, mais é coisa que passa, eu faço uma oração para eles deixarem de beber, meu filho foi lá em casa e reclamou que eu vivo fazendo oração, pra eles deixarem de beber, eu disse que pode levar a cerveja pra beber na minha casa eu não vou comprar pra vocês beber. Meus filhos graças a Deus tirado três que bebe, duas é mãe solteira, envolveu com gente que não tem muito estudo, aí mora comigo, me dão carinho, somos oito pessoas em casa, eu cuido de dois netos, mais não me atrapalha em nada, quando eu quero viajar eu viajo, aí cada mãe que cuide do seu filho. Quando a gente é jovem é magrinho, vai ficando velho vai engordando, vai pegando aquelas rugas, mais de disposição não sinto diferença, levanta cedo faço meus exercícios, me achava atraente, me sentia bonita, minha pele era bonita, não tinha o vitiligo, e eu peguei o vitiligo minha pele ficou manchada, mais minha pele tá voltando aos poucos, mais aí eu não me sinto bonita, associo o vitiligo aos problemas emocionais, não a velhice. O vitiligo ele não me prejudica em nada, só me sinto feia por causa da pele. A minha pressão sobe quando fico preocupada, mais não tomo remédio, o médico falou que não precisa, pois é emocional, eu não tenho diabetes, eu tomo cálcio porque tenho osteoporose na coluna, hoje não tô fazendo o exercício porque o médico não quis me dá o atestado me disse que tenho que procurar o ortopedista, mais a fisioterapeuta não deixa sem o atestado. Sou católica, praticante,

confesso, vou à missa, viajo pros lugares católicos, agora vou pra Aparecida, sou devota de Nossa Senhora Aparecida e Divino Pai Eterno. Me sinto amada, muito acolhida por Deus e nossa Senhoras, pela minha família e por pessoas que não são da minha família, pelo padre, por este grupo, não tô fazendo exercício mais eu venho, as irmãs também me acolhe, é como se fosse um remedinho que tomamos todo dia, esses dias meu pai tava passando mal , aí eu vim aqui e a irmã fez as orações, eu me sinto muito bem, por Deus e pelas pessoas que me amam, eu não sinto falta de ter um companheiro, pois tenho meus filhos, se não tivesse meus filhos, eu teria um companheiro, solidão é um coisa muito ruim, mais tenho meu filhos então não me preocupo, não quero ninguém pode não dá certo. Prazer a gente viver bem, a gente dormir bem, acordar bem, quem a gente ama por perto, deus dá coragem pra gente levantar da cama, quando era nova pensava em fazer alguma coisa da vida, meu marido me prendia, eu era um objeto, nunca tive ajuda dele, não me apoiava, não me dava carinho, eu coloquei estes filhos no mundo porque Deus sabe todas as coisas, viu que eu precisava destes filhos pra me apoiar, meu marido não me respeitava nos vivia igual cão e gato, ele bebia muito, ele não me respeitava e eu não respeitava ele, por isso que eu fiquei assim, me colocou doença do mundo, puxou faca pra mim, eu não tinha prazer nesta relação, quando eu não aguentava mais peguei depressão, era muito desgosto, eu falei não aguento mais viver com você, fui a psicóloga e ela falou você decide, fiquei esperando meus filhos que eles concordassem com a separação, não queria, minha relação sexual não era prazerosa, fazia por obrigação. O que me dá mais prazer hoje é esse passeio na igreja católica vou a Bom Jesus a Aparecida, gosto de plantar, de viver com minha família. Sexualidade eu casei muito inexperiente – era como se fosse uma criança, casei com 17 anos, como eu vivi na roça, não tinha experiência das pessoas que viviam na cidade, eu não participava do mundo, eu ganhei nenê em casa e com oito dias depois de parto eu tinha relação sexual com ele, se fosse hoje eu não faria, os pais não falavam dessas coisa com o filho, casei virgem, só conheci meu marido. Tanto tempo separado dele ele vivendo no quarto dele e eu no meu e depois já tem nove anos que ele morreu, então não sinto mais desejo, já me acostumei, não sinto necessidade, não converso com ninguém sobre isso, é como se não tivesse existido. Acho que se deve falar sobre sexo e fazer também, mais na hora certa e saber, com quem, na velhice pode se falar sobre isso a pessoa tà viva né doutor, e falar pro neto e filho, eu acho importante, avida continua tem que fazer as coisas do jeito que

a gente gosta. Não pode entregar os pontos porque está velho. Sim falo de minhas necessidades com as irmãs.

ENTREVISTA 07

S7F80 - Eu tenho 80 anos, estudei, olha irmão o estudo de outrora, era diferente de hoje, estudava era por livro, era a carta de ABC, depois ia para a cartilha, depois por livro, primeiro segundo terceiro, e eu estudei até o livro de geografia, depois manuscrito depois pare, minha irmã, meu pai era um homem muito bom, onde ele saia que tivesse alguém estudado ele contratava aquele professor para vim dá aula para os filhos e para quem quisesse, minha irmã foi a primeira professora do lugar, e ela minha irmã casou-se e eu fiquei no lugar, dei aula, dei aula para meus filhos, e para quem quisesse, eu casei muito nova com 15 anos, deu aula 30 40 anos. Meus filhos forma nascendo e aprendendo comigo, em 71 viemos para Brasília. Meus filhos fizeram teste quando chegaram aqui em Brasília, foram para quarta série. Sou casada tenho 07 filhos, só que não casou foi uma, a caçula. Mora comigo. Nasci em porto Fortaleza, meu marido também é de lá. Brasília tava no início, trabalhava demais dava aula, era o home e a mulher, todos me ajudavam aí este tempo foi passando. Não aposentei como professora, os tempos era diferente, sinto desgosto que eu era ingênua, passei a minha cadeira para outra pessoa que era minha aluna, e ela aposentou. Quando cheguei aqui em Brasília meu marido não me deixou trabalhar, ele é muito calado, ele não é de conversar nem comigo, aqui não é o Ceará não, aqui os homens trabalham e as mulheres trabalham, e os filhos ficam em casa, e as mulheres que trabalham aqui viram aquilo, eu fiquei pensativa, aquilo ficou marcado no meu coração, ai não fui trabalhar, a ingenuidade era tamanha, eu fiquei calada, se eu tivesse indo tinha virado professora, tinha aposentado. Olha irmão. Ser velho é a pessoa se entregar, é a pessoa viver só em casa, é não ter amigos, não procurar um grupo como esse, antes de estar aqui eu trabalhei com idoso 12 anos, quando começou essa coisa de velho, eu era tesoureira deste grupo, aí passou pra outra aí a coisa mudou, tinha soldado de um lado de outro, era para família, aí começou muita coisa que eu não gostava, aí eu não quis mais ficar aqui, eu falei que tava cansada, nesta época estava com 53 anos, ficava só em casa, lavando passado, e comecei a ficar doente , e uma amiga minha era desse lugar , e me convidou, e eu desanimada , não quero ir não, ela falou amanhã eu passo aqui, e me levou fiquei lá, fui três dias, aí falei pra ela agora não venham não que eu vou, as

meninas disseram eu vou levar a minha mãe, você sabe , que eu deixei de ser ingênua quando comecei a participar deste grupo, descobri coisa que eu nem sabia que existia, viajei muito, fiz muito curso, foi ai que eu fiquei sabendo o que são as coisa do mundo, outra vida bem diferente do que eu levava, mais devido a este problema eu sai, até hoje eu me arrependo de ter saindo de lá, a dona ainda hoje quando me vê me pergunta quando vou voltar, depois fui fazer flores, uma sociedade, o senhor sabe como mulher é difícil, não deu certo. A minha relação com a minha família para o fim da minha vida não tenho uma coisa boa para lhe dizer, tenho sete filhos, e começaram a passar pra outra religião, protestante, quando eu chego aqui depois de casado, começaram a mudar, eram todos da igreja católica, tem quatro que saíram e foram para o protestantismo, evangélico, foi um desgosto, minha filha era bonita do homem desce do carro e vir atrás, trabalhava no aeroporto, largou tudo vendeu o carro, foi embora por causa da religião, vendeu o carro do ano porque era amaldiçoado, uma coisa muito triste, fazia as coisa tudo fora da religião católica, eu falei com o padre, minha relação com minha família é boa meus filhos me respeitam. Meu corpo, eu era gordinha, saudável, lembro até dos vestidinhos que eu usava, meu corpo era legal, mudou o seguinte naquele tempo a gente andava do jeito que os pais queriam, de cabelo grande, frisar cabelo, roupa compridas, não usava esmalte, levava roupa mais curta escondida para trocar, a gente cortou o cabelo, eu era muito atraente, muito querida, os rapazes me queriam, eu casei com esse, pois foi amor à primeira vista, eu tinha 10 anos, ele piscou para mim, e foi maravilhoso, aí ficamos namorando escondido, eu muito forte mulherão, parecia que eu tinha 15 anos, eu tinha medo dos pais, ele foi embora para o Rio de Janeiro e escrevia carta, eu escrevia escondido na casa de uma amiga, mandava cartinha pela minha sogra, até que meu pai ficou sabendo do namoro, o tio dele mandou ele embora para o Rio de Janeiro, neste dia eu sofri, eu chorei mesmo, o sofrimento irmão, eles achavam que ali terminava tudo, eu envie a carta e ela voltou porque eu não sabia fazer o endereço, pedi pro delegado fazer que era amigo dos meus pais, ele voltou eu tinha doze anos, quando ele voltou meu pai perguntou se eu queria casar, e eu disse que sim pois se não eu fugir com ele, meu pai mesmo casou com minha mãe fugido, eu casei com 15 anos. Se eu me acho feia hoje, não vou dizer que eu sou feia, eu me arrumo, gosto de sair arrumada, posso ir até no mercado vou até arrumada, tenho minhas coisas, meu guarda roupa como de moça, cheirosa e tudo eu fui muito perseguida por homens, neste tempo que eu passei naquele lugar os doze anos, por

homem, mais quando a gente nasce como uma coisa não adianta você não degenera. Tenho problema de saúde, coluna, tratamento da coluna, tomo remédio para pressão, não sou diabética, não como qualquer coisa, essas coisas que eu sei que é proibido eu não como. Sou católica, praticante, vou à missa, confesso, dou a palavra, tenho devoção por todos os Santos. Sou amado pelos meus filhos. O meu esposo já tem 87 anos, eu não sei o que é carinho de marido não, ele não conversa é muito fechado, mais não sei tratar ele mão, chamo Chiquinho, ou benzinho, mais sempre foi assim, fomos fazer encontro de casal, teve uma hora que foi para ficar de frente para o outro e falar eu te mão esposa, nessa hora eu ri, eu falei padre fulano, hoje vou receber uma palavra que eu nunca recebi, ele falou que me amava, e eu me senti bem, ele tava no Rio ele escrevia umas cartas tão carinhosa, que se fosse pessoalmente, eu podia dizer pra você que era a mulher mais feliz do mundo, mesmo pobre, o meu amor por ele continua igual, eu amo meu marido, se ele sai um pedacinho eu fico inquieta, se eu saio ele fica inquieto, se ele vem pra cá não deixa ninguém chegar perto de mim, já coloca logo a mão, um dia desse eu disse assim: amor tu gosta de mim? e ele disse eu nunca gostei de ninguém igual a você, eu dei uma gaitada até, você não diz nada homem, eu queria que você conversasse comigo, nós se deitasse, não tem mais sexo, você sabe, tadinho as vezes ele se lembra, não tem força, ele não tem ereção, nunca quis tomar remédio, tem vários tratamentos, como ele já é de idade tenho medo de dá, o meu filho mais velho tava brincando se você trouxe para o teu pai tem que trazer para mim também. Olhe irmão prazer, eu vou lhe dizer uma coisa que talvez você nem acredite, você acredita porque é um homem sábio, eu nunca soube o que essa conversa de gozar, casei virgem, um dia fui consultar com o médico ele me perguntou, assim como o senhor tá perguntando, ele queria saber, ele disse não acredito não, ele disse se você quiser eu vou deixar você subindo nas paredes, eu disse Deus me defenda, se meu marido é frio eu vou atrás de outro homem jamais, o médico sorriu demais de mim, isso tem a ver com acontece com a gente na cama, faltava ele ser aquele homem carinhoso, porque eu já conversei com muitas amigas, eu já tive várias reuniões, participei de vários programas que saiu está palestra, só aquele ato de você vir e depois virá não é assim, nem isso eu tive sorte, eu já falei pra ele sobre isso é que você não tem carinho, as vezes muitas coisas eu deixo pra lá pelo seguinte, a minha criação foi uma a dele foi outra, foi criado sem pai, e nunca buscou explicação da vida pois sempre foi muito tímido, até no dia do casamento o padre perguntou se ele queria casa e eu tive que

cutucar, tadinho ele é muito bom, nunca bebeu, nunca raparigou, um homem simples, no encontro de casal me perguntaram, o quê que trazia eu ser cada com ele tá aquela data, porque eu já tenho 64 anos de casada, eu disse paciência. O que me dá prazer, depois que minha filha fez isso comigo, eu só tenho prazer quando junto com meus filhos, com minhas amigas, quando a gente passeia, com meus netos, quando é no Natal, nos meus anos, foi três dias, fiquei com um lado da cabeça doendo de tanto telefonema e mensagem, e foi festança, eu quero vê a felicidade deles. Sexualidade é sexo. Não sinto desejo sexual, nunca senti, eu namorava com ele conforme eu estou aqui com você, eu gostei de você, achei um homem maravilhoso, mais sem aquilo da carne, eu nunca senti desejo sexual, nem isso tive sorte, não converso com ninguém, mais na reunião que eu fui, que teve uma reunião sobre este problema, com uma enfermeira do posto, teve uma que falou que era igual a mim e deixou o homem e arrumou outro que a fez muito bem, sentir prazer. Eu tenho necessidade de ter saúde, tinha vontade de trabalhar, muito muito, enfim a idade chega e o limite vai ficando por ali, tinha vontade de ter saúde sim, eu tô aqui porque eu sempre procurei conviver a me entrosar neste grupo.

ENTREVISTA 08

S8M75– tenho 75 anos, estudei um pouco, sou casado no padre, pela lei viúvo, casado há 30 anos, tenho um filho com 27 anos, tenho neto com uma filha que adquiri com outra mulher, gambiara, aposentado, trabalhei como caminhoneiro e comerciante, como caminhoneiro transporte de tudo que aparecia, eu trabalhava em empresa transportadora, uma vez vergalhão de ferro, outra vez carga mista, arrame farpado, ferradura, querosene, para todo Brasil, onde a empresa mandava a gente ia, depois que aposentei trabalhei 12 anos em uma mercearia. Velho eu me sinto é bem, graças ar Deus me dá estes anos de vida todo e vai me dá mais ainda, eu me sinto feliz porque quanta gente não chegou na minha idade, eu tô aí para contar a história. Eu me considero a mesma pessoa toda vida calmo, nunca fui de arrumar confusão nenhuma, nunca fui de sair de coleguismo pela rua, quando eu era jovem eu saía só, o que houver eu não culpo ninguém e ninguém me culpa. Minha relação com a família é boa, muito boa, eu tive muita sorte no primeiro casamento como agora, nós conversamos, tem respeito, meu filho gostava de beber, um dia pegou um carro de um amigo meu para sair para as quebradas um Astra e passou a noite toda e quando foi 5 hora da manhã foi

retornar para casa a 120 por hora, e acabou com o carro, não tinha seguro, ele só ficou com o rosto arranhado, eu me responsabilizei pelo ato dele, eu gastei 20 mil reais, porque eu eu tinha este dinheiro sou muito controlado, se tem hoje não vou gastar tudo hoje, porque tem o dia de amanhã , ninguém sabe o que vai acontecer, levou noventa dias para arrumar o carro, teve que cortar o carro no meio, para mim é perda total, no acontecimento ele prometeu ao homem entregar o carro zerado do jeito que pegou, não sei se excesso do álcool, que a pessoa promete mundos e fundos sem ter condição, e pra não deixar a palavra dele no chão, foi o que eu fiz, eu não fiz questão do dinheiro e agradeço a deus ele tá com vida, que visse o carro fala ele morreu. Meu corpo, a diferença é na altura a pessoa quando vai ficando velha vai encolhendo, eu tinha um metro e setenta e cinco e hoje um metro e sessenta e sete, encolhe, eu pelo menos encolhi, quando eu servi o exército um metro e setenta e cinco, era um corpo saudável, tinha sorte para namorar, onde eu chegava eu arrumava uma menina, não é que eu dizia sou bonitão, as vezes tinha duas ou três de olho em mim, hoje eu me acho bonito. Hoje tenho diabetes, hipertenso, e pra memória, o gardenal é pra memória, tá tudo controlado, eu faço dieta, não pode comer sal, pra que eu vou comer, sal, não pode comer gordura pra que eu vou comer gordura, não pode comer massa pra que eu vou comer massa. O grupo aqui contribui muito para minha qualidade de vida, para mim e minha esposa, tem mais de dois anos, participamos de todas as atividades. Eu sou católico praticante, vou à missa todo domingo, o domingo que não vou à missa pra mim eu perdi o domingo, rezo, devoto de São Judas Tadeu, Santo Expedito, Nossa senhora do Desterro para desterra os males da gente, todos os dias eu rezo para estes santos, todos os dias às três horas da tarde. Eu me sinto amado pela minha esposa, é quem cuida de mim, é quem me dá remédio na hora certa, às vezes eu tô brincando com a cachorrinha e a mão tá suja e ela põe o remédio na minha boca. Prazer quando era jovem era trabalha, não matar serviço, namorar, cuidar da saúde, dançar, depois eu passei trinta anos sem dançar e perdi o compasso, agora tô retomando, nunca bebi, nem fumei, hoje o que me dá prazer é viver bem com a família, a mulher sai um beijo, vai com Deus, quando ela volta um beijo, isso pra mim é um prazer, outro prazer é a saúde e a convivência com os vizinhos, porque nem um de nós vive só, o senhor pode precisar de mim e eu precisar do senhor amanhã, nem o rico vive só, ele tem que chamar o pobre para fazer algo para ele, porque outro rico não vem fazer aquele trabalho pra ele, ele tem dinheiro pra pagar, tem as especialidades,

um pedreiro, outro é pintor, outro é mecânico, o rico vai consertar o carro de outro? Até hoje se o carro enguiçar comigo, eu levo no mecânico e falo não mexe nisso aqui, meu filho muitas dúvidas ele tira comigo, ele trabalha na concessionaria Ford, é um conhecimento que vem trazendo de longe, um dia mesmo nos vinha de Goiânia, o carro dele passou a esquentar, ai ele pai eu tô em lugar assim assim e o carro começou a esquentar, e eu disse só vou falar quando chegar ai, você faz um cebolão e uma ligação direta, aí você pode andar o dia todo que o carro fica frio, do jeito que eu falei ele fez. Sexualidade é uma parte que faz bem pra saúde, não pode se força muito, porque se força muito prejudica a saúde, dá duas, três, quatro, cinco na noite, dá uma ou duas já alimentou o corpo, o senhor sabe que sexo demais é pecado? Pelo evangelho, não sinto desejo sexual, mais queria sentir, quando jovem sentia e muito, não faço sexo há oito anos, não sinto desejo, não levanta, a falta que eu queria é o desejo e continuar com o sexo, eu não faço porque eu não condição física, não tenho ereção, não converso sobre isso com ninguém, já conversei com o médico, ele não falou nada, a gente não pode espalhar a particularidade, eles começam a fazer charquinha, se juntam e ficam falando da gente, a sexualidade é particular, o senhor tem sua particularidade, disso, só o médico e sua parceira que podem saber disso. Quando eu era jovem minha sexualidade era boa, não tinha problema nenhum. Se eu achasse um tratamento correto para isso eu acharia bom, seria um rejuvenescimento, conversei com o urologista e ele não falou nada, eu precisaria ser ouvido e ele ter interesse de tratar do paciente. A necessidade que eu sinto hoje é de viajar, costumo passar três, quatro anos sem viajar, e minha mulher não gosta de viajar, e eu não gosto de viajar sozinho, tenho ido à São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte. Nasci numa cidade chamada Senhora do Porto em Minas Gerais próximo de Goinhas e de São João Evangelista e Peçanha. Sai de lá com treze anos de idade fui para uma cidade chamada de Salto grande estava construindo uma Hidrelétrica muito grande de lá fui para o Rio de Janeiro, de lá para São Paulo, de lá para Mato grosso, depois voltei para São Paulo.

ENTREVISTA 09

S9F68 *Estudei magistério, dei aula muitos anos, sou aposentada, nasci em Minas Gerais Sabinópolis, hoje moro em Rondônia em Jaú, trabalhei muitos anos como professora, depois fui trabalhar no comercio, vendendo tecido, no início foi difícil, não sabia nem segura metro. Pra mim ser velho, eu agradeço todo dia a Deus pelos meus*

68, eu vejo tanto jovem desfazendo de velho, a gente tem que agradecer chegar essa idade, minha mãe morreu com 67 anos, mais quando olho no espelho eu digo tô ficando velha, eu olho as rugas, mais eu sou de bem com a vida. Vou até operar dessas bolsas ao redor dos olhos, ta pesando meu olho, a velhice trouxe muita experiência, exemplo de vida, a minha velhice tá muito melhor do que os quarentas e cinquenta anos, eu viajo, eu bordo, muito melhor minha vida, aos cinquenta anos eu conheci Jesus me tornei evangélica, aí minha vida ficou muito melhor. Tenho quatro filhos duas filhas fisioterapeuta, um filho médico, e um administrador é com ele que eu moro. Hoje sou divorciada infelizmente, não foi minha culpa, mais não tive outro companheiro, pedi muito a Deus que tirasse o sofrimento do meu coração, meu marido me traiu , me abandonou, tem 17 anos que me separei, eu pedi muito a Deus Senhor me preenche, eu moro com meu filho administrador, mais praticamente morro sozinha, pois ele vive fora, eu vejo ele na hora do almoço e do jantar, filhos não são companhia pros pais, mais eu estou bem , não sou depressiva, minha relação com os filhos é um relação de amor, de respeitos, eles sabem quando eu não estou bem, eles veem no meu semblante, eles nunca usaram droga, eu dei um bicho de pelúcia e pedi pra ela nunca fazer nada de errado, ela me confessou que guardou está mensagem, já tenho uma filha que é evangélica. Meu corpo eu era magrinha eu casei com 47 quilos hoje eu tenho 76, toda a vida eu tive um corpo bonito pernas grossas, hoje cheio de veia ,mais eu não tenho problema com isso tenho celulite, eu faço hidromassagem, e é bom fazer Hidro, é logico que eu me cuido, porque a gente vê que lá tem pessoas pior do que você, nunca me achei bonita, sabia que tinha um corpo bonito do povo falar, eu namorei pouco, aqueles namoro de pegar na mão, a pessoa que mais teve intimidade comigo foi meu marido, eu casei virgem. Hoje eu tenho pressão alta, tá controlada, tenho problema de coluna no nervo ciático, eu fiz uma reforma e ela demorou nove meses, aí eu não tinha paciência eu carregava peso, também tenho labirintite, estou bem, tomo remédio para pressão dois comprimidos, fui a cardiologista essa semana e ela aumentou agora são quatro por dia, melhorou minha qualidade de vida com a atividade física. Sou evangélica, tem dezenove anos, foi o maior passo que dei na minha vida pra melhor, eu vivo o que a Bíblia diz, tem gente que diz que eu tenho que arrumar homem, que arrumar homem, eu quero saber é da minha vida espiritual, quando morre eu quero ir para a Glória, já fui cantada, mais não quero saber, pra mim casamento é uma vez só. Eu me sinto amada pela minha igreja, todo dia recebo watsap da dona da igreja, pelo grupo da minha

igreja, e pela minha família. Prazer eu entendo tem o prazer sexual, e também de o prazer de você de sentir bem, este primeiro eu não tenho mais, não importo mais com isso, no início foi difícil, eu fiquei sozinha, tinha vontade né, ele saiu de casa eu só tinha apenas cinquenta anos, mais agora esse lado aí eu não tenho, quando me bate alguma coisa eu peço Senhor me liberta disso, não sinto desejo sexual, no início eu sentia muito, tenho prazer de viajar, de pintar o tecido, de comprar o que você quer, de dormir bem, de comer, o que me dá prazer é ler, ver novela, essa última eu não vejo não fiquei brava quando vi aquelas duas se beijando, gosto de um bom filme com lição de vida, de computador, no face, mais filme pornográfico não vejo não, gosto de procurar coisas no google, receitas, sobre remédio, meu filho tem prazer de dizer minha mãe é internauta, eu não fico pra traz, tem mulher que não acompanha não se ligou em coisa do mundo, a vida ta te levando tem que acompanhar. Sexualidade, é mulher assim tem um corpo bonito, anda do jeito que chama a atenção dos homens, de outras mulheres também, eu não ligo, eu sou uma pessoa muito simples, é a pessoa que se expressa no jeito de falar de sentar, de gesticular, chama mais atenção para o corpo. Conversar sobre sexo muito pouco, elas brincam comigo, você está enferrujada, se isso for enferrujada eu to, mais é logico que às vezes eu sinto falta não do sexo, mais do carinho, de um abraço, de um beijo, de uma palavra carinhosa mais de fazer o ato sexual eu não penso nisso, porque eu não quero viver fora da bíblia, mais do carinho do afeto eu eu sinto falta, principalmente quando vejo um casal mais velho juntos de mão dada, abraçada, eu fico pensando meu Deus eu podia tá desse jeito mais não tô, mais a culpa foi dele, ele adulterou, até uns cinco anos eu fiquei esperando ele voltar, eu sofre, eu vejo ele hoje não sinto mais nada, ele me agrediu muito em palavras, não foi violência física, que podia ter me batido mais nunca me bateu, ele foi muito duro, mais nunca encostou a mão em mim, nem meu marido. Na minha família nunca conversei sobre sexo com minha mãe nem com meu pai era Tabu, eu casei sem saber de muita coisa, minha queria saber se você tava namorado. Hoje minha vida é um livro aberto minha maior necessidade, eu peço a Deus para restituir minha saúde, uma velhice com saúde e paz. Gosto de ser pra cima, sou até um pouco consumista, não gosto de roupa que me pões mais velha do que sou, claro que eu não posso me vestir igual essas meninas que estão por aí, eu sigo a moda.

ENTREVISTA 10

S10F65 Tenho 65 anos, estudei quase completei o segundo grau, eu vivi com uma pessoa 38 anos , mais ele já faleceu , tem três anos, mais não casei no papel, Sou de São Gabriel de Goiás, vim para Brasília eu tinha oito anos, trabalhei com domestica até vinte e cinco anos, aí arrumei essa pessoa, depois fiquei trabalhando de diarista, e arrumei um ponto de costura, e recebo uma pensão dele que ele faleceu não sou aposentada, tô pagando o INSS depois que fiz o dele. Ser velho a pessoa chega a certa idade, quando é novo faz tudo que acha que tem direito e que não tem, chega parte da idade tem muita coisa que não consegue fazer chega certa idade vai ve a situação que a gente tá chegando que a velhice não é pra fazer, chega a artrose, começa as dores, osteoporose, a mentalidade se você não desenvolver ela vem a perturbação, começa a chegara as coisa os cansaço de vida, eu cuidei de uma pessoa muito tempo doente, e isto me perturbou muito emocional mente, eu pedia pra ele beber e ele bebia. A velhice trouxe dores que eu tenho artrose, eu tenho duas filhas um trabalha na área da saúde que mora comigo e tem um filho, e a outra casou a pouco é uma relação de amor, carinho, só faltam adivinhar o que eu quero. Quando nova, meu corpo eu lembro que eu era bonitinha, magrinha, agora eu tô feia, a velhice modifica tudo, você tem um filho, mais não é mesma coisa que tá novinha, não tinha nem um problema de saúde. Hoje tenho artrose, bico de papagaio, prótese no joelho, tomo remédio ômega três, vitamina dê, faço exercício direto, para não sentir do, faço academia ou caminhada, Sou católica não praticante, rezo, minha devoção é pra Deus. Me sinto amada pelas minhas filhas, perdi minha mãe com sete idas perdi meu marido, foi um choque muito grande, depois que ela morreu os meus irmãos se afastaram de mim, eram onze filhos, eu cuidei da minha mãe até ela morrer. Prazer é ter uma pessoa, é se correspondido, o marido dá valor a ele, ele dá valor a gente, não gente servir como esteio na casa como objeto na casa, põe a gente como se fosse uma obrigação, eu quero hoje você tem que dá, não assim não, primeiramente a gente que ter carinho e amor, porque a parte sexual se não tiver amor não tem nada, com meu marido eu sentia isso até ele se entregar na bebida, e tinha a diabete, e não conseguia fazer nada e começou a me machucar, ele começou a dizer que eu tinha outra, pra mulher é mais fácil ter uma relação sexual do que o homem, ele tinha pressão alta, não tinha ereção, procurou tratamento , mais ele não largava de beber, ai não tomava os remédios, para beber, eu

dizia, o amor e o prazer não é só sexo, tem outras coisas pra fazer viajar, ele não gostava eu viajava com minhas filhas ele ficava revoltada. Hoje o que me dá prazer é sair, fazer crochê, ir para a academia, fazer curso de computação aqui nas irmãs, conversa com pessoas mais velhas, depois que ele morreu eu fiquei mais livre. Sexualidade é uma coisa que deus deixou para todos os casais, nem sei nem dizer direito, a sexualidade vem do amor, a gente viver com uma pessoa, tem um carinho com ele aí vem a sexualidade, é um completo da relação, hoje, depois que eu fiquei desgostosa com meu marido, não, a gente pode a ter sentir, se eu viver com uma pessoa, tomara que não eu não to procurando, mais se acontecer, mais morar junto não, sair para procurar não, se acontecer, mais muita gente fala pra eu procurar, eu tenho medo de ter decepção o meu primeiro marido pai da minha filha em abandonou disse que não gostava de mulher buchuda. Não converso sobre sexo com ninguém, só falo para minha filha cuida da sua saúde, eu não sei, hoje tudo que você conversa é tipo de uma fofoca, a pessoa pode aumentar, você tem que ter cuidado com que conversa, eu acho que eu tenho vergonha sei lá, a sociedade não tem preconceito não, eu viajei pra fortaleza tinha um grupo de idosos e muito namorando, teve um que veio pra cima de mim disse que era viúvo, mais eu não quis não, eu acho ótimo, inclusive eu tive muitas amigas que estão namorando, eu ainda estou traumatizada, ficou uma cicatriz do meu relacionamento, ainda estou me curando, ele ficou em coma, ele foi espancado, ficou em coma, e eu cuidei dele até o fim da vida ele morreu com sessenta e sete anos, ele passou a ser meu dependente não trabalhava, era um cara que era para ter tudo na vida, mais ele se entregou a bebida, perdeu tudo vendeu o caminhão, não fazia compra, minhas filhas que ajudavam. A velhice hoje em dia é assim os filhos não tem tempo pra gente, então se tiver um companheiro é ótimo. Eu fico pensando se eu arrumar uma pessoa nova ele vai querer o que ele tem, se for um velho vai me dar trabalho igual o que meu marido me deu, então eu fico pensando eu não quero, foi uma luta porque além de cuidar dele ainda cuide da minha mãe, eu desgostei de mim, não me cuidava, e a bebida me desgostou muito, ele tentou jogar o carro em cima de mim, eu parti pra cima dele e bati nele, hoje de 100 dez não bebi, mais eu tenho medo, foi Deus que me ajudou bastante, que me socorreu aqui foi as irmãs, fiquei três meses sem dormir, vim pra fiz bordado e agora que cuide do meu neto. A minha mãe era uma pessoa antiga, eles eram crentes, um dia falei mãe toma um comprimido pra não ter mais filho aí levamos uma surra eu e minha irmã, ela foi muito severa, aquela vida de roça meu avô

que sustentou a gente, meu pai foi embora e minha mãe teve onze filhos. Minha necessidade hoje é minha saúde eu tomo remédio pra dor, eu queria voltar àquela vida eu costurava, limpava casa, embora hoje eu ainda limpe a casa, mais tenho meu limite, o médico me pediu pra emagrecer por causa do peso, e ele quer que eu faça cirurgia do seio porque é muito grande e ai doí a coluna. Então a gente tem que aceitar, compreender, eu aceito esta faixa da velhice, eu conheci minha avó, minha bisavó ele viveu cento e quinze anos, mais era na roça, não tinha barulho, tinha respeito, barulho de passarinho cantando, cachorro, eu lembro até hoje uma casinha, cabelo branquinho. Meu pai foi muito ruim ele foi embora e deixou minha mãe com onze filhos, e voltou eu não pude cuidar dele, já cuidava da minha mãe e do meu marido, não dava pra cuidar de um terceiro, meus irmãos não quiseram cuidar dele, ele morreu sozinho no Hospital, o pessoal ligou falando que não tinha recurso, meu irmão ficou de ir lá e não foi, ele faleceu, eu fiz minha parte de filha.

ENTREVISTA 11

S11F78 tenho 78 anos tô novinha, na presença o Senhor pensa que tá até bem, mais tenho muita dor na coluna, estou estudando agora, obrigado Senhor por alcança está oportunidade, fui criada sem o pai só a mãe criando bastante filho, e era difícil fui criada na roça, não tinha professor, trabalhar não trabalhava, mais vivia na roça, casei muito nova, com quinze anos, no mês que fiz quinze anos no casamento arranjado, vivi vinte e oito anos com o marido, sou divorciada, tive quatro filhos ,mais um morreu, ele me abandonou, não podia ver um rabo de saia nasci em Caldas novas Goiás é um paraíso. Trabalhei como costureira na decoração renascença, não aposentei recebo um salário do governo, faço minhas costurinhas barra de calça, os filhos me arrumam bem, as irmãs aqui. Ser velho é o passado, é uma estrada velha, é não você passa a máquina ela fica novinha, o velho, odioso ele acaba as forças, eu julgo, por mim tem nove anos que eu fiz a cirurgia da coluna, e agora o médico queria fazer de novo, a coluna tá torta , tinha que ter autorização da família dos filhos, dos netos porquê era de risco, eu fui nervosa, a coluna doendo, deitada no carro, quando meu cheguei nervosa , vontade de pegar no pescoço dele, eu fui com minha neta, e ela foi buscar meus exames, eu entrei e falei com ele era outro médico e me perguntou e aí cadê o pessoal aí eu falei eles foram trabalhar, já que eu não posso trabalhar alguém tem que trabalhar, se eu estava só e eu disse eu tó com Jesus, ele passou a conversa

com a minha neta, aí ela falou, que vai decidir é minha avó, aí ele voltou a falar comigo, e aí, eu perguntei tem remédio pra dor? Tá com oito anos que fiz a cirurgia eu to com muita dor, eu falo e parece brincadeira, mais eu não estou de brincadeira, ele falou se você estivesse no Estados Unidos já tinha feito a cirurgia, e eu disse quem sou pra tá no Estados Unidos, eu disse doutor alto risco é assim eu posso ficar aleijada na cadeira de rodas, na cama com alguém dando banho em você. Eu disse porque não mata logo, eu disse doutor eu não vou fazer a cirurgia, eu sou filho de gente, eu gosto de gente eu quero sair, ver gente. Agora tô no caminho certo to com outro ortopedista, tô aqui fazendo exercício, a velhice é assim. A velhice trouxe tudo de bom, já passei por uma meningite, por um glaucoma, Jesus me curou enfio uma agulha sem óculos, graças a Deus estou bem, como bem, durmo bem, eu me sinto bem, a velhice muito bem. A relação com minha família é boa três filhos seis netos e oito bisnetos, sendo três adotivos, tenho irmãs moram perto de Anápolis. Meu corpo era perfeito, saudável, eu me achava bonita, olho pro espelho e digo espelho meu tem alguém mais bonita do que eu, hoje ainda me acho bonita, não tinha nada naquela época, mesmo do jeito que sou gosto de andar arrumada, tem a dança cênica e as irmãs dizem que eu sou a rainha da Inglaterra, de manhã eu faço a oração e depois me arrumo. Além do problema da coluna não tenho outra doença. Sou católica praticante, vou a missa confesso, em todo canto da minha casa tenho imagem de Santos. Mês sinto amada por todos sou fácil de fazer amizade, conhecimento, pra mim não tem ninguém ruim. Prazer olha eu não sei se to falando certo, mais prazer é ter muita intimidade com as pessoas, ter aquela ligação com as pessoas pra mim isso é prazer. O que me dá prazer meu trabalho e minhas amizades. Sexualidade como o casamento pra mim foi um casamento arranjado, pra mim é a pessoa ter amor, pra mim foi muito difícil, tive um outro relacionamento e não deu certo, ele bebia muito, ele morreu da bebida, eu casei virgem, meus pais nunca conversaram comigo sobre sexo, era proibido, a minha irmã que me falou, casei virgem não sabia de nada, aí o homem até queria me largar, no segundo casamento as minhas relações sexuais foram melhores, já conhecia meu corpo. Hoje não sinto desejo sexual, eu lembro do passado, e não tenho vontade de ter um companheiro, eu converso com uma colega sobre sexo, sobre hoje, sobre ter um companheiro, eu não quero, mais ela quer, é muito espertinha, ela não dorme só, ela deixa um aqui e pega outro ali. É vergonhoso conversar sobre sexo com os outros a gente fica cabreira, aqui tem irmãs né, são pessoas que temos que ter respeito, o ambiente, tem colegas que não respeitam

eu fico envergonhada. A sociedade não tá preparada tem muito preconceito, mais é importante falar sobre a sexualidade do idoso pois muito jovens não respeitam. Tenho necessidade da saúde, tirando essa dor da coluna eu tô pronta para todos os efeitos, pra viajar que eu gosto de viajar, pra dançar e ler corretamente, pra ler a Bíblia na igreja.

ENTREVISTA 12

S12F73 Estudei o primeiro grau, nasci no Rio de Janeiro, trabalhei um tempo solteira num hotel na copa, não aposentei, meu marido é do exército e ele me deu uma pensão que é muito boa, se fosse aposentar ganhava menos, ele está vivo, sou divorciada, tem trinta anos, tenho um casal de filhos. Ser velho é uma passagem de muitos anos, o envelhecimento traz muita coisa boa, a pessoa fica livre anda pra caramba, mais tem um lado que adocece, eu não me sinto velha não, ainda hoje eu me sinto como uma menina, eu me visto como uma mocinha, não sei me vestir como velha, eu sou a mesma, e eu me adapto a qualquer coisa, sai uma moda eu vou atrás, tem uma tecnologia também. Minha relação com meus filhos é uma relação de amor de respeito, eu moro só, tenho o filho que vem dor em, e, mais seu saio, vivo na rua. O corpo quando jovem a gente tem um corpo melhor, não tem ruga, quando envelhece o corpo fica mais gordo, fica grande, meio descotada. Eu me acho bonita, gosto de me arrumar, eu não me levanto nem um dia que eu não me arrumo posso está em casa mais eu fico arrumada como se fosse sair, hoje sai com pressa que esqueci de colocar a joia. Eu tenho pressão alta, tomo remédio. Sou adventista, vou a igreja. Sou amada por mim mesma, por meu filho que faz tudo que eu quero, esse ano ele me levou para o Estados Unidos, fui para Orlando, comi muita coisa gostosa, não comi massa, eu não me dou muito com massa. Prazer é isso que eu tenho, de viver, de me arrumar sempre, sair ver as amigas. O que eu faço hoje que me dá prazer é sair, fazendo alguma coisa, comprar alguma coisa, de shopping. Sexualidade é sexappil, uma pessoa arrumada é sex, eu sou atraente, eu sou mesmo, as pessoas notam, as americanas ficaram encantadas comigo, não sei se é porque eu ando arrumada, eu tava chique elegante, não sei se sou sex. Eu sinto desejo sexual, não tenho vontade de ter um namorado, se eu tivesse um namorado eu teria relação sexual com ele, acho que não há preconceito, tem muito homem velho com menina nova, e muita mulher velha com homem novo, nos grupos que eu frequento as pessoas conversam, eu tenho uma amiga que não fica sem ninguém, eu namoraria

alguém mais novo, velho só dá trabalho, tem gente da minha idade que já tá ruim. Eu converso sobre sexo com as amigas, a gente conversa dos dias atuais o passado ficou para trás, a pessoa quando é nova tem mais desejo sexual, mais o ato é igual. Hoje tenho necessidade de comprar uma casa própria, eu morro de aluguel, meu filho acha melhor juntar o dinheiro, pois ele acha o juro muito alto, então vamos pagando aluguel e juntando o dinheiro. Então vou vivendo bem. Depois do primeiro marido arrumei um segundo e ele quase me deixou sem nada eu pagava tudo, aluguel, festas, comprei carro, ele era mais novo, mais muito mais novo não, me ameaçava, tive que largar, se não ficava sem nada, ai eu fiquei com trauma, custei a ter coragem, ai segui em frente. Não pode deixar o passado tomar conta de agora, se não fica pensado que era bom ,ainda é bom , a gente fala daquilo que o coração tá cheio.

ENTREVISTA 13

SI3M68 Estudei pouquinho, sei ler pouquinho, sou casado, tenho cinco filhos, nasci em Correntina Bahia. Trabalhei de mecânico na TCB, me aposentei. Ser velho ser bem conscientizado o que você faz, trabalhar sem problema com ninguém, não criar problema com ninguém, dentro da sua casa, não estudei mais sempre soube me comportar. A velhice não trouxe coisa ruim não, se souber caminhar em cima daquilo, isso é se souber caminhar senão não chega, os filhos hoje é tudo formado, nós temos uma relação próxima. Meu corpo era muito agitado, eu com 16 anos já tomava conta dos meus irmãos, eu ajudava meu pai na roça, meu corpo era saudável até 58 anos eu não sentia, nada, eu tenho porte pequeno, mais nunca tive medo de trabalhar eu trocava uma caixa de marcha em quarenta minuto, por este prestígio na empresa cheguei a encarregado. Hoje tenho problema de pressão alta, a dieta é um pouco, gostava de tomar um vinho e uma pinga, mais deixei de tomar. Sou católico não muito praticante. Me sinto amado pela minha esposa, pelos meus filhos, pelas irmãs, aqui eu sou voluntário, é só me chamar eu to, aqui, trabalhei aqui limpando o meio fio, indo ali, arrumado a água, indo comprar alguma coisa pra elas, levo meu neto na escola, minha filha no trabalho dela. Prazer é se conseguir realizar, o estudo pro exemplo eu não estudei, mais estudei meus filhos isso é um prazer, no dia a dia tudo o que eu faço é com prazer é com amor. Sexualidade é bem relativo, se é novo se é de um jeito, vai chegando a idade vai mudado, via retraindo, hoje mesmo eu não me sinto como eu tinha quando eu tinha cinquenta e dois anos, a atividade sexual diminui, a saúde, você

pode ter se adiantado muito quando era novo, diminui a quantidade de relação sexual na velhice, diminui o desejo e a capacidade física, as vezes vem o desejo, mais aí você diz, deixar pra depois, aparece outras prioridades, naquela época você era mais audacioso dentro do assunto, a sociedade não tem preconceito, eu não converso com ninguém, nem com a minha esposa sobre isso, pode dá vergonha, com um amigo a gente se sente mais a vontade, com o feminino, dá mais vergonha, não tomo remédio para fazer sexo, tenho ereção mais é pouca, não to preocupado, mais já pensei em procurar ajuda médica, mais aí fico pensado como se Deus me deu poder eu vou até onde ele me deu poder, não deu para por ali, uma coisa que você faz com poder de remédio não é a mesma coisa, eu não vou me sentir menos homens, naquela época eu era assim, hoje eu sou assim, não quer dizer que deixei de ser homem, isso é só uma parte, um complemento, as vezes a gente fica meio acanhada, eu namorei muito encubado, não dava pra casar ,namorei uma no Goiás, uma na Bahia, casei com uma que nem namorei, procurado por mim, eu cheguei pra casar com outra pessoa, mais ela já tinha dono, eu queria casar , porque eu tomava conta de gado, eu queria alguém para me ajuda, a minha primeira vez sexual foi com a vizinha da mãe, eu tinha 16 anos ela era bem mais velha, meu sogro que era agaiato, me colocou na fila eu gostei e pronto. Hoje eu me vejo, não tenho nenhuma necessidade, teria, poderia ter, ser mais graduado, ter mais estudo, hoje eu não desejo muita coisa só saúde pra chegar mais na frente.

ENTREVISTA 14

***S14F69** Não estudei, estou estudando aqui nas irmãs, sei escrever mais não sei ler não, to aprendendo agora, sou viúva há 19 anos, casada uma só vez, casei no cartório e na igreja, sou de São Raimundo Nonato do Piauí. Vim para Brasília tem 43 anos, gosto daqui, trabalhei em casa, paguei o INPS e aposentei. Ser velho é muito ruim, quando a gente é nova não sente nada. A velhice trouxe de bom a aposentadoria, meu salário que eu recebo todo mês. Tenho dez filhos vivos, mais eu tive treze, morreu três, a relação com meus filhos é bom demais, agora mesmo adoeci e eles pagaram esses exames da cabeça, tem um que mora comigo. Quando eu era nova meu corpo era bom fazia tudo e não sentia nada, era bonita, tive dois namorados, com o segundo eu casei, o namorando daquela época é diferente de agora, não saía com eles, nem beijava, eu nunca beijei na boca não, era vigiado os pais não deixavam sair de jeito nenhum. Hoje*

tenho labirintite, pressão alta, tomo três remédios três de manhã e três de noite, a pressão tá controlada, a atividade física eu faço aqui toda semana, já tem dois anos, na quarta participo da dança cênica. Depois que meu marido morreu nunca pensei em arrumara outro companheiro. Sou católica vou à missa, me confesso, tenho devoção pela Nossa Senhora Aparecida. Me sinto amada pelos meus filhos, graças a Deus que meus filhos gostam de mim, teve uma filha minha que já me chamou pra morar com ela e eu disse não, não vou deixar minha casa não, tenho vinte e sete netos e três bisnetos. Prazer acho que é a gente ter saúde, a gente ter as coisas dentro de casa. Hoje o que me dá prazer alimpa casa, e fazer crochê, as novelas, cume, quando vou pro shopping, nos dias que tava ruim, meus netos disse mainha, vamo pro shopping, eles me chama de mainha, eu fui e no sinto nada, quando to lá no shopping não sinto nada. Sexualidade nem sei o que é isso, ontem mesmo minha neta mandou mainha veste uma roupa, aquela que você fica bonita, assim que eu entendo a sexualidade. Sinto desejo sexual, não quis mais namora, esses homens daqui só que saber das mulher se tiver dinheiro, ou se for nova, aí pegam e ficam matando as mulher. Se aparecer e eu ver que dá certo aí au topo, eu converso com meus filhos mais eles dizem que não, que já tive marido, ficar só é ruim demais, eu fico o dia todinho só, meu filho vai pro trabalho de manhã só volta a noite eu fico sozinha o dia todo, se eu tivesse um companheiro eu teria relação sexual com ele, eu converso com minhas filhas, elas manda até eu arrumar uma pessoa. Minha experiência sexual foi só com meu marido eu casei com quinze anos, minha madrinha me contou como que era a vida de casado, eu fiquei tranquila, meu marido foi uma relação de amor, eu sentia prazer com ele. A sociedade, acho que tá preparada pra falar de sexo na velhice, os meninos hoje pequeno já sabe de tudo, no meu tempo não tinha nem televisão. Graças a deus não tenho necessidade de nada, tenho minha casa própria, tenho minha aposentadoria, quando não tenho dinheiro eu peço dos meus filhos e eles me dão, meus filhos são bons demais, minhas noras também e, por que eu sou boa pra elas também. No me sinto a mesma pessoa porque já tô velha quando é novo é diferente, quando entrei aqui eu não sabia ler, agora eu já sei, a primeira serie aqui já passei, agora elas vão arrumar outro lugar pra mim, eu não estudei porque eu morava na roça, meus pais me colocava e para plantar, plantava mandioca, milho, não tinha escola perto, eu buscar água era longe, com a lata na cabeça.

ENTREVISTA 15

S15F68 *Estudei só o fundamental, sou viúva a três ano vai fazer agora primeiro de dezembro, eu fui casada 43 anos tive 02 abortos e três normais, são casados, tenho cinco netos. Trabalhei um certo tempo de doméstica, depois trabalhei por conta própria, eu recebi um auxílio por problemas visuais, depois que meu marido morreu a aposentadoria dele passou para mim. Eu nasci Bahia, foi no interior Igaporã, eu vim para Brasília em 73. Ser velho é que eu já vivi a infância a adolescência, a mocidade e agora que eu chegue a terceira idade, eu achei bom. A velhice trouxe de bom que os meus filhos são muito bons pra mim, de ruim as doenças é que eu fiquei doente, diabética, hipertensa, com problema visuais, e me cuido pra não piorar, tomo insulina e comprimido, não tenho mais o pâncreas, o que o médico mandava eu não fazia, mais é hereditário a, minha mãe, meu irmão uma prima todos morreram de hipertensão. A minha relação com os meus filhos é maravilhoso, eles me ligam todo dia, os meus sobrinhos me ligam da universidade, eles não moram comigo, que mora comigo é um sobrinho, já tem 54 anos, eu trouxe ele, pois ele cuidou da minha mãe, eu arrumei emprego pra ele, ele trabalha a noite, mais de dia ele fica em casa, é uma companhia, mais no dia que ele quiser embora eu arrumo alguém eu pago pra me fazer companhia, minha casa era muito grande aí eu dividi ela e alguém uma parte. Ou fica com os filhos todos os filhos tem meu quarto, com cama televisão, quando eu quero eu vou dormir com eles, volto no outro dia, e se eu quiser ir morar com eles eu vou. Eu sou evangélica, vou a igreja faço minhas orações, só não leio a Bíblia porque não consigo enxergar direito, mais eu vou e presto atenção, eu vou em qualquer igreja, mais hoje eu frequento a Universal do reino de Deus. Eu me sinto amada por todos, e principalmente pelo meu Deus, que não me deixa faltar nada, a minha fé inabalável. Prazer é fazer uma coisa que lhe dá prazer, que se senti bem é reunir a família, no domingo, não ter aborrecimento com ninguém, viajar, agora eu só vivo viajando, eu vou pra Campo Grande, eu vou pras praias do Nordeste, pra Bahia. Hoje o que me dá prazer é viajar e reunir a minha família. Sexualidade eu acho, o sexo faz parte da nossa vida é uma consequência, mais não é tudo, porque meu esposo ficou sem potência, ele morreu com setenta e sete anos mais ele ficou uns trinta anos impotente, ele não procurou tratamento, ele era daqueles nordestinos machão, é porque ele bebia aí o álcool tirou a potência dele, tomava remédio para pressão, o único problema que ele tinha era beber, mais eu aprendi a lhe dar com a bebida, era bom pai, bom esposo, , eu disse para de beber, e ele disse eu vou morrer bebendo, ele disse que começou a beber com oito anos,*

mais não era pessoa antissocial, ele dançava, pescava, ele curtiu muito a vida dele, no final já aguentava beber muito tomava duas doses aí já deitava ia dormir. Nunca pensei em ter outro companheiro, não sinto desejo sexual hoje em dia, quando ele foi perdendo a potência eu já fui perdendo, mesmo que sentisse vontade desligava da mente, sexo é uma coisa que se você tem você liga, se você não tem você não liga, ele separou as camas, eu disse é bobagem, eu brincava muito com ele, eu tinha uma relação de amor de respeito, ele me pedia pra eu fazer comida, ele levava pro BAR, quando eu aceitei Jesus como meu Salvador eu disse eu não quero bebida alcoólica aqui em casa e ele não comprou mais, não levou mais para casa, quando a gente fazia compra eu comprava minhas coisa e ele a dele, enchia o carrinho de bebida, depois que falei com ele, que não queria bebida em casa ele não comprou mais, eu fazia culto em casa, ele participava, o pastor ia orar, ele nunca expulsou ninguém, ele aceitou Jesus mais continuou bebendo, ele morreu no hospital. Ele não foi meu primeiro namorado, eu tive um namorado antes dele, tive um filho, mais ele criou como filho dele, e eles se parecem muito, até nos gestos, nas atitudes, o jeito de ser machista. A casa que sustenta é ele, não aceita o dinheiro da mulher, eu vim embora porque fiquei sabendo que este meu primeiro namorado tinha arrumado outra, eu perdi a minha virgindade com ele. Eu acho que a sociedade não tá preparada para falar de sexo na velhice, eu vejo os velhos lá pelos canto, eu tenho uma vizinha que vive lá abandonada , outro dia ela caiu o neto não levantou ela, ela tem câncer de pele. Eu não já tenho o banheiro adaptado, não uso tapete, o meu genro fla que a minha velhice vai ser mais ele, eu to amparada pelo meu genro, o outro é Pastor, minha filha é muito dedicada a obra de Deus, eu tenho um filho confeitiro, eu criei meu filhos, e ensinei a trabalhar e a respeitar todo tipo de gente, um dia ele me disse mãe eu não quero estudar, eu disse meu filho você estuda o tanto que você quiser nem todo mundo nasceu para ser doutor, mais trabalhar você tem que trabalhar, eu fazia coxinha e pão de queijo e colocava ele pra vender na rua, tem que ensinar o filho a trabalhar. Só tenho necessidade da minha vista volta ao normal, eu já fui ao oftalmologista ele disse que não tem como eu tenho uma lesão, no olho, eu já fui em vários especialistas, venho um médico de Manaus disseram que ele era o cara, mais ele passou o mesmo papel que os outro já tinham passado, eu to esperando em Deus.

ENTREVISTA 16

S16F69 Tenho 69 vou fazer 70 no final do ano, eu estudei pouco, aprendi sozinha a escrever meu nome, agora eu estou estudando, fui criada na roça, com muita dificuldade, meu Pai tinha muita discussão com minha mãe, batia nela, eu quando nasci quase morri, nasci deste tamanhinho, ela teve aquela febre cumprida, a criança não tomava leite mamava na mãe e ela com febre não podia mamar, meu pai tinha batido nela, tive religião graças a minha avó, eu vim pra Brasília em 71, mais tinha muito problema na cabeça eu vivia chorando. Aposentei mais foi uma luta , eu trabalhei em uma casa e quando eu sai eles me orientaram minha filha continue pagando seu INPS, eu continuei, quando fui aposentar, que fui atrás quase morri, só tinha os quatros anos que paguei, aí não conseguia aposentar, o INSS informou que eu tinha que contemplar o tempo de contribuição, por idade eles disseram que eu não precisa, que era para que não tinha nada, falaram que eu já tinha marido, os filhos me disseram que não precisavam que tudo que eu precisassem, eles me davam, aí eu orei a Deus, e falei que eu era pequenininha, eu me humilhei A Deus, e pedindo que se eu pudesse receber essa benção, um dia assistindo a canção nova eu rezando todo dia o terço, aí revelado que tinha uma pessoa que tinha pedido pela aposentadoria e que iria receber, qui eu confirmei que fui eu, a menina que reza disse que tinha tido uma visão, que tinha uma pessoa, que tava pedido uma aposentadoria, e ele disse você que taí , abre sua mão, o padre disse fecha sua mão e recebe, e eu senti o espirito santo me queimando. No dia 31 de outubro aquela voz me acompanhou arruma suas coisas direitinho e vai busca sua aposentadoria, organizei tudo fiz um café e fui lá ,cheguei lá na hora e peguei uma senha e falei vou aposentar por idade, o moço chegou pegou meu documento e foi lá pra dentro e mexeu no computador e demorou, aí eu falei aí meu Deus do céu agora perdi minha identidade, depois ele voltou e falou a senhora foi tão injustiçada, ele pegou as folhas escrito ele disse organize os documento e vou agendar pro dia oito de novembro, quando cheguei em casa eu disse meu filho não fale nada, só arrume como o homem pediu, eu fui no dia oito a moça pegou meus papel, eu tava tão nervosa, até hoje tenho problema de nervo, aquele tanto de papel para assinar, parece que deus pegou na minha mão, fui pra casa no ida primeiro de dezembro chegou uma carta do INSS, dizendo que eu tinha sido aprovada, me aposentei, eu disse senhor que eu eu faça parte desta obra, eu contribuo para a Canção Nova. Ser velho é uma pessoa que já passou da idade. A velhice tava muito ruim, mais depois que eu recebi essa benção melhorou muito não vivo mais mendigando, pela minha idade estou muito bem.

Sou casada fiz quarenta anos, casei uma vez só, encontrei este rapaz aqui me Brasília, eu entrei na escola e conheci ele e casamos, namorei outro. Casei no cartório e no religioso, tive três filhos mais um morreu, tenho dois homens, e tenho quatro netos todos homens, a relação com minha família é boa, meus filhos são muito joia, um mora comigo, na verdade é um neto que eu criei tem dezessete anos. Meu filho construiu um prédio na frente da minha casa ele trabalha com informática e vive mais perto de mim, estamos sempre unidos. Meu corpo, eu me sentia orgulhosa que eu era bonita, não tinha nem um problema de saúde, ainda me acho bonita principalmente depois que Deus me transformou eu tenho a Beleza de Deus. Tenho problema de audição que o médico não achou problema nenhum, até ganhei um parêlo, meu problema é nervoso, passava por vários médicos e não descobriam, até que encontrei está doutora que falou que o problema não estava nos ossos na cabeça, quase eu entro em depressão. Sou católica praticante, entrei no apostolado legionário de Maria, que minha própria madrinha, me orientou, aquela reunião bonita, cheio de fita, eu falei com a irmã para participar, ela falou é só participar nove sexta-feira e nove sábado e já vai fazer trinta e tes anos, que estou aqui no coração de Jesus. Me sinto amada pelos meus filhos, pelas irmãs, pelo meu marido, me sinto privilegiada, tudo que eu preciso como pobre eu tenho, nos casamos só tínhamos um quartinho, aí foi comprando as coisa, se eu quero comer alguma coisa na mesma da hora ele providencia. Prazer é ter uma família, meus netos, me deixou babona, me sinto acolhida por deus, eu durmo bem, como bem, isso me dá prazer, rezar me dá prazer. Sexualidade nessa parte eu não sei explicar muito bem não, no meu tempo a gente não entende o que é isso, o que acho é que as coisa essa parte de sexo hoje estão muito abertas, na minha família ninguém conversava sobre isso, eu pelo amor eu casei virgem. Hoje acho muito aberto as crianças na rua muito agarrado, só falta destampa a pia, não tem a castidade, o namoro descente, quando namorei não beijava na boca, só pega na mão, era vigiado, se eu saísse sozinha com meu namorado e dobrasse a esquina, eu e ficava falada, não era moça mais, mesmo que não tivesse feito nada. A sociedade ainda não tá preparada para falar sobre sexo na velhice, eu penso que deveria ser ensinado conforme a lei de Deus Fala, da responsabilidade, da sinceridade, da castidade, eu falo pro meu neto, que ele tá preparando pra crisma, eu digo meu filho nada de fazer besteira, não vá fazer igual ao seu pai, que tá vivendo em adultério em pecado, se o casal separa está cometendo adultério, a não ser que um morra, ele fala to aprendendo vó, vou ter mais juízo que

meu Pai, e minha namorada já falei pra ela sexo só depois do casamento. Desejo sexual, pra falar ao Senhor a verdade de uns três anos pra cá, eu não sinto aquela sensação que eu sentia, de sentir aquele desejo, até eu procurava meu marido antes dele me procurar, parece que tá ele e eu apagada, ele tá com um problema sério, tá com diabete bem avançada, ele bebia muito, quando eu conheci ele não bebia nem fumava, o cigarro ele largou, agora de uns quatro meses para cá eu falei com meus filhos a saúde do teu pai não tá boa, a saúde do teu pai não tá de acordo eu senti logo pela parte do sexo, ele já foi esfriando, não sentia aquela mesma sensação que ele sentia. Tinha trinta anos que ele não ia ao médico, teve pneumonia foi internado, e o médico falou que ele não podia beber, ele fez 67 anos agora, tá mais velho do que eu por causa da bebida, os meninos fez um trato com ele levou eles para fazer exame, tem uns quatro meses que ele não bebe por causa da medicação por causa da diabete, ele não tem ereção, ele é vergonhoso, não fala para o médico, ele é muito fechado, ele muito calado, ele puxou ao pai, no namoro dele era muito respeitador, nunca me traiu, nunca me deixou dormir sozinha, só é um pouco fechado para coisas da igreja, eu já entreguei ele nas mãos de Deus. Sinto necessidade que os governos reconhecessem, tivessem uma consciência, que tem tanta gente pobre, eu sou pobre mais eu tenho tudo, o Brasil tá muito afundada de vida, mais saúde acabou, a educação, as carteiras estão todas quebradas, muito jovem preso, no mundo da perdição, eu peço a Deus que estes governantes governem com sinceridade.

ENTREVISTA 17

S17F71 Nasci na cidadezinha chamada livramento Paraíba. Estudei pouquinho, morrei na roça, atrasou tudo, plantava milho, feijão, semente de melancia, semente de abobora, coisa de roça. Ser velho agente já viveu muito graças a Deus coisa boas e coisa ruim, eu sinto satisfeita com essa turma de idoso, a gente passeia muito, tamo vivendo. A velhice trouxe de ruim que a gente não se acha mais aquela, eu sou muito conformada, eu olho pros meus filhos, minhas netas, eu sou muito satisfeita com minha velhice. Tive dois filhos homens, tenho quatro netas, cada um tem duas meninas, são meninas boas estudiosas. Hoje sou divorciada, não deu, eu me divorciei, sem briga, eu deixei pra, não adianta mais ficar com uma pessoa que não combina tudo que a gente quer tá errado, eu esperei meus filhos fica criados, pra não dizer assim minha mãe abandonou a gente, eu com meu ex somos amigo, minha relação com meus filhos é boa

é uma relação de amor, eu morava no PSUL, ele disse mamãe vamos vende a casa e compra um apartamento no Show de Morar, deu certo, ele mora comigo , ele tá separado, mais tá lutando para conquistar ela de volta, ele é uma pessoa muito boa, ela também é muito boa, meu filho é tenente, e ela é da polícia civil tem casa muito boa. Eu tive ele na casa dele eu na minha, mais nós tínhamos um relacionamento muito bonito, íamos, passear íamos dançar, eu achava que era um ponto pra mim de bondade, ele disse vou para Aracaju ver se consigo um lugar, para ver se dá certo nos morarmos lá, ele me disse eu sou casado mais não sou feliz, ele viajou me ligou de lá no número errado e alguém atendeu e ele pensou que eu estava com alguém. O erro foi ele não ter vindo saber a verdade que eu não estava com ninguém, a gente tinha um amor bonito eu tinha ele na minha cabeça dia e noite, eu sentia tanta saudade dele, que tinha um mato em frente à minha casa eu ia tinha vontade de ir lá no mato, gritar de saudade dele, aí eu descobri que ele tinha outra lá em Aracaju, conversamos, aí ficamos bem, mais bem assim. Meu corpo era lindo, parecia uma viola, todo mundo fala, morávamos no sitiozinho, meu avô faleceu mais deixou todo mundo bem, foi muito bom minha vida de solteira, eu tinha umas primas nos mesmos fazíamos nossas festas, eu era atraente, namorei muito um namoro sem liberdade, chegava os rapazes daqui, só queriam namorar comigo, era uma vida muito boa, namorávamos só de olhar, este menino que eu casei com ele me deu um beijo quinze dias antes de casar, não fui moça de ninguém abraço, apertar de amassar, nada disso. Eles, os pais não falavam nada quando ia casar, minha mãe preparou o quarto, casei virgem, não tinha aproximação com homem nenhum. Hoje eu tenho diabete e pressão alta, tomo remédio, insulina não controla com comprimido, a pressão tá controlada mais tomo remédio. Eu aqui to vindo essa semana, em Calda Novas eu faço hidroginástica, e danço, lá a gente saí muito. Sou católica, não sou beata, mais sempre procuro manter um pouco minha religião, vou a missa, devoção ao Pai eterno. Amada? Estes últimos tempos me sinto desprezada, quando a gente tem alguém na vida da gente a gente se sente amada, alegre, eu me sinto sozinha, principalmente na parte da noite, durante o dia é bom a gente saí, eu quero um companheiro, eu to lutando por uma pessoa, eu queria assim da minha idade, mais velho eu não quero, não quero fazer ninguém infeliz, tem uma pessoa que quer falar comigo, ele me ligou, ele trabalha construindo campo de futebol, me trata de um jeito, eu fico assim eu tenho setenta e um e ele cinquenta e cinco, to esperando pra vê o que dá, a família dele eu não conheço, mais eu vou conhecer e vou ve o que dá. Prazer

é uma coisa assim, é ter alguém que a gente sente prazer, viver com alguém que dá alegria, eu vi aqui e vi o povo, abraça a gente, naquela alegria isso dá prazer. O que me dá prazer é sair, fica isolado pra mim não dá, o contato com o humano. Sexualidade vale muita coisa, porque eu estou desta idade, eu tava falando com minha amiga, você sente bem está sozinha, ela disse eu sinto, eu disse pra ela eu sinto desejo sexual, mais não vou sair dando demonstração pra ninguém, se Deus me dê um companheiro que dê certo tudo bem, mais não vou me prostituir não, a sociedade eu não sei, sei lá, se você falar, a pessoa da minha idade, as pessoas podem até ignorar, tem pessoa jovem que não sente desejo sexual, a gente fica resguardada pra nem falar, serve até de ignorância, fulano tá velho e quer arranjar alguém. Tem pessoas idosas da minha idade mais ou menos que dizem eu lá quero saber de homem, cada um é cada um, eu converso se eu ver que tenho uma amiga de confiança, se ela guarda segredo, pra não sair falando é assim, assim. Meu esposo que eu casei, ele era e ainda é ignorante, ele não muda, ele não me deu meu prazer que eu queria, o outro me deu prazer tudo que eu queria a troca, não só a penetração, não conversamos sobre o ato com o parceiro, a saída mais é do homem, quando a mulher sobre isso ele diz que é porque você tem outro homem. Hoje tem diferença na relação sexual porque quando jovem tem mais potência, a pessoa idosa não tem mais aquele vigor pra fazer determinadas posições. Eu não tenho necessidade só de ter um companheiro. Essa pessoa que eu lhe falei disse que nós vamos casar, isso vai me ajudar a controlar minha vida religiosa, eu pra ser mais fiel a minha religião eu tinha que ser casada, é um sonho meu, ele que propôs o casamento, é não ter pressa.

ENTREVISTA 18

S18F *Eu tenho 76 anos, estudei até a oitava série, sou viúva a dois anos e sete meses, o meu esposo faleceu com oitenta e dois anos, não foi meu primeiro namorado, eu tive vários. Tenho cinco filhos, um adotado, três homens e duas mulheres, tenho doze neto e bisneto, a relação com a família é uma relação de amor, moro pegado a casa da minha filha. Trabalhei dezessete anos, com idosos, em um albergue, e como diarista aposentei. Ser velho em alguns pontos é bom em outro é terrível, o bom é que a gente já viveu alguma coisa boa, já passou muita coisa boa, ruim também mais a gente passou, o terrível é que vem chegando uma doença aqui outra ali, certo de que tá chegando perto do último dia. Meu corpo era quando era jovem, bem feitinha de corpo eu era toda bem*

durinha, eu não era magra, era cheinha, não gordona, eu me considera normal, muito saudável, minha doença veio começar dos sessenta anos pra cá, mais eu tive uma vida tão saudável. Hoje tenho artrose, artrite, tomo remédio, faço acompanhamento. Sou católica Apostólica Romana, sou praticante vou à missa todo domingo, já fui cantora da igreja, já fui catequista, já fui ministra da eucaristia, já fiz parte do postulado da saúde, sou franciscana, devota do Sagrado Coração de Jesus e São Francisco. Me sinto amada, meus filhos me adoram, me querem muito bem, mais mesmo assim, ainda tem muito a deseja, basta faltar o companheiro, ele foi o grande amor da minha vida, não podia ter um companheiro melhor do que ele, mais ele teve um problema de demência vascular que fez ele sofre, muito e toda a família, ele ficou muito agressivo, ele era muito bem pra mim, depois ficou ranzinza , enjoado comigo, aí eu pensei que fosse coisa da família dele, mais sempre eu levava ele no médico, ai ele passou remédio, levei no psicólogo, depois ele adoeceu da próstata, fez cirurgia, reteve a urina, ficou usando fralda, depois perdeu a mente, ficou sem reconhecer ninguém, brincou com o filho dizendo que ia matar ele, aí eu levei ele no medico de novo, ele passou um dia no Hospital, fez todos os exames, e depois fizeram uma reunião da família, investigaram como era minha casa, me dizer o que eu tinha que adequar para ele, disseram que a doença não tinha cura, que ele ia ficar cada vez mais agressivo, eu também já estava muito abatida, aí fui adequar a casa, colocar corrimão, tirar os batentes, meu filho disse mãe e agora quem vamos colocar pra cuidar dele, e eu disse ninguém eu que vou cuidar, eu não quero cuidador porque ele não vai ter paciência e não quero ver ninguém aqui gritando com ele na minha frente, meu filho disse mãe então vamos arrumar alguém par cuidar da casa e senhora fica cuidado dele, e assim foi ele foi indo até que se prostrou, ele nunca me agrediu fisicamente, porque eu não deixei, ele ia pro banheiro e eu ficava olhando pela brecha, um dia ele levantou a noite com toda roupa de cama e disse vamos embora para casa, e eu tinha paciência e dizia não vamos agora não que vai passando um monte de malandro, ele tinha muito medo de malandro, neste tempo minha filha já estava morando comigo, um dia ele sentou no sofá e fechou a mão esquerda e disse eu podia lhe dá um murro, eu disse que história é essa de você bater na esposa, eu entendi que era da doença, isto foi um sacrifício muito grande pra mim, mais isso trazia um pouco de paz pra ele, eu percebia que a minha presença fazia bem pra ele, depois ele se prostrou-se, uma hora tava em casa outra hora no hospital, tinha momentos que ele tentava me morder, dá coice, eu perdoe ele, um dia ele se pôs de

joelho e me pediu perdão, desde daí eu perdoe tudo que tinha passado e tudo que podia vir, um dia ele engasgou, passaram uma alimentação muito forte, ele vomitou ficou morre no morre, passaram três meses, ele inchou e desinchou, deu tanta da coisa, derrame pneumonia, até que Deus levou. Prazer só algumas vezes que a gente reuni a família. No dia a dia o que me dá prazer é hidroginástica, automassagem, ajudo os idosos quando eles me procuram, mais eu sinto muita falta do companheiro no dia a dia, passa o dia todo sozinha é muito ruim, se você vai deitar e esqueci a luz acesa não tem a quem pedir para desligar, eu quero arrumar um companheiro, eu to aberta, já tive dois namorados mis não deu certo, já conversei com os meu filhos sobre isso, eles querem que eu arrume, qe eu arrumar alguém que viva uns dez anos tá bom, eu não quero um jovem, eu quero alguém que tenha minha idade, mais eu deixo nas mãos de Deus se for alguém que venha contribuir. A sexualidade para a pessoa idade é apenas uma parceria de algumas horas, alguns dias, não sempre, porque a pessoa de idade não tem este avanço da sexualidade, mais uma vez ou outra faz parte da saúde. Eu sinto desejo sexual se eu tiver um companheiro eu terei relação com ele. Eu converso sobre sexo raramente, minha filha disse mãe a senhora tem que encontrar alguém, o meu filho disse mãe a senhora não pode andar escolhendo, eu disse não meu filho eu tenho que escolher, eu não vou pegar um beberrão, uma pessoa doente, tem que ser alguém igual comigo, que u arraste o outro, eu sei que eu não vou mais exigir uma pessoa que seja muito competente, muito evoluído porque se não eu ficava humilhada. Meu primeiro namorado eu tinha quinze anos, depois namorei um primo meu, só de passagem, namorei o primo deste meu esposo e noivamos, e estávamos no ponto de casa, eu sempre gostei da paz , da união, naquela época as moças e os rapazes se reuniam e iam brincar, um dia estávamos na casa dele e ele maltratou a mãe, brigou com ela na frente de todo mundo, aí eu disse é assim que você trata sua mãe, pois quem trata a mãe assim trata as esposa também, então pode seguir seu caminho, ai comecei a namorar o primo dele que foi esse meu marido, só que o papai não quis fazer o casamento, aí fugimos pra casar, casamos na igreja no civil, papai ficou muito chateado, e depois foi indo se tornou um grande amigo de papai. Nasci em Crateús, no Ceará, meus filhos nasceram lá, adotei um sobrinho legitimo que vive só no mundo ele faz tatuagem, hoje ele mora na Suíça, mais eu queria que ele se formasse como os outros, fizessem uma faculdade, tivesse um bom emprego, eu digo pra ele, pague ao menos um seguro, Só tive relação sexual depois do casamento. Não tenho necessidade

graças a Deus, eu tenho minha pensão, tenho meus filhos que são muito bom, tenho necessidade de fazer um inventário da minha casa que eu quero vender, e comprar um apartamento, hoje eu to morando com minha filha, é meu sobrinho que tá morando lá, um apartamento é menor, fica melhor para morar, só tem uma coisa diferente é que o apartamento tem condomínio e casa não. Eu procurei esse grupo de idoso para entender o tempo, eu faço hidroginástica, e lá no Sesc toda quinta-feira à tarde tem um evento, tem um filme, tem um bingo, eu participo, é isso que tira as mágoas da vida.

ENTREVISTA 19

S19F61 Tenho 61 anos, nasci no Pará em Benfca uma colônia Portuguesa, tem trinta e cinco anos que eu vim pra cá, já morrei em Goiânia, só que meu problema é o seguinte eu nasci lá só que me registraram aqui em Brasília, ainda quero arrumar esta porcaria deste documento. Não sou aposentada vivo com a bolsa família duzentos e quarenta e cinco reais, faço tudo para economizar, mais volta de tudo para o governo, tem o IPTU, agua e luz, se sabe que tudo é caro. Sou solteira vivi dezoito anos com os pais do meu filho depois separei, tenho cinco filhos, três homes e duas mulheres, tenho doze netos. Minha relação com a família eu pouco vejo eles, estes dias tive dengue eu mesmo faço meu remédio, com café amargo e erva sete, dor, eu tomo carbamazepina porque tive depressão, e fiquei muito magrinha, o vento até me levou eu caí, eu tenho um filho que me dá muito trabalho, até marquei uma audiência, ele me xinga com palavrão, já me chutou, quebra minha casa, ele usa droga e bebe, depois que roubaram a carroça dele, ele se entregou, se juntou com uma mulher igual a ela, os outros ganham pouco mais estão vivendo, ontem ele chegou de madrugada, chamando mãe, eu abri a janela e disse meu filho isso é hora de aparecer na minha porta, mãe, eu não abri a porta o coração ficou doendo, o meu marido vendeu um fusca e comprou esta casa, ele me abandonou eu tinha vinte sete anos, eu criei meus filhos sozinha, minha prioridade era não deixar meu filho não passar fome, mais eu paguei esta casa sozinha, faz um ano que eu to recebendo minha bolsa família, mais eu tinha uma dívida de IPTU e comecei a pagar, eu fui no CRAS e pedi uma cesta, eles me dão ,as vezes eu peço a irmã ela me dá uma cesta, eu pago minha luz no mês passado deu quinze reais, a água teve dois aumentos. Ser velho pra mim eu acho assim é a pessoa não quer sair de casa, não querer sair, não participar de uma comunidade como essa aqui, eu não me acho velha, o médico me pergunta assim quantos anos você tem eu digo doutor eu to querendo fazer quinze anos.

A velhice muda, muda a fisionomia, é porque eu não tenho condição de andar arrumada, de fazer uma unha, de arrumar o cabelo, eu digo meu Deus eu não aceito essa velhice, eu tava entrevada, eu ta a toa, eu não to fazendo nada eu vou lá na igreja, eu disse eu vou dá prejuízo para o governo eu peguei o ônibus, e fui lá na igreja evangélica cheguei lá recebi a oração aquilo queimou tudo, de manhã eu tomo remédio amargo uma talagada, o que me deixa velha é se eu passar raiva, se a pessoa me diz algo que eu me magoei, aquilo me repuxa por dentro, eu se eu tivesse uma roupa descente um sapato eu ia dançar, eu me divertia, eu acho que a velhice tá na cabeça de cada um, ou se você aceita a dor e não faz nada pra melhorar, o meu genro diz assim, ah minha sogra que queria que minha mãe fosse igual a você, eu estava com febre, cheguei na casa dele e falei eu já vim do hospital. Meu corpo quando era nova era bonito, era um corpo bem feito a gente peleja, mais não chega lá, meu cabelo, eu olho pro meu cabelo e penso, eu não quero este cabelo, eu vou pro Pará e vou trazer um pau de tinga, é um pau que os índios usam pra pintar, eu vou usar pra pintar o cabelo, o meu genro disse vai ficar com o cabelo amarelado, eu disse não tem problema, eu não quero é ficar com esse cabelo branco, é uma madeira pinta roupa e pinta tudo. O problema de saúde que eu tinha é que eu trabalhava com pimenta do reino, eu chegava na escola passando mal, você sabe que naquele tempo a escola era difícil, hoje se não tomar o remédio eu fico desorientada eu me perco, ano passado já me perdi três vezes depois que eu tive um acidente que eu bati a cabeça, aqui é dormente, eu vou te falar uma coisa, eu tinha o corpo bonito, o cabelo bonito, os dentes, hoje é dentadura, principalmente a parti de cima que já tá gasta, a gente não observa a beleza que o corpo tem quando se é jovem, se estraga muito. Eu me sinto meu corpo fraco, eu não gosto de comer pra morrer, eu vou na casa da minha filha ela diz mamãe coloca dois pedaço de bifés e eu digo não, eu não posso desacostumar meu corpo, o remédio que eu tomo a carbamarzepina é para epilepsia, eu tenho que comer carne se me dá fraqueza pra morrer, pois quando tive os filhos cada um deles eu tive hemorragia. O acidente foi de carro e eu já fui atropelado duas vezes. Eu sou católica, já fui Budista, eu vim pra cá, foi como melhorei quando tive depressão, mais eu não mais aquela pessoa que eu era, a gente sente fraqueza nas pernas, eu sou praticante, eu gosto de me confessar na igreja que fica no INCRA oito em Brazlândia do Menino Jesus de Praga, eu gosto muito de falar que a minha força está na natureza na lua no sol, mais minha Santa desde de criança é nossa Senhora de Conceição, eu pra igreja eu lá mexer com o Padre

eu dizia padre eu quero lá sentar perto da minha santinha, ele ia lá e pedia a pessoa pra eu sentar perto dela, meu cabelo era muito liso não segurava um grampo, e eu disse eu não quero este cabelo queria o cabelo igual da santa crespo, e ele ficou. Não me sinto amada não tive sorte no amor, olha eu acho assim, muito, assim é o jeito deles ama, eu ligo pra eles, eu tenho um filho que trabalha como garçom na caixa econômica e digo meu filho você se esqueceu de sua mãe existe? e ele diz não mãe é que meu tempo é pouco, ele se juntou agora com uma mulher que tem três filhos e ela quer colocar ele no cabresto, eu já disse ninguém é de ninguém, mais eu não me sinto assim amada pelos meus filhos não. Eu tive uma pessoa mais ele se matou, tem três anos, era um rapaz bonito, trabalhador, amis ele se envolveu no craque, a família dele internou ele, ele me ligava, ele ia para igreja, mais não seguia, eu liguei para ele e ele disse busca a Deus e eu disse eu já sou dele, porquê se eu fosse de Deus pai de Jesus eu não tava aqui, quando ele saiu a família levou ele, eles pensaram ela já é velha ele merece coisa melhor, ele era vinte anos mais novo que eu , mais quando tava doente até a comida eu dava na mão, eu cuidei dele, quando ele foi se manta ele me disse você vai me procurar nos quatros cantos do mundo e não vai me achar, eu não podia fazer, foi insistência da família, quando ele saiu do coma, ele não conhecia ninguém, a família levou ele, eu avisei a família ele tem que ficar em tratamento porque o médico falou que ele tinha que ficar em tratamento se não ele ia surtar, a família tirou ele da clínica que ele tava forte e bonito, ai ele voltou para vida que ele tava, bebendo, se drogando, ai eu disse não é isso que eu quero pra mim, eu disse se a família levou então deixa lá, um dia ele disse eu vou me matar, falou pra mãe dele, ele vinha com um fio na mão ela não acreditou, ele era pedreiro e pintou, e ele se matou lá no barraco, ele sentou tava de calçado, calça jeans, cheiroso, tirou a camisa, ele sentou e se enforcou. Foi por isso que eu tive a depressão depois que ele morreu, fiquei muito magrinha dava para contar os ossos, eu fiquei triste, eu fui na sepultura, eu vou dia dos pais, eu vou no aniversário, um dia eu disse você podia me dá um sinal que você esta por aqui, venho um vento e tomou a sacola e jogou lá na frente, eu mandei celebrar a missa, foi ai que eu melhorei. Prazer é viver, o que me dá prazer hoje sexualmente quando a gente vivia eu tinha prazer, ainda sinto desejo, sou paraense, com meu marido veio pra vender minha casa e eu não quis mais ele, eu não quero mais homem. A sexualidade, o amor deixa a gente mais jovem, é um complemento da relação. O pai do meu filho foi meu primeiro namorado eu era virgem, nos juntamos muito novinhos tínhamos dezessete anos, mai eu

sofri na mão dele, ele bebia, tinha outras mulheres, quebrava tudo, puxou a arma pra me matar. A sociedade não está preparada para o envelhecimento, nem para lida a sexualidade do idoso, eu tive preconceito quando namorei o homem mais novo, as vizinhas diziam o que que essa velha tem que gente tenho, eu dizia filha a velhice tá na cabeça, mais eu ainda quero ser feliz, a diferença do sexo agora na velhice, eu me entendia melhor sentia mais prazer. Tenho necessidade de um companheirismo, a gente se senti sozinha, a gente chega em casa e toma um banho e vai conversar com quem com a televisão, eu não tenho um filho que pode morar comigo, aquele me dá trabalho não pode morar comigo, eu não tenho um neto que possa morar comigo, eu gosto muito de passear, eu não gosto de sair para esses lugares que tem um frevo, eu queria uma neta que me dissesse, vamos passear, vamos, vamos para beira do lago. Com meu marido eu era uma mulher presa, eu tinha que cuidar da casa e do filhos, o segundo ele saía comigo, a gente se dava bem, eu custei a me restaurar depois que ele se matou, eu chego lá no cemitério e digo me amor porque você se matou, porque não voltou para casa.

ENTREVISTA 20

S20F71 Nasci em Luziânia Goiás, eu vim para Brasília em mil novecentos e oitenta, eu estudei primeiro grau incompleto, eu sai de casa com nove anos e fui morar com uma família de lá fui trabalhar em comercio como vendedora em loja, vendendo calçado, e depois trabalhei na empresa de ônibus a Anapolina, me aposentei por idade com sessenta anos. Sou casada tenho três filhos duas mulheres e um homem tenho oito netos, a minha relação com eles é ótimo eu falo na minha família fico emocionada, a minha mãe não teve estudo mais uma coisa que ela deu pros nós foi educação e criação, é uma relação de amor respeito carinho, com netos, com genro, meu esposo tá com sessenta e cinco ele é mais novo do que eu cinco anos, casamos só no civil, pois ele não frequenta nenhuma igreja. Sou católica praticante vou a missa sou devota de Nossa Senhora Aparecida, São Francisco de Assis. Ser velho tem muita gente que pensa que é velho não tem condição de fazer mais nada, eu não eu trabalho, eu vendo produto, moro só eu e meu esposo, não tem como escapar da velhice, é mais uma fase da vida, tem que encara com naturalidade, é uma coisa que não tem como escapar é da velhice, se você não morre, eu tenho que fazer aquilo que eu posso Fazer. A velhice trouxe de ruim a redução da saúde, o organismo fica frágil, hoje tenho artrose, tomo remédio, o

acompanhamento é difícil, você sabe como está a saúde pública demora pra chamar, eu tenho exame que tem mais que um ano que está lá pra ser feita, sinto dor na perna, no joelho, mais não fico parada por causa da dor, eu faço hidroginástica. Meu corpo era ótimo não sentia nada nem dor de cabeça eu tinha, eu era bonita, eu tenho foto da minha juventude, que eu olho e falo será que era eu, hoje ainda me acho bonita, acho que não to tão feia assim não, pelo menos eu tento me cuidar. Me sinto amada pela minha família, pelos meus amigos, eu tenho muita facilidade de fazer amigos, por onde eu passo. Eu tive vários namorados, a gente não beijava, não fazia carinho, não existia esse negócio de relação sexual, eu casei com trinta e três anos e só fui ter relação sexual co meu esposo, hoje as pessoas não tem educação, tem a droga, que se afastam da família, no meu tempo a gente não bebia, não fumava, ia uma festa acompanhada da família, não respeitam os pais, vão aos lugares não dão nem satisfação, eu digo até hoje a base é a família, a educação vem de berço, se cuidar, é o que eu passei pro meus filhos e eles estão passando pros filhos deles. Prazer é você gostar de festa, de dança, ter uma relação com seu marido, você gostar de coisas boas, você sair, é ir a uma festa com suas filhas. O que me dá prazer hoje é vender produtos Avon e Natura, eu não gosto de ficar parada, eu pra me sentir útil, eu mostro pra pessoa se ela gosta ela compra se ela não gostar não precisa, não é que eu viva disso, é só pra passar o tempo, você fica ali, conversa com a pessoa ajuda a passar o tempo. Sexualidade que eu entendo é sexo entre duas pessoas, que hoje em dia as vezes quando você está numa idade não é mais prazeroso, como é quando é mais jovem, as vezes tem o problema de saúde, o desejo acabou mais ou menos, eu vou até conversa com a doutora, acho que pode tá ligado ao meu esposo, não é que eu to falando dele, é uma pessoa mais difícil, ele é uma pessoa que está sempre do meu lado, acho que ele não é muito carinhoso, não, carinho não é só tocar, é gesto, é uma palavra, ele nunca me levou ao cinema, ele não me leva numa festa, não vai no aniversário dos netos, ele sempre foi assim, ele é do Piauí, ele é mais saudável do que eu, ele gosta de fumar e beber, mais é controlado, não bebe em casa, ele sabe beber, não é aquela pessoa violenta, e se as vezes ele altera a voz comigo eu digo para aí, ele toma remédio para pressão, há mais de dez, anos, ele tem uma vida sedentária, já cansei de chamar ele para participar ele não vem, ele as vezes tem problema de ereção, acho que é por causa da bebida e do fumo, já fez o exame de próstata, deu normal, eu já falei pra ele que ele tem que fazer todo ano, eu incentivo ele, pergunto se ele já foi vacina ele disse não, eu insito ele deixou pro último.

Não tenho necessidade, só conformada com o que eu tenho, se não posso ter aquilo fico conformada, eu tenho minhas coisinhas minha casa. Acho que o idoso hoje tá enfrentando dificuldade é na assistência de saúde, porque não funciona igual como eles fazem a propaganda.

ENTREVISTA 21

S22M69 *Tenho sessenta e nove anos, nasci Crateús estado do Ceara, veio pra cá em mil novecentos e setenta e três, vim trazer meu irmão pra internar no Hospital São Vicente de Paula, aí ele fugiu, depois voltei em mil novecentos e setenta e seis, eu trabalhava, eu trabalhava lá no Ceara com o velho Ferreira eu era faz tudo, pedi minhas contas e vim embora, ele disse não vai não que vai quebra minhas pernas, eu fiz uma proposta pra ele le não aceitou, ganhava um salário mínimo não valia de nada, eu era quase um curinga, cortava vidro, ficava no balcão, cortava ferro utilizando aquela cegueta, não quis aumentar meu ordenado , bateu minhas contas e eu vim embora. Eu sou casado a dezenove anos, tenho uma filha única com dezessete anos, tenho outra filha na Paraíba, de uma mulher que me atentou, diz ela que é minha, filha, em mil novecentos em noventa , ela ligou, no meu trabalho eu trabalha va como cobrador, ele me ligou vem conhecer minha filha, eu não fui não sabia se era miha filha, vadia, ele teve vários namorados, eu disse se ela quiser vir eu pago a passagem, naquela época eu ganhava bem, eu disse pra ela manda ela que eu ficha ela aqui pra ela trablahr, ela não quis. Ser velho é discriminado, tem preconceito, são, como tem, tem muita gente que não gosta de velho, os jovens é difícil respeitar os mais velhos, eles são educados ajudam a travessar uma pista. A velhice pra mim só trouxe coisa ruim, discriminado demais, quando a gente é novo todo mundo fica em cima da gente, até os próprios irmãos, discriminam a gente, os amigos do trabalho, quando eu tava hospitalizando me esqueceram, veio cinco pessoas me visitar no Hospital da Ceilândia, quando eu apaguei e so acordei três idas depois, do AVC, eu tava assistindo o Titanic o filme, comecei a sentir a perna formigando o braço, aí eu falei eu to sentido alguma coisa, fui levantar e cai, e ouvi longe o vizinho dizer ele tá tendo um derrame, tinha pressão alta não sabia, quando acordei já estava no Hospital. Isto foi em 2006, hoje tomo remédio para controlar a pressão, eu tomo metildopa, enalapril, hidrogamida, AAS e atelenol, agora tá controlada, quando tive o AVC tava 27X11, agora tá controlada 12X7. A relação com minha família é uma desavença, com a esposa e a filha, os irmãos moram*

longe, é uma discriminação danada, quando eu tinha dinheiro todo mundo gostava, agora é só briga, elas me esculhabavam, eu digo tu vai ficar velha também, fica quieta aí, quando eu não ajudo em casa, é uma brigaçãõ e quando ajudo também, eu digo pra ela primeiro pensa em Deus depois tu pensa no dinheiro. Quando era jovem meu corpo, era forrozeiro demais, não queria saber de nada saí na sexta-feira e só voltava no domingo seis horas da noite, e na segunda-feira ia trabalhar, no forro bebendo e mulher, fumava não era uma carteira não, fumava mais por esporte, tinha dois amigos meus que fumavam eu saturnino e van Dick, nos fumamos nos três, uma vez faltou cigarro pra ele saturnino, um dia faltou cigarro pra mim, eu disse saturnino arruma um cigarro pra mim, ele veio com uma piada pra mim: “quando a máquina apita ronca quem quiser trabalho compra”, desde aí pra não ter problema eu deixei de fumar, eu fumei vinte anos. Católico, praticante, domingo foi a missa de pentecoste, devoto de Santo Antônio, quando perco uma coisa eu peço Santo Antônio me ajude, ele coloca a coisa na minha mão, e ele me ajuda, me ajuda mesmo, eu digo minha filha quando você não souber onde colocou o objeto peça dele, e é incrível aparece mesmo. Só quem me ama mesmo é minha filha quando a mulher fica brigando ela me defende, a mulher fala que ela é puxa-saco, aqui no grupo só a irmã que me ama, eu tenho um amigo Francisco ele é assessor parlamentar, é como se fosse um irmão para mim, eu já fui conhecer a terra dele, eu fui muito bem recebido, ele chegou aqui puxando a cachorrinha, eu trabalhava e eu ajudei ele, arrumei lugar pra ele almoçar fizemos o concurso juntos, ele passou e eu levei bomba, graças a Deus eu segui em frente, mais a amizade continua a mesma coisa, quando não tenho dinheiro ele me ajuda. Prazer é quando faço uma coisa é fico contente, eu dou graças a Deus me deu essa oportunidade e eu venci, aí me dá prazer. O que me dá prazer hoje é jogar dominar, pra passar o tempo, com uma turma que fica na feira, eu pego o ônibus e vou pra lá, dá prazer porque passa o tempo, eu fico com os outros tem deles que me rifam, me rejeitam, falam que eu não sei jogar fica um jogo de empurra empurra, é jogo de parceria, de dois em dois, tem deles que só quer ganhar, eu digo é jogo, uns ganha outro perdi, quando dá buchada um deles fica subindo na mesa. Sexualidade é bom, eu acho bom as vezes, limpa a mente da gente, tem muita diferença de quando era jovem ,a sociedade não tá preparada para flar sobre sexualidade do idoso, tem muita gente que não tem maturidade, é uma coisa muito íntima, os colegas dizem que eu já brochei, que meu pinto tá pendurando na perna, eu sinto desejo sexual, quando eu casei eu brochei eu

tinha vinte cinco anos, meu pai brochou, ai a mulher ficou falando, quem não brocha, não converso com ninguém sobre isso, não tomo remédio para fazer sexo, mais tenho ereção aqui acola, já fiz o exame de próstata, é o segundo ano, o exame do toque deu vergonha, eu falei pra ele aqui só sai não entra nada, eu dei um esculacho nele, mais eu fiz o exame, o médico disse que eu fosse de novo no ano que vem. A minha primeira a relação sexual foi lá no Ceará foi em casa, eu conheci uma menina e fui tirar a virgindade dela, aí meu pênis saiu sangue, quebrou o cabresto, nessa época eu morava com minha tia o banheiro era de folha, eu levei a menina pra lá no banheiro e fui brincar com ela, eu tirei a cueca e joguei fora. Eu tenho necessidade de ter uma casa quem mora de aluguel é muito ruim, já me escrevi no programa do governo para casa própria to esperando, o governo do Aguielo prometeu entregar mais até hoje não fui agraciado, já me chamaram mandaram eu troca de lugar agora é apartamento para o Riacho fundo dois, rapaz se sair é uma benção.